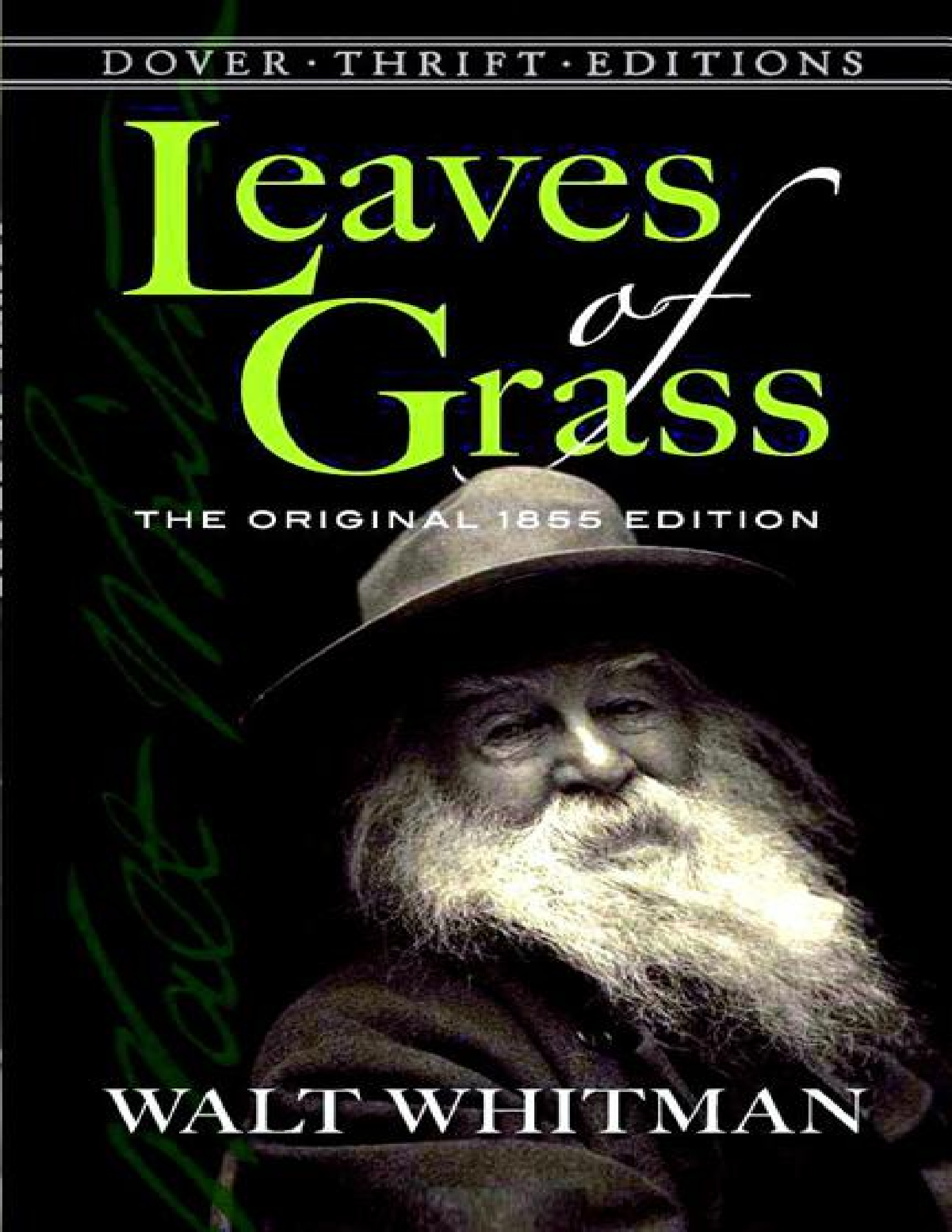
DOVER · THRIFT · EDITIONS

Leaves of Grass

THE ORIGINAL 1855 EDITION



WALT WHITMAN

Walt Whitman

FOLHAS DE RELVA



Leaves of GRASS.

Boston.
Thayer and Eldridge,
Year 85 of The States.
(1860-61)

Tradução de Gentil Saraiva Junior
Direitos autorais do texto original © 2009

Registrados na Fundação Biblioteca Nacional, no Escritório de Direitos Autorais:
Registro no EDA: 455.379 Livro: 856 Folha: 45 sob o título:
“RE-CREATING WALT WHITMAN'S LEAVES OF GRASS INTO PORTUGUESE”

Obra (tese de doutoramento) apresentada em inglês com traduções para o português de poemas de Walt Whitman realizadas pelo autor da tese: Gentil Saraiva Junior.
Todos os direitos reservados.

Introdução

Sobre o Poeta Walt Whitman

Poeta, jornalista, escritor. Mudou-se para o Brooklyn em 1824, onde freqüentou escola pública, trabalhou em escritórios até entrar para tipografia como aprendiz em 1834. Nesse ofício também aprendeu a ocupação de jornalista. Trabalhou em muitos jornais do Brooklyn e Nova Iorque e militou na política partidária. Em 1848 vai a Nova Orleans como editor na equipe do *The Crescent*. Fica apenas três meses. Em 1849 abandona a política para se dedicar à poesia. Em 1855 publica a primeira edição de *Folhas de Relva.* O poema central é “Canção de Mim Mesmo”, uma elegia ao “eu”. Em 1856, publica a segunda edição e em 1860 a terceira. A última é a do Leito de Morte, de 1891-92. Em 1862 muda-se para Washington e percorre o cenário da Guerra de Secessão, iniciando seu trabalho de enfermeiro voluntário nos hospitais da capital. No período em Washington escreve *Repiques de Tambor* e *Memórias do Presidente Lincoln.* Em 1873 tem um ataque de paralisia e perde a mãe. Em 1874 muda-se para Camden, Nova Jérsei, onde reside até o fim da vida.



Sobre a Obra *Folhas de Relva*

Folhas de Relva possui uma história editorial incomum. Houve nove edições durante a vida de Whitman, e *Folhas de Relva* é o título geral sob o qual Whitman publicou sua poesia completa. A primeira edição foi publicada pelo poeta em 1855, com apenas o título e um retrato dele na capa, sem o nome do autor. Essa edição continha um Prefácio, hoje um documento histórico da literatura norte-americana, que enunciava as idéias que fundamentaram a poesia e a atitude do poeta, e doze poemas separados e sem título (alguns deles receberam *Folhas de Relva* como título). Esses poemas foram numerados e receberam títulos da segunda edição (1856) em diante. O primeiro e mais longo deles foi "Canção de Mim Mesmo", uma "elegia" ao "Eu". Entre outros, podemos citar "Uma Canção para Profissões", "Pensar no Tempo" e "Grandes são os Mitos". Na primeira edição, o nome do poeta apareceu apenas na parte que ficou conhecida mais tarde como a seção 24 de "Canção de Mim Mesmo", no verso: "Walt Whitman, um kosmos, de Manhattan o filho". John Burroughs[1] nos dá, em uma passagem de seu livro *Notas sobre Walt Whitman, como Poeta e Pessoa* (1867), uma descrição precisa do formato e efeito dessa primeira edição:

> *No verão de 1855 um delgado volume in-quarto de uma centena de páginas, pobremente impresso, e inscrito em grandes letras na página de rosto, FOLHAS DE RELVA, apareceu da prensa de um pequeno escritório de trabalho na cidade de Broolyn, Nova Iorque.*
> *Não tinha nome de autor, mas havia um frontispício, uma apurada e artística gravura de aço, retratando um homem em algum lugar entre os trinta e trinta e cinco anos de idade, bastante neglige [Do francês, "sem-cerimônia".] (sic), sem casaco ou colete, camisa aberta no pescoço, uma mão no bolso das calças e a outra repousando em seu quadril; rosto barbeado e um chapéu de feltro levemente empurrado pra trás da testa; um par de olhos brandos mas firmes o bastante, e uma expressão geral, não apenas no semblante, mas por igual na figura toda, que mantinha a gente olhando longamente a imagem, sob um sentimento que a gente mal poderia descrever.*

Folhas de Relva cresceu de acordo com a produção poética de Whitman durante sua vida. Mas esse crescimento não foi tão simples quanto parece. Na verdade houve muitas mudanças, rearranjos, acréscimos e subtrações ao livro. A introdução de *Leaves of Grass and other writings* [Walt Whitman, (*Folhas de Relva e outros escritos)*, New York, W.W. Norton & Company, 2002.], uma "Norton Critical Edition" (Edição Crítica da Ed. Norton), traz um relato detalhado dessa história, da qual fornecemos aqui um breve resumo. Em 1856, Whitman adicionou vinte poemas à segunda edição. Entre eles estavam "By Blue Ontario's Shore", "Song of Prudence", "Salut au Monde!", "Song of the Open Road", "Song of the Broad-Axe" and "Crossing Brooklyn Ferry" ("Na Praia do Ontário Azul", "Canção da Prudência", "Saudação ao Mundo!", "Canção da Estrada Aberta", "Canção da Acha-d'Armas" e "Travessia da Barca do Brooklyn"). Essa edição também tinha um grande Prefácio, que de fato era a carta do poeta a Emerson, seu "Querido Amigo e Mestre", em resposta à carta que Emerson tinha escrito quando recebeu uma cópia da primeira edição, reconhecendo "o maravilhoso presente" das *Folhas* e o "pensamento livre e corajoso" do poeta. [*Ibid.*, pp.637-8.]

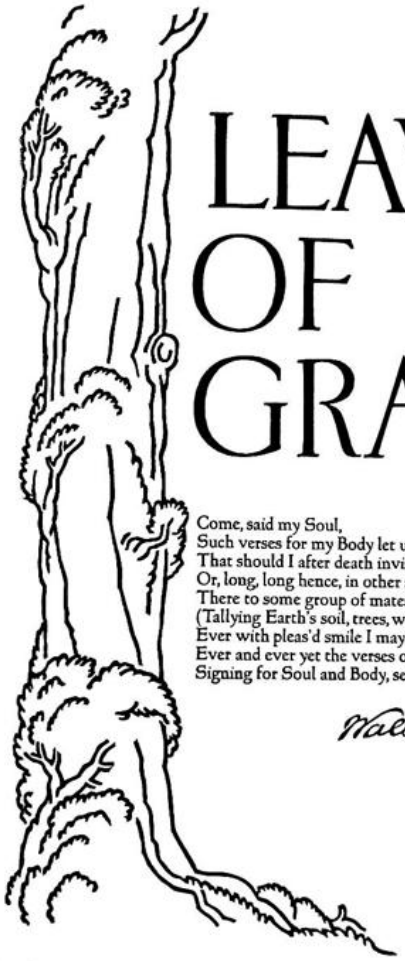
Depois disso, Whitman teve um período incrivelmente produtivo, que durou até 1860, quando ele publicou a terceira edição, com a inclusão de 124 poemas ao livro já existente. Além das revisões e mudanças, começou também a agrupar poemas que tinham relação entre si em conjuntos ou coletâneas ("clusters"), de acordo com os temas. Para essa nova edição, havia três conjuntos: "Cálamo", centrado na celebração da camaradagem entre homens; "Descendentes de Adão", baseado na procriação, e *Repiques de Tambor*, sobre a nação em guerra (*Repiques de Tambor* foi iniciado em 1860). Na realidade, *Repiques de Tambor* foi publicado em 1865 e sua "Sequel" ("Continuação") em 1866, ambos como suplementos a *Folhas de Relva*, mas para serem mais tarde aglutinados à edição matriz ou editados separadamente se necessário. A "Sequel" foi a edição especial que continha a elegia de Whitman a Lincoln, o poema "Da Última Vez Que Lilases Floriram no Pátio", a fina peça poética sobre a morte do Presidente Lincoln. Esses conjuntos eram tão fortes que eles permaneceram em sua maioria sem mudanças até a edição final, enquanto outros conjuntos foram redistribuídos ou simplesmente eliminados como tais, com alguns de seus poemas sendo

inseridos em outras seções do livro. “Chants Democratic” e “Messenger Leaves” são exemplos disso.

Em 1866 Whitman queria publicar uma edição nova e melhor das *Folhas*, concretizada em 1867. Era a quarta edição que, com seus suplementos, abrangia desta vez 236 poemas. Um dos suplementos dessa edição era “Songs Before Parting” (“Canções Antes de Partir”). Depois disso houve a quinta edição, de 1871, com nove novos poemas. Mais tarde, em 1876, houve uma outra edição, a sexta, com muito poucas mudanças. Mas com um volume adicional chamado *Two Rivulets* (*Dois Riachos*), composto de prosa e poemas, tais como as “Centennial Songs” (“Canções Centenárias”), em homenagem ao centenário da Declaração de Independência Americana em 1776, e “Passage to Índia” (“Passagem para a Índia”). Subseqüentemente, em 1881, com uma profunda modificação e uma redistribuição final, a sétima edição foi trazida a lume. Esta foi a primeira publicação apropriada das *Folhas*, pois foi a primeira feita por uma editora (foi chamada de edição Osgood, publicada por James R. Osgood e co.). Whitman em pessoa tinha sido responsável por todas as edições anteriores. De 1881 em diante não haveria mais mudanças, apenas acréscimos, como “Sands at Seventy” (“Areia aos Setenta”) à oitava edição, em 1888. E “Good-bye My Fancy” (“Adeus Minha Fantasia”) à nona edição, de 1891-92, que é a edição “autorizada” ou de “leito de morte”, feita por David McKay, Filadélfia, que também publicou as *Complete Prose Works* (*Obras Completas em Prosa)* do poeta, que englobam “Specimen Days”, “Collect”, “Notes Left Over”, “November Boughs” (“Dias Exemplares”, “Compilação”, “Notas Restantes”, “Ramos de Novembro”), etc., uma coletânea de apontamentos que vai da mais tenra infância do poeta em Long Island até sua velhice em Camden, NJ. Todo esse trabalho de criação e edição das próprias obras por Whitman é mais bem descrito por Bradley e Blodgett nesta passagem de sua introdução ao volume *Leaves of Grass and other writings*, citado acima, p.xxxi:

> *A construção de Folhas de Relva seria melhor avaliada, não como um sistema hierárquico de temas, mas como uma edição engenhosa por um homem que foi obrigado a ser seu próprio editor na maior parte de sua vida, que serenamente confrontou um mercado literário hostil, que desfrutou de pouco benefício de conselho profissional, e*

que de qualquer maneira essencialmente realizou o que ele tinha a intenção de fazer. Foi preciso resolução – a resolução do poeta que disse a si mesmo, 'Agora viajante navega para buscar e encontrar.'



LEAVES OF GRASS

Come, said my Soul,
Such verses for my Body let us write, (for we are one,)
That should I after death invisibly return,
Or, long, long hence, in other spheres,
There to some group of mates the chants resuming,
(Tallying Earth's soil, trees, winds, tumultuous waves,)
Ever with pleas'd smile I may keep on,
Ever and ever yet the verses owning—as, first, I here and now,
Signing for Soul and Body, set to them my name,

Walt Whitman

INSCRIÇÕES

INSCRIÇÕES é o livro de abertura de Folhas de Relva. Este livro foi inserido no todo da obra em 1871, com nove poemas. Em 1881, houve o acréscimo de outros poemas, compondo uma obra completa em si. O poema de abertura é "Eu Canto Um Eu".

Epígrafe[{2}]

Vem, disse minha Alma,
Tais versos a meu Corpo vamos escrever, (pois somos um),

Que eu retornasse após a morte invisivelmente,
Ou, muito, muito adiante, em outras esferas,
Lá a algum grupo de parceiros retomando os cantos,
(Marcando o solo, árvores, ventos, ondas tumultuosas da Terra,)

Sempre com sorriso prazeroso poderei seguir,
Sempre e sempre ainda reconhecendo os versos - como, primeiro, eu, aqui e agora,
Assinando por Alma e Corpo, aponho-lhes meu nome,

Walt Whitman

Eu Canto Um Eu

Eu canto um eu, uma pessoa simples separada,
Porém profiro a palavra Democrático, a palavra En-Masse[{3}].
Fisiologia dos pés à cabeça canto,
Não só fisionomia nem só cérebro é digno da Musa,

Digo que a Forma completa é muito mais digna,
A Feminina igualmente com a Masculina canto.
Da Vida imensa em paixão, pulso e poder,
Jovial, formado para a ação mais livre sob as leis divinas,

O Homem Moderno canto.

Quando Ponderei em Silêncio

Quando ponderei em silêncio,
Repensando meus poemas, considerando, delongando,
Um Fantasma surgiu ante mim com descrente aspecto,
Terrível em beleza, idade e potência,

O gênio de poetas de antigas terras,
A mim volvendo feito flama seus olhos,
Com dedo apontando muitas canções imortais,

E voz ameaçadora, *Que cantas tu*? Disse,
Não sabes que há somente um tema para bardos persistentes?
E esse tema é o da Guerra, o destino das batalhas,
O preparo de soldados perfeitos.

Que assim seja, então respondi,
Eu também altiva Sombra também canto guerra,
E uma mais longa e maior que todas,
Mantida em meu livro com vário destino, com fuga, avanço e recuo,
Vitória adiada e hesitante,

(Porém acho certo, ou tanto quanto certo, por fim,) o campo o mundo,
Pela vida e morte, pelo Corpo e pela Alma eterna,
Vê, também vim, cantando o cântico das batalhas,
Eu acima de tudo promovo valentes soldados.

Em Navios com Cabines no Mar

Em navios com cabines no mar,
O infinito azul se expandindo por toda parte,
Com ventos sussurrantes e música das ondas, das grandes ondas imperiosas,
Ou algum brigue solitário animado na densa marinha,

Onde alegre fervoroso, içando velas brancas,
Ele rompe o éter entre a faísca e a espuma do dia, ou sob muita estrela à noite,
Por marinheiros jovens e velhos quiçá serei, uma reminiscência da terra, lido,
Em completa afinidade afinal.

Eis nossos pensamentos, pensamentos de viajantes,
Aqui a terra, terra firme, não aparece só, possa então por eles ser dito,
O céu arqueia aqui, sentimos o ondulante convés sob nossos pés,
Sentimos a longa pulsação, fluxo e refluxo do impulso infinito,

Os tons de mistério oculto, as vagas e vastas sugestões do mundo salgado, as sílabas líquido-fluentes,
O perfume, o tênue ranger do cordame, o ritmo melancólico,
A visão ilimitada e o distante e escuro horizonte estão aqui,
E este é o poema do oceano.

Então não vacila
Oh livro, cumpre teu destino,
Tu não só uma reminiscência da terra,
Tu também como um brigue solitário rompendo o éter, tencionado não se sabe aonde, porém sempre fervoroso,

Associa-te a todo navio que veleje, veleja!
Leva a eles incluso meu amor,

(Queridos marinheiros, para vós o incluo aqui em cada folha;)
Acelera meu livro!

Iça tuas velas brancas meu pequeno brigue contra as ondas imperiosas,
Canta, veleja, leva sobre o azul infinito de mim a todo mar,
Esta canção para marinheiros e todos seus navios.

A Terras Estrangeiras

Ouvi dizer que pediste algo para testar este quebra-cabeça o Novo Mundo,
E definir a América, sua atlética Democracia,
Por isso te envio meus poemas para que vejas neles o que quiseres.

A Um Historiador

Tu que celebras águas passadas,

Que exploraste o externo, as superfícies das raças, a vida que se exibiu,
Que trataste do homem como a criatura da política, agregados, regentes e padres,
Eu, habitante dos Alleghanies[4], tratando dele como ele é em si mesmo em seus próprios termos,
Tomando o pulso da vida que raramente se exibiu, (o grande orgulho do homem por si mesmo,)

Cantor da Personalidade, esboçando o que está ainda pra ser, Projeto a história do futuro.

A Ti Velha Causa[{5}]

A ti velha causa!
Tu boa causa, sem par, apaixonada,
Tu doce idéia, severa, sem remorso,
Imortal pelas eras, raças, terras,
Após uma estranha triste guerra, grande guerra por ti,
(Acho que toda guerra pelos tempos foi realmente lutada, e sempre será realmente lutada, por ti,)

Estes cantos por ti, tua eterna marcha.
(Uma guerra Ah soldados não só por si mesma,
Muitos, muitos mais ficaram aguardando em silêncio atrás, para agora avançar neste livro.)

Tu orbe de muitos orbes!
Tu fervente princípio! tu germe bem tratado, latente! tu centro!
Ao redor de tua idéia a guerra girando,
Com todo seu jogo raivoso e veemente de causas,
(Com vastos resultados por vir por três vezes mil anos,)

Estes recitativos por ti, -- meu livro e a guerra são um,
Fundidos em seu espírito eu e o meu, como a luta dependeu de ti,
Como uma roda gira em seu eixo, este livro inconsciente de si mesmo,
Ao redor de tua ideia.

Ídolos[{6}]

Conheci um vidente,
Passando os matizes e objetos do mundo,
Os campos da arte e estudo, prazer, sentido,
Para compilar ídolos.

Põe em teus cantos, disse ele,
Não mais a hora confusa ou dia, nem segmentos, partes, pões,
Põe primeiro como luz para tudo e canção de estréia de tudo,
A dos ídolos.

Sempre o sombrio começo,
Sempre o crescimento, o circundar do círculo,
Sempre o ápice e a fusão por fim, (pra certamente iniciar de novo,)
Ídolos! Ídolos!

Sempre o mutável,
Sempre materiais, mudando, se esboroando, re-aderindo,
Sempre os ateliês, as divinas fábricas,
Lançando ídolos.

Vê, eu ou tu,
Ou mulher, homem, ou estado, conhecido ou desconhecido,
Parecendo sólidos riqueza, força, beleza erigimos,
Mas realmente erigimos ídolos.

O evanescente aspecto,
A essência do ânimo de um artista ou longos estudos de um erudito,
Ou labutas do guerreiro, mártir, herói,
Para moldar seu ídolo.

De toda vida humana,
(As unidades reunidas, fixadas, nem um pensamento, emoção, ação, omitidos,)

O todo ou grande ou pequeno somados, adicionados,
Em seu ídolo.

O velho, velho ímpeto,
Baseado nos pináculos antigos, vê, pináculos mais novos, mais altos,
Da ciência e do moderno ainda impelido,
O velho, velho ímpeto, ídolos.

O presente agora e aqui,
O turbilhão ativo, fértil, complexo, da América,
De agregado e segregado para só então liberar,
Os ídolos de hoje.

Estes com o passado,
De terras desvanecidas, de todos os reinos de reis pelo mar,
Velhos conquistadores, velhas campanhas, viagens de velhos marinheiros,
Unindo ídolos.

Densidades, crescimento, fachadas,
Estratos de montanhas, solos, rochas, árvores gigantescas,
Nascidos ao longe, morrendo ao longe, vivendo muito, para partir,
Eternos ídolos.

Exaltè[7], transido, extático,
O visível exceto seu útero de nascimento,
De tendências órbicas para moldar, moldar e moldar,
O poderoso ídolo-terra.

Todo espaço, todo tempo,
(As estrelas, as terríveis perturbações dos sóis,
Inchando, ruindo, findando, cumprindo sua função completa,)
Repletos de ídolos apenas.

As miríades silenciosas,
Os oceanos infinitos onde os rios deságuam,
As incontáveis identidades livres separadas, como a visão,

As verdadeiras realidades, ídolos.

Não isto o mundo,
Nem estes os universos, eles os universos,
Sentido e fim, sempre a permanente vida da vida,
Ídolos, ídolos.

Além de tuas palestras culto mestre,
Além de teu telescópio ou espectroscópio agudo observador, além de toda matemática,
Além da cirurgia, anatomia do médico, além do químico com sua química,
As entidades das entidades, ídolos.

Infixos porém fixos,
Sempre serão, sempre foram e são,
Varrendo o presente ao futuro infinito,
Ídolos, ídolos, ídolos.

O profeta e o bardo,
Ainda se manterão, em estágios ainda mais altos,
Mediarão ao Moderno, à Democracia, interpretarão ainda para eles,
Deus e ídolos.

E tu minha alma,
Júbilos, exercícios incessantes, exaltações,
Tua ânsia saciada amplamente por fim, preparada para conhecer,
Teus parceiros, ídolos.

Teu corpo permanente,
O corpo oculto dentro de teu corpo,
O único sentido da forma que és, o eu mesmo real,
Uma imagem, um ídolo.

Tuas próprias canções não em tuas canções,
Nenhuma tensão especial para cantar, nenhuma por si mesmo,
Mas resultando do todo, se elevando por fim e flutuando,

Um ídolo redondo esférico.

Por Ele Canto

Por ele canto,
Elevo o presente no passado,
(Feito alguma árvore perene em suas raízes, o presente no passado,)
Com tempo e espaço eu o dilato e fundo as leis imortais,
Para fazê-lo por elas a lei sobre ele.

Quando Li o Livro

Quando li o livro, a biografia famosa,
E é isto então (disse eu) o que o autor denomina a vida de um homem?
E assim irá alguém quando eu estiver morto escrever minha vida?

(Como se alguém realmente soubesse algo de minha vida,
Ora até eu mesmo freqüentemente penso que pouco ou nada sei de minha vida real,
Só algumas dicas, alguns sinais tênues difusos e dissimulações
Busco traçar aqui para meu próprio uso.)

Iniciando Meus Estudos

Iniciando meus estudos o primeiro passo me agradou tanto,
O mero fato consciência, estas formas, o poder do movimento,
O menor inseto ou animal, os sentidos, visão, amor,
O primeiro passo digo me entusiasmou e agradou tanto,

Mal tenho ido ou desejado ir adiante,
Mas paro e vagueio o tempo todo para cantá-lo em canções extáticas.

Iniciadores[{8}]

Como eles são sustentados na terra, (aparecendo em intervalos,)
Como são queridos e terríveis para a terra,
Como se habituam a si mesmos tanto quanto a outros – que paradoxo parece sua época,
Como as pessoas reagem a eles, sem conhecê-los no entanto,
Como há algo implacável em seu destino o tempo todo,
Como o tempo todo escolhem mal seus objetos de adulação e recompensa,
E como o mesmo preço inexorável deve ainda ser pago pela mesma grande compra.

Aos Estados

Aos Estados ou qualquer um deles, ou qualquer cidade dos Estados,
Resiste muito, obedece pouco,
Uma vez obediência incontestada, uma vez totalmente escravizados,
Uma vez totalmente escravizados, nenhuma nação, estado ou cidade desta terra, jamais retomam depois sua liberdade.

Em Viagens Pelos Estados

Em viagens pelos Estados começamos,
(Sempre pelo mundo, instigados por estas canções,
Navegando doravante a toda terra, a todo mar,)

Nós animados aprendizes de tudo, professores de tudo e amantes de tudo.

Temos observado as estações se distribuindo e prosseguindo,
E dito, Por que um homem ou mulher não poderiam fazer tanto quanto as estações, e verter tanto quanto?

Pausamos um pouco em toda cidade e município,
Atravessamos o Kanadá[9], o Nordeste, o vasto vale do Mississippi, e os Estados Sulinos,

Outorgamos em condições iguais com cada um dos Estados,
Nos julgamos e convidamos homens e mulheres para ouvir,
Dizemos a nós mesmos, Lembra, não teme, sê cândido, proclama o corpo e a alma,

Pausa um pouco e prossegue, sê copioso, temperante, casto, magnético,
E o que vertes pode então retornar como as estações retornam,
E pode ser tanto quanto as estações.

A Uma Certa Cantatrice[{10}]

Olha, pega este presente,
Eu o estava reservando para algum herói, orador, ou general,
Alguém que devia servir à velha e boa causa, à grande ideia, ao progresso e liberdade da raça,
Algum bravo confrontador de déspotas, algum rebelde ousado;
Mas vejo que o que eu estava reservando pertence a ti tanto quanto a qualquer outro.

Eu Imperturbável

Eu imperturbável, à vontade na Natureza,
Mestre de tudo ou mestra de tudo, aprumado no meio de coisas irracionais,
Impregnado como elas, passivo, receptivo, silencioso como elas,
Achando meu emprego, pobreza, notoriedade, fraquezas, crimes, menos importante que eu pensava,

Eu rumo ao mar mexicano, ou em Mannahatta ou no Tennessee, ou no norte distante ou no interior,
Um ribeirinho, ou um homem dos bosques ou das fazendas destes Estados ou da costa, ou dos lagos ou do Kanadá,
Eu onde minha vida for vivida, Ah ser auto-equilibrado para casualidades,
Confrontar noite, tormentas, fome, ridículo, acidentes, repulsas, como fazem as árvores e os animais.

Savantism[{11}]

Nessa direção olho e vejo cada resultado e glória se retraçando e se aninhando, sempre obrigados,

Nessa direção horas, meses, anos – aonde comércios, pactos, estabelecimentos, até mesmo o menor,

Nessa direção vida diária, fala, utensílios, política, pessoas, posses;

Nessa direção nós também, eu com minhas folhas e canções, confiante, admirativo,

Como um pai a encontrar seu pai leva seus filhos com ele.

O Navio Partindo

Vê, o imenso mar,
Em seu seio um navio partindo, içando velas, levando até suas velas rápidas[{12}],
O galhardete está voando alto quando ele acelera ele acelera tão altivo – abaixo ondas ávidas se apressam,
Elas rodeiam o navio com movimentos curvo-cintilantes e espuma.

Ouço a América Cantando

Ouço a América cantando, os variados cantos ouço,

Os dos mecânicos, cada um cantando o seu como devia ser jubiloso e forte,
O marceneiro cantando o dele ao medir sua tábua ou viga,
O pedreiro cantando o dele ao se preparar para o trabalho, ou cessar o trabalho,
O barqueiro cantando o que pertence a ele em seu barco,
O taifeiro cantando no convés do barco a vapor,
O sapateiro cantando ao sentar-se em seu banco,
O chapeleiro cantando ao ficar de pé,

A canção do lenhador, a do lavrador no caminho de manhã, ou no intervalo do meio-dia ou ao poente,
O cantar delicioso da mãe, ou da jovem esposa no trabalho, ou da garota cosendo ou lavando,
Cada um cantando o que lhe pertence e a mais ninguém,
O dia o que pertence ao dia – à noite o grupo de rapazes, robustos, simpáticos,
Cantando de bocas abertas suas impetuosas canções melodiosas.

Que Lugar é Sitiado?

Que lugar é sitiado, e em vão tenta findar o sítio?
Vê, envio a esse lugar um comandante, rápido, valente, imortal,
E com ele cavalaria e infantaria e parques de artilharia,
E artilheiros, os mais mortíferos que já dispararam armas.

Ainda Assim Aquele que Eu Canto

Ainda assim aquele que eu canto,
(Um, todavia de contradições feito,) dedico à Nacionalidade,
Deixo nele revolta,
(Oh direito latente de insurreição!
Oh fogo inextinguível e indispensável!)

Não Fechai Vossas Portas

Não fechai vossas portas a mim orgulhosas bibliotecas,
Pois o que estava faltando em todas as vossas estantes repletas, contudo mais precisado, eu trago,
Emergindo da guerra{13}, um livro fiz,
As palavras do meu livro nada, o sentido dele tudo,

Um livro separado, não ligado ao resto nem sentido pelo intelecto,
Mas vós ó latências inenarráveis vibrareis com cada página.

Poetas por Vir

Poetas por vir! oradores, cantores, músicos por vir!
Hoje não é para me justificar e responder a que venho,
Mas vós, uma nova progênie, nativa, atlética, continental, maior que tudo conhecido,
Despertai! pois deveis me justificar.

Mal escrevo uma ou duas palavras indicativas para o futuro,
Mal avanço um momento só para girar e correr de volta pra escuridão.

Sou um homem que, passeando sem parar totalmente, dá uma olhada ocasional em vós e a seguir desvia o rosto,
Deixando que vós o provais e definis,
Aguardando as coisas principais de vós.

A Ti

Estranho, se passando me encontras e desejas falar comigo, por que não deverias falar comigo?

E por que eu não deveria falar contigo?

Tu Leitor

Tu leitor palpitas vida e orgulho e amor como eu,
Por isso para ti os seguintes cânticos.

PARTINDO DE PAUMANOK

Este poema teve o título original de “Premonition” (“Premonição”) e depois “Proto-Leaf” (publicado na edição de 1860; “Proto-Folha”, ou seja, a folha ancestral, primeva); é um poema que apresenta os temas principais e o propósito do poeta. Por isto ele foi colocado logo depois de “Inscriptions”, livro que abre Folhas de Relva.

1

Partindo da pisciforme Paumanok[{14}] onde nasci,
Bem-gerado, e criado por uma mãe perfeita,
Após percorrer muitas terras, amante de calçadas movimentadas,
Habitante em Mannahatta[{15}] minha cidade, ou em savanas sulinas,

Ou um soldado acampado ou levando minha mochila e arma,
Ou um mineiro na Califórnia,
Ou rude em meu lar nos bosques de Dakota, nutrido de carne, bebendo da fonte,
Ou retirado para cismar e meditar em algum recanto profundo,

Longe do clangor das aglomerações intervalos passando encantados e contentes,
Atento ao fluido Missouri doce disposto doador, atento ao vasto Niágara,
Atento aos rebanhos de búfalos pastando nas planícies, ao touro hirsuto e robusto,
À terra, pedras, perito em flores de Maio, estrelas, chuva, neve, meu assombro,

Tendo estudado os tons do tordo e o vôo do falcão montês,
E ouvido de manhã o inigualável, o tordo ermitão nos cedros do pântano,
Solitário, cantando no Ocidente,
Lanço meu canto para um Mundo Novo.

2

Vitória, união, fé, identidade, tempo,
Os acordos indissolúveis, riquezas, mistério,
Progresso eterno, o kosmos e os informes modernos.

Isto portanto é vida,
Eis o que veio à tona após tantas angústias e convulsões.

Tão curioso! tão real!
Sob os pés o divino solo, acima o sol.
Vede girando o globo,
Os continentes ancestrais ao longe agrupados,
Os continentes presentes e futuros norte e sul, com o istmo no meio.

Vede, vastos espaços sem rastros,
Como num sonho mudam, velozmente se completam,
Incontáveis massas emergem neles,
Eles são agora cobertos pelas pessoas, artes, instituições mais conhecidas.

Vede, projetada no tempo,
Para mim uma platéia interminável.

Com passo firme e regular avançam, nunca param,
Sucessões de homens,
Americanos{16}, cem milhões,

Uma geração fazendo seu papel e prosseguindo,
Outra geração fazendo seu papel e prosseguindo por sua vez,
Com os rostos virados de lado ou para trás para me ouvir,
Com olhos retrospectivos para mim.

3

Americanos! conquistadores! marchas humanitárias!
Primordiais! marchas do século!
Libertad[{17}]! massas!
Para vós um programa de cânticos.

Cânticos das pradarias,
Cânticos do longuíssimo Mississippi, e descendo até o mar mexicano,
Cânticos de Ohio, Indiana, Illinois, Iowa, Wisconsin e Minnesota,
Cânticos saindo do centro do Kansas, e daí eqüidistante,

Brotando em pulsações de fogo incessante para vivificar tudo.

4

Leva minhas folhas América, leva-as ao Sul e ao Norte,
Recebe-as bem em todos os lugares, pois elas são tua própria prole,
Circunda-as Leste e Oeste, pois elas te circundariam,
E vós precedentes, conectai ternamente com elas, pois elas conectam ternamente convosco.

Eu decorei o tempo antigo,
Me sentei estudando aos pés dos grandes mestres,
Agora se apropriado
Oh, que os grandes mestres possam retornar e me estudar.

Em nome destes Estados devo desdenhar a antiguidade?
Ora estes são os filhos da antigüidade para justificá-la.

5

Poetas mortos, filósofos[{18}], padres,
Mártires, artistas, inventores, governos desde então,
Modeladores de línguas em outras praias,

Nações outrora poderosas, agora reduzidas, retraídas, ou arruinadas,
Não ouso prosseguir até que eu respeitosamente credite o que deixastes soprado em nossa direção,
Eu perscrutei isto, admito que é admirável, (me movendo um pouco em seu meio,)
Acho que nada jamais pode ser maior, nada jamais pode merecer mais que isto merece,
Considerando tudo atentamente por muito tempo, e então o descartando,
Me posto em meu lugar com meu próprio tempo aqui.

Eis aqui terras femininas e masculinas,
Eis aqui o herdeiro e a herdeira do mundo, eis a chama dos materiais,
Eis aqui espiritualidade a tradutora, a abertamente reconhecida,

A sempre-vigilante, o finalè[{19}] das formas visíveis,
A mitigadora, após devida longa espera avançando agora,
Sim aqui vem minha mestra a alma.

6

A alma,
Para sempre e sempre – mais tempo que o do solo castanho e sólido – mais tempo que a água encha e vaze.

Farei os poemas de materiais, pois penso que devem ser os poemas mais espirituais,
E farei os poemas de meu corpo e da mortalidade,
Pois penso que me ofertarei então os poemas de minha alma e de imortalidade.

Farei uma canção para estes
Estados que nenhum Estado possa em qualquer circunstância ser sujeitado a outro Estado,
E farei uma canção para que haja cortesia dia e noite entre todos os Estados e entre quaisquer dois deles,
E farei uma canção para os ouvidos do Presidente, cheia de armas com pontas ameaçadoras,
E atrás das armas incontáveis rostos insatisfeitos;
E uma canção farei daquela Uma formada de todos,

Aquela Uma colmilhada e rutilante cuja cabeça está acima de todos,
A bélica resoluta Uma[{20}] inclusora e sobre todos,
(Quão alta a cabeça de qualquer outro aquela cabeça está acima de todos.)

Reconhecerei terras contemporâneas,
Trilharei toda a geografia do globo e saudarei cortesmente toda cidade grande e pequena,
E empregos!
Porei em meus poemas que convosco há heroísmo em terra e mar,
E narrarei todo heroísmo de um ponto de vista americano.

Cantarei a canção do companheirismo,
Mostrarei o que por si deve finalmente agregá-los,
Creio que estes devem fundar seu próprio ideal de amor varonil, indicando-o em mim,
Por isso soltarei minha flama os fogos ardentes que estavam ameaçando me consumir,
Erguerei o que há muito tem contido esses fogos fumarentos,
Lhes darei entrega completa,
Escreverei o poema-evangelho de camaradas e de amor,
Pois quem mais devia entender o amor com toda sua aflição e alegria?
E quem mais devia ser o poeta de camaradas?

7

Sou o crédulo homem de qualidades, épocas, raças,
Progrido do povo em seu próprio espírito,
Eis o que canta fé irrestrita.

Omnes! omnes[{21}]! que outros ignorem o que quiserem,
Também faço o poema do mal, também comemoro essa parte,
Eu mesmo sou tão mau quanto bom e minha nação é – e digo de fato não existe mal,
(Ou se há digo que é tão importante para ti, para a terra ou para mim, como qualquer outra coisa.)

Eu, também, seguindo muitos e seguido por muitos, inauguro uma religião, adentro a arena,
(Pode ser que eu esteja destinado a proferir os gritos mais altos lá, os brados estrondosos do vencedor,
Quem sabe? eles podem se elevar de mim ainda, e pairar sobre tudo.)

Cada um não é pelo seu próprio bem,
Digo que toda a terra e todas as estrelas no céu são pelo bem da religião.

Digo que nenhum homem já foi sequer meio devoto,
Nenhum já adorou ou venerou sequer pela metade,
Nenhum começou a pensar quão divino ele é, e quão certo o futuro é.

Digo que a grandeza real e permanente destes Estados deve ser sua religião,
Do contrário não há nenhuma grandeza real e permanente;
(Nem caráter nem vida digna de nome sem religião,
Nem terra nem homem ou mulher sem religião.)

8

O que estás fazendo jovem?
É tão sincero, tão devotado à literatura, ciência, arte, casos amorosos?
Estas realidades ostensivas, política, fatos?
Tua ambição ou negócio qualquer que seja?

Está bem – contra tais não digo uma palavra, também sou seu poeta,
Mas vê! tais velozmente cedem, consumidos pelo bem da religião,
Pois nem toda a matéria é combustível para aquecer, chama impalpável, a vida essencial da terra,
Não mais que tais são para a religião.

9

O que buscas tão pensativo e taciturno?
O que precisas camarada[{22}]?
Caro filho achas que é amor?

Escuta caro filho – escuta América, filha ou filho,
É uma coisa dolorosa amar um homem ou mulher ao excesso, e no entanto isso satisfaz, é ótimo,
Mas há algo mais muito grande, faz o todo coincidir,
Isto, magnífico, além dos materiais, com mãos contínuas abarca e provê a todos.

10

Saibas, somente para largar na terra os germes de uma religião maior,
Os seguintes cânticos cada um para sua espécie eu canto.
Meu camarada!
Para compartires comigo duas grandezas, e uma terceira se elevando

Inclusiva e mais resplendente,
A grandeza do Amor e da Democracia, e a grandeza da Religião[{23}].
Minha própria melange[{24}], o invisto e o visto,
Oceano misterioso onde os riachos deságuam,

Espírito profético dos materiais cambiando e oscilando ao meu redor,
Seres vivos, identidades agora sem dúvida perto de nós no ar que desconhecemos,
Contato diário e contínuo que não me liberará,
Selecionando estes, estes em sinais exigidos de mim.

Ele com um beijo diário desde a infância me beijando,
Não enredou e trançou ao meu redor aquilo que me liga a ele,
Não mais do que sou ligado aos céus e todo o mundo espiritual,
Após o que fizeram comigo, sugerindo temas.

Oh tais temas – equidades! Oh divina média!
Gorjeios sob o sol, guiados como agora, ou ao meio-dia, ou poente,
Frases musicais fluindo pelas eras, agora chegando aqui,
Me entrego a vossos acordes afoitos e complexos, contribuo com eles, e alegremente os passo adiante.

11

Como fiz no Alabama meu passeio matinal,
Vi onde a fêmea do tordo sentou-se em seu ninho
Nas sarças chocando sua ninhada.

Também vi o macho,
Me detive para ouvi-lo bem de perto
Inflando sua garganta e cantando alegremente.

E durante esta pausa me ocorreu que a razão real de seu cantar não estava só lá,
Não por sua consorte nem só ele, nem tudo retornado pelos ecos,
Mas sutil, clandestino, longe além,
Um encargo transmitido e oculto presente para os que estão nascendo.

12

Democracia! bem perto de ti uma garganta está se inflando agora e cantando alegremente.

Ma Femme[{25}]! pela prole além de nós e nossa,

Aos que aqui pertencem e aos que virão,

Eu exultante para estar pronto pra eles agora agitarei cantos mais fortes e altivos do que já tenham sido ouvidos sobre a terra.

Farei as canções de paixão para abrir-lhes caminho,

E vossas canções infratores proscritos, pois vos perscruto com olhos análogos e vos carrego comigo como a qualquer outro.

Farei o verdadeiro poema das riquezas,

Para ganhar para o corpo e a mente tudo que adere e avança e não é suprimido pela morte;

E fundirei egotismo e o mostrarei subjazendo a tudo,

E serei o bardo da personalidade,

E mostrarei de macho e fêmea que um é só o igual do outro,

E órgãos sexuais e atos! concentrai em mim, pois estou determinado a contar-vos com voz clara corajosa para provar que sois ilustres,

E mostrarei que não há nenhuma imperfeição no presente, e não pode haver nenhuma no futuro,

E mostrarei que o que acontecer a qualquer pessoa pode ser transformado em belos resultados, E mostrarei que nada pode acontecer mais bonito que a morte,

E urdirei um fio por meus poemas para que tempo e eventos sejam compactos,

E que todas as coisas do universo são milagres perfeitos, cada um tão profundo quanto os outros.

Não farei poemas com referência a partes,
Mas farei poemas, canções, pensamentos, com referência ao conjunto,
E não cantarei com referência a um dia, mas com referência a todos os dias,
E não farei um poema nem a menor parte de um poema que não tenha referência à alma,

Porque tendo olhado os objetos do universo, vejo que não há nem um nem uma partícula de um que não tenha referência à alma.

13

Alguém estava pedindo pra ver a alma?
Vê, tua própria forma e semblante, pessoas, substâncias, feras, as árvores, os rios correntes, as rochas e areias.
Tudo contém alegrias espirituais e depois as libera;
Como pode o corpo real morrer e ser enterrado?

Do teu corpo real e do corpo real de qualquer homem ou mulher,
Item por item ele eludirá as mãos dos limpa-defuntos
E passará às esferas adequadas,
Levando o que adveio a ele do momento do nascimento ao momento da morte.

Os tipos do impressor não retornam a impressão, o sentido, a preocupação principal,
Não mais que a substância e vida de um homem
Ou a substância e vida de uma mulher retornam no corpo e na alma,
Indiferentemente antes da morte e depois da morte.

Vê, o corpo inclui e é o sentido, a preocupação principal e inclui e é a alma;
Quem sejas, quão superior e divino é teu corpo, ou qualquer parte dele!

14

Quem sejas, a ti infindáveis proclamações!

Filha das terras esperaste por teu poeta?
Esperaste por alguém com uma boca fluida e mão indicativa?
Ao macho dos Estados, e à fêmea dos Estados,
Palavras exultantes, palavras para as terras da Democracia.

Terras interligadas, produtoras de alimento!
Terra do carvão e ferro! terra do ouro! terra do algodão, açúcar, arroz!
Terra do trigo, carne de boi, de porco! terra de lã e cânhamo!
Terra da maçã e da uva!

Terra das planícies pastoris, dos gramados do mundo! terra dos odoríficos intermináveis platôs!
Terra do rebanho, do jardim, da saudável casa de adobe[{26}]!
Terras onde o noroestino Columbia[{27}] serpenteia e onde o sudoestino Colorado serpenteia!
Terra do Chesapeake oriental! terra do Delaware!

Terra do Ontário, Erie, Huron, Michigan!
Terra das Antigas Treze! terra de Massachusetts!
Terra de Vermont e Connecticut!
Terra dos litorais!

Terra de serras e cumes!
Terra de barqueiros e marinheiros!
Terra de pescadores!
Terras inextricáveis! dos grudados!

Dos apaixonados!
Do lado a lado!
Dos irmãos mais velhos e mais jovens!

Dos ossudos!

Terra das grandes mulheres!
Do feminino!
Das irmãs experientes
E das irmãs inexperientes!

Terra de longo hausto! escorada no Ártico!
Da brisa Mexicana! do diverso! do compacto!
Do Pensilvano! do Virginiano!
Do duplo Caroliniano!

Oh todos e cada um bem amados por mim! minhas nações intrépidas!
Oh de qualquer maneira vos incluo todos com amor perfeito!
Não posso ser excluído por vós!
Nem por um nem por nenhum outro!

Oh morte!
Oh por tudo isso,
Eu ainda sou teu
Não visto nesta hora com amor irrepressível,

Percorrendo a Nova Inglaterra, um amigo, um viajante, chapinhando meus pés descalços na beira das ondulações de verão nas areias de Paumanok,
Cruzando as pradarias, morando de novo em Chicago, morando em toda cidade,
Observando espetáculos, nascimentos, melhorias, estruturas, artes,
Ouvindo oradores e oradoras em salões públicos,

Dos e pelos Estados como durante a vida, cada homem e mulher meus vizinhos,
O Louisianiano, o Georgiano, tão perto de mim, e eu tão perto dele e dela,
O Mississippiano e Arkansiano ainda comigo,
E eu ainda com qualquer um deles,

Ainda nas planícies a oeste do rio medular,
Ainda em minha casa de adobe,
Ainda retornando ao leste,
Ainda no Estado Litorâneo ou em Maryland,

Ainda Kanadiano alegremente enfrentando o inverno, a neve e gelo bem-vindos a mim,
Ainda um verdadeiro filho ou do Maine ou do Estado do Granito, ou do Estado de Narragansett Bay, ou do Estado do Império[28],
Ainda navegando a outros litorais para anexar também,
Ainda recebendo todo irmão novo,

Aqui aplicando estas folhas aos novos assim que eles se unem aos antigos,
Vindo entre os novos eu mesmo para ser seu companheiro e igual,
Vindo pessoalmente a ti agora,
Dirigindo-te a atos, personagens, espetáculos, comigo.

15

Comigo com pulso firme, contudo te apressa, te apressa.
Por tua vida adere-te a mim,
(Posso ter que ser persuadido muitas vezes antes de consentir a dar-me a ti realmente, mas e daí?
Não deve a Natureza ser persuadida muitas vezes?)

Delicado dolce affettuoso[{29}] não sou,
Barbudo, bronzeado, de pescoço grisalho, agreste, eu vim,
Pra ser combatido quando passo pelos sólidos prêmios do universo,
Pois tais confiro a quem pode perseverar em ganhá-los.

16

Me detenho um momento em meu caminho,
Eis aqui pra ti! e eis aqui pra América!
Ainda o presente elevo alto, ainda o futuro dos Estados prenuncio contente e sublime,
E para o passado pronuncio o que o ar possui dos vermelhos aborígines.

Os vermelhos aborígines,
Deixando naturais haustos, sons de chuva e ventos, chamados como de pássaros e animais nos bosques, nos silabaram nomes,
Okonee, Koosa, Ottawa, Monongahela, Sauk, Natchez, Chattahoochee, Kaqueta, Oronoco, Wabash, Miami, Saginaw, Chippewa, Oshkosh, Walla-Walla,
Deixando tais aos Estados eles fundem, partem, impregnando a água e a terra com nomes.

17

Expansivos e velozes, doravante,
Elementos, raças, ajustes, turbulentos, rápidos e audaciosos,
Um mundo primitivo de novo, vistas de glória incessantes e ramificantes,
Uma raça nova dominando as anteriores e mais grandiosas, com novas disputas,

Nova política, novas literaturas e religiões, novas invenções e artes.

Estas, minha voz anunciando – não mais dormirei mas me erguerei,
Vós oceanos que estavam calmos dentro de mim!
Como vos sinto, insondáveis, instigando,
Preparando ondas e tempestades sem precedentes.

18

Vede, vapores navegando por meu poemas,
Vede, em meus poemas imigrantes continuamente vindo e desembarcando,
Vede, no passado, a cabana indígena, a trilha, a choupana do caçador, a chalana, a folha de milho, a alegação, a cerca rude e a aldeia do sertão,
Vede, num lado o Mar Ocidental e no outro o Mar Oriental, como avançam e recuam em meus poemas como em suas próprias praias,

Vede, pastos e florestas em meus poemas – vede, animais selvagens e domésticos
Vede, além do Kaw[{30}], incontáveis rebanhos de búfalo se nutrindo na baixa e crespa relva,
Vede, em meus poemas, cidades, sólidas, vastas, interiores, com ruas calçadas, com edifícios de ferro e pedra, veículos incessantes e comércio,
Vede, a prensa a vapor de muitos cilindros – vede, o telégrafo elétrico se estendendo pelo continente,

Vede, nas profundezas de Atlântica[{31}] pulsos americanos alcançando a Europa, pulsos da Europa devidamente retornados,
Vede, a forte e ligeira locomotiva quando parte, ofegante, soprando o apito a vapor,
Vede, lavradores arando fazendas
Vede, mineiros cavando minas

Vede, as inúmeras fábricas,
Vede, mecânicos ocupados em seus bancos com ferramentas
Vede de entre eles juízes superiores, filósofos,
Presidentes, emergem, trajados em trajes de trabalho,

Vede, vagueando pelas lojas e campos dos Estados,
Eu bem-amado, agarrado pelo dia e pela noite,
Eis aí os altos ecos de minhas canções

Lede os sinais vindos por fim.

19

Oh cordial camarada[{32}]!
Oh eu e tu afinal, e só nós dois.
Oh uma palavra para limpar o caminho adiante sem fim!
Oh algo extático e indemonstrável!

Oh música selvagem!
Oh agora triunfo
E tu também;
Oh de mãos dadas

Oh prazer saudável
Oh mais um desejador e amante!
Oh para se apressar de pulso firme
Se apressar, apressar comigo.

CANÇÃO DE MIM MESMO

O poema "Canção de Mim Mesmo", o primeiro dos doze na edição de 1855, tinha como título apenas o mesmo título geral da obra, Folhas de Relva, como outros da mesma edição. Também não era dividido em seções. Em 1856 foi intitulado "Poema de Walt Whitman, um Americano". Nas edições seguintes foi chamado apenas de "Walt Whitman", até 1881, quando recebeu o presente título. Conforme indicam os cadernos de Whitman, o poema foi iniciado nos anos de 1847-48, passando por revisões contínuas, e subdivisões (52 seções, numeradas), depois de publicado, até atingir sua forma final na edição de 1891-92[{33}]*. Como o próprio título demonstra, este é o canto do poeta, de seu "eu lírico", seu canto pessoal, individual, personalista. Uma elegia ao "eu", como diz Harold Bloom*[{34}]*, embora Whitman apresente vários "eus", o "eu" simples, o "Eu mesmo", o "Eu real", além de sua alma. Embora seja também um canto pessoal que se funde com o coletivo, numa integração entre a parte e o todo.*

Desde as primeiras linhas, "Canção de Mim Mesmo" mostra a capacidade whitmaniana de unir opostos, de realizar a síntese entre o indivíduo e a comunidade, os planos físico e espiritual, o corpo e a alma, num ato único de amor por tudo: "Eu celebro a mim mesmo, e canto a mim, E o que assumo, tu assumes, Pois todo átomo pertencente a mim também pertence a ti". Ainda na metade do século dezenove o poeta cantava uma ideia que hoje faz parte do conhecimento básico do currículo de Física, que é a troca constante de átomos entre corpos e entre corpos e o meio em que transitam, e a não separação entre eles. Whitman já havia visto que os opostos são complementares.

Este amplo gesto de Whitman é uma maneira de abolir a fronteira entre o eu individual e o coletivo, em que o amor por uma pessoa é expandido em amor pela humanidade, buscando a união de todos com todos, como ele canta no poema "A Base de Toda a Metafísica", de "Cálamo". O interesse pessoal se rende ao interesse comum, que se torna mais forte por este ato, sendo também uma transmutação e integração da pessoa em seu grupo

humano. Como expressa este verso da seção 30 de "Canção de Mim Mesmo": "Só o que se prova a todo homem e mulher é, / Só o que ninguém nega é." Este é o objetivo democrático do poeta, que mostra o interesse do todo superando o interesse egoísta de somente uma parte dele. O fato é que artistas, e em especial grandes artistas, são capazes de fundir, mesclar suas vidas pessoais com a vida coletiva da comunidade que representam. Isto é o que o poeta faz. Aceita tudo em seu amplo coração: o que é bom e o que é mau na América, como canta na seção 22 de "Canção de Mim Mesmo": "Não sou o poeta da bondade apenas, não declino de ser o poeta da maldade também".

Outro aspecto ou tema cantado em "Canção de Mim Mesmo", e nas Folhas de Relva em geral, é a morte, com quem Whitman tem uma relação de proximidade e tranquilidade. O poeta está consciente de que seu corpo físico seguirá o curso natural de toda entidade viva, do nascimento à morte, e que a imortalidade, a verdadeira vida, é um aspecto da alma e do espírito. Ele sabe que seu corpo será transmutado pela química do solo, conforme canta na seção 49 da "Canção de Mim Mesmo": "E quanto a ti, Cadáver, acho que és bom adubo, mas isto não me ofende". Naturalmente, o poeta se entrega ao ventre da Terra e suas metamorfoses, entoando estes versos na última seção do poema:

> *Parto como o ar, agito meus cachos grisalhos ao sol fugaz,*
> *Transbordo minha carne em turbilhões, e a arrasto em recortes rendados.*
> *Entrego-me ao solo para brotar da relva que amo,*
> *Se me quiseres de novo, procura-me sob as solas de tuas botas.*

Há nesse ato poético uma referência aos mitos gregos de metamorfose, em particular ao mito de Cálamo, citado na seção 24 da "Canção de Mim Mesmo". O mito relata que Cálamo, filho do deus do rio Meandro, e Carpo eram dois amigos que estavam competindo para ver quem era o melhor nadador. Na competição, Carpo morreu afogado. E Cálamo, de tristeza, também morreu, se transformando num junco aquático. Cálamo (do grego kalamos, pelo latim calamu), símbolo de união entre camaradas no conjunto de poemas de mesmo nome, significa cana, caniço, junco, colmo. Talhado em ponta, pode ser usado como instrumento de escrita. Ou instrumento musical, como a flauta de cana ou de pan. É símbolo de paz,

como no caso do calumet, palavra derivada de cálamo, e que é o cachimbo da paz usado pelos índios norte-americanos, mencionados por Whitman no poema "Nossa Velha Folhagem".

Apenas nesses poucos parágrafos é possível notar que a "Canção de Mim Mesmo" é um retrato de Folhas de Relva, pelos seus múltiplos aspectos e temas, e que é preciso várias leituras até o leitor começar a apreender cada um deles. Além disso, há a questão da versificação em si. Whitman é um dos precursores do verso livre ou branco, que ele criou para expressar uma nova era, pois a forma tradicional não comportava um mundo aberto e em expansão. Embora ele não repelisse o passado, resgatado em sua poesia através da escritura anafórica bíblica (de repetição de palavras no início de frases) e dos catálogos (descrições exaustivas de pessoas, lugares, cidades, países e povos), herdados da Bíblia e dos poemas épicos gregos.

Como dizia o poeta, agora é a vez do leitor, de buscar no poema o que faz sentido pra si, um trabalho que o próprio Whitman exortava os leitores a fazer, numa leitura ativa e exploradora dos textos. Inclusive porque Whitman, por ser múltiplo, é contraditório, e não revela tudo. Até o erudito Harold Bloom[35] reclamou do poeta, dizendo que ele foi cuidadoso o bastante para permanecer "evasivo" sobre si mesmo em sua poesia, e embora prometesse "nos contar tudo", "nos conta tão pouco". O que Bloom está querendo dizer é que o que Whitman diz ao leitor é dito por "indiretas", por símbolos, por mitos, pelos olhos e mãos de outras pessoas, e que é tudo isso que precisamos estudar. Não é fácil entender a poesia de Whitman, pois quando a gente acha que o pegou, ele escapa de novo. Por isso há muito que descobrir em "Canção de Mim Mesmo" e Folhas de Relva.

1

Eu celebro a mim mesmo, e canto a mim,
E o que assumo, tu assumes,
Pois todo átomo pertencente a mim também pertence a ti.

Vagueio e convido minha alma,
Me curvo e vagueio à vontade e observo uma haste de grama do estio.

Minha língua, todo átomo de meu sangue, formado deste solo, deste ar,
Nascido aqui de pais nascidos aqui de pais daqui, e seus pais também,
Eu, trinta e sete anos, em perfeita saúde inicio,
Esperando não cessar até a morte.

Credos e escolas suspensos,
Recuando um momento satisfeito com o que são, mas nunca esquecido,
Ancoro para o bem ou mal, permito falar sob todo risco,
Natureza sem controle com energia original.

2

Casas e quartos plenos de perfumes, estantes repletas de perfumes,
Eu mesmo aspiro a fragrância e a conheço e a aprecio,
A destilação me intoxicaria também, mas não deixarei.

A atmosfera não é um perfume, não tem o gosto da destilação, é inodora,
Será sempre da minha boca, estou apaixonado por ela,
Irei à margem junto ao bosque e ficarei sem disfarces e nu,
Estou louco que ela entre em contato comigo.

O fumo do meu próprio fôlego,
Ecos, murmúrios, sussurros zumbidos, ligústica{36}, fio-de-seda, forquilha e vinha,
Minha respiração e inspiração, meu coração batendo, sangue e ar passando por meus pulmões,
Aroma de folhas verdes e folhas secas e da praia e das negras rochas marinhas e de feno em celeiro,

O som das palavras bufadas de minha voz solta nos rodopios do vento,
Alguns beijos leves, alguns abraços, um buscar de braços,
O jogo de brilho e sombra nas árvores quando os galhos flexíveis se agitam,
O deleite sozinho ou no atropelo das ruas, ou por campos e montes,

A sensação de saúde,
O trilo ao meio-dia,
A canção de mim saindo da cama
E saudando o sol.

Calculaste bem mil acres?
Calculaste bem a terra?
Praticaste longamente aprender a ler?

Sentiste orgulho de acessar o sentido dos poemas?

Passa o dia e a noite comigo e possuirás a origem de todos os poemas,
Possuirás o bem da terra e do sol, (há milhões de sóis sobrando,)
Não mais tomarás coisas de segunda ou terceira mão,
Nem olharás pelos olhos dos mortos,

Nem te nutrirás de espectros em livros,
Também não olharás pelos meus olhos,
Nem tomarás coisas de mim,
Ouvirás todos os lados e os filtrarás em ti mesmo.

3

Ouvi o que os faladores falavam,
O discurso sobre o início e o fim,
Mas não falo do início
Nem do fim.

Nunca houve tanta gênese como agora,
Nem tanta juventude ou velhice como agora,
E nunca haverá tanta perfeição quanto agora,
Nem tanto céu ou inferno como agora.

Ímpeto e ímpeto e ímpeto,
Sempre o fecundante ímpeto do mundo,
Da penumbra opostos iguais avançam, sempre substância e aumento, sempre sexo,
Sempre um tecer de identidade, sempre distinção, geração de vida sempre.

Rebuscar é inútil, cultos e incultos sentem que é assim.
Certos como a mais certa certeza, prumo na vertical, bem escorados**,** seguros nas vigas,
Encorpados como um cavalo, afetuosos, altivos, elétricos,
Eu e este mistério aqui nos postamos.

Clara e suave é minha alma e claro e suave é tudo que não é minha alma.
Falta um faltam ambos, e o não-visto é provado pelo visto,
Até que este se torne não-visto e receba prova por sua vez.

Mostrar a melhor coisa e separá-la da pior[{37}] época afronta época,
Saber a perfeita adequação e equanimidade das coisas, enquanto discutem estou silente e vou banhar e admirar a mim mesmo.
Bem-vindo seja todo órgão e atributo meu, e de qualquer homem cordial e limpo,

Nem uma polegada nem uma partícula de uma polegada é vil, e nenhum será menos familiar que os demais.

Estou satisfeito - vejo, danço, rio, canto;
Conforme a pessoa sobraçante e carinhosa que dorme ao meu lado toda a noite, e retrai-se ao raiar do dia com furtivo passo,
Legando-me cestos cobertos com toalhas brancas inchando a casa com sua profusão,
Adiarei minha aceitação e realização e berrarei aos meus olhos,

Que se desviem de fitar estrada afora,
E sem demora cifrem e mostrem-me um centavo,
Exatamente o valor de um e exatamente o valor de dois,
E qual está à frente?

4

Viajantes e inquiridores me rodeiam,
Pessoas que encontro, o efeito sobre mim de minha infância
Ou o distrito e a cidade em que vivo, ou a nação,
As últimas datas, descobertas, invenções, sociedades, autores velhos e novos,

Meu jantar, traje, parceiros, olhares, elogios, tributos,
A indiferença real ou fantasiada de algum homem ou mulher que amo,
A doença de um parente ou minha, ou malfeito ou perda ou falta de dinheiro, ou depressões ou exaltações,
Batalhas, os horrores da guerra fratricida, a febre de notícias duvidosas, os eventos incertos,
Estas coisas vêm a mim dias e noites e se vão de mim de novo, Mas elas não são o Eu mesmo.

Entre o puxar e arrastar fica o que sou,
Fica divertido, complacente, compassivo, ocioso, unitário,
Abaixa os olhos, está ereto, ou dobra um braço num certo repouso impalpável,
Olhando de lado, curioso, o que virá a seguir,
Dentro e fora do jogo e o assistindo e o admirando.

No meu próprio passado
Vejo onde transpirei pela névoa
Com linguistas e contendores,
Não tenho escárnios ou argumentos, eu presencio e espero.

5

Creio em ti minha alma,
O outro que sou não deve se rebaixar a ti,
E não deves ser rebaixada ao outro.
Vagueia comigo na relva, solta a trava da garganta,

Nem palavras, nem música ou rima quero,
Nem hábito ou palestra,
Nem mesmo os melhores,
Somente o sossego me agrada, o rumor de tua voz valvulada.

Recordo como uma vez deitamos certa manhã transparente de verão,
Como assentaste tua cabeça transversalmente em meus quadris e gentilmente giraste sobre mim,
E abriste a camisa em meu peito e lançaste tua língua em meu coração desnudo,
E tateaste até sentir minha barba e tateaste até pegar meus pés.

De súbito te ergueste e espalhaste ao meu redor a paz e o conhecimento que passam todo o argumento da terra,
E sei que a mão de Deus é a promessa da minha,
E sei que o espírito de Deus é irmão do meu,
E todos os homens já nascidos são também meus irmãos, e as mulheres minhas irmãs e amantes,

E que uma sobrequilha da criação é o amor,
E ilimitadas são as folhas rijas ou pendentes nos campos,
E formigas marrons nos miúdos vãos sob elas,
E crostas musgosas da cerca serpeante{38}, pedras empilhadas, sabugueiro, verbasco e erva-dos-cachos.

6

Um menino disse *O que é a relva*?
Trazendo-a para mim com as mãos cheias;
Como eu podia responder ao menino?
Não sei o que ela é assim como ele.

Suponho que seja a flâmula do meu ânimo, cerzida em esperançoso tecido verde.
Ou suponho que seja o lenço do Senhor,
Um presente perfumado e uma lembrança deliberadamente largados,
Portando o nome do dono de algum modo nos cantos, que possamos ver e comentar, e dizer *De Quem?*

Ou suponho que a relva seja em si uma criança, o neném germinado da vegetação.
Ou suponho que seja um hieróglifo uniforme,
E significa, Brotando similarmente em áreas largas e estreitas,
Crescendo entre gente negra e branca,

Franco Kanadiano, Virginiano,
Congressista, Negro, igual dou-lhes,
Igual recebo-lhes.
E ela agora me parece o bonito cabelo sem corte dos túmulos.

Te usarei ternamente crespa relva,
Talvez tu transpiras dos peitos dos jovens,
Talvez se os tivesse conhecido eu os teria amado,
Talvez tu sejas dos velhos, ou de bebês tirados sem demora dos colos das mães,

E aqui tu és os colos das mães.
Esta relva é muito escura para vir das cabeças brancas de velhas mães,
Mais escura que as barbas incolores dos velhos,

Escura para vir de sob os tênues céus rubros das bocas.

Ah, percebo afinal tantas línguas falantes,
E percebo que elas não vêm do céu das bocas por nada.
Eu queria traduzir os sinais sobre os jovens mortos,
E os sinais sobre velhos e mães, e bebês tirados sem demora de seus colos.

O que achas que foi feito dos jovens e velhos?
E o que achas que foi feito das mulheres e crianças?
Estão vivos e bem em algum lugar,
O menor broto mostra que não há morte realmente,

E se alguma vez houve ela levou à vida, e não espera tomá-la no final,
E cessou assim que a vida veio.
Tudo avança e dilata, nada malogra,
E morrer é diferente do que qualquer um supôs, e mais promissor.

7

Alguém supôs que é sorte nascer?
Depressa informo a ele ou ela que morrer é a mesma coisa, e eu sei.
Transponho a morte com os moribundos e nascimento com a criança recém-lavada, e não estou contido entre meu chapéu e botas,
E perscruto objetos múltiplos, nunca dois iguais e todos bons,

Boa a terra e boas as estrelas, e seus adjuntos todos bons.
Não sou uma terra nem um adjunto de uma terra,
Sou o parceiro e acompanhante de pessoas, todas tão imortais e insondáveis quanto eu mesmo,
(Elas não sabem quão imortais, mas eu sei.)

Toda espécie para si e pelos seus, para mim meu macho e minha fêmea,
Para mim os que foram meninos e que amam as mulheres,
Para mim o homem que é orgulhoso e que sente como o descaso ofende,
Para mim a namorada e a velha donzela, para mim mães e as mães de mães,
Para mim lábios que têm sorrido, olhos que têm vertido lágrimas,
Para mim crianças e os genitores de crianças.

Despe-te! tu não és culpado para mim, nem caduco nem descartado,
Vejo pela casimira e algodão se és ou não,
E estou próximo, tenaz, voraz, incansável,
E não posso ser lançado fora.

8

O pequenino dorme em seu berço,
Ergo a gaze e olho longamente e em silêncio espanto moscas com minha mão.
O garoto e a garota de rosto-corado sobem a colina cerrada,
Vigilante, os avisto do topo.

O suicida se estatela no chão sangrento do quarto,
Observo o cadáver com o cabelo salpicado, noto onde a pistola caiu.
A tagarelice da calçada, rodas de carros, som de solado de botas, papo de pedestres,
O ônibus pesado, o condutor com seu polegar interrogante, o tinido dos cavalos ferrados no chão de granito,
Os trenós, tilintando, piadas gritadas, golpes de bolas de neve,

Vivas para favoritos populares, a fúria de turbas despertadas,
A aba da liteira, dentro um doente carregado ao hospital,
O encontro de inimigos, o juramento repentino, socos e queda,
A multidão excitada, o policial com sua estrela rápido abrindo passagem ao centro da multidão,

As pedras impassíveis que recebem e devolvem tantos ecos,
O que geme com alimento em demasia ou meio-esfomeado
Que cai de insolação ou em espasmos,
Que exclamações de mulheres aflitas que de repente correm para casa e dão à luz bebês,

Que discurso vivo e oculto está sempre vibrando aqui, o que uiva refreado pelo decoro,
Capturas de criminosos, desfeitas, ofertas adúlteras feitas,
Aceitações, rejeições com lábios convexos,
Tudo isso cuido ou a mostra ou ressonância disso - chego e parto.

9

As grandes portas do celeiro ficam abertas e prontas,
A relva seca da colheita enche a carroça lenta,
A luz clara brinca no gris marrom e verde intertingidos,
As braçadas apertam o feno frouxo.

Estou lá, ajudo, vim espichado no topo da carga,
Senti seus suaves trancos, uma perna reclinada na outra,
Pulo das travessas e agarro o trevo e o capim,
E rolo de pernas para o ar e embaraço meu cabelo com farrapos.

10

Sozinho pelas selvas e montanhas caço,
Vagando maravilhado com minha própria leveza e júbilo,
No fim da tarde escolhendo um local seguro para passar a noite,
Acendendo fogo e grelhando a caça ainda fresca,
Adormecendo num leito de folhas com cão e arma ao meu lado.

O veleiro Ianque está sob suas velas, ele corta o corisco e a rajada,
Meus olhos fixam a terra, me dobro à proa ou grito alegremente do convés.
Os barqueiros e marisqueiros levantaram cedo e me esperaram,
Meti a bainha das calças em minhas botas e fui e me diverti bastante;
Devias ter estado com a gente aquele dia ao redor do caldeirão de sopa.

Vi o casamento do caçador ao ar livre no oeste longínquo, a noiva era uma moça vermelha,
O pai dela e os amigos dele sentaram com as pernas cruzadas e fumando emudecidos,
Eles tinham mocassins nos pés e cobertores grossos e grandes sobre os ombros,
Na margem descansava o caçador, vestido de peles, sua barba luxuriante e seus cachos protegiam seu pescoço, segurava a noiva pela mão,
Ela tinha longos cílios, sua cabeça estava nua, sua melenas grossas e lisas desciam sobre seus membros voluptuosos até os pés.

O escravo fugitivo veio à minha casa e ficou do lado de fora,
Ouvi seus volteios estalando os galhos de lenha,
Pela meia-porta aberta da cozinha o vi manco e fraco,

E fui onde ele se sentou numa tora e levei-o para dentro e o apoiei,
E trouxe água e enchi uma tina para seu corpo suado e pés pisados,

E dei-lhe um quarto ao lado do meu, e dei-lhe algumas roupas limpas e grossas,

E lembro perfeitamente bem seus olhos revoltos e sua falta de jeito,

E lembro ter posto emplastros nos arranhões de seu pescoço e tornozelos;

Ele ficou comigo uma semana antes que se recuperasse e passasse ao norte,

Eu o fiz sentar-se ao meu lado à mesa, meu arcabuz encostado no canto.

11

Vinte e oito rapazes se banham perto da praia,
Vinte e oito rapazes e todos tão simpáticos;
Vinte e oito anos de vida feminil e todos tão solitários.

Ela é dona da fina casa na subida da margem,
Ela se esconde vistosa e ricamente trajada atrás da cortina da janela.

Qual dos rapazes que ela gosta mais?
Ah, o mais sem graça deles é lindo para ela.

Aonde vais, senhora? pois te vejo,
Tu te espalhas lá na água, contudo, estás estática em tua sala.

Dançando e rindo pela praia vinha o vigésimo nono banhista,
Os demais não a viram, mas ela os viu e os amou.

As barbas dos rapazes cintilaram de umidade, ela escorria de seus longos cabelos,
Filetes deslizaram por todos os corpos.

Uma invista mão também deslizou sobre seus corpos,
Desceu tremulamente pelas têmporas e costelas.

Os rapazes flutuam de costas, suas barrigas brancas incham para o sol, eles não indagam quem os agarra firme,
Eles não sabem quem ofega e declina num pendente e curvo arco,
Eles não pensam a quem encharcam com esguichos.

12

O jovem açougueiro despe seu traje de abate,
Ou afia sua faca na banca do mercado,
Me demoro desfrutando de sua réplica,
Arrasta-pé[{39}] e forrobodó[{40}].

Ferreiros com peitos sinistros e peludos
Rodeiam a bigorna,
Cada um tem sua marreta, estão todos fora,
Há um grande calor no fogo.

Da soleira entulhada de borralho sigo seus movimentos,
A torção elástica das cinturas equilibra os massivos braços,
Do alto os martelos balançam, do alto devagar, do alto seguros,
Sem pressa, cada homem bate em seu lugar.

13

O negro segura firmemente as rédeas de seus quatro cavalos, o bloco oscila em baixo atado à corrente,
O negro que conduz a longa carreta da pedreira, estável e ereto se apoia imóvel numa perna sobre a longarina,
Sua camisa azul expõe o amplo pescoço e o peito e afrouxa sua cinta,
Seu relance é calmo e dominante, ele ergue o chapéu na testa,
O sol cai sobre seu cabelo crespo e bigode, cai sobre o preto de seus membros polidos e perfeitos.

Vejo o gigante pitoresco e o amo, e não paro aí,
Vou com a equipe também.

Em mim o acariciador de vida onde se mova, tanto atrás quanto à frente girando,
Aos nichos à parte e ao jovem curvando-me, sem perder uma pessoa ou objeto,
Absorvendo tudo para mim e para esta canção.

Bois que chacoalham canga e corrente ou esbarram à sombra folhosa, o que expressais nos olhos?
Isto me parece mais que todo impresso que já li na vida.
Meu passo assusta o pato e a pata na minha perambulação longa e distante,
Eles sobem juntos, lentamente circulam.

Acredito nesses propósitos alados,
E admito vermelho, amarelo, branco brincando dentro de mim,
E considero o verde e o violeta e a coroa com penacho intencionais,
E não digo que o cágado é indigno porque ele não é uma outra coisa,

E o gaio nos bosques nunca estudou escala, no entanto trila muito bem para mim,

E o olhar da égua baia expele a tolice de mim.

14

O ganso selvagem guia seu bando pela noite fresca,
Ele grasna, e soa para mim como um convite,
O atrevido pode supô-lo sem sentido, mas eu, ouvindo perto,
Acho seu propósito e lugar lá em cima no céu invernal.

O casqui-afiado alce do norte, o gato na soleira, o chapim, a marmota,
A ninhada da porca grunhente puxando suas tetas,
Os filhotes da perua e ela com suas asas semiabertas,
Vejo neles e em mim a mesma velha lei.

A pressão de meu pé sobre a terra desperta mil afeições,
Elas desdenham o meu esmero em narrá-las.

Estou encantado com o crescer ao ar livre,
Com homens que vivem entre gado ou provam do oceano ou da selva,
Com construtores e pilotos de navios e machadeiros e malhadores, e condutores de cavalos,
Posso comer e dormir com eles semana após semana.

O que é mais comum, mais barato, mais próximo, mais fácil, sou Eu,
Eu buscando oportunidades, gastando para vastos retornos,
Adornando-me para conceder-me ao primeiro que me tomará**,**
Sem pedir ao céu que baixe à minha boa vontade,

Difundindo-a livremente para sempre.

15

A contralto puro canta na galeria do órgão,
O carpinteiro ajusta sua tábua, a língua de sua plaina assobia seu zumbido selvagem e ascendente,
Os casados e solteiros rumam para casa para a ceia de Ação de Graças,
O piloto agarra o pino mestre, ele carena com braço forte,

O imediato fica apoiado no baleeiro, lança e arpão prontos,
O caçador de patos anda em expansões silenciosas e cautelosas,
Os diáconos são ordenados com mãos cruzadas ao altar,
A fiandeira recua e avança ao zunido da grande roda,

O fazendeiro para nas traves ao andar num passeio de Primeiro Dia[{41}]
E olha a aveia e o centeio,
O lunático é carregado por fim para o asilo, um caso crônico,
(Ele nunca mais dormirá como no catre no quarto da mãe;)

O tipógrafo de ofício[{42}] com cabeça cinzenta e maxilas esquálidas trabalha em sua caixa de tipos,
Ele gira seu bocado de tabaco enquanto seus olhos se turvam com o manuscrito;
Os membros malformados estão atados à mesa do cirurgião,
O que é removido cai horrivelmente num balde;

A quadrarona é vendida no palanque do leilão,
O bêbado balança a cabeça ao lado da estufa do bar,
O maquinista enrola as mangas, o policial percorre sua ronda,
O porteiro marca quem passa, o rapaz conduz o vagão expresso,

(Eu o amo, embora não o conheça;)

O mestiço amarra suas botas leves para competir na corrida,

O tiro ao peru no oeste atrai velhos e jovens, alguns se apoiam nos rifles, alguns sentam nos troncos,
Da multidão caminha o atirador, toma sua posição, aponta sua arma;

Os grupos de imigrantes recém-chegados cobrem o cais e as docas,
Enquanto as carapinhas cultivam o canavial, o feitor os observa de sua sela,
O clarim chama no salão de festas,
Os cavalheiros correm para seus pares, os dançarinos se reverenciam,

O jovem descansa acordado no sótão com teto de cedro e escuta a chuva musical,
O Carcaju{43} põe armadilhas no riacho que ajuda a encher o Huron,
A índia enrolada em seu tecido de bainhas amarelas está vendendo mocassins e bolsas de miçangas,
O perito esquadrinha a galeria de exibição com olhos semi-fechados e o corpo oblíquo,

Conforme os taifeiros amarram o barco a vapor a prancha é lançada para os passageiros descerem à praia,
A irmã jovem segura a meada enquanto a mais velha desenrola o novelo, e para às vezes nos nós,
A esposa, um ano de casada, está se recuperando e feliz tendo uma semana atrás seu primeiro filho,
A moça Yankee de cabelo limpo trabalha com sua máquina de costura ou na fábrica ou no moinho,

O pavimentador se apoia no seu bate-estacas, o grafite do repórter voa veloz no caderno de notas,
O letrista pinta com azul e dourado, o rapaz do canal trota pela trilha de sirga,
O contador conta em sua escrivaninha, o sapateiro encera seu cadarço,
O regente marca o andamento para a banda e todos os músicos o seguem,

A criança é batizada, o convertido está fazendo suas primeiras profissões de fé,
A regata se espalha na baía, a corrida começou, (como faíscam as velas brancas!)
O boiadeiro guardando sua boiada aboia àqueles que se desgarram,
O mascate transpira com o pacote nas costas, (o comprador pechincha por um centavo;)

A noiva desamarrota seu vestido branco, o ponteiro dos minutos se move devagar,
O viciado em ópio se reclina com cabeça rígida e lábios recém-abertos,
A prostituta enlameia seu chale, sua touca treme em seu pescoço espinhento e bêbado,
A multidão ri dos seus vis juramentos, os homens zombam e piscam uns pros outros,

(Miserável! Não rio de teus juramentos nem zombo de ti;)

O Presidente liderando um conselho de gabinete é rodeado pelos grandes Secretários,
Na praça andam três matronas majestosas e simpáticas com os braços cingidos,
A tripulação da sumaca amontoa camadas repetidas de linguado gigante no recipiente,
O missouriano cruza as planícies levando artigos e gado,

Conforme o cobrador anda pelo trem ele se anuncia pelo tilintar do troco solto,
Os ladrilheiros assentam o soalho, os latoeiros estão fazendo o teto, os pedreiros estão pedindo argamassa,
Em fila indiana cada um arcando seu cocho passam os trabalhadores;
Estações se alternando a indescritível multidão é reunida, é o quatro do Sétimo mês[{44}], (que saudações de canhões e armas de fogo!)

Estações se alternando o lavrador lavra, o ceifador ceifa, e a semente invernal cai na terra;

Nos lagos o piqueiro vigia e espera junto ao buraco na superfície congelada,
Os cepos formam pilhas ao redor da clareira, o usucapiente golpeia fundo com seu machado,
Chalaneiros se apressam rumo ao poente junto aos choupos ou nogueiras,

Capitães do mato[45] atravessam as regiões do Rio Vermelho ou aquelas banhadas pelo Tennessee, ou aquelas do Arkansas,
Tochas luzem no escuro que pende sobre Chattahooche ou Altamahaw[46],
Patriarcas sentam-se à ceia com filhos e netos e bisnetos em volta,
Em muros de adobe, em tendas de lona, repousam caçadores de animais e peles após o esforço do dia,

Dorme a cidade e dorme o campo,
Os vivos dormem por sua vez, os mortos dormem por sua vez,
Dorme o velho marido junto à esposa e dorme o jovem marido junto à esposa;

E estes tendem interiormente para mim, e eu tendo exteriormente para eles,
E tal como é para ser desses mais ou menos sou,
E desses todos teço a canção de mim.

16

Sou dos velhos e jovens, dos tolos tanto quanto dos sábios,
Desatento com os demais, sempre atento aos demais,
Maternal não menos que paternal, uma criança assim como um homem,
Recheado com o recheio que é tosco e recheado com o recheio que é fino,

Alguém da Nação de muitas nações, igual ao menor e igual ao maior,
Um Sulista logo um Nortista, um plantador desinteressado e hospitaleiro à margem do Oconee moro,
Um Yankee a meu modo pronto para o comércio, minhas juntas as mais maleáveis da terra e as mais rígidas da terra,
Um kentuckiano andando no vale de Elkhorn vestido de couro de cervo, perneiras, um louisianiano ou georgiano,

Um barqueiro sobre lagos ou baías ou costas, um habitante de Indiana, Wisconsin, Ohio,
À vontade com raquetas Kanadianas{47}. ou no mato, ou com pescadores em Terra-Nova,
À vontade na frota de navios quebra-gelo, velejando com o resto e bordejando,
À vontade nas colinas de Vermount ou nos bosques do Maine, ou rancho do Texas,

Camarada de Californianos, camarada de Noroestinos livres, (amando suas grandes proporções,)
Camarada de jangadeiros e carvoeiros, camarada de todos que apertam mãos e oferecem bebida e comida,
Um aprendiz com os mais simples, um professor dos mais pensativos**,**
Noviço iniciando no entanto experiente de miríades de estações,

De todo tom e casta sou, de todo renque e religião,
Fazendeiro, mecânico, artista, cavalheiro, marinheiro, quacre,
Prisioneiro, gigolô, brigão, advogado, médico, padre.

Resisto a qualquer coisa mais que minha própria diversidade,
Respiro o ar mas deixo bastante atrás de mim,
E não sou convencido, e estou no meu lugar.

(A mariposa e os ovos de peixe estão em seu lugar,
Os sóis brilhantes que vejo e os sóis escuros que não vejo estão em seu lugar,
O palpável está em seu lugar e o impalpável está em seu lugar.)

17

Esses são realmente os pensamentos de todos os homens em todos os tempos e terras, não são originais comigo,

Se não são seus tanto quanto meus eles são nada, ou quase nada,
Se não são a charada e a solução da charada eles são nada,
Se não estão perto tanto quanto distantes são nada,

Esta é a relva que cresce onde houver terra e houver água,
Este o ar comum que banha o globo.

18

Com forte música venho, com minhas cornetas e meus tambores,
Não toco marchas apenas pra vencedores aceitos,
Toco marchas para vencidos e assassinados.
Ouviste que era bom ganhar o dia?

Também digo que é bom tombar,
Batalhas são perdidas com o mesmo espírito com que são ganhas.
Toco e retumbo pelos mortos,
Sopro meus bocais o mais alto e alegre pra eles.

Vivas àqueles que falharam!

E àqueles cujos vasos de guerra afundaram no mar!
E àqueles que afundaram no mar!
E a todos os generais que perderam combates, e todos os heróis superados!
E os inúmeros heróis desconhecidos iguais aos maiores heróis conhecidos!

19

Esta é a refeição posta uniformemente, esta a carne para a fome natural,
É para o iníquo tanto quanto o correto, tenho compromisso com todos,
Não terei uma só pessoa insultada ou relegada, A manteúda, o filador, ladrão, são pela presente convidados;
O escravo de grosso lábio é convidado, o doente venéreo é convidado;

Não haverá diferença entre eles e os demais.

Este o premer de uma tímida mão, este o esvoaçar e o cheiro de cabelo,
Este o toque dos meus lábios nos teus, este o murmúrio de ânsia,
Esta a profundidade distante e a altura refletindo meu próprio rosto,
Esta a refletida fusão de mim mesmo, e a saída de novo.

Supões que tenho algum propósito intricado?
Bem, tenho, pois o aguaceiro de Abril tem, e a mica no lado da rocha tem.

Crês que eu espantaria?
A luz do dia espanta? e o rabo-ruivo matinal chilreando pelos bosques?
Eu espanto mais que eles?

Nesta hora conto coisas em confiança,
Talvez não conte a todos, mas te contarei.

20

Quem vem lá? desejoso, grosso, místico, nu;
Como é que extraio força da carne que como?
De qualquer forma, o que é um homem? o que sou eu? o que és tu?

Tudo que marco como meu tu compensarás com o teu próprio,
No mais, seria tempo perdido me ouvir.
Não me queixo do que se queixa o mundo todo,
Que os meses são vácuos e o chão lama e sujeira apenas.

Choroso e servil invólucro de remédio em pó para inválidos, o conformismo chega ao que é removido,
Uso meu chapéu como gosto em casa ou na rua.
Por que eu devia rezar? por que eu devia venerar e ser cerimonioso?

Tendo espreitado os estratos, analisado perfeitamente, aconselhado com doutores e calculado com acuidade,
Não encontro gordura mais doce do que a que se gruda aos meus ossos.
Em todo mundo me vejo, nem mais e nem um grão de cevada menos,
E o bem ou mal que digo de mim digo deles.

Sei que sou sólido e saudável,
Para mim os objetos convergentes do universo perpetuamente fluem,
Todos são escritos para mim, e devo entender o que esta escrita exprime.

Sei que sou imortal,
Sei que esta minha órbita não pode ser varrida pelo compasso de um carpinteiro,
Sei que não passarei como um arabesco{48}. de criança rabiscado a carvão{49}. à noite.
Sei que sou augusto,

Não aborreço meu espírito para vindicar-se ou ser entendido,
Vejo que as leis elementares nunca se desculpam,
(Calculo que não me comporto com mais orgulho do que o nível das fundações da minha casa afinal.)

Existo como sou, é o bastante,
Se nenhum outro no mundo está ciente me sento contente,
E se todos estão cientes me sento contente.

Um mundo está ciente e é de longe o maior pra mim, e esse sou eu mesmo,
E se me aproprio do que é meu hoje ou em dez mil ou dez milhões de anos,
Posso animadamente suportá-lo agora, ou com igual animação esperar.

Meu pedestal está respigado e encaixado em granito,
Rio do que chamas dissolução,
E conheço a amplitude do tempo.

21

Sou o poeta do Corpo e sou o poeta da Alma,
Os prazeres do céu estão comigo e as dores do inferno estão comigo,
Aquele transplanto e acrescento a mim mesmo, este traduzo em uma nova língua.

Sou o poeta da mulher assim como do homem,
E digo que é tão bom ser uma mulher como ser um homem,
E digo que não há nada maior do que a mãe de homens.

Canto o cântico de expansão ou orgulho,
Tivemos esquiva e censura o bastante,
Mostro que tamanho é somente desenvolvimento.

Tens excedido os demais? és o Presidente?
Isso é ninharia, cada um deles vai mais que chegar lá, e passar adiante.

Sou aquele que anda com a noite terna e crescente,
Chamo pela terra e pelo mar meio contido pela noite.

Pressiona rente noite de peito aberto - pressiona rente noite magnética e nutritiva!
Noite dos ventos sul - noite das grandes estrelas raras!
Serena noite pendente - noite de estio nua demente.

Sorri Oh terra voluptuosa de hálito fresco!
Terra das líquidas e sonolentas árvores!
Terra do poente extinto - terra das montanhas enevoadas!
Terra do vítreo verter da lua cheia recém tingida de azul!
Terra de brilho e treva manchando o curso do rio!
Terra do gris límpido de nuvens mais brilhantes e mais claras por minha causa!
Remota-mergulhante pressionada terra - rica florida terra!

Sorri, pois teu amante vem vindo.

Pródiga, me deste amor - por isso a ti dou amor!
Oh, inexprimível e apaixonado amor.

22

Tu mar! me submeto a ti também - entendo teu sentido,
Contemplo da praia teus curvos dedos convidativos,
Creio que te recusas a recuar sem me sentir,
Devíamos sair juntos, me dispo, corro pra longe dos olhos da terra,
Recebe-me suavemente, me embala em ondulante modorra,
Borrifa-me com tua umidade amorosa, posso te recompensar.

Mar de alongadas ondulações,
Mar haurindo vastos e convulsos haustos,
Mar da salmoura da vida e de inexcavados mas sempre-prontos sepulcros,
Uivador e escultor de tempestades, caprichoso e delicado mar,
Sou integral contigo, também sou de uma fase e de todas as fases.

Eu, partilhador de influxo e efluxo, louvador de ódio e conciliação,
Louvador de amigas e daqueles que dormem com braços entrelaçados.

Sou aquele que atesta empatia,
(Devo fazer minha lista de coisas da casa e omitir a casa que as sustenta?)
Não sou o poeta da bondade apenas, não declino de ser o poeta da maldade também.

Que desvelação é essa sobre virtude e vício?
O mal me impele e a reforma do mal me impele, aguento indiferente,
Meu andar não é de descobridor de defeitos ou de rejeitador,
Umedeço as raízes de tudo que tem crescido.

Temeste alguma escrófula na infatigável gravidez?
Pensaste que as leis celestiais estão ainda pra ser trabalhadas e retificadas?

Acho num lado um equilíbrio e no lado antípoda um equilíbrio,
Doutrina suave como ajuda constante tal qual doutrina estável,

Pensamentos e ações do presente nosso despertar e precoce principiar.

Este minuto que vem a mim sobre os decilhões passados,
Não há nada melhor que ele e agora.

O que agiu bem no passado ou age bem hoje não é esse assombro**,**
O assombro é sempre e sempre como pode haver um homem vil ou um infiel.

23

Desdobrar sem fim de palavras de épocas!
E minha uma palavra moderna, a palavra Em Massa.

Uma palavra da fé que nunca frustra,
Aqui ou doravante é tudo o mesmo para mim, aceito o Tempo absolutamente.

Só ele é sem furo, só ele rodeia e completa tudo,
Só essa mística e desconcertante maravilha completa tudo.

Aceito a Realidade e não ouso questioná-la,
Materialismo impregnando em conjunto.

Viva a ciência positiva! vida longa à demonstração exata!

Traga folha-da-fortuna mesclada com cedro e ramos de lilás,
Este é o lexicógrafo, este o químico, este fez uma gramática das velhas cártulas**,**
Estes marinheiros guiaram o navio por mares desconhecidos e perigosos,
Este é o geólogo, este trabalha com o escalpelo, e este é um matemático.

Senhores, a vós as primeiras honras sempre!
Vossos fatos são úteis, contudo eles não são minha morada,
Mal entro por eles numa área de minha morada.

Menos as lembranças de propriedades narraram minhas palavras,
E mais as lembranças da vida inarrada, e de liberdade e extricação,
E fazei pouco caso de neutros e capões, e favorecei homens e mulheres completamente equipados,

E batei o gongo da revolta, e parai com fugitivos e aqueles que tramam e conspiram.

24

Walt Whitman, um kosmos[{50}], de Manhattan o filho,
Turbulento, carnudo, sensual, refestelando, farreando, procriando,
Não sentimental, não superior a homens e mulheres ou à parte deles,
Não mais modesto que imodesto.

Soltai as fechaduras das portas!
Soltai as próprias portas de seus umbrais!

Quem degrada a outro degrada-me,
E o que for feito ou dito retorna por fim para mim.

A inspiração me atravessa se agitando cada vez mais, por mim passam o fluxo e o índice.
Eu digo a senha primeva, dou o sinal da democracia,
Por Deus!
Nada aceitarei que todos não tenham a contraparte nos mesmos termos.

Através de mim muitas vozes longamente mudas,
Vozes das gerações intermináveis de prisioneiros e escravos,
Vozes dos doentes e desesperados e de ladrões e anões,
Vozes de ciclos de preparação e acreção,

E dos fios que conectam as estrelas, e de ventres e da matéria paterna,
E dos direitos daqueles que estão por baixo,
Dos deformados, triviais, molengas, tolos, desprezados,
Névoa no ar, besouros rolam bolas de bosta.

Através de mim vozes proibidas,
Vozes de sexos e luxúrias, vozes veladas e removo o véu,
Vozes indecentes por mim clareadas e transfiguradas.
Não pressiono meus dedos sobre minha boca,

Mantenho-me delicado tanto nos intestinos quanto na cabeça e coração,
A cópula não é mais profusa[{51}] para mim do que a morte.

Acredito na carne e nos apetites,
Visão, audição, sensação, são milagres, e cada parte e pedaço de mim é um milagre.

Divino sou por dentro e por fora, e torno sagrado
O que quer que toque ou que me toque,
O cheiro destas axilas aroma mais fino que prece,
Esta cabeça mais que igrejas, bíblias, e todos os credos.

Se venero uma coisa mais que outra será a expansão de meu próprio corpo, ou qualquer parte dele,

Translúcido molde de mim serás tu!
Sombreadas saliências e sobras sereis vós!
Firme bico de arado masculino serás tu!
O que for para o cultivo de mim serás tu!

Tu meu rico sangue! tua corrente leitosa, pálidos desnudamentos de minha vida!
Peito que pressiona contra outros peitos serás tu!
Meu cérebro, ele será tuas ocultas convoluções!
Raiz de cálamo lavado! temerosa narceja! ninho de ovos duplos guardados! sereis vós!

Dança confusa e disputada de cabeça, barba, músculos, serás tu!
Seiva vertente de bordo, fibra de trigo másculo, sereis vós!
Sol tão generoso serás tu!
Vapores clareando ou sombreando meu rosto sereis vós!

Vós riachos e orvalhos suados sereis vós!
Ventos cujos leve-roçantes genitais me esfregam sereis vós!

Vastos campos musculares, ramos de carvalho vivo, amoroso vadio em minhas tortuosas trilhas, sereis vós!
Mãos que tomei, rosto que beijei, mortal que já toquei, sereis vós!

Sou louco por mim mesmo, há esta porção de mim e tão voluptuosa,
Cada momento e o que aconteça me agita de alegria,
Não posso dizer como meus tornozelos dobram, nem de onde vem a causa de meu desejo mais tênue,
Nem a causa da amizade que emito, nem a causa da amizade que retomo.

Que eu suba meus degraus, pauso para considerar se realmente é assim,
Uma ipomeia à minha janela me satisfaz mais que a metafísica dos livros.

Contemplar a aurora!
A frágil luz desfaz as imensas e diáfanas sombras,
O ar tem gosto bom ao paladar.

Massas do mundo móvel em inocentes cabriolas subindo silentes e imprudentemente exsudando,
Correndo obliquamente em toda parte.

Algo que não vejo espeta pontas libidinosas,
Mares de suco brilhante inundam o céu.

A terra esperada pelo céu, o ocaso diário de sua junção,
O desafio crescente do leste naquele momento sobre minha cabeça,
O escárnio zombeteiro,
Vê então se serás mestre!

25

Deslumbrante e tremenda rápido a alvorada me mataria,
Se eu não pudesse agora e sempre produzir alvoradas.

Também ascendemos deslumbrantes e tremendos como o sol,
Achamos o nosso próprio Oh minha alma na calma e frescor da aurora.

Minha voz busca o que meus olhos não alcançam,
Com o giro de minha língua cinjo mundos e volumes de mundos.

A fala é gêmea de minha visão, ela é inconstante no medir-se,
Ela me provoca sempre, diz sarcasticamente,

Walt tu conténs o bastante, por que não deixas sair então?

Vem agora não serei atormentado, tu formulas demais a articulação,
Não sabes Oh fala como os botões sob ti são dobrados?

Aguardando na penumbra, protegidos pela geada,
O refugo recuando ante meus silvos proféticos,
Eu fundamentando causas para ponderá-las por fim,
Meu conhecimento minhas partes vivas, correspondendo ao sentido de todas as coisas,
Felicidade, (que quem me ouça ponha-se à procura do hoje.)

Meu mérito final te recuso, recuso a expulsar de mim o que realmente sou,
Cinge mundos, mas nunca tentes cingir-me,
Comprimo teu lustro e teu máximo só com meu olhar.

Escrita e conversa não me revelam,
Carrego a completude da prova e tudo mais em meu rosto,
Com o calar de meus lábios confundo o céptico por completo.

26

Agora nada farei senão ouvir,
Para acrescer o que ouço a esta canção, deixar que sons contribuam com ela.

Ouço bravuras[{52}] de pássaros, bulha de trigo brotando, fuxico de chamas, crepitar de gravetos cozendo minhas refeições,
Ouço o som que amo, o som da voz humana,
Ouço todos os sons correndo juntos, combinados, fundidos ou prosseguindo,
Sons da cidade e de fora da cidade, sons do dia e da noite,

Jovens falantes àqueles que gostam deles, o riso ruidoso de operários às refeições,
A origem raivosa da amizade dividida, os tênues tons dos doentes,

O juiz com mãos tesas na mesa, seus lábios pálidos pronunciando uma sentença de morte,
O arquejar dos estivadores descarregando navios no cais, o refrão dos puxadores de âncoras,
O soar de alarmes, o grito de fogo, o zumbir de motores velozes e carroças d'água com tinidos premonitórios e luzes coloridas,
O apito a vapor, o sólido rolar do comboio de vagões se aproximando, A lenta marcha tocada à frente do grupo marchando dois a dois,

(Eles vão fazer a vigília de algum cadáver, os guiões estão drapejados com musselina preta.)

Ouço o violoncelo, (é a queixa do coração do jovem,)
Ouço a corneta afinada, ela desliza veloz pelos meus ouvidos,
Ela provoca doce-doidas pontadas no meu abdome e peito.

Ouço o coro, é uma ópera dramática,
Ah isto de fato é música - isto condiz comigo.

Um tenor grandioso e recente como a criação me preenche,
A esférica flexão de sua boca extravasa e me preenche plenamente.

Ouço a soprano preparada (que é este trabalho junto ao dela?)
A orquestra me lança mais longe que o voo de Urano,
Ela arranca uns ardores de mim que eu não sabia que possuía,
Ela me singra, agito os pés descalços, eles são lambidos pelas ondas indolentes,

Sou cortado por amargo e raivoso granizo, perco o fôlego,
Imersa em melosa morfina, minha traqueia sufocou nas voltas{53} da morte,
Por fim afrouxou de novo para sentir o enigma dos enigmas,
E a isso chamamos Ser.

27

Estar em alguma forma, o que é isso?
(Em círculos andamos, todos, e sempre voltamos para cá,)
Se nada jazeu mais desenvolvido, a amêijoa{54} em sua calosa concha seria o bastante.

Minha concha não é calosa,
Tenho condutores instantâneos em mim quer eu passe ou pare,
Eles agarram todo objeto e o conduzem sem dano através de mim.

Eu meramente mexo, pressiono, sinto com meus dedos, e sou feliz,
Tocar minha pessoa na pessoa de alguém
É aproximadamente o quanto posso suportar.

28

É isto então um toque? estremecendo-me a uma nova identidade,
Chamas e éter buscando minhas veias,
Minha traiçoeira extremidade se estendendo e pressionando para ajudá-los,
Meu corpo chispando raios para atingir o que é mal diferente de mim,

Por todo lado prurientes provocadores entesando meus membros,
Retesando o úbere de meu coração por sua retida gota,
Agindo licenciosos comigo, não aceitando negativa,
Privando-me do meu máximo com um propósito,

Desabotoando minhas roupas, me segurando pela cintura nua,
Deludindo minha confusão com a calma da luz do sol e das pastagens,
Imodestamente fazendo o juízo escorregar,

Eles subornaram para trocar por toques e roçar nos flancos de mim,
Sem consideração, sem estima por minha força exaurida ou minha raiva,
Trazendo o resto do rebanho para deleitá-los um pouco,
Então todos se unindo para subir num promontório e me amolar.

As sentinelas desertam partes alternadas de mim,
Eles largaram-me indefeso a um pilhador vermelho,
Todos vêm ao promontório testemunhar e agir contra mim.

Sou abandonado por traidores,
Falo iradamente, perdi meu juízo, eu e ninguém mais sou o maior traidor,
Fui eu primeiro ao promontório, minhas próprias mãos carregaram-me até lá.

Tu toque vilão! que estás fazendo? meu fôlego está teso na garganta,

Destrava as comportas, tu és demais para mim.

29

Cego amoroso e combativo toque, forrado encapuzado dentado e pontiagudo toque!
Te fez sofrer, me deixar?

Partida rastreada pela chegada, pagamento perpétuo do perpétuo empréstimo,
Rico aguaceiro, e recompensa mais rica depois.

Brotos tomam e acumulam, se apoiam no meio-fio prolífico e vital,
Paisagens projetadas masculinas, de tamanho natural e douradas.

30

Todas as verdades aguardam em todas as coisas,
Elas não apressam seu próprio parto nem o impedem,
Elas não precisam do fórceps obstétrico do cirurgião,
O insignificante é tão grande quanto qualquer outro,

(O que é menos ou mais que um toque?)

Lógica e sermões nunca convencem,
O sereno da noite penetra mais fundo em minha alma.

(Só o que se prova a todo homem e mulher é,
Só o que ninguém nega é.)

Um minuto e uma gota de mim sossegam meu cérebro,
Creio que o barro se tornará amantes e lâmpadas,

E um compêndio de compêndios é a carne de um homem ou mulher,
E um topo e uma flor há o sentimento que eles têm um pelo outro,
E eles devem enramar irrestritamente dessa lição até que ela se torne oniparente[{55}],
E até que todos nos deleitem, e nós a eles.

31

Creio que uma folha de relva não é menos que a jornada das estrelas,

E a formiga é igualmente perfeita, e um grão de areia, e o ovo da garrincha,
E a perereca é uma obra-prima para os do topo,
E a amora-preta trepadora adornaria os salões do céu,
E a mais estreita junta em minha mão escarnece de toda maquinaria,
E a vaca pastando de cabeça baixa excede qualquer estátua,
E um camundongo é milagre bastante para abalar sextilhões de infiéis.

Noto que incorporo gnaisse, carvão, musgo sinuoso, frutas, grãos, raízes esculentas,
E estou todo estucado com quadrúpedes e pássaros,
E me distanciei do que está atrás de mim por boas razões,
Mas chamo qualquer coisa de volta quando a desejo.

Em vão a aceleração ou o acanhamento,
Em vão as rochas plutônicas enviam seu velho calor contra minha abordagem,
Em vão o mastodonte recua sob sua própria carcaça esfarelada,
Em vão objetos ficam a léguas de distância e assumem formas múltiplas,
Em vão o oceano se ajeita em vãos e os grandes monstros se ocultam,
Em vão o gavião se protege com o céu,
Em vão as serpentes serpeiam pelas trepadeiras e toras,
Em vão o alce se embrenha nas passagens interiores do bosque,
Em vão a alca de bico navalhado navega norte rumo a Labrador,

Eu sigo rápido, ascendo ao ninho na fenda do penhasco.

32

Acho que eu podia ir viver com os animais, eles são tão plácidos e reservados,
Eu esbarro e os observo longamente.

Eles não suam nem se queixam de sua condição,
Não ficam acordados nas trevas nem lamentam seus pecados,
Não me enjoam discutindo seu dever com Deus,
Nem um está insatisfeito, nem um está demente com a mania de possuir coisas,
Nem um se ajoelha ao outro, nem à espécie que viveu milhares de anos atrás,
Nem um é respeitável ou infeliz sobre toda a terra.

Então eles mostram suas relações comigo e eu as aceito,
Eles me trazem sinais de mim mesmo,
Eles os evidenciam francamente em sua posse.

Me pergunto onde conseguem esses sinais,
Passei por lá há longas eras e negligentemente os larguei?
Eu movendo-me adiante então e agora e sempre,
Cerzindo e mostrando mais sempre e com velocidade,
Infinito e onigênico{56}, e o semelhante destes entre eles,
Não exclusivo demais com os buscadores de minhas lembranças,
Escolhendo aqui um que amo, e agora sair com ele numa relação fraterna.

Uma gigantesca beleza de um garanhão, novo e receptivo às minhas carícias,
Cabeça alta na testa, larga entre as orelhas,
Membros lustrosos e ágeis, cauda espanando o chão,
Olhos cheios de faiscante maldade, orelhas finamente cortadas, movendo-se flexivelmente.

Suas narinas se dilatam quando meus calcanhares o abraçam,
Seus membros bem-trabalhados tremem de prazer ao correrm os e retornarmos.

Só te uso um minuto, então renuncio-te, garanhão,
Por que preciso de tua andadura quando eu mesmo galopo melhor?
Mesmo quando paro ou sento estou passando mais rápido que tu.

33

Espaço e Tempo! agora vejo que é verdade, o que estimei,
O que estimei quando vagueei na relva,
O que estimei enquanto jazia sozinho em minha cama,
E de novo ao andar na praia sob as palentes estrelas da manhã.

Meus laços e lastros se soltam, meus cotovelos repousam em fendas marinhas,
Contorno serras, minhas palmas cobrem continentes,
Estou em marcha com minha visão.

Pelas casas quadrangulares da cidade - em cabanas de madeira, acampando com lenhadores,
Pelos sulcos da estrada, pela seca ravina e leito do regato,
Capinando meu canteiro de cebola ou cultivando fileiras de cenouras e pastinagas, cruzando savanas, trilhando florestas,
Prospectando, cavando ouro, cercando as árvores de uma nova aquisição,
Crestado até as canelas pela areia quente, rebocando meu barco pelo rio raso,

Onde a pantera anda de um lado para o outro num galho acima, onde o gamo vira furioso contra o caçador,
Onde a cascavel aquece sua flácida longura sobre a rocha, onde a lontra se alimenta de peixe,
Onde o crocodilo em suas rugosas borbulhas dorme no igarapé,
Onde o urso preto procura raízes ou mel, onde o castor sova a lama com sua cauda de pá;

Sobre a cana crescente, sobre o algodoeiro de flores amarelas, sobre o arroz em seu campo baixo e úmido,
Sobre a casa de fazenda de telhado abrupto, com seus sedimentos das chuvas e tênues brotos nas calhas,

Sobre o caquizeiro do oeste, sobre o milho longo-folhado, sobre o delicado linho de flor azul,

Sobre o trigo-mouro branco e marrom, um colibri e uma cigarra com o resto,

Sobre o verde crepuscular do centeio ao encrespar e sombrear à brisa;

Escalando montanhas, me erguendo com cautela, me agarrando em baixos galhos esguios,

Seguindo a trilha batida na grama e a picada entre as folhas da macega,

Onde a codorna assobia entre o bosque e o trigal,

Onde o morcego voa na véspera de Julho, onde o grande escaravelho dourado desaba pelas trevas,

Onde o riacho aparece nas raízes das velhas árvores e escorre para o prado,

Onde o gado esbarra e espanta moscas com o trêmulo estremecer de seus couros,

Onde a talagarça pende na cozinha, onde os trasfogueiros se estendem pela laje da lareira, onde teias de aranha desabam em bordados dos caibros;

Onde martinetes de forja malham, onde a prensa está girando seus cilindros,

Onde o coração humano bate com terríveis pontadas sob as costelas,

Onde o balão em forma de pêra flutua suspenso, (eu flutuando nele e olhando sereno para baixo,)

Onde o barco salva-vidas é puxado em nó corredio, onde o calor choca ovos verde-pálidos na areia vincada,

Onde a baleia nada com seu filhote e nunca o desampara,

Onde o navio a vapor arrasta atrás seu longo pendão de fumaça,

Onde a nadadeira do tubarão corta como uma negra lasca a água,

Onde o brigue meio-incendiado navega correntes desconhecidas,

Onde conchas aderem a seu convés lodoso, onde os mortos estão se decompondo abaixo;

Onde a bandeira densa-estrelada é levada à frente dos regimentos,

Abordando Manhattan pela ilha comprida,

Sob Niágara, a catarata caindo como um véu sobre meu semblante,
Sobre um degrau da porta, sobre o banquinho de madeira dura fora,
Sobre o prado, ou desfrutando de piqueniques ou danças de jiga ou um bom jogo de beisebol,

Em festivais masculinos, com chacotas vulgares, licença irônica, dança-do-búfalo[57], bebida, riso,
Em um moinho de cidra degustando os doces da massa marrom, chupando o suco com um canudo,
Em descascamento de maçãs querendo beijos por toda fruta vermelha que encontro,
Em ajuntamentos, festas de praia, mutirões amistosos, descascas de milho, vigamentos de casas;

Onde o tordo entoa seus deliciosos gorgolejos, cacarejos, gritos, prantos,
Onde o monte de feno fica no terreiro, onde os talos secos são jogados, onde a vaca reprodutora espera no telheiro,
Onde o touro avança para fazer seu trabalho masculino, onde o garanhão vai à égua, onde o galo macheia a galinha,
Onde as bezerras pastam, onde gansos pegam sua comida com bicadas curtas,
Onde as sombras do poente se alongam sobre a ilimitada e solitária pradaria,
Onde manadas de búfalos se esparramam sobre as milhas quadradas longe e perto,
Onde o colibri brilha, onde o pescoço do cisne velho está se curvando e enrolando,
Onde a gaivota risonha dispara pela praia, onde ela ri seu riso quase humano,
Onde colmeias se enfileiram em um banco cinzento no jardim meio-ocultas pela erva alta,
Onde perdizes pescoci-listradas pousam em círculos no chão com suas cabeças expostas,
Onde coches de enterro adentram os portões arqueados de um cemitério,

Onde lobos de inverno ladram entre restos de neve e árvores sinceladas,
Onde a garça de coroa amarela vem para a beira do brejo à noite e se alimenta de pequenos caranguejos,
Onde o mergulho de nadadores e mergulhadores refresca o meio-dia quente,
Onde o gafanhoto trabalha sua cromática estridência na nogueira sobre o poço,

Por canteiros de cidras e pepinos com folhas prate-raiadas,
Pelo cocho de sal ou clareira alaranjada, ou sob abetos cônicos,
Pelo ginásio, pelo salão cortinado, pelo escritório ou saguão público;

Contente com o nativo e contente com o estrangeiro, contente com o novo e o velho,
Contente com a mulher sem graça assim como com a bonita,
Contente com a quacre ao vê-la tirar o chapéu e falar melodiosamente,
Contente com a afinação do coro da igreja caiada,
Contente com as palavras austeras do transpirante pastor
Metodista, impressionado seriamente na reunião de fiéis;

Olhando as vitrines da Broadway toda a manhã, achatando a pele do meu nariz no grosso vidro laminado,
Vagueando a mesma tarde com meu rosto virado para as nuvens, ou descendo uma pista ou pela praia,
Meus braços direito e esquerdo abraçando dois amigos, e eu no meio;

Vindo para casa com o silente sertanejo de rosto trigueiro, (atrás de mim ele cavalga ao cair da tarde,)
Longe dos assentamentos estudando a pegada de animais, ou a pegada de mocassim,
Junto à maca do hospital alcançando limonada a um paciente febril,

Próximo ao cadáver no caixão quando tudo está imóvel, examinando com uma vela;

Viajando a todo porto para pechinchar e arriscar,
Me apressando com a multidão moderna tão ávido e volúvel quanto qualquer um,
Furioso com quem odeio, disposto em minha demência a esfaqueá-lo,
Solitário à meia-noite em meu quintal, meus pensamentos perdidos de mim há longo tempo,
Percorrendo as velhas colinas da Judéia com o belo e meigo Deus ao meu lado,

Acelerando pelo espaço, acelerando pelo céu e pelas estrelas,
Acelerando entre os sete satélites e o amplo anel, e o diâmetro de oitenta mil milhas,
Acelerando com meteoros de cauda, arremessando bolas-de-fogo como os demais,

Carregando a criança crescente que carrega sua própria mãe plena em seu ventre,
Tempestuando, desfrutando, planejando, amando, acautelando,
Sustentando e suprindo, aparecendo e desaparecendo,
Trilho dia e noite tais estradas.

Visito os pomares de esferas e olho o produto,
E olho os quintilhões maduros e olho os quintilhões verdes.

Alço os voos de uma alma fluida e tragadora,
Meu curso corre abaixo das sondagens de prumos.

Sirvo-me de material e imaterial,
Nenhum guarda me barra, nenhuma lei me priva.

Ancoro meu navio por um instante apenas,
Meus mensageiros continuamente partem ou me dão retornos.

Vou caçar peles polares e focas, pulando fendas com um cajado de ponta, pegando agarrando-me em saliências de neve frágeis e azuis.

Ascendo ao velacho,
Tomo meu lugar tarde da noite no cesto da gávea,
Navegamos o mar ártico, ele é pleno de luz,
Pela clara atmosfera me estendo na beleza maravilhosa,

As enormes massas de gelo passam por mim e eu passo por elas, o cenário é plano em todas as direções,

As montanhas de cume branco se mostram na distância, arremesso minhas fantasias a elas,

Estamos nos acercando de algum grande campo de batalha no qual logo devemos nos engajar,

Passamos os colossais postos avançados do acampamento, passamos com pés silentes e cautela,

Ou estamos entrando pelos subúrbios alguma cidade vasta e arruinada,

Os quarteirões e a arquitetura decaída mais que todas as cidades vivas do globo.

Sou um companheiro livre, acampo perto de invasoras fogueiras de sentinelas,

Expulso o noivo da cama e eu mesmo fico com a noiva,
Aperto-a toda a noite em minhas coxas e lábios.

Minha voz é a voz da esposa, o estridor no corrimão das escadas,

Eles trazem o corpo do meu homem pingando e afogado.

Entendo os grandes corações dos heróis,
A coragem do tempo presente e de todos os tempos,

Como o capitão viu o naufrágio lotado e desgovernado do navio a vapor, e a Morte o acossando pela tempestade,

Como ele segurou com afinco e não arredou uma polegada, e foi fiel dia e noite,

E rabiscou em grandes letras numa tábua, *Coragem, não vos desertaremos*;

Como seguiu e bordejou com eles três dias e sem desistir,

Como ele salvou a vagante tripulação por fim,

Como estavam as mulheres magras com vestidos frouxos quando resgatadas ao lado de seus túmulos preparados,

Os silentes rosti-envelhecidos infantes e os doentes revigorados, e os lábi-afiados e barbudos homens;

Tudo isso eu engulo, tem gosto bom, gosto muito, se torna meu,

Eu sou o homem, eu sofri, eu estava lá.

O desdém e a calma dos mártires,

A mãe de outrora, condenada por bruxa, queimada com madeira seca, seus filhos fitando,

O escravo acossado que vacila na corrida, se encosta na cerca, soprando, coberto de suor,

As fisgadas que picam como agulhas as pernas e o pescoço, o chumbo grosso assassino e as balas,

Tudo isso eu sinto ou sou.

Sou o escravo acossado, recuo à dentada dos cães,

Inferno e desespero estão sobre mim, estalam e de novo estalam os atiradores,

Agarro as grades da cerca, meu sangue goteja, dissolvido pelo exsudar de minha pele,

Caio nas ervas e pedras,

Os cavaleiros esporeiam seus relutantes cavalos, fazem carga,

Espicaçam meus ouvidos tontos e me batem violentamente na cabeça com cabos de chicote.

Agonias são uma de minhas mudas de roupa,

Não indago da pessoa ferida como se sente, eu mesmo me torno a pessoa ferida,

Minhas feridas ficam lívidas em mim ao me apoiar numa bengala e observar.

Sou o bombeiro arrebentado com o esterno quebrado,
Paredes desabantes me enterraram em seus escombros,
Calor e fumaça inspirei, ouvi os brados berrados de meus camaradas,
Ouvi os estalos distantes de suas picaretas e pás,
Eles retiraram as vigas, eles ternamente me erguem.

Repouso no ar da noite com minha camisa vermelha, a impregnante quietude é por mim,
Indolor afinal repouso exausto mas não tão infeliz,
Brancos e belos são os rostos ao meu redor, as cabeças estão despidas de seus quepes,
A multidão ajoelhada desvanece com a luz das tochas.

Distantes e mortos ressuscitam,
Eles mostram como o mostrador e movem-se como os ponteiros de mim, eu próprio sou o relógio.

Sou um antigo artilheiro, conto o bombardeio de meu forte,
Estou lá de novo.

De novo o longo rufo dos tambores,
De novo o canhão atacante, morteiros,
De novo aos meus ouvidos atentos o canhão replicante.

Tomo parte, vejo e ouço tudo,
Os gritos, pragas, troar, os aplausos por tiros bem alvejados, A *ambulanza*[{58}] vagarosamente passando, trilhando seu rubro gotejar,
Trabalhadores procurando danos, fazendo indispensáveis reparos,
A queda de granadas pelo teto furado, a explosão em forma de leque,
O zunido de membros, cabeças, pedra, madeira, ferro, altos pelo ar.

De novo gorgoleja a boca de meu general moribundo, ele furiosamente acena com sua mão,

Ele ofega com o grumo *Não me cuidai - cuidai - as trincheiras.*

34

Agora conto o que conheci no
Texas na minha incipiente juventude, (conto não a queda de Álamo,
Nem um escapou para contar a queda de Álamo,
Os cento e cinquenta estão mudos ainda em Álamo,)
É o conto do assassínio a sangue frio de quatrocentos e doze rapazes.

Recuando eles tinham formado em quadrado com suas bagagens como parapeito,
Novecentas vidas dos inimigos circundantes, nove vezes seu número, foi o preço que cobraram adiantado,
Seu coronel foi ferido e sua munição se esgotou,
Eles trataram para uma capitulação honrosa, receberam escrita e chancela, entregaram as armas e marcharam prisioneiros de guerra.

Eles eram a glória da raça de soldados,
Inigualáveis com cavalo, rifle, canto, ceia, corte,
Grandes, turbulentos, generosos, vistosos, orgulhosos, e afetuosos,
Barbudos, tisnados, vestidos com o traje livre dos caçadores,
Nem um único acima de trinta anos de idade.

No segundo Primeiro dia{59} de manhã eles foram apresentados em esquadras e massacrados, era um belo início de verão,
O trabalho começou cerca de cinco horas e acabou às oito.

Nenhum acatou o comando de ajoelhar,
Alguns fizeram uma louca e vã investida, alguns estacaram hirtos e eretos,
Uns poucos caíram logo, baleados na têmpora ou peito, os vivos e os mortos estirados juntos,
Os aleijados e mutilados remexeram a terra, os recém-chegados os viram lá,

Alguns meio-mortos tentaram se arrastar para longe,

Esses foram despachados com baionetas ou martelados com os cabos dos mosquetes,

Um jovem menor de dezessete segurou seu assassino até que dois mais viessem livrá-lo,

Os três ficaram totalmente rasgados e cobertos com o sangue do menino.

Às onze horas começou a queima dos corpos;
Esse é o conto do assassínio dos quatrocentos e doze rapazes.

35

Ouvirias o relato de uma antiga batalha-naval?
Gostarias de saber quem venceu à luz da lua e das estrelas?
Ouça a fábula, como o marujo pai de minha avó a contou a mim.

Nosso inimigo não era um moleirão em seu navio, te digo, (disse ele,)
Ele tinha o ríspido ânimo inglês, e não há mais brigão ou mais genuíno, e nunca houve, e nunca haverá;
Pela baixa tarde ele veio horrivelmente nos varrendo de balas.

Fechamos sobre ele, as vergas embaraçaram, o canhão disparou,
Meu capitão atacou rápido com suas próprias mãos.

Tínhamos recebido uns dezoito baques de tiros sob a água,
Em nosso convés armado inferior duas peças grandes tinham estourado no primeiro fogo, matando tudo em volta e rebentando acima.

Lutando ao poente, lutando no escuro,
Dez horas da noite, a lua cheia alta, vazamentos por todo lado, e cinco pés de água registrados,
O suboficial livrando os prisioneiros confinados no porão de popa para dar-lhes uma chance.

O trânsito de um lado pro outro no paiol foi interditado pelos sentinelas,
Eles veem tantas caras estranhas que não sabem em quem confiar.

Nossa fragata pega fogo,
A outra pergunta se nos rendemos?
Se nossa bandeira está arriada e a luta tá liquidada?

Agora rio contente, pois ouço a voz de meu pequeno capitão,
Não arriamos a bandeira, ele serenamente grita, *recém-começamos a tomar parte na luta.*

Apenas três canhões têm serventia,
Um é dirigido pelo próprio capitão contra o mastro principal do inimigo,
Dois bem servidos de metralha e caixa de pólvora silenciam sua mosquetaria e aprontam a embarcação.

As gáveas apenas secundam o fogo desta pequena bateria, especialmente a gávea maior,
Eles resistem bravamente durante toda a ação.

Sem cessar um momento,
Os vazamentos ganham rápido as bombas, o fogo avança para o paiol de pólvora.

Uma das bombas foi acertada, há o pensamento geral de que estamos afundando.

Sereno se mantém o pequeno capitão,
Ele não está afobado, sua voz não está alta nem baixa,
Seus olhos nos dão mais luz que nossas lanternas.

Lá pelas doze nos raios da lua eles se rendem a nós.

36

Espichada e imóvel repousa a madrugada,
Dois magnos cascos imóveis no seio das trevas,
Nosso navio crivado e afundando devagar, preparações para passar ao que foi conquistado,
O capitão no tombadilho superior friamente dando suas ordens com um semblante branco como papel,
Perto o cadáver da criança que servia na cabina,

O rosto morto de um velho lobo do mar com longo cabelo branco e suíças cuidadosamente encaracoladas,
As chamas a despeito de tudo que pode ser feito bruxuleando acima e abaixo,
As vozes roucas de dois ou três oficiais ainda aptos para o dever,
Disformes pilhas de corpos e corpos sozinhos, porções de carne nos mastros e vergônteas,

Golpe de cordame, balanço do aparelho do navio, leve abalo na bonança das ondas,
Canhões negros e impassíveis, sujeira de pacotes de pólvora, odor forte,
Umas poucas amplas estrelas acima, brilhando silentes e pesarosas,

Delicados sopros de brisa-marinha, cheiros de junça e campos na costa, mensagens-de-óbito incumbidas aos sobreviventes,
O silvo do bisturi, o dente cortante de sua serra,
Chio, cacarejo, salpico de sangue cadente, breve berro selvagem, e longo, lerdo e afilado gemido,
Estes assim, estes irrecuperáveis.

37

Ei molengas de guarda! cuidai vossas armas!
Nas portas tomadas reunidos! Estou possuído!

Encarno toda presença proscrita ou sofrida,
Me vejo preso moldado como outro homem,
E sinto a dor lerda inintermitida.

Para mim os guardas de condenados apresentam suas carabinas e vigiam,
Sou eu solto de manhã e barrado à noite.

Nem um amotinado anda algemado para a prisão sem que me algeme a ele e ande ao seu lado, (sou menos o festivo aí, e mais o silente com suor em meus lábios crispados.)

Nem um garoto é levado por furto sem que eu vá também, e sou julgado e sentenciado.

Nem um paciente de cólera jaz no último suspiro sem que eu jaza no último suspiro,
Meu rosto está cinza, meus nervos retorcem, para longe de mim as pessoas recuam.

Pedintes se encarnam em mim e estou encarnado neles,
Estico o chapéu, sento acanhado, e mendigo.

38

Basta! basta! basta!
De algum modo estive pasmo.
Te afasta!

Dá-me um tempo além da minha cabeça agredida, cochilos, sonhos, torpor,
Me descubro à beira de um erro ordinário.

Que eu pudesse esquecer os zombadores e os insultos!
Que eu pudesse esquecer as lágrimas vertentes e os golpes de maças e malhos!
Que eu pudesse olhar com um olhar distinto minha própria crucificação e sangrento coroamento.

Lembro agora,
Retomo a fração sobre-séria,
O sepulcro de pedra multiplica o que lhe foi confiado, ou a qualquer sepulcro,
Cadáveres se erguem, cortes cicatrizam, grilhões desprendem de mim.

Desfilo adiante renovado com supremo poder, parte de um préstito mediano sem fim, Interior e litoral percorremos, e cruzamos todas as fronteiras,
Nossos velozes ordenanças a caminho por toda a terra,
As flores que usamos em nossos chapéus o crescimento de milhares de anos.

Eleves{60}, vos saúdo! apresentai-vos!
Continuai vossas anotações, continuai vossos questionamentos.

39

O simpático e gracioso selvagem, quem é ele?
Ele aguarda civilização, ou a ultrapassa e domina?
Ele é algum Sudoestino criado ao ar livre?
Ele é Kanadiano?
Ele é do interior do Mississipi?
Iowa, Oregon, Califórnia?
Das montanhas? da pradaria, do sertão? ou marujo do mar?

Onde ele vai homens e mulheres o aceitam e o desejam,
Eles desejam que ele os estimasse, os tocasse, falasse-lhes, ficasse com eles.

Comportamento desordenado como flocos de neve, palavras simples como a relva, cabeça despenteada, riso, e candidez,
Pés lenti-andantes, feições comuns, modos comuns e emanações
Descendem em novas formas das pontas de seus dedos,
Flutuam com o odor de seu corpo ou hálito, esvoaçam do relance de seus olhos.

40

Pompa dos raios solares não quero teu calor - retarda!
Tu só fulges em superfícies, eu forço superfícies e profundidades também.

Terra! pareces buscar algo em minhas mãos,
Diz, velho topete, o que queres?

Homem ou mulher, contaria como vos estimo, mas não posso,
E contaria o que está em mim e o que está em vós, mas não posso,
E contaria a ânsia que tenho, a pulsação de minhas noites e dias.

Vede, não dou palestras ou esmolinhas,
Quando dou, dôo eu mesmo.

Ei, impotente, frouxo nos joelhos,
Abre teus cortes lanhados até que eu insufle garra em ti,
Expande tuas palmas e ergue as abas de teus bolsos,
Não devo ser negado, forço, tenho estoques bastantes e de sobra,
E tudo que tiver eu outorgo.

Não pergunto quem tu és, isso não é importante para mim,
Podes fazer nada e ser nada exceto o que eu te envolver.

Ao boia-fria do algodoal ou limpador de latrinas me apoio,
Em sua face direita deposito o beijo de família,
E em minha alma juro que nunca o negarei.
Em mulheres aptas para a concepção engendro nenéns maiores e mais lépidos,
(Hoje estou jorrando a matéria de repúblicas muito mais arrogantes.)

A qualquer moribundo, corro e giro o trinco da porta,
Viro as roupas de cama para o pé da cama,
Mando o médico e o padre embora.

Agarro o declinante e o ergo com vontade irresistível,
Ah desesperado, eis meu pescoço,
Por Deus, não irás afundar!
Pendura todo o teu peso em mim.

Dilato-te com um tremendo hausto, dou-te alento,
Cada cômodo da casa preencho com uma força armada,
Amantes de mim, obstruidores de túmulos.

Dorme - vigiaremos toda a noite,
Nem dúvida, nem decesso ousarão deitar dedos em ti,
Te abracei, e doravante possuo-te para mim,
E quando te ergueres de manhã verás que o que te conto é assim.

41

Sou aquele que traz ajuda aos doentes quando arfam deitados,
E a homens fortes eretos trago ainda ajuda mais precisada.

Ouvi o que foi dito do universo,
Ouvi e ouvi de vários milhares de anos;
Ele está medianamente bem até onde vai - mas isso é tudo?

Ampliando e aplicando venho eu,
Sobrepujando de saída velhos cautos mascates,
Tomando eu mesmo as exatas dimensões de Jeová,
Litografando Cronos, Zeus seu filho, e Hércules seu neto,
Comprando esboços de Osíris, Ísis, Belus, Brahma, Buda,
Em minha pasta pus Manitu solto, Alá numa folha, o crucifixo estampado,
Com Odin e o hediondo Mexitli e todo ídolo e imagem,

Tomando todos pelo que valem e nem um centavo a mais,
Admitindo que viveram e realizaram a obra de seu tempo,
(Trouxeram ácaros para pássaros implumes que têm agora de subir e voar e cantar sozinhos,)
Aceitando os deíficos rascunhos para preencher melhor em mim mesmo, cedendo-os livremente a cada homem e mulher que vejo,
Descobrindo tanto ou mais num construtor construindo uma casa,
Fazendo exigências maiores por ele lá com suas mangas enroladas batendo macete e formão,

Não se opondo a revelações especiais, considerando uma espiral de fumaça ou um pelo nas costas de minha mão tão curiosos quanto qualquer revelação,
Rapazes no comando de carros de bombeiros e escadas não menos para mim que os deuses das antigas guerras,
Vendo suas vozes repicar no estrondo da destruição,

Seus membros musculosos passando seguros sobre sarrafos chamuscados, suas alvas testas saem inteiras e intactas das chamas;

Junto à mulher do mecânico com seu neném à mama intercedendo por cada pessoa nascida,
Três alfanjes na colheita sibilando numa fila de três anjos bem-fornidos com camisas frouxas na cintura,
O cavalariço ruivo de dente torto redimindo pecados passados e futuros,
Vendendo tudo que tem, viajando a pé para pagar advogados para seu irmão e sentar ao seu lado enquanto ele é julgado por falsificação;

O que foi espalhado o mais longe cobrindo a percha quadrada ao meu redor, e não preenchendo a percha quadrada então,
O touro e o besouro nunca venerados o bastante**,**
Adubo e refugo mais admiráveis do que foi sonhado,
O sobrenatural sem importância, eu mesmo esperando minha hora de ser um dos supremos,
O dia se aprontando para mim quando farei tanto bem quanto os melhores, e serei tão prodigioso quanto;

Fragmentos de minha vida! já me tornando um criador,
Me entregando aqui e agora ao ventre emboscado das sombras.

42

Um brado no meio da multidão,
Minha própria voz, bombástica, abrangente e final.

Vinde minhas crianças,
Vinde meus meninos e meninas, minhas mulheres, parentes e íntimos,
Agora o artista mostra vigor, ele passou seus prelúdios nas palhetas interiores.

Facilmente compostos dedi-livres acordes - sinto o dedilhar de seu clímax e ocaso.

Minha cabeça gira em meu pescoço,
Música rola, mas não do órgão,
Há gente ao meu redor, mas não são parentes meus.

Sempre o duro chão inafundado,
Sempre os comedores e bebedores, sempre o sol ascendente e descendente, sempre o ar e as marés incessantes,
Sempre eu e meus vizinhos, revigorantes, iníquos, reais,
Sempre a velha questão inexplicável, sempre esse polegar picado, esse hálito de ânsias e sedes,
Sempre a vaia do vaiador, até que achemos onde o velhaco se esconde e o mostremos,
Sempre amor, sempre o soluçante líquido da vida,
Sempre a bandagem sob o queixo, sempre os suportes da morte.

Andando por aí com moedas nos olhos,
Para alimentar a gula da barriga a inteligência liberalmente servindo[{61}],
Comprando ingressos, pegando, vendendo, mas para a festa nunca indo,
Muitos suando, arando, debulhando, e daí rebotalho por pagamento recebendo,

Uns poucos ociosamente se adonando, e os outros o trigo continuamente clamando.

Esta é a cidade e eu sou um dos cidadãos,
O que interessa ao resto interessa a mim, política, guerras, mercados, jornais, escolas,
O prefeito e os conselhos, bancos, tarifas, navios-a-vapor, fábricas, estoques, lojas, imóveis e bens pessoais.

Homúnculos opulentos saltitando em fraques e colarinhos, Sei quem são eles, (não são positivamente vermes ou pulgas,)
Reconheço minhas cópias, o mais fraco e o mais raso é imortal comigo,
O que faço e digo, o mesmo os aguarda,
Cada pensamento que se debate em mim também se debate neles.

Conheço perfeitamente bem meu próprio egotismo,
Conheço minhas onívoras linhas e não devo escrever nada menos,
E te buscaria seja quem fores no mesmo nível que eu.

Sem palavras de rotina nesta minha canção,
Mas questionar abruptamente, saltar além mas aproximar mais;
Este livro impresso e encadernado - mas e o tipógrafo e o contínuo da tipografia?
As fotografias bem tiradas - mas e tua esposa ou amigo perto e sólido em teus braços?
O navio negro blindado com ferro, suas potentes armas em suas torres - mas e a coragem do capitão e engenheiros?
Nas casas a louça a refeição e a mobília - mas e o dono e a dona da casa, e o olhar de seus olhos?
O céu lá em cima - mas e aqui ou no vizinho, ou em frente?
Os santos e sábios na história - mas e tu?

Sermões, credos, teologia - mas e o insondável cérebro humano,
E o que é razão? e o que é amor? e o que é vida?

43

Não vos desprezo padres, todo tempo, sobre o mundo,
Minha fé é a maior das fés e a menor das fés,

Contendo adoração antiga e moderna e tudo entre antigo e moderno,
Crendo, virei de novo sobre a terra após cinco mil anos,
Esperando respostas de oráculos, honrando os deuses, saudando o sol,
Fazendo um fetiche da primeira pedra ou cepo, curando com bastões no círculo de obis[{62}],
Ajudando o lama[{63}] ou brâmane conforme ele enfeita as lâmpadas dos ídolos,
Dançando ainda pelas ruas numa procissão fálica, extasiado e austero nos bosques um gimnosofista,
Bebendo hidromel de um crânio, Shastas[{64}] e Vedas admirando, cuidando o Corão,
Percorrendo os teokallis[{65}], manchado de sangue da pedra e da faca, batendo o tambor de pele de serpente,
Aceitando os Evangelhos, aceitando o que foi crucificado, sabendo certamente que ele é divino,
Ajoelhando à missa ou se erguendo à prece do puritano, ou sentando pacientemente num banco de igreja,
Arengando e espumando em minha crise insana, ou esperando feito morto até que meu espírito me desperte,
Olhando adiante sobre o calçamento e a terra, ou fora do calçamento e da terra,
Pertencendo aos dobadores do circuito dos circuitos.

Um desse grupo centrípeto e centrífugo, giro e falo como um homem deixando encargos antes de uma jornada.

Indecisos, desacorçoados, lerdos e excluídos,
Frívolos, soturnos, apáticos, raivosos, afetados, desalentados, ateus,

Conheço cada um de vós, conheço o mar de tormenta, dúvida, desespero e descrença.

Como os lobos das caudas espadanam!
Como se contorcem rápidos como o raio, com espasmos e jatos de sangue!

Ficai em paz lobos sangrentos de indecisos e soturnos apáticos,
Tomo meu lugar entre vós assim como entre os demais,
O passado é vosso impulso, meu, de todos, precisamente iguais,
E o que é ainda inexperimentado e subsequente é para vós, para mim, para todos, precisamente iguais.

Não sei o que é inexperimentado e subsequente,
Mas sei que por sua vez isto se provará suficiente, e não pode frustrar.
Cada um que passa é considerado, cada um que para é considerado, nem um único pode ser frustrado por isto.

Isto não pode frustrar o jovem que morreu e foi enterrado,
Nem a jovem que morreu e foi posta ao seu lado,
Nem a criancinha que espiou pela porta, e então recuou e nunca mais foi vista,
Nem o velho que viveu sem propósito, e sente um amargor pior que bílis,
Nem aquele na casa pobre tuberculizado de rum e má perturbação,
Nem os inumeráveis massacrados e naufragados, nem o bruto koboo[{66}] chamado o esterco da humanidade,
Nem as bolsas meramente flutuando com bocas abertas para introduzir comida,
Nem nada na terra, ou embaixo dentro dos mais antigos túmulos da terra,
Nem nada nas miríades de esferas, nem as miríades de miríades que as habitam,
Nem o presente, nem o mínimo fiapo que é conhecido.

44

É hora de me explicar - vamos levantar.

O que é conhecido eu dispo,
Lanço todos os homens e mulheres comigo ao Desconhecido.
O relógio indica o momento - mas o que indica a eternidade?

Temos até aqui esgotado trilhões de invernos e verões,
Há trilhões adiante, e trilhões mais adiante.

Nascimentos nos trouxeram riqueza e variedade,
E outros nascimentos nos trarão riqueza e variedade.

Não chamo um maior e outro menor,
O que preenche seu período e posição se iguala a tudo.
A humanidade foi assassina ou ciumenta convosco, meu irmão, minha irmã?
Sinto por vós, ela não é assassina ou ciumenta comigo,
Todos têm sido gentis comigo, não tenho conta com a lamentação,

(Que que eu tenho a ver com a lamentação?)

Sou um apogeu de coisas realizadas, e um inclusor de coisas por vir.

Meus pés atingem um ápice dos ápices das escadas,
Em cada degrau feixes de eras, e feixes maiores entre os degraus,
Tudo abaixo devidamente percorrido, e ainda continuo avançando.

Aurora após aurora se dobram os fantasmas às minhas costas,
Bem distante vejo o primeiro Nada enorme, sei que até mesmo lá estive,
Esperei invisto e sempre, e dormi pela letárgica névoa,
E não me afobei, e não me feri no fétido carbono.

Me deram um abraço apertado - demorado e demorado.

Imensas têm sido as preparações para mim,
Fiéis e favoráveis os braços que têm me ajudado.

Ciclos transportaram meu berço, remando e remando como alegres barqueiros,
Para me dar espaço as estrelas puseram-se de parte em seus círculos,
Lançaram influências para cuidar o que devia me manter.

Antes que nascesse de minha mãe gerações me guiaram,
Meu embrião nunca foi tórpido, nada podia revesti-lo.

Para ele a nebulosa coeriu em um orbe,
Os longos, lentos estratos se empilharam para apoiá-lo,
Vastos vegetais proveram-lhe sustento,
Monstruosos sauróides o transportaram em suas bocas e o depositaram com cuidado{67}.

Todas as forças foram constantemente usadas para me completar e deleitar,
Agora neste ponto permaneço com minha alma robusta.

45

Oh expansão da juventude! sempre-tensa elasticidade!
Oh virilidade, ponderada, corada e plena.

Meus amantes me sufocam,
Premendo meus lábios, abundantes nos poros de minha pele,
Me empurrando pelas ruas e corredores públicos, vindo nus à noite,
Gritando de dia *Olá!* das rochas do rio, gingando e gorjeando sobre minha cabeça,
Chamando meu nome de canteiros, vinhas, macegas emaranhadas,
Luzindo em todo momento de minha vida,
Beijocando meu corpo com suaves beijocas balsâmicas,
Silenciosamente repassando punhados de seus corações dados a mim.

Velhice soberbamente se erguendo!
Oh bem-vinda, graça inebriante dos últimos instantes!
Toda condição promove não apenas a si mesma, ela promove o que cresce após e a partir de si mesma,
E o escuro silêncio promove tanto quanto os demais.

Abro minha escotilha à noite e vejo os sistemas esparramados,
E tudo que vejo multiplicado até onde eu possa cifrar beira só a borda dos sistemas mais distantes.

Mais e mais se propagam, expandindo, sempre expandindo,
Exteriormente e exteriormente e sempre exteriormente.

Meu sol tem seu sol e em volta dele obedientemente gira,
Ele ingressa com seus parceiros num grupo de circuito superior,
E maiores conjuntos seguem, tornando pontinhos os maiores dentro deles.

Não há cessação e nunca pode haver cessação,

Se eu, tu, e os mundos, e tudo sob ou sobre suas superfícies fossem neste momento reduzidos a uma pálida bóia, no fim das contas seria em vão,
Nós certamente viríamos de novo até onde agora estamos,
E certamente iríamos mais longe, e então mais longe e mais longe.

Alguns quatrilhões de eras, alguns oitilhões de léguas cúbicas não ameaçam a expansão ou a deixam impaciente,
Elas são partes apenas, qualquer coisa é só uma parte.

Vê cada vez mais longe, há espaço ilimitado fora disso,
Conta cada vez mais, há tempo ilimitado em volta disso.

Meu encontro está marcado, ele é certo,
O Senhor estará lá e esperará até que eu chegue numa relação perfeita,
O grande Camarada, o amante verdadeiro por quem anseio estará lá.

46

Sei que tenho o melhor do tempo e espaço, e nunca fui medido e nunca serei medido.

Vagueio numa jornada perpétua, (vinde ouvi todos!)
Meus sinais são um casaco impermeável, bons sapatos, e um cajado cortado dos bosques,

Nenhum amigo descansa em minha cadeira,
Não tenho cadeira, nem igreja, nem filosofia,
Não conduzo homem algum a uma mesa de jantar, biblioteca, câmbio,

Mas cada homem e cada mulher de vós conduzo a um outeiro,
Minha mão esquerda enlaçando vossa cintura,
Minha mão direita apontando paisagens de continentes e a via pública.

Nem eu, nem ninguém mais pode percorrer essa via por vós,
Devei percorrê-la por si mesmos.

Não é distante, está dentro de alcance,
Talvez estejais nela desde que nascestes e não sabíeis,
Talvez ela esteja em toda parte sobre a água e sobre a terra.

Joga a trouxa nas costas, caro filho, e eu a minha, e vamos logo,
Cidades maravilhosas e nações livres buscaremos conforme andamos.

Se cansares, dá-me os fardos, e repousa a palma de tua mão em meu quadril,
E na hora certa me retribuirás com este mesmo favor,
Pois após a partida nunca delongaremos de novo.

Hoje antes da aurora escalei uma colina e contemplei o céu repleto,
E disse ao meu espírito

Quando nos tornarmos os invólucros desses orbes, e o prazer e conhecimento de cada coisa neles, estaremos completos e satisfeitos então?

E meu espírito disse
Não, só nivelamos essa subida para passar e ir além.

Estás me perguntando algo também e ouço-te,
Respondo que não posso responder, deves descobrir por ti mesmo.

Senta-te um momento caro filho,
Eis biscoito para comer e eis leite para beber,
Mas logo que dormires e renovares-te em roupa cheirosa, darei-te um beijo de despedida e abrirei o portão para teu egresso daqui.

Há tempos tens sonhado sonhos vis,
Agora lavo a goma de tuas vistas,
Deves habituar-te ao fulgor da luz e de cada momento de tua vida.

Muito andaste timidamente com uma prancha na praia,
Agora quero que sejas um audaz nadador,
Para pular no meio do mar, emergir, cumprimentar-me, gritar, e risonhamente sacudir teu cabelo.

47

Sou o instrutor de atletas,
Aquele que por mim expande um peito mais amplo que o meu prova a amplitude do meu,
Quem mais honra meu estilo é quem aprende com ele a destruir o instrutor.

O moço que amo, o mesmo se torna um homem não através de poder derivado, mas por si mesmo,
Iníquo em vez de virtuoso por conformidade ou medo,
Apegado à namorada, saboreando bem seu bife,

Amor irrecíproco ou desfeita cortam-lhe mais que ferro afiado,
Excelente para cavalgar, lutar, acertar na mosca, navegar um esquife, cantar uma canção ou tocar banjo,
Preferindo cicatrizes e barba e caras marcadas de varíola às cobertas de cremes,
E as bem bronzeadas àquelas que escapam do sol.

Ensino extravio de mim, mas quem pode se extraviar de mim?
Sigo-te sejas quem fores a partir de agora,
Minhas palavras coçam em teus ouvidos até que as entendas.

Não digo estas coisas por um dólar ou para encher o tempo enquanto espero um barco,
(É tu falando tanto quanto eu, ajo como tua língua,
Tolhida em tua boca, na minha ela começa a ser solta.)

Juro que nunca mais mencionarei amor ou morte dentro de uma casa,
E juro que nunca me traduzirei em absoluto, somente a ele ou ela que privadamente ficar comigo ao ar livre.

Se puderes me entender, vai para picos ou para a praia,

O mosquito mais próximo é uma explicação, e uma queda ou movimento de ondas uma chave,
O malho, o remo, o serrote, secundam minhas palavras.

Nenhuma sala cerrada ou escola comungam comigo,
Mas rudes e criancinhas mais que elas.

O jovem mecânico é o mais próximo de mim, ele me conhece bem,
O lenhador que leva machado e botija com ele me levará com ele o dia todo,
O jovem fazendeiro arando no campo se alegra ao som de minha voz,
Em navios que navegam minhas palavras navegam, vou com pescadores e marujos e os amo.

O soldado acampado ou em marcha é meu,
Na noite antes da batalha iminente muitos me buscam, e eu não os frustro,
Nessa noite solene (pode ser sua última) aqueles que me conhecem me buscam.

Meu rosto se esfrega no rosto do caçador quando ele se deita sozinho em seu cobertor,
O condutor pensando em mim não se importa com o tranco da carroça,
A jovem mãe e a velha mãe me compreendem,
A moça e a esposa repousam a agulha um momento e esquecem onde estão,
Eles e todos retomariam o que lhes contei.

48

Tenho dito que a alma não é mais que o corpo,
E tenho dito que o corpo não é mais que a alma,
E nada, nem Deus, é maior para alguém do que seu próprio eu,
E quem andar duzentos metros sem solidariedade anda para o próprio funeral vestido em sua mortalha,
E eu ou tu sem um tostão no bolso podemos comprar o escol da terra,
E relancear com um olho ou mostrar um feijão em sua vagem confunde a erudição de todos os tempos,
E não há comércio ou emprego que o jovem siga que não se torne um herói,
E não há objeto tão macio que não faça um eixo para o universo sobre rodas,
E digo a qualquer homem ou mulher,
Que sua alma fique calma e composta ante um milhão de universos.

E digo à humanidade,
Não sejas curiosa acerca de Deus,
Pois eu que sou curioso acerca de todos não estou curioso acerca de Deus,
(Nenhum arranjo de termos pode dizer o quanto estou em paz acerca de Deus e da morte.)

Ouço e vejo Deus em todo objeto, no entanto de modo algum entendo Deus,
Nem entendo quem pode haver mais maravilhoso que eu mesmo.

Por que eu devia desejar ver Deus mais que a este dia?
Vejo algo de Deus em cada hora das vinte e quatro, e em cada momento então,
Nos rostos de homens e mulheres vejo Deus, e em meu próprio rosto no vidro,

Encontro cartas de Deus caídas na rua, e cada uma está assinada com o nome de Deus,

E as deixo onde estão, pois sei que onde quer que eu for,

Outras pontualmente virão sempre e sempre.

49

E quanto a ti, Morte, e tu, amargo abraço da mortalidade, é vão tentar me alarmar.

Ao seu trabalho sem esquiva a accoucheur[{68}] chega,
Vejo a velha mão pressionando recebendo apoiando,
Me reclino nas soleiras das primorosas portas flexíveis[{69}],
E marco a saída, e marco o alívio e o escape.

E quanto a ti, Cadáver, acho que és bom adubo, mas isto não me ofende,
Aspiro as rosas brancas doce-aromadas crescentes,
Busco os lábios folhosos, busco os seios polidos dos melões.

E quanto a ti, Vida, considero que sejas as sobras de muitas mortes,
(Sem dúvida eu mesmo morri dez mil vezes antes.)

Vos ouço sussurrando aí
Oh estrelas do céu,
Oh sóis
Oh relva dos sepulcros
Oh perpétuas transferências e promoções,
Se nada dizeis, como posso dizer algo?

Da túrbida poça que jaz na floresta outonal,
Da lua que desce as ladeiras do suspirante crepúsculo,
Agitai, centelhas do lusco-fusco
Agitai nos negros talos que apodrecem no estrume,
Agitai para a algaravia lastimosa dos galhos secos.

Ascendo da lua, ascendo da noite,
Percebo que o lívido lampejo são os raios do sol a pino refletidos,
E da prole magna ou miúda emerjo para o estável e central.

50

Há isso em mim - não sei o que é - mas sei que está em mim.
Torcido e suado - calmo e sereno então meu corpo se torna,
Durmo - durmo muito.

Não sei o que é - é sem nome - é uma palavra não-dita,
Não está em dicionário, elocução, símbolo.

Isso oscila em algo mais que a terra em que oscilo,
Disso a criação é a amiga cujo abraço me desperta.

Talvez eu devesse contar mais. Esboços! suplico por meus irmãos e irmãs.
Vede Ah meus irmãos e irmãs?
Não é caos nem morte - é forma, união, plano - é vida eterna - é Felicidade.

51

Passado e presente definham - os preenchi, os esvaziei,
E prossigo para preencher meu próximo invólucro do futuro.

Ouvintes aí em cima! o que tendes para me confiar?
Olhai em minha cara enquanto farejo o esgueirar da noite,
(Falai honestamente, ninguém mais vos ouve, e só fico mais um minuto.)

Contradigo a mim mesmo?
Muito bem então contradigo a mim mesmo,
(Sou vasto, contenho multidões.)
Convirjo para aqueles que estão perto, aguardo na soleira da porta.

Quem fez seu trabalho do dia? quem terminará a ceia mais cedo?
Quem deseja andar comigo?

Falarás antes que me vá? provarás já tarde demais?

52

O falcão pintado arremete e me acusa, se queixa da minha lábia e vadiagem.

Também não sou nem um pouco manso, também sou intraduzível,
Lanço meu bárbaro alarido sobre os telhados do mundo.
A última ventania do dia refreia-se por mim,
Lança minha imagem após as outras e verdadeira
        Como qualquer outra sobre a selva sombria,
        Convence-me para o vapor e o poente.

Parto como o ar, agito meus cachos grisalhos ao sol fugaz,
Transbordo minha carne em turbilhões, e a arrasto em recortes rendados.

Entrego-me ao solo para brotar da relva que amo,
Se me quiseres de novo, procura-me sob as solas de tuas botas.

Mal saberás quem sou ou o que pretendo,
Mas serei boa saúde para ti não obstante,

Falhando em reaver-me no começo não perde o ânimo,
Errando um local busca em outro,
Paro em algum lugar te aguardando.

DESCENDENTES DE ADÃO

"Descendentes de Adão" (ou "Filhos de Adão"), de Walt Whitman, é o quarto livro na ordem de entrada de Folhas de Relva. Este livro, ou grupo de poemas, apareceu sob este título em 1860 (originalmente, o título era em francês, "Enfans d'Adam", e em 1867, o título foi colocado em inglês, "Children of Adam"). Como o próprio nome indica, ele se refere aos Filhos de Adão na América. Whitman já foi estudado na literatura americana como um forte representante desse arquétipo naquele país.

Em termos de temática, este livro também trata da relação homem/mulher, entre os sexos, diferentemente de "Cálamo", que trata da camaradagem entre homens.

Politicamente falando, Whitman se coloca como o grande pai dos filhos da nação americana, e a Democracia é sua esposa.

Curiosamente, "Descendentes de Adão" recebeu muito mais críticas, reproches e tentativas de corte do que o resto da obra de Whitman, incluindo "Cálamo", que aborda diretamente a relação homem/homem. Aparentemente, a heterossexualidade era mais rechaçada do que a homossexualidade, para falar em termos atuais. Mas não foi esse o caso, pois o preconceito, a discriminação e a hipocrisia da época eram maléficos a todos, independente da natureza ou da orientação sexual de cada um. O problema mesmo é que havia um silêncio, um véu sobre a relação homossexual, e assim "Cálamo" passou intocado, enquanto "Descendentes de Adão" sofreu várias tentativas de cortes e exclusão, inclusive do próprio filósofo Emerson, reconhecidamente mentor e amigo de Whitman, que não aprovava esse grupo de poemas inteiramente dentro da obra do poeta.

Whitman se recusou peremptoriamente a excluir qualquer de suas folhas, mesmo quando suas edições foram proibidas pela justiça. Ele preferiu teimar em publicar sua obra integralmente, mesmo levando mais tempo e sofrendo com preconceito e boicote (como disse um de seus biógrafos, Whitman recebeu mais espaço em jornais no dia de sua morte do que em toda a sua vida; e olha que ele era jornalista, poeta e escritor). Mas no fim, conseguiu seu intento. E é esse texto integral, aprovado e autorizado por

ele, que utilizamos aqui como fonte dessas traduções, que é a chamada Edição do Leito de Morte (Deathbed Edition).

De Novo o Mundo Ascende ao Paraíso

De novo o mundo ascende ao paraíso,
Introduzindo parceiros potentes, filhas, filhos,
O amor, a vida de seus corpos, sentido e ser,
Curiosos vede aqui minha ressurreição após a modorra,
Os ciclos rotativos em sua vasta varredura me trazendo de novo,

Amoroso, maduro, belíssimo, assombroso,
Meus membros e o trêmulo fogo que sempre brinca neles, por razões as mais assombrosas,
Existindo espio e penetro tranqüilo,
Contente com o presente, contente com o passado,
Ao meu lado ou atrás de mim Eva seguindo,
Ou à frente, e eu seguindo-a do mesmo modo.

Dos Rios Sofridos Contidos

Dos rios sofridos contidos,
Daquilo de mim sem o qual eu nada seria,
Do que estou determinado a tornar ilustre, mesmo se me posto sozinho entre os homens,
De minha própria voz ressoante, cantando o falo, Cantando a canção da procriação,

Cantando a necessidade de crianças soberbas e de adultos soberbos,
Cantando a pulsão muscular e a fusão,
Cantando a canção do companheiro,

(Oh ânsia irresistível!
Oh a todo e qualquer um o corpo correlativo atraindo!
Oh a ti quem quer que sejas teu corpo correlativo! Ah ele, mais que tudo, deleitando-te!)

Do faminto roer que me devora dia e noite,
De momentos nativos, de dores retraídas, cantando-as,
Buscando algo ainda não achado embora tenha diligentemente buscado por um longo ano,
Cantando a verdadeira canção da alma caprichosa ao acaso,
Ressurgente com a mais tosca Natureza ou entre animais,
Disso, desses e do que vai com esses meus poemas informando,

Do odor de maçãs e limões, do acasalar de pássaros,
Da umidade das matas, da sobreposição das ondas,
Dos doidos empurrões das ondas sobre a terra, eu as cantando,

A abertura soando levemente, a tensão antecipando,
A proximidade bem-vinda, a visão do corpo perfeito,
O nadador nadando nu na piscina, ou imóvel de costas flutuando,

A forma fêmea se aproximando, eu meditativo, corpo de amor trêmulo sofrendo,
A divina lista para mim ou ti ou qualquer um fazendo,
O rosto, os membros, o índice da cabeça aos pés, e o que ele desperta,
Os delírios místicos, a amorosa demência, o pior abandono,

(Ouve perto e quieto o que agora te sussurro,
Eu te amo, Ah tu me possuis inteiramente,
Oh que possamos escapar dos demais e absolutamente fugir, livres e sem lei,
Dois falcões no ar, dois peixes nadando no mar não mais sem lei do que nós;)

A tempestade furiosa avançando em mim, eu ardentemente tremendo,
O juramento de inseparabilidade de dois juntos, da mulher que me ama e a quem amo mais que à minha vida, esse juramento fazendo,

(Ah eu de bom grado aposto tudo em ti,
Oh deixa eu me perder se assim deve ser!
Oh eu e tu! o que é para nós o que o resto faz ou pensa?
O que é tudo o mais para nós?
Apenas que desfrutemos um do outro e exauramos um ao outro se assim deve ser;)

Do mestre, do piloto a quem cedo o navio,
O general me comandando, comandando tudo, dele permissão pedindo,
Ás vezes o programa apressando, (tenho vagueado demais desta forma,)

Do sexo, da trama e do tecido,
Da privacidade, de frequentes lamentos sozinho,
De muita gente próxima no entanto a pessoa certa distante,
Do macio deslizar de mãos sobre mim e espetar de dedos por meu cabelo e barba,
Do longo beijo suspenso sobre a boca ou busto,

Da íntima pressão que deixa a mim ou a qualquer homem bêbado, desmaiando de excesso,
Do que o divino marido sabe, do trabalho de paternidade,
Da exultação, vitória e alívio, do abraço do companheiro de noite,
Dos poemas-atos dos olhos, mãos, quadris e busto,
Do apego do braço trêmulo,
Da curva arqueada e do agarro,
Da colcha suave afastada em conjunto,
De quem não se dispõe a me deixar partir, e eu tão indisposto a partir quanto,

(No entanto um instante Ah terno seguidor, e eu retorno,)

Da hora das estrelas luzentes e orvalhos vertentes,
Da noite um momento eu emerjo voejando,
Celebro-te divino ato e vós crianças preparadas,
E tu dorso robusto.

Eu Canto O Corpo Elétrico

1

Eu canto o corpo elétrico,
As legiões daqueles que amo me enlaçam e eu os enlaço,
Eles não me largarão até que eu vá com eles, responda-lhes,
E descorrompa-lhes, e confie-lhes por completo a guarda da alma.

Duvidou-se que aqueles que corrompem seus próprios corpos se ocultam?
E se aqueles que maculam os vivos são tão maus quanto aqueles que maculam os mortos?
E se o corpo não basta completamente tanto quanto a alma?
E se o corpo não fosse a alma, o que é a alma?

2

O amor do corpo de homem ou mulher recusa descrição,
O próprio corpo recusa descrição,
O do macho é perfeito e o da fêmea é perfeito.

A expressão do rosto recusa descrição,
Mas a expressão de um homem bem-formado não aparece apenas em seu rosto,
Está em seus membros e articulações também, curiosamente nas articulações de seus quadris e pulsos,
Está em seu passo, na postura do pescoço, na flexão da cintura e joelhos, traje não o esconde,
A forte e doce qualidade que tem marca o algodão e a casimira,
Vê-lo passar exprime tanto quanto o melhor poema, talvez mais,
Delongas para ver-lhe as costas, a nuca e os ombros.

O espraiar e a plenitude das moças, os bustos e cabeças das mulheres, as dobras de seus vestidos, seu estilo ao passarmos nas ruas, o contorno de suas formas descendentes,
O nadador nu na piscina, visto ao nadar no transparente esplendor verde, ou jazer com o rosto para cima e rolar silente de cá pra lá nas ondas da água,
O dobrar para frente e para trás de remadores nos barcos, o cavaleiro em sua sela,
Moças, mães, governantas, em todas as suas tarefas,
O grupo de operários sentados ao meio-dia com suas marmitas abertas, e suas esposas à espera,
A fêmea confortando uma criança, a filha do granjeiro no jardim ou no cercado,
O jovem capinando milho, o condutor de trenó guiando seus seis cavalos pela multidão,
A luta de lutadores, dois aprendizes, bem crescidos, vigorosos, bondosos, nativos, no pátio vazio ao poente após o trabalho,

As capas e os gorros jogados, o abraço de amor e resistência,
Os golpes em cima e embaixo, o cabelo desfeito tapando os olhos;
A marcha dos bombeiros em trajes próprios, a vibração de músculos masculinos através das calças bem passadas e cintos,
O lento retorno do incêndio, a pausa quando a sirene de novo soa de repente, e o ouvido alerta,
As posturas variadas, perfeitas, naturais, a cabeça dobrada, o pescoço curvado e a contagem;

Tais como esses eu amo - me solto, passo livre, estou ao seio da mãe com a criancinha,
Nado com os nadadores, luto com lutadores, marcho alinhado com os bombeiros, e pauso, escuto, conto.

3

Conheci um homem, granjeiro comum, pai de cinco filhos,
E estes os pais de filhos, e nestes os pais de filhos.
Esse homem era de um vigor maravilhoso, calma, beleza pessoal,
A forma de sua cabeça, o amarelo pálido e o branco de seu cabelo e barba, o sentido incomensurável de seus olhos negros, a riqueza e amplitude de seus modos,
Esses eu costumava visitá-lo para ver, ele era sábio também,

Tinha um metro e oitenta e três de altura, mais de oitenta anos de idade, seus filhos eram sólidos, limpos, barbudos, bronzeados, belos,
Eles e suas irmãs o amavam, todos que o viam o amavam,
Eles não o amavam por tolerância, eles o amavam com amor pessoal,
Ele bebia água apenas, o sangue mostrava-se escarlate pela pele bronze-clara de seu rosto,
Ele era um caçador e pescador habitual, ele mesmo pilotava seu barco, tinha um ótimo presenteado por um marceneiro,
Ele tinha espingardas presenteadas por homens que o amavam,

Quando ia com seus cinco filhos e muitos netos caçar ou pescar, tu o distinguirias como o mais bonito e vigoroso do grupo,
Desejarias longamente estar com ele, desejarias sentar-te ao lado dele no barco e que pudessem se tocar.

4

Percebi que estar com quem gosto é o bastante,
Parar na companhia dos demais à noite é o bastante,
Ser rodeado por corpos bonitos, curiosos, exalantes, risonhos é o bastante,
Passar entre eles ou tocar algum, ou repousar meu braço sempre levemente sobre o pescoço dele ou dela por um momento, o que é isto então?
Não peço mais nenhum deleite, mergulho nisso como num mar.

Há algo em ficar próximo de homens e mulheres e apreciá-los, e no contato e cheiro deles, que agrada bem à alma,
Todas as coisas agradam à alma, mas essas agradam bem à alma.

5

Esta é a forma fêmea,
Uma aura divina emana dela da cabeça aos pés,
Ela atrai com feroz inegável atração,
Sou puxado por seu hausto como se fosse não mais que um vapor indefeso, tudo desaba exceto eu e ela,

Livros, arte, religião, tempo, a terra sólida e visível, e o que se esperava do céu ou se temia do inferno, estão agora esgotados,
Loucos filamentos, ingovernáveis brotos saltam dela, a reação igualmente ingovernável,
Cabelo, busto, quadris, flexão das pernas, mãos descendentes negligentes e difusas, as minhas também difusas,
Vazante picada pela enchente e enchente picada pela vazante, a carnalidade inchando e deliciosamente doendo,
Límpidos e ilimitados cálidos jatos de amor amplos, trêmula geléia de amor, branco fluxo delirante suco,
Noite de amor do noivo avançando segura e suave na aurora sucumbida,
Ondulando para o desejoso e submisso dia,
Perdida na fenda do abraçante e dulci-cárneo dia.

Este o núcleo - após a criança nascer da mulher, o homem nasce da mulher,
Este o banho do parto, esta a fusão do pequeno e do grande, e a saída de novo.

Não vos acanhais mulheres, vosso privilégio circunda o restante, e é a saída do restante,
Sois os portais do corpo, e sois os portais da alma.

A fêmea tem todas as qualidades e as modera,
Ela está em seu lugar e se move com equilíbrio perfeito,

Ela é todas as coisas devidamente veladas, ela é ativa e passiva,
Ela deve conceber filhas assim como filhos, e filhos assim como filhas.

Conforme vejo minha alma refletida na Natureza,
Conforme vejo por uma névoa,
Alguém com inexprimível completude, sanidade, beleza,
Vejo a cabeça dobrada e os braços cruzados sobre o peito, a Fêmea vejo.

6

O macho não é menos alma nem mais, ele também está em seu lugar,
Ele também é todo qualidades, ele é ação e poder,
O fluxo do universo conhecido está nele,
Desdém lhe assenta bem, e apetite e desafio lhe assentam bem,
As paixões mais extensas e selvagens, o êxtase extremo, a mágoa que é extrema lhe assenta bem, o orgulho é para ele,
O orgulho pleno-expandido do homem é acalmante e excelente para a alma,
Conhecimento lhe convém, ele o aprecia sempre, ele traz tudo para o teste de si mesmo,
Seja qual for o exame, o mar e a vela, ele faz sondagens por fim só aqui,

(Onde mais ele faz sondagens exceto aqui?)

O corpo do homem é sagrado e o corpo da mulher é sagrado,
Não importa quem seja, é sagrado - é o mais sórdido do grupo de operários?
É um dos sombrios imigrantes recém-aportados no cais?
Cada um pertence aqui ou a qualquer lugar tanto quanto os favorecidos, tanto quanto tu,
Cada um, ele ou ela, tem seu lugar no cortejo.

(Tudo é um cortejo,
O universo é um cortejo com movimento medido e perfeito.)

Te conheces tanto que chamas ao mais sórdido de ignorante?
Supões ter direito a uma vista boa, e ele ou ela não tem direito à vista?
Achas que a matéria coeriu de sua difusa flutuação, e o solo está na superfície, e a água corre e a vegetação brota,
Para ti apenas, e não para ele e ela?

7

Um corpo de homem em leilão,

(Pois antes da guerra vou com frequência ao empório de escravos assistir à venda,)

Ajudo o leiloeiro, o desleixado não sabe de seu negócio a metade.

Cavalheiros contemplam esta maravilha,
Quaisquer que sejam os lances dos licitantes, eles não podem ser altos o bastante para ele,
Para ele o globo repousou preparando quintilhões de anos sem um animal ou planta,
Para ele os ciclos rotativos rolaram verdadeira e estavelmente.

Nesta cabeça o desconcertante cérebro,
Nela e abaixo dela os feitos dos heróis.

Examinai estes membros, rubros, negros, ou brancos, eles são atraentes em tendão e nervo,
Estarão nus para que possais vê-los.

Sentidos apurados, olhos vívidos, bravura, volição,
Camadas de peitorais, coluna e pescoço maleáveis, físico não flácido, braços e pernas de bom tamanho,
E ainda maravilhas lá dentro.

Lá dentro corre sangue,
O mesmo velho sangue! o mesmo sangue rubro-corrente!
Lá dentro dilata e jorra um coração, lá todas as paixões, desejos, alcances, aspirações,

(Achas que não estão lá porque não são expressos em salas e salões?)

Este não é um único homem, este o pai daqueles que serão pais por sua vez,
Nele o início de populosos estados e ricas repúblicas,
Dele incontáveis vidas eternas com incontáveis encarnações e gozos.

Como sabes quem surgirá da prole de sua prole pelos séculos?

(Quem acharias de onde vieste, se pudesses rastrear de volta pelos séculos?)

8

Um corpo de mulher em leilão,
Ela também não é só ela mesma, ela é a fértil mãe de mães,
Ela é a geradora daqueles que crescerão para ser companheiros das mães.

Alguma vez amaste o corpo de uma mulher?
Alguma vez amaste o corpo de um homem?
Não vês que estes são exatamente iguais para todos em todas as nações e eras em toda a terra?

Se alguma coisa for sagrada, o corpo humano é sagrado,
E a glória e doçura de um homem é o símbolo da virilidade imaculada,
E em homem ou mulher um corpo limpo, forte, de fibra firme, é mais bonito que o rosto mais bonito.

Viste o tolo que corrompeu seu próprio corpo vivo? ou a tola que corrompeu seu próprio corpo vivo?
Que eles não se ocultem, e não possam se ocultar.

9

Ah meu corpo! não ouso desertar de teus iguais em outros homens e mulheres, nem dos iguais às tuas partes,

Creio que teus iguais são para resistir ou tombar com os iguais da alma (e que eles são a alma),

Creio que teus iguais irão resistir ou tombar com meus poemas, e que eles são meus poemas,

Poemas de homem, mulher, criança, jovem, esposa, marido, mãe, pai, moço, moça,

Cabeça, pescoço, cabelo, ouvidos, martelo e tímpano dos ouvidos,

Olhos, bordas dos olhos, íris do olho, sobrancelhas, e o abrir e fechar das pálpebras,

Boca, língua, lábios, dentes, céu da boca, mandíbulas e juntas,

Nariz, narinas, e a partição,

Bochechas, têmporas, testa, queixo, garganta, nuca, giro do pescoço,

Ombros fortes, barba viril, escápula, ombros, e o redondo amplo do tórax,

Braço, axila, cotovelo, antebraço, nervos do braço, ossos do braço,

Pulso e juntas do pulso, mão, palma, articulações dos dedos, polegar, indicador, juntas dos dedos, unhas,

Amplo peitoral, pelo crespo do peito, esterno, lado do peito,

Costelas, barriga, coluna, articulações da coluna,

Quadris, cavidades do quadril, força do quadril, giro interno e externo, bagos, raízes,

Forte par de coxas, transportando bem o tronco acima,

Fibras das pernas, joelho, patela, coxa, panturrilha,

Tornozelos, dorso do pé, bola, dedos do pé, nó dos dedos do pé, o calcanhar;

Todas as posturas, toda a boa-conformação, todas as posses do meu ou do teu corpo ou de qualquer outro corpo, macho ou fêmea,

As esponjas pulmonares, a cavidade do estômago, os intestinos doces e limpos,
O cérebro em seu invólucro dentro do crânio,
Solidariedades, válvulas do coração, válvulas do palato, sexualidade, maternidade,
Feminilidade e tudo que é uma mulher, e o homem que vem da mulher,
O útero, as tetas, mamilos, leite de peito, lágrimas, riso, pranto, expressões de amor, perturbações de amor e elevações,
A voz, articulação, linguagem, sussurro, grito alto,
Comida, bebida, pulso, digestão, suor, sono, caminhar, nadar,
Compostura nos quadris, saltar, reclinar, abraçar, o curvar do braço e o apertar,

As mudanças contínuas da flexão da boca, e em volta dos olhos,
A pele, o tom bronzeado, sardas, cabelo,
A curiosa afinidade que alguém sente quando toca com a mão a carne nua do corpo,
Os rios circulares, o hausto, inalando e exalando,
A beleza da cintura, e depois a dos quadris, e depois descendo em direção aos joelhos,
As geléias tênues e rubras dentro de ti ou de mim, os ossos e a medula dos ossos,
A refinada realização da saúde;

Ah digo que estas não são as partes e poemas do corpo apenas, mas da alma,
Ah digo agora estas são a alma!

Uma Mulher Espera Por Mim

Uma mulher espera por mim, ela contém tudo, nada falta,
No entanto tudo faltaria se o sexo faltasse, ou se o sumo do homem certo faltasse.

Sexo contém tudo, corpos, almas,
Sentidos, provas, purezas, delicadezas, resultados, promulgações,
Canções, comandos, saúde, orgulho, o mistério maternal, o leite seminal,
Toda esperança, benignidades, outorgas, todas as paixões, amores, belezas, deleites da terra,
Todos os governos, juízes, deuses, pessoas seguidas da terra,
Tudo isso está contido no sexo como partes dele e justificações dele.

Sem desonra o homem que eu gosto conhece e reconhece a delícia de seu sexo,
Sem desonra a mulher que eu gosto conhece e reconhece a do seu.

Agora me despedirei das mulheres impassíveis,
Vou ficar com aquela que espera por mim, e com aquelas mulheres que são de sangue quente e suficientes para mim,
Vejo que elas me entendem e não me negam,
Vejo que são dignas de mim, serei o robusto marido dessas mulheres.

Elas não são um tiquinho menos que eu,
Elas são bronzeadas no rosto por sóis brilhantes e ventos soprantes,
Sua carne tem a força e a antiga e divina agilidade,
Elas sabem nadar, remar, cavalgar, lutar, atirar, correr, bater, recuar, avançar, resistir, defender-se,
Elas são o máximo em sua própria justiça - são calmas, claras, com bom controle de si mesmas.

Vos atraio para perto de mim, vós mulheres,

Não posso vos largar, eu vos faria bem,
Sou para vós, e sois para mim, não apenas para nosso próprio bem, mas para o bem dos outros,
Envolvidos em vós dormem maiores heróis e bardos,
Eles recusam-se a acordar ao toque de qualquer homem que não seja eu.

Sou eu, mulheres, eu faço meu caminho,
Sou austero, acre, amplo, indissuadível, mas vos amo,
Não vos firo mais do que vos é necessário,
Verto a matéria para engendrar filhos e filhas adequados a estes Estados, pressiono com músculo lento e rude,
Firmo-me eficazmente, não ouço súplicas,
Não ouso me retirar antes que deposite o que por tanto tempo se acumulou dentro de mim.

Através de vós escoo meus rios contidos,
Em vós embrulho mil anos avante,
Em vós enxerto os enxertos dos mais amados de mim e da América,
As gotas que destilo em vós gerarão moças ferozes e atléticas, novos artistas, músicos, e cantores,
Os bebês que engendro em vós devem engendrar bebês por sua vez,
Exigirei homens e mulheres perfeitos dos meus dispêndios de amor,

Espero que eles interpenetrem com outros, como nós interpenetramos agora,
Contarei com os frutos de suas jorrantes torrentes, como conto com os frutos das jorrantes torrentes que produzo agora,
Buscarei as safras amorosas de nascimento, vida, morte, imortalidade, que planto tão ternamente agora.

Eu Espontâneo

Eu espontâneo, a Natureza,
O dia carinhoso, o sol ascendente, o amigo com quem estou feliz,
O braço do meu amigo pendendo ociosamente sobre meu ombro,
O aclive embranquecido com flores de sorveira,
O mesmo tarde no outono, os tons de vermelho, amarelo, pardo, púrpura, e verde claro e escuro,
A colcha rica da relva, animais e aves, a vicejante margem isolada, as maçãs primitivas, os seixos,
Belos fragmentos gotejantes, a lista negligente de um após o outro quando os chamo para mim ou penso neles,
Os poemas reais, (o que chamamos poemas sendo meramente retratos),
Os poemas da privacidade da noite, e de homens como eu,
Este poema declinante, tímido e invisto que sempre carrego, e que todos os homens carregam,

(Sabei de uma vez por todas, admitido de propósito, onde estiverem homens como eu, estão nossos vigorosos furtivos poemas masculinos,)

Pensamentos de amor, suco de amor, odor de amor, entrega de amor, trepadeiras de amor, e a seiva ascendente,
Braços e mãos de amor, lábios de amor, fálico polegar de amor, seios de amor, barrigas premidas e grudadas com amor,
Terra de amor casto, vida que só é vida depois do amor,
O corpo de meu amor, o corpo da mulher que amo, o corpo do homem, o corpo da terra,
Brandas brisas matinais que sopram do sudoeste,
A peluda abelha selvagem que murmura e suspira de um lado para outro, que agarra a flor madura, curva-se sobre ela com pernas firmes e amorosas, toma sua vontade dela, e se segura trêmula e tesa até estar saciada;

A umidade das matas nas horas matutinas,

Dois dorminhocos à noite deitados juntos dormindo, um com um braço obliquamente abaixo da cintura do outro,

O cheiro de maçãs, aromas de artemísia amassada, hortelã, casca de bétula,

Os anseios do rapaz, o fulgor e a pressão quando ele segreda a mim o que estava sonhando,

A folha seca rodopiando seu giro espiral e caindo quieta e contente no chão,

Os ferrões sem-forma com que as cenas, pessoas, objetos me ferroam,

O centrado ferrão de mim mesmo, ferroando-me tanto quanto qualquer um possa,

Os irmãos sensíveis, órbicos, sobpostos, que apenas antenas privilegiadas podem ficar íntimas de onde estão,

O curioso errante a mão errando sobre todo o corpo, o acanhado encolher da carne onde os dedos suavemente pausam e avançam,

O líquido límpido dentro do jovem,

O desgaste exasperado tão pensativo e tão doloroso,

O tormento, a maré irascível que não descansará,

Semelhante a isto sinto, semelhante em outros,

O rapaz que se enrubesce, e a moça que se enrubesce,

O rapaz que desperta profundo à noite, a mão ardente buscando reprimir o que o dominaria,

A noite mística amorosa, as estranhas pontadas mal recebidas, visões, suores,

O pulso palpitando pelas palmas e trêmulos dedos envolventes, o jovem todo colorido, vermelho, envergonhado, raivoso;

A ducha sobre mim de meu amante o mar, quando deito disposto e nu,

O regozijo dos gêmeos que se arrastam sobre a relva ao sol, a mãe nunca tirando deles os olhos vigilantes,

O tronco da nogueira, a palha da nogueira, e as longovaladas nozes maduras ou amadurecendo,

A moderação de vegetais, aves, animais,

Minha consequente mesquinhez se me esquivasse ou me achasse indecente, enquanto aves e animais nunca se esquivam ou se acham indecentes,

A grande castidade da paternidade, para igualar a grande castidade da maternidade,

O juramento de procriação que fiz, minhas filhas Adâmicas e recentes,

A cupidez que me consome dia e noite com faminto roer, até que infunda o que produzirá meninos para preencher meu lugar quando eu me for,

O alívio sadio, o repouso, o contentamento,

E esse tufo arrancado ao acaso de mim,
Ele fez sua parte - eu o lanço sem cuidado para cair onde deve.

Uma Hora Para Demência e Júbilo

Uma hora para demência e júbilo! Ah furioso! Ah não me confina!

(O que é isto que me liberta nas tempestades?
O que meus gritos em meio aos raios e ventos raivosos significam?)

Ah beber os delírios místicos mais profundo que qualquer outro homem!
Ah selvagens e ternas dores!

(Deixo-as a vós meus filhos, Vos conto, por razões, Ah noivo e noiva.)

Ah estar entregue a ti quem fores, e estares entregue a mim em desafio do mundo!
Ah retornar ao Paraíso!
Ah acanhado e feminino!
Ah puxar-te para mim, plantar em ti pela primeira vez os lábios de um homem determinado!

Ah o enigma, o nó tri-atado, a poça funda e negra, tudo desatado e iluminado!
Oh acelerar onde há espaço bastante e ar bastante por fim!
Ser eximido de laços e convenções prévios, eu dos meus e tu dos teus!
Achar um novo desinteresse imprevisto com o melhor da Natureza!
Ter a mordaça removida da boca!
Ter a sensação hoje ou qualquer dia que sou suficiente como sou.

Ah algo não provado! algo num transe!
Escapar totalmente das âncoras e amarras dos outros!
Dirigir livre! amar livre! lançar-se temerário e perigoso!
Cortejar destruição com escárnios, convites!
Ascender, saltar aos céus do amor indicado a mim!
Subir lá com minha alma inebriada!

Ficar perdido se assim deve ser!
Alimentar o restante de vida com uma hora de plenitude e liberdade!

Com uma breve hora de demência e júbilo.

Do Ressonante Oceano a Multidão

Do ressonante oceano a multidão veio uma gota gentilmente a mim,
Sussurrando te amo, sem demora morro,
Viajei muito meramente para te contemplar, te tocar,
Pois não poderia morrer até contemplar-te uma vez,
Pois temia perder-te mais tarde.

Agora nos encontramos, nos olhamos, estamos seguros,
Retorna em paz ao oceano meu amor,
Também sou parte desse oceano meu amor, não estamos tão separados,
Vê a grande redondeza, a coesão de tudo, tão perfeita!

Mas quanto a mim, ti, o mar irresistível deve nos separar,
Quanto a nos carregar diverso por uma hora, no entanto não pode nos carregar diversos para sempre;

Não sejas impaciente - um pequeno espaço - saiba tu que saúdo o ar, o oceano e a terra,
Todo dia ao poente pelo teu caro bem meu amor.

Eras e Eras Retornando em Intervalos

Eras e eras retornando em intervalos, Indestruído, vagando imortal,
Robusto, fálico, com o púbis potente original, perfeitamente doce,
Eu, cantador de canções Adâmicas,
Pelo novo jardim o Ocidente, as grandes cidades invocando,
Frenesiado[{70}], deste modo preludio o que é gerado, oferecendo estas, oferecendo-me,
Banhando-me, banhando minhas canções em Sexo,
Sangue do meu sangue.

Nós Dois, o Quanto Fomos Logrados

Nós dois, o quanto fomos logrados,
Agora transmutados, rapidamente escapamos como a Natureza,
Somos a Natureza, longamente estivemos ausentes, mas agora retornamos,
Nos tornamos plantas, troncos, folhagem, raízes, casca,
Estamos assentados no chão, somos rochas,
Somos carvalhos, crescemos nas clareiras lado a lado,
Pastamos, somos dois entre os rebanhos selvagens espontâneos como os demais,

Somos dois peixes nadando no mar juntos,
Somos o que flores de falsa acácia são, vertemos aromas nas alamedas de manhã e de tarde,
Somos também a tosca nódoa de feras, vegetais, minerais,
Somos dois falcões predatórios, planamos acima e olhamos pra baixo,
Somos dois sóis resplendentes, somos nós que nos equilibramos órbicos e estelares,
Somos como dois cometas, Rondamos colmilhados e quadrupedantes nos bosques, pulamos sobre presas, Somos duas nuvens manhãs e tardes passando acima,
Somos mares mesclando, somos duas daquelas alegres ondas rolando uma sobre a outra e se intermolhando,
Somos o que a atmosfera é, transparentes, receptivos, pérvios, ínvios,
Somos neve, chuva, frio, trevas, somos cada produto e influência do globo,

Temos circulado e circulado até que chegamos em casa de novo, nós dois,

Temos esvaziado tudo menos liberdade e tudo menos nosso próprio gozo.

Oh Hímen! Oh Himeneu![{71}]

Oh hímen!
Oh himeneu! por que me atormentas assim?
Oh por que me ferroas só por rápido momento?
Por que não podes continuar?
Oh por que cessas agora?
É porque se continuasses além do rápido momento em breve certamente me matarias?

Sou Aquele Que Sofre Com o Amor

Sou aquele que sofre com o amor apaixonado;
A terra gravita? toda matéria, sofrendo, não atrai toda matéria?
Assim o meu corpo a todos que encontro ou conheço.

Momentos Naturais

Momentos naturais - quando me descobris - ah estais aqui agora,
Dai-me agora só gozos libidinosos,
Dai-me o banho de minhas paixões,
Dai-me vida vulgar e profusa,

Hoje vou me associar aos favoritos da Natureza, à noite também,
Estou a favor daqueles que acreditam em vagos deleites, compartilho as orgias noturnas dos jovens,
Danço com os dançadores e bebo com os bebedores,
Os ecos tocam com nossos chamados indecentes, escolho uma pessoa grosseira como amigo caríssimo,
Ele será sem lei, rude, analfabeto, ele será alguém condenado por outros por ações praticadas,
Não mais encarnarei um personagem, por que eu devia me exilar de meus companheiros?

Ah pessoas evitadas, eu pelo menos não vos evito,
Vou sem demora em vosso meio, serei vosso poeta,
Serei mais para vós do que para qualquer um dos demais.

Uma Vez Atravessei Uma Populosa Cidade

Uma vez atravessei uma populosa cidade impregnando meu cérebro para uso futuro com seus espetáculos, arquitetura, costumes, tradições,

No entanto agora de toda essa cidade só me lembro de uma mulher que casualmente conheci lá que me reteve por amor a mim,

Dia a dia e noite a noite estávamos juntos - tudo o mais foi esquecido por mim faz tempo,

Lembro só daquela mulher que apaixonadamente se apegou a mim,
De novo vagueamos, amamos, separamos de novo,
De novo ela pega minha mão, não devo ir,

Vejo-a junto a mim com lábios silentes, triste e trêmula.

Vos Ouvi Dulci-Solenes Tubos do Órgão

Vos ouvi dulci-solenes tubos do órgão quando domingo passado de manhã passei na igreja,

Ventos de outono, quando cruzei o bosque no crepúsculo ouvi vossos longos suspiros acima tão pesarosos,

Ouvi o perfeito tenor italiano cantando na ópera, ouvi a soprano em meio ao quarteto cantando;

Coração de meu amor! também te ouvi murmurando baixo por um dos pulsos ao redor de minha cabeça,

Ouvi teu pulsar quando tudo ainda estava tocando sininhos ontem à noite sob meu ouvido.

Encarando o Oeste nas Praias da Califórnia

Encarando o oeste nas praias da Califórnia,
Indagando, incansável, buscando o que está ainda oculto,
Eu, uma criança, muito velho, sobre ondas, em direção à casa da maternidade, às terras da migrações, olho ao longe,
Olho das praias de meu mar Ocidental, o círculo quase circundado;

Partindo do Hindustão em direção oeste, dos vales de Kashmere,
Da Ásia, do norte, de Deus, do sábio, e do herói,
Do sul, das penínsulas floridas e das ilhas de especiarias,
Tendo vagado longamente desde então, em volta da terra tendo vagado,
Agora encaro o lar de novo, muito satisfeito e festivo,

(Mas onde está o que busquei há tanto tempo?
E por que está ainda oculto?)

Feito Adão de Manhã Cedo

Feito Adão de manhã cedo,
Saindo do abrigo refeito com o sono,
Vê-me onde passo, ouve minha voz, aproxima,
Toca-me, toca a palma de tua mão em meu corpo quando passo,
Não tenhas medo de meu corpo.

CÁLAMO[{72}]

“Cálamo” é um dos grupos de poemas mais autônomos e permanentes de Folhas de Relva. Publicado na edição de 1860, este conjunto celebra a camaradagem entre homens, um tipo de união que tem valor sentimental, afetivo, humano e político, pois essa união é a base da Democracia e da manutenção da nação.

A primeira questão a ser abordada é sobre o uso específico da planta cálamo na poesia de Whitman e sua intenção com ela. A explicação vem através de suas próprias palavras, citadas abaixo, em um trecho da nota 2 ao “Prefácio 1876 – Folhas de Relva e Dois Riachos”, no qual o poeta apresenta o que ele pretendeu com suas Folhas e particularmente com “Cálamo”:

> *Algo mais deve ser acrescentado – pois, enquanto estou disposto, eu faria uma confissão completa. Também lancei FOLHAS DE RELVA para despertar e por em fluxo nos corações de homens e mulheres, jovens e velhos, (meus leitores presentes e futuros,) infinitas torrentes de amor e amizade vivas e pulsantes, diretamente deles para mim, agora e sempre. [...] Digo, o elo mais sutil, mais doce, mais certo entre eu e Ele ou Ela, que, nas páginas de Cálamo e outras seções me perceber – embora nunca nos vejamos, ou apesar de eras e eras adiante – deve, deste modo, ser afeição pessoal.*
>
> *[...]*
>
> *Além disso, por mais importantes que sejam [os poemas] em meu propósito como expressões emocionais para a humanidade, o sentido especial do conjunto Cálamo de FOLHAS DE RELVA [...] reside principalmente em sua significância Política. Em minha opinião, é por um desenvolvimento ardente, consentido, de Camaradagem, a bela e sã afeição de homem para homem, latente em todos os jovens,*

Norte e Sul, Leste e Oeste – é através disso, digo, e pelo que vai diretamente e indiretamente com isso, que os Estados Unidos do futuro, (nunca é demais repetir,) há de ser mais efetivamente soldado, intercalado, fortalecido em uma viva união.

Assim, como indício geral, é pra guardar na memória imperativamente e sempre que FOLHAS DE RELVA inteiro não é para ser interpretado como um esforço intelectual ou escolástico ou Poema principalmente, mas mais como uma elocução radical vinda dos abismos da Alma [...], das Emoções e do Físico – uma elocução ajustada a, talvez nascida da Democracia e da Ciência Moderna [...], e em sua própria natureza indiferente às antigas convenções, e, sob as grandes Leis, seguindo somente seus próprios impulsos. (Walt Whitman, Leaves of Grass and other writings, New York, W.W. Norton & Company, Inc., 2002, p.657)

Não é por acaso que Whitman fala na união entre homens e mulheres através de amizade e amor, e em especial no conjunto "Cálamo" por uma ardente camaradagem entre homens. O poeta tinha em sua vida vinte anos de envolvimento com a política. Tinha visto o fracasso do sistema político norte-americano, no qual militou como jornalista e partidário{73}. Na verdade, estava desapontado com o sistema político como um provedor de soluções concretas para problemas reais, particularmente a escravidão, um cancro que havia infectado a vida da nação e a estava levando a um estado de decadência moral. Whitman era uma testemunha pessoal disso. Pertencera a partidos políticos. Havia sido "um escritor bem sucedido de jornalismo competente" assim como um "Democrata{74}" e conhecia os políticos de seu tempo e seus afazeres. Embora fosse contra a escravidão, era também contra a divisão do país e de seu povo, e respeitava a Constituição. Por este motivo ele é às vezes criticado por não ter sido um abolicionista radical. Whitman depreciava a escravidão, mas sentia que uma nação dividida seria pior do que isso. Allen nos auxilia com um breve comentário sobre esta atitude do poeta:

Para Whitman a Constituição era sagrada e cada seção devia ser observada "em espírito e em letra". Ele considerava a escravidão errada, mas até que fosse abolida pela ação ou consentimento dos

estados, a Constituição não devia ser violada mesmo para combater a escravidão[{75}]*.*

Esse terrível dilema estava partindo a cabeça e o coração do poeta. Assim, ele decidiu abandonar a política profissional em favor de um propósito maior: criar uma obra que faria o que a política não poderia fazer, isto é, unir o país, fazer uma nação, algo que não poderia ser alcançado apenas com ideias e ações materialistas. Whitman acreditava que devia haver algo além da visão materialista do mundo que dominava a cena norte-americana que poderia ser usado para este propósito maior, e isto era o amor de pessoa para pessoa, afeição, igualdade, camaradagem, amatividade (atração entre os sexos), adesividade (amor aos amigos, disposição para se associar, necessária ao convívio social[{76}]*), os temas que cantou nas Folhas.*

Conforme o poeta afirmou no Prefácio de 1876, há um significado político em sua poesia, e o junco, cana ou cálamo é o símbolo que representa o sentido político da "ardente camaradagem", o elemento que liga a afeição pessoal à sua aplicação política. É a transformação de algo individual em algo coletivo. Deste modo, Whitman abandonou a política profissional, mas não a atitude política, como pode ser visto no seguinte trecho de Walt Whitman, An American, que nos dá uma descrição precisa de seus pensamentos e sentimentos no período anterior à publicação de Folhas de Relva:

[…]

Em setembro de 1849, ele renunciou com um amargo adeus a seus inimigos, e 'antigos Hunkers em geral,' termo pelo qual ele indicava Democratas conservadores prontos a sacrificar solo livre para manter o partido no poder.

Isto – e tenho certeza que Walt percebeu – foi o fim de sua carreira como editor político. Walt não era somente um partidário do Solo-Livre como seu amigo Bryant, ele era um 'Barnburner' [termo que indicava os liberais do partido], com vontade de sacrificar nomeações e poder por princípios, e pronto a dividir o partido se necessário. E como muitos membros líderes

desta facção, ele mais tarde abandonou os Democratas e foi para o novo Partido Republicano, onde, no entanto, ele nunca funcionou como um político ou editor. Sua carreira jornalística tinha muitos anos pela frente; ele teria, como veremos, outro emprego de editor, embora não um que fosse político; mas, a partir desse ano crucial de 1849, ele torna-se mais e mais desconfiado da política americana, mais e mais resolvido a falar por si mesmo[77].

Partidários do Solo-Livre eram membros do Partido do Solo-Livre, um partido político nos Estados Unidos que atuou nas eleições presidenciais de 1848 e de 1852 e em algumas eleições estaduais. Era uma dissidência do Partido Democrata e foi integrado ao Partido Republicano em 1854. Seu objetivo principal era opor-se ao estabelecimento da escravidão nos novos territórios. Defendiam a ideia de que homens livres trabalhando em solo livre era um sistema moralmente e economicamente superior à escravidão. Basicamente, queriam manter os novos estados criados no oeste livres de escravos, embora não fossem contra a escravidão em si nos estados onde já existia. Whitman ficou responsável pelo jornal, The Freeman, em 1848, mas o jornal foi incendiado após a primeira edição e só recomeçou a funcionar dois meses depois. No entanto, Whitman estava "determinado a manter a escravidão fora das novas terras a oeste do Mississippi, embora ainda não fosse de modo algum um Abolicionista. Ele estava tornando-se mais radical, radical demais para The Freeman[78]*". Consequentemente, em 1849, demitiu-se do jornal.*

Assim, é bem plausível que uma total desilusão política tenha sido motivação forte o suficiente para fazer alguém com impulso artístico trocar a política pela literatura, especialmente porque esse dom literário já havia se manifestado durante sua carreira jornalística. Whitman havia escrito críticas a livros e conhecido pessoalmente escritores, tais como Edgar Alan Poe e William Cullent Bryant (poeta, critico e editor norte-americano, 1794-1878).

Em "Canção de Mim Mesmo", na seção 24, há um verso com a palavra "afflatus" (inspiração; Whitman gostava de usar a palavra "afflatus" para descrever um forte impulso criativo ou inspiração divina): "A inspiração me atravessa se agitando cada vez mais". É interessante notar que o verbo

"se agitar / se encapelar", para explicar sua inspiração divina, significa subir e se mover de uma maneira encapelada ou volumosa, ou rolar e ser sacudido sobre ondas, como um barco e também se mover como ondas. Isto significa que o poeta não somente derramou seu oceano de amor, o "desmedido oceano de amor dentro dele", como fez em "Registradores Eras Adiante", de "Cálamo", mas também seu impulso criativo, que praticamente se apossou dele. Ele teve que se render às suas "grandes ondas imperiosas" (do poema "Em Navios com Cabines no Mar", de "Inscrições"). A política não era um meio apropriado de transmitir esse "oceano de amor" ao público. Deste modo, na época da dura crise ideológica sofrida por Whitman no final da década de 1840, quando viu a corrupção se alastrando nas três esferas do governo (municipal, estadual e federal), tudo que ele queria era fugir da política profissional. Assim Canby descreve o humor de Whitman naqueles dias:

> *Sua primeira reação à desilusão política foi uma violenta aversão por todo o negócio de política partidária. Como muitos outros idealistas que se desapontaram com toda a maquinaria pela qual a vida em sociedade é levada, ele queria esmagar todas as máquinas. [...] Whitman está cheio da política prática. Chegou o tempo de homens serem levados em conta, não partidos. Máquinas partidárias são dirigidas por candidatos a cargos públicos e fantoches do Presidente. [...] Walt [...] perdeu a fé, por um momento, no sistema democrático, embora não na democracia. Seus dias de editorialismo político acabaram [...], seu interesse em deixar o sufrágio foi absorvido por seu interesse em dar ideais ao seu país*[{79}].

Então, não havia salvação para Whitman ou para a nação na política. Como poderia a unidade da nação ser mantida por um Estado corrupto? Como poderia um governo corrupto manter trabalho livre e escravidão em paz num país se era esse mesmo governo corrupto que negociava interesses pessoais para assegurar esse mesmo estado de coisas? Com certeza qualquer cidadão honesto concordaria que não é necessário estar inspirado para perceber que não há solução em políticos desonestos que tentam convencer a população de que a escravidão seja boa para os escravos (para fazê-los aceitá-la e não lutarem por liberdade) e também

boa para os trabalhadores livres, que estão perdendo empregos porque existem escravos disponíveis para fazer o trabalho de graça.

Alguns críticos sugerem que a mudança de Whitman nesse período foi devido a algum tipo de iluminação, que poderia tê-lo empurrado para a poesia. Como ninguém parece aceitar que um "gênio criativo" pudesse começar a trabalhar numa idade mais provecta, como canta o próprio poeta em "Canção de Mim Mesmo", na seção 1: "Eu, trinta e sete anos, em perfeita saúde inicio, / Esperando não cessar até a morte", Canby diz que "A lenda de Whitman toma conta da biografia de Walt nesses anos. Diz que Walt deixou o mundo jornalístico. Diz que teve experiências místicas." Simplesmente porque ninguém consegue explicar como "[…] da pena de um editor político e literato diletante, apareceram os primeiros poemas radicais, revolucionários, egotistas e poderosos de 'Folhas de Relva[{80}]*'.*

Por isso, em vez de pensar numa iluminação que nunca poderia ser provada, apesar de não podermos negar a lucidez e brilhantismo de Whitman, seria melhor pensar num homem, numa pessoa que de fato amava seus concidadãos com todo seu coração, que os amava tanto que desistiria de sua carreira jornalística para fazer a vontade de seu coração: cantar seu povo, sua nação, uma unidade que poderia ser alcançada pelo coração universal, "includente[{81}]*" do poeta. Que queria espalhar seu amor tanto quanto o mar faz com sua água. Um poeta "Que não tinha orgulho de suas canções, mas do desmedido oceano de amor dentro dele, e que derramou livremente," pelo bem de seus queridos camaradas, os verdadeiros amigos que construiriam uma nação juntos. Este poeta encontrou no cálamo, no junco, o símbolo que representaria esta energia unificadora, conectando pessoa a pessoa, homem a homem, amigo a amigo.*

Por Trilhas Intrilhadas

Por trilhas intrilhadas,
No crescer às margens de lagoas,
Escapado da vida que se exibe,
De todos os padrões até agora publicados, dos prazeres, lucros, conformidades,

Que longamente ofereci para nutrir minha alma,
Claros para mim agora padrões não ainda publicados,
Claro para mim que minha alma,
Que a alma do homem por quem falo se regozija em camaradas,
Aqui sozinho longe do tinido do mundo,

Registrando e sendo abordado por línguas aromáticas,
Não mais constrangido, (pois neste ponto recluso posso responder como não ousaria em outro lugar,)
Forte sobre mim a vida que não se exibe, no entanto contém todo o resto,
Resolvido a não cantar canções hoje salvo aquelas de máscula união,
Projetando-as ao largo dessa vida substancial,
Legando assim tipos de amor atlético,

À tarde este delicioso Nono mês[{82}] em meu quadragésimo primeiro ano,
Prossigo para todos que são ou foram jovens,
Para contar o segredo de minhas noites e meus dias,
Para celebrar a necessidade de camaradas.

Pastagem Perfumada do Meu Peito

Pastagem perfumada do meu peito,
Tuas folhas recolho, escrevo, para ser melhor perscrutadas mais tarde,
Folhas-tumulares, folhas-corporais crescendo acima de mim, acima da morte,
Raízes perenes, longas folhas, Ah o inverno não vos congelará folhas delicadas.

Todo ano florescereis de novo, do lugar para onde vos retirastes emergireis de novo;

Oh não sei se muitos passantes vos descobrirão ou inalarão vosso langue odor, mas creio que alguns sim;

Oh delgadas folhas!
Oh flores do meu sangue! permito que falais à vossa maneira sobre o coração que está sob vós,
Oh não sei o que exprimis aí embaixo de vós mesmas, não sois felicidade,
Sois com frequência mais amargas do que posso suportar, queimais e ferroais-me,
No entanto sois belas para mim raízes langue-tingidas, me fazeis pensar em morte,
A morte é bela desde vós, (o que é de fato finalmente belo exceto morte e amor?)

Ah acho que não é pela vida que estou cantando aqui meu cântico de amantes, acho que deve ser pela morte,
Pois tão calma, tão solene ela cresce ascendendo à atmosfera dos amantes,
Morte ou vida estou então indiferente, minha alma declina de preferir,

(Não estou certo mas a eminente alma dos amantes recebe mais a morte,)

De fato Oh morte, acho agora que estas folhas exprimem precisamente o mesmo que tu,

Crescei mais doces folhas para que eu veja! crescei do meu peito!
Saltai desse oculto coração!
Não vos dobrai assim em vossas róseo-tingidas raízes tímidas folhas!
Não permanece aí embaixo tão acanhada, pastagem do meu peito!

Vem, estou determinado a despir este meu amplo peito, tenho longamente suprimido e sufocado;

Hastes emblemáticas e caprichosas vos deixo, agora não me servis,
Direi o que tenho a dizer por si só,
Exaltarei a mim e a camaradas apenas, nunca emitirei um chamado de novo, apenas o chamado deles,
Erguerei com ele reverberações imortais pelos Estados,
Darei um exemplo aos amantes para assumir forma e vontade permanentes pelos Estados,

Através de mim serão ditas as palavras para tornar a morte estimulante,
Dá-me teu tom então Oh morte, que eu possa concordar com ele,
Dá-te a mim, pois vejo que me pertences agora acima de tudo, e estais inseparavelmente cingidos, vós amor e morte estais,
Nem te permitirei mais me recusar com o que eu chamava vida,

Pois agora me é comunicado que és os significados essenciais,
Que te escondes nas formas mutantes de vida, por razões, e que elas são principalmente para ti,
Que tu além delas vens para ficar, a realidade real,
Que atrás da máscara dos materiais pacientemente esperas, não importa quanto,
Que um dia talvez terás o controle de tudo,
Que talvez dissiparás esta completa exibição de aparência,

Que pode ser que sejas a razão dela, mas ela não dura tanto assim,
Mas tu durarás muito.

Quem Sejas Segurando Agora Minha Mão

Quem sejas segurando agora minha mão,
Sem uma coisa tudo será inútil,
Dou-te justo aviso antes que me tentes mais,
Não sou o que imaginaste, mas bem diferente.

Quem é que se tornaria meu seguidor?
Quem se inscreveria como candidato às minhas afeições?

O modo é suspeito, o resultado incerto, talvez destrutivo,
Terias que desistir de tudo, só eu preveria ser teu único e exclusivo modelo,
Teu noviciado seria mesmo longo e exaustivo,
Toda a antiga teoria de tua vida e toda conformidade às vidas ao teu redor teriam de ser abandonadas,
Por isso me solta agora antes que te aborreças mais, tira tua mão de meus ombros, Solta-me e toma teu rumo.

Senão na calada nalgum bosque para teste,
Ou atrás de uma rocha a céu aberto,

(Pois em salas cobertas de uma casa não emerjo, nem em companhia,
E em bibliotecas jazo como um bobo, um basbaque, ou inato, ou morto,)

Mas bem possivelmente contigo numa colina alta, primeiro vigiando para que ninguém por milhas ao redor se aproxime desavisado,
Ou possivelmente contigo navegando no mar, ou na praia do mar ou numa quieta ilha,
Aqui pôr teus lábios sobre os meus permito-te,

Com o beijo muito demorado do camarada ou o beijo do novo marido,
Pois sou o novo marido e sou o camarada.

Ou se quiseres, empurrando-me sob tuas roupas,
Onde eu possa sentir a pulsação de teu coração ou repousar sobre teu quadril,
Carrega-me quando saíres por terra ou mar;
Pois assim meramente tocando-te é o bastante, é o melhor,
E assim tocando-te eu silentemente dormiria e seria carregado eternamente.

Mas estas folhas te enganando enganam em perigo,
Pois estas folhas e eu não entenderás,
Elas te iludirão no início e ainda mais depois, certamente iludirei-te,
Mesmo enquanto pensasses que tivesses inquestionavelmente me pego, eis que!
Já vês que te escapei.

Pois não é pelo que pus nele que escrevi este livro,
Nem é lendo-o que o obterás,
Nem me conhece melhor quem me admira e arrogantemente me elogia,
Nem irão os candidatos ao meu amor (a não ser no máximo uns poucos) se mostrar vitoriosos,
Nem farão meus poemas só o bem, eles farão o mesmo tanto de mal, talvez mais,
Pois tudo é inútil sem aquilo que podes figurar muitas vezes e não acertar, aquilo que insinuei;

Por isso libera-me e toma teu rumo.

Para Ti Oh Democracia

Vem, tornarei o continente indissolúvel,
Farei a mais esplêndida raça que o sol já iluminou,
Farei terras divinas e magnéticas,
Com o amor de camaradas,
Com o duradouro amor de camaradas.

Plantarei camaradagem densa como as árvores ao largo de todos os rios da América, e ao largo das praias dos grandes lagos, e por todas as planícies,
Farei cidades inseparáveis com seus braços mutuamente ao redor dos pescoços,
Pelo amor de camaradas,
Pelo másculo amor de camaradas.

Para ti estas de mim, Oh Democracia, para servir-te ma femme[{83}]!
Para ti, para ti estou trinando estas canções.

Estes[{84}] Cantando na Primavera

Estes cantando na primavera coleto para amantes,

(Pois quem salvo eu entenderia amantes e toda a sua mágoa e gozo?
E quem salvo eu seria o poeta de camaradas?)

Coletando percorro o jardim o mundo, mas logo ultrapasso os portões,
Agora junto à lagoa, agora vadeando um pouco, não temendo o molhado,
Agora pela cerca de mourões vazados onde as velhas pedras ali jogadas, removidas dos campos, têm acumulado,

(Flores silvestres e vinhas e ervas brotam pelas pedras e parcialmente as cobrem, passo além delas,)

Longe, longe na floresta, ou flanando mais tarde no verão, antes que eu pense aonde vou,
Solitário, aspirando o aroma terroso, parando de vez em quando no silêncio,
Sozinho eu tinha pensado, no entanto logo um bando se agrupa a meu redor,
Alguns andam ao meu lado e alguns atrás, e alguns abraçam meus braços ou pescoço,
Eles os espíritos de caros amigos mortos ou vivos, mais compactos vêm, uma grande multidão, e eu no meio,
Coletando, repartindo, cantando, aí vagueio com eles,
Pegando alguma coisa como símbolo, lançando a quem esteja perto,

Aqui, lilás, com um galho de pinheiro,
Aqui, do meu bolso, algum musgo, que arranquei de um carvalho na Flórida, enquanto ele pendia enramando para baixo,
Aqui, alguns cravos e folhas de louro, e um punhado de sálvia, E aqui o que agora retiro da água, vadeando a lagoa,

(Ah aqui vi por último aquele que me ama ternamente, e retorna de novo para nunca se separar de mim,
E isto,
Oh isto doravante será o símbolo dos camaradas, esta raiz de cálamo será,
Troquem-na moços entre si! que nenhum a devolva!)

E vergônteas de bordo e um cacho de laranjeira silvestre e castanheiro,
E talos de groselheira e florescências de ameixeira, e o aromático cedro,
Estes circundei com uma densa nuvem de espíritos,
Vagueando, aponto ou toco ao passar, ou lanço-os frouxamente de mim,
Indicando a cada um o que ele terá, dando algo a cada um;

Mas o que retirei da água da lagoa, que reservo,
O darei, mas só àqueles que amam como eu mesmo sou capaz de amar.

Não Arfando Somente do Meu Peito Reforçado

Não arfando somente do meu peito reforçado,
Não em suspiros à noite em fúria insatisfeito comigo mesmo,
Não naqueles compridos e mal-abafados suspiros,
Não em muitos juramentos e promessas quebrados,
Não na volição de minha alma obstinada e selvagem, Não na sutil nutrição do ar,
Não neste bater e palpitar nas têmporas e pulsos,
Não nas curiosas sístole e diástole dentro das quais um dia cessarás,
Não em muito ávido desejo contado só aos céus,
Não em choros, risos, desafios, lançados de mim quando sozinho nas selvas,
Não em roucos arquejos por dentes trincados,
Não em palavras sonantes e ressonantes, palavras charlantes, ecos, palavras mortas,
Não nos murmúrios de meus sonhos enquanto durmo,

Nem os outros murmúrios desses incríveis sonhos de todo dia,
Nem nos membros e sentidos de meu corpo que vos atraem e repudiam continuamente - não aí,
Não em nenhum ou em todos eles
Oh adesividade[{85}]!
Oh pulsar de minha vida!
Preciso eu que existas e te mostres mais que nestas canções.

Da Terrível Dúvida das Aparências

Da terrível dúvida das aparências,
Da incerteza afinal, que possamos estar iludidos,
Que talvez confiança e esperança são só especulações afinal,
Que talvez identidade além do túmulo seja só uma bela fábula,

Talvez as coisas que percebo, os animais, plantas, homens, colinas, águas brilhantes e correntes,
Os céus de dia e de noite, cores, densidades, formas, talvez estes todos sejam (como sem dúvida são) apenas aparições, e o algo real tem ainda de ser conhecido,

(Quantas vezes eles se lançam como a confundir e zombar de mim!
Quantas vezes acho que nem eu sei, nem qualquer homem sabe, algo deles,)

Talvez me aparentando o que são (como sem dúvida eles de fato parecem) como a partir do meu atual ponto de vista,
E não pudessem provar (como naturalmente fariam) nada do que aparentam,
Ou nada de qualquer modo, de pontos de vista inteiramente mudados;

A mim estes e seus iguais são curiosamente respondidos por meus amantes, meus caros amigos,
Quando ele a quem amo viaja comigo ou senta longo tempo segurando minha mão,
Quando o ar sutil, o impalpável, o sentido que palavras e razão não sustentam, nos rodeiam e nos permeiam,
Então sou incumbido de sabedoria inarrada e inarrável, estou silente, nada mais exijo,
Não posso responder à questão das aparências ou a da identidade além do túmulo,

Mas ando ou sento indiferente, estou satisfeito,
Ele retendo minha mão satisfez-me completamente.

A Base de Toda a Metafísica

E agora senhores,
Dou uma palavra para ficar em vossas memórias e mentes,
Como base e final também para toda a metafísica.

(Assim aos estudantes o velho professor,
Ao concluir seu concorrido curso.)

Tendo estudado o novo e o antigo, os sistemas Grego e Germânico,
Kant tendo estudado e exposto, Fichte e Schelling e Hegel,
Exposto o saber de Platão, e Sócrates maior que Platão,
E maior que Sócrates buscado e exposto,
Cristo divino tendo estudado muito,

Vejo reminiscentes hoje aqueles sistemas Grego e Germânico,
Vejo as filosofias todas, igrejas Cristãs e dogmas vejo,

Porém sob Sócrates claro vejo, e sob Cristo o divino vejo,
O caro amor do homem pelo seu camarada, a atração de amigo a amigo,
Dos bem-casados marido e mulher, de filhos e pais,
De cidade a cidade e terra a terra.

Registradores Eras Adiante

Registradores eras adiante,
Vinde, vos levarei abaixo deste impassivo exterior, vos direi o que dizer de mim,
Publicai meu nome e pendurai minha imagem como a do mais terno amante,

O retrato do amigo, do amante, por quem seu amigo seu amante tinha mais afeto,
Que não tinha orgulho de suas canções, mas do desmedido oceano de amor dentro dele, e que derramou livremente,
Que sempre deu seus passeios solitários pensando em seus caros amigos, seus amantes,
Que pensativo longe de alguém que amava com frequência jazeu insone e insatisfeito à noite,
Que conhecia bem demais o enfermo, enfermo medo de que quem ele amava pudesse secretamente ser-lhe indiferente,

Cujos dias mais felizes foram distantes pelos campos,
Nos bosques, nas colinas, ele e um outro vagando de mãos dadas, eles dois à parte de outros homens,
Que com frequência como ele flanou pelas ruas curvando com seu braço o ombro do amigo, enquanto o braço do amigo descansava sobre ele também.

Quando Ouvi ao Cair da Tarde

Quando ouvi ao cair da tarde como meu nome tinha sido recebido com aclamação no capitólio, ainda assim não foi uma noite feliz para mim que se seguiu,

E além disso quando farreei, ou quando meus planos foram realizados, ainda assim não fiquei feliz,

Mas no dia que me ergui na alvorada reposto em saúde perfeita, reanimado, cantando, inalando o vapor maduro de outono,

Quando vi a lua cheia no oeste fulgir pálida e desaparecer na luz da manhã,

Quando vagueei sozinho pela praia, e despindo banhei-me, rindo com a maré fria, e vi o sol nascer,

E quando pensei como meu caro amigo meu amante estava a caminho,

Ah aí fiquei feliz,

Ah então cada alento teve um gosto mais doce, e todo aquele dia minha comida me nutriu mais, e o belo dia passou bem,

E o próximo veio com igual júbilo, e com o próximo à noite veio meu amigo,

E aquela noite enquanto tudo estava tranquilo ouvi a maré rolar lenta e continuamente praia acima,

Ouvi o roçar sibilante do líquido e da areia dirigido a mim sussurrando-me parabéns,

Pois quem mais amo dormia ao meu lado sob a mesma coberta na noite fria,

No silêncio no luar outonal seu rosto estava inclinado em minha direção,

E seu braço pousava levemente em meu peito-e naquela noite eu estava feliz.

És a Nova Pessoa Atraída a Mim?

És a nova pessoa atraída a mim?
Para começar previne-te, sou certamente bem diferente do que supões;

Supões que encontrarás em mim teu ideal?
Achas tão fácil me tornar teu amante?
Achas que minha amizade seria pura satisfação?
Achas que sou confiável e fiel?
Não vês além desta fachada, deste meu modo suave e tolerante?
Supões-te avançando em terreno sólido para um homem heroico real?

Não pensaste Oh sonhador que pode ser tudo maia, ilusão?

Raízes e Folhas em Si Sozinhas

Raízes e folhas em si sozinhas são estas,
Aromas tragos a homens e mulheres das selvas selvagens e lagoas,
Azeda-do-peito e cravos de amor, dedos que se enroscam mais apertados que videiras,
Jorros das gargantas de pássaros ocultos na folhagem das árvores quando o sol se levanta,
Brisas da terra e do amor enviadas de praias vivas a vós no mar vivo, a vós
Oh marinheiros!

Amoras maduras crestadas e ramos de Março oferecidos recentes a jovens vagueando nos campos quando o inverno se esvai,
Botões de amor postos diante de ti e dentro de ti sejas quem fores,
Botões para ser abertos à moda antiga,
Se lhes trouxeres o calor do sol eles se abrirão e trarão forma, cor, perfume, a ti,
Se te tornares o alimento e o líquido eles se tornarão flores, frutos, galhos altos e árvores.

Nem o Calor Flameja e Consome

Não o calor flameja e consome,
Não ondas marinhas se apressam em vaivém,
Não o ar delicioso e seco, o ar de verão maduro, traz levemente brancas bolas de miríades de sementes,
Sopradas, navegando graciosamente, para cair onde devem;

Não estas, Ah nenhuma dessas mais do que minhas chamas, consumindo, queimando por seu amor a quem amo,
Ah nada mais que eu apressando em vaivém;

A maré se apressa, buscando algo, e nunca desiste?

Ah eu idem, Ah nem bolas nem perfumes, nem as altas nuvens emissoras de chuva, são carregadas ao ar livre,
Não mais que minha alma é carregada ao ar livre,
Soprada em todas as direções
Oh amor, por amizade, por ti.

Vertei Gotas

Vertei gotas! minhas veias azuis vazando!
Ah gotas de mim! vertei, vagarosas gotas,
Caindo cândidas de mim, pingai, sangrantes gotas,

De ferimentos feitos para vos libertar donde estáveis presas,
De meu rosto, de minha testa e lábios,
De meu peito, de dentro onde eu estava oculto, pressionai rubras gotas, gotas de confissão,

Manchai toda página, manchai toda canção que canto, toda palavra que digo, sangrentas gotas,
Dai a conhecer vosso calor escarlate, permiti-lhes cintilar,
Saturai-as convosco inteiramente acanhadas e úmidas,
Fulgi sobre tudo que tenho escrito ou escreverei, sangrantes gotas,
Que tudo seja visto à vossa luz, enrubescidas gotas.

Cidade de Orgias

Cidade de orgias, passeios e gozos,
Cidade que a pessoa com quem morei e cantei em teu meio irá um dia fazer-te ilustre,

Nem teus préstitos, nem tuas cenas mutantes, teus espetáculos, me recompensam,
Nem tuas intermináveis fileiras de casas, nem os navios no cais,
Nem as procissões nas ruas, nem as brilhantes vitrines com mercadorias,
Nem conversar com pessoas instruídas, ou dar minha parte no sarau ou banquete;

Não isso, mas quando passo
Oh Manhattan, teu frequente e veloz cintilar de olhos me oferecendo amor,
Oferecendo resposta ao meu - estes me recompensam,
Amantes, contínuos amantes, me recompensam somente.

Vede Este Rosto Moreno

Vede este rosto moreno, estes olhos cinzentos**,**
Esta barba, as claras cãs compridas sobre meu pescoço,
Minhas mãos bronzeadas e meu modo silencioso sem charme;

Porém vem um Manhattanês e sempre na partida me beija levemente nos lábios com robusto amor,
E no cruzamento da rua ou no convés do navio dou um beijo em retorno,
Observamos esta saudação de camaradas americanos terra e mar,
Somos essas duas pessoas naturais e casuais.

Vi em Louisiana Um Carvalho Americano Crescendo

Vi em Louisiana um carvalho americano crescendo,
Solitário resistia e o musgo pendia dos galhos,
Sem nenhum companheiro ele cresceu lá emitindo festivas folhas de verde escuro,
E seu jeito, rude, ereto, vigoroso, me fez pensar em mim mesmo,

Mas imaginei como ele podia emitir festivas folhas estando lá sozinho sem seus amigos por perto, pois eu sabia que eu não poderia,
E quebrei um galhinho com um certo número de folhas, e enrolei nele um pouco de musgo,
E o trouxe, e o coloquei à vista em minha sala,

Ele é desnecessário para me recordar de meus caros amigos,
(Pois creio que ultimamente não penso em nada exceto neles,)
Porém ele permanece para mim um símbolo curioso, me faz pensar em amor viril;

Por tudo isso, e embora o carvalho cintile lá em Louisiana solitário num espaço amplo e plano,
Emitindo festivas folhas toda a vida sem um amigo um amante perto,
Sei muito bem que eu não poderia.

A Um Estranho

Estranho passante! não sabes o quão saudosamente te considero,
Deves ser aquele que eu buscava, ou aquela que eu buscava, (isto vem a mim como num sonho,)
Certamente vivi algures uma vida de gozo contigo,

Tudo é recordado quando passamos um pelo outro, fluidos, afetuosos, castos, amadurecidos,
Cresceste comigo, foste um menino comigo ou uma menina comigo,
Comi contigo e dormi contigo, teu corpo tornou-se não só teu nem deixou meu corpo meu somente,

Dás-me o prazer de teus olhos, rosto, carne, quando passamos, levas algo de minha barba, peito, mãos, em troca,
Não devo falar-te, devo pensar em ti quando sento sozinho ou desperto à noite sozinho,
Devo esperar, não duvido que devo encontrar-te de novo,
Devo cuidar para não perder-te.

Este Momento Ansioso e Pensativo

Este momento ansioso e pensativo sentado sozinho,
Me parece que há outros homens em outras terras ansiosos e pensativos,
Me parece que posso examinar e vê-los na Alemanha, Itália, França, Espanha,

Ou longe, bem longe, na China, ou na Rússia ou Japão, falando outros dialetos,
E me parece que se pudesse conhecê-los eu ficaria apegado a eles como faço com homens em minhas próprias terras,

Oh sei que podíamos ser confrades e amantes,
Sei que podia ser feliz com eles.

Ouço Que Fui Acusado de

Ouço que fui acusado de buscar destruir instituições,
Mas realmente não sou nem a favor nem contra instituições,

(O que de fato tenho em comum com elas? ou com a destruição delas?)

Apenas fundarei em Mannahatta e em toda cidade destes Estados interior ou litoral,
E nos campos e bosques, e acima de toda quilha pequena ou grande que sulca a água,
Sem edifícios ou regras ou curadores ou qualquer argumento,
A instituição do caro amor de camaradas.

Separando a Relva da Campina

Separando a relva da campina, inalando seu odor especial,
Exijo dela o correspondente espiritual,
Exijo a mais copiosa e cerrada camaradagem de homens,
Exijo das hastes que brotem de palavras, atos, seres,

Aqueles da aberta atmosfera, reles, ensolarados, frescos, nutritivos,
Aqueles que têm passo próprio, eretos, pisando com liberdade e comando, guiando não seguindo,
Aqueles com uma audácia nunca sufocada, aqueles com carne doce e robusta imaculada,
Aqueles que olham descuidadamente nas caras de Presidentes e governadores, como a dizer *Quem és tu?*
Aqueles de paixão telúrica, simples, nunca forçados, nunca obedientes,
Aqueles do interior da América.

Quando Perscruto a Fama Conquistada

Quando perscruto a fama conquistada de heróis e as vitórias de potentes generais, não invejo os generais,
Nem o Presidente em sua Presidência, nem o rico em sua grande casa,

Mas quando me falam da irmandade dos amantes, como foi com eles,
Como juntos pela vida, por perigos, ódio, imutáveis, longamente,
Pela juventude e pela meia e avançada idade, quão resolutos, quão afetuosos e fiéis foram,

Aí fico melancólico - me afasto célere cheio da mais amarga inveja.

Nós Dois Meninos Unindo-Nos

Nós, dois meninos unindo-nos,
Um ao outro nunca deixando,
Subindo e descendo as estradas,
Norte e Sul excursões fazendo,

O poder apreciando, os cotovelos esticando, os dedos agarrando,
Armados e intrépidos, comendo, bebendo, dormindo, amando,
Nenhuma lei menos que nós mesmos possuindo, navegando, servindo, roubando, ameaçando,
Alarmando sovinas, servos, padres, haurindo ar, bebendo água, dançando no prado ou na praia do mar,
Retorcendo cidades, desdenhando descanso, zombando de estatutos, acossando a fraqueza,
Cumprindo nossa pilhagem.

Uma Promessa à Califórnia

Uma promessa à Califórnia,
Ou no interior às grandes Planícies pastorais, e ao Puget Sound e Oregon;
Demorando a leste um momento mais, logo viajo em vossa direção, para ficar, para ensinar amor americano robusto,
Pois sei muito bem que eu e amor robusto temos lugar entre vós, no interior, e pelo mar Ocidental;

Pois estes Estados tendem para o interior e para o mar Ocidental, e eu tenderei também.

Eis Minhas Folhas Mais Frágeis

Eis minhas folhas mais frágeis e contudo as mais fortes durando,
Aqui sombreio e escondo meus pensamentos, eu mesmo não os exponho,
E no entanto eles me expõem mais do que todos os meus outros poemas.

Nem Máquina de Poupar Trabalho

Nem máquina de poupar trabalho,
Nem descoberta tenho feito,
Nem serei capaz de deixar para trás algum rico legado para fundar um hospital ou biblioteca,
Nem reminiscência de nenhum ato de coragem pela América,
Nem sucesso literário nem intelecto, nem livro para a estante,
Mas alguns cânticos deixo vibrando pelo ar, Para camaradas e amantes.

Um Relance

Um relance pego por um interstício,

De uma multidão de operários e condutores num bar em volta da estufa tarde numa noite de inverno, e eu inotado sentado num canto,

De um jovem que me ama e a quem amo, silentemente se aproximando e sentando-se próximo, para que possa me segurar pela mão,

Um longo momento entre os ruídos de ir e vir, de bebida e juramento e galhofa obscena,

Ali nós dois, contentes, felizes em estar juntos, falando pouco, talvez nem uma palavra.

Uma Folha Para Mãos Dadas

Uma folha para mãos dadas,

Vós pessoas naturais velhas e jovens!
Vós no Mississippi e em todos os igarapés e marimbus do Mississippi!
Vós amáveis barqueiros e mecânicos! vós desordeiros!
Vós dois! e todas as procissões se movendo pelas ruas!

Desejo infundir-me entre vós até que veja que vos é comum andar de mãos dadas.

Terra, Minha Semelhante

Terra, minha semelhante,
Embora pareças tão impassível, ampla e esférica aí,
Agora suspeito que isso não é tudo;

Agora suspeito que há algo feroz em ti apto para irromper,
Pois um atleta está enamorado de mim, e eu dele,
Mas por ele há algo feroz e terrível em mim apto para irromper,
Não ouso dizê-lo em palavras, nem mesmo nestas canções.

Sonhei Num Sonho

Sonhei num sonho que vi uma cidade invencível aos ataques de todo o resto da terra,
Sonhei que era a nova cidade dos Amigos,
Nada era maior lá que a qualidade do amor robusto, ele guiava o resto,
Ele era visto toda hora nas ações dos homens daquela cidade,
E em todos seus aspectos e palavras.

O Que Achas Que Empunho a Pena?

O que achas que empunho a pena para registrar?
A belonave, perfeita, modelada, majestosa, que vi passar ao largo hoje à plena vela?
Os esplendores do dia que passou? ou o esplendor da noite que me envolve?
Ou a glória arrogante e o crescimento da grande cidade espalhada à minha volta?
Não;

Mas meramente dois homens simples que vi hoje no cais no meio da multidão, partindo a partida de caros amigos,
O que ia ficar pendurou-se no pescoço do outro e apaixonadamente o beijou,
Enquanto o que ia partir pressionou o que ia ficar estreitamente em seus braços.

A Leste e a Oeste

A Leste e a Oeste,

Ao homem do Estado Litorâneo e da Pensilvânia, Ao Kanadiano do norte, ao Sulista que amo,

Estes com perfeita confiança para vos retratar como eu mesmo, os germens estão em todos os homens,

Creio que o principal propósito destes Estados é fundar uma amizade soberba, ardente, previamente desconhecida,

Porque percebo que ela aguarda, e tem aguardado sempre, latente em todos os homens.

Ás Vezes Com Quem Amo

Ás vezes com quem amo encho-me de fúria por medo de efundir amor incorrespondido,
Mas agora acho que não há amor incorrespondido, a retribuição é certa de um jeito ou de outro,

(Amei uma certa pessoa ardentemente e meu amor não foi correspondido,
Porém devido a isso tenho escrito estas canções.)

A Um Moço Ocidental

Muitas coisas para absorver ensino para ajudar a te tornares aluno meu;
Porém se sangue como o meu não circula em tuas veias,
Se não fores silentemente escolhido por amantes e não escolheres silentemente amantes,
De que adianta tentares tornar-te aluno meu?

Firmemente Ancorado Eterno Oh Amor

Firmemente ancorado eterno Oh amor! Oh mulher que amo!
Oh noiva!
Oh esposa! mais irresistível do que posso narrar, o pensar em vós!

Então separado, como desencarnado ou nascido outro,
Etéreo, a última realidade atlética, minha consolação,
Ascendo, flutuo nas regiões de teu amor

Oh homem,
Oh partilhador de minha vida errante.

No Meio da Multidão

No meio de homens e mulheres a multidão,
Percebo alguém me escolhendo por sinais secretos e divinos,
Não reconhecendo mais ninguém, nem pais, esposa, marido, irmão, filho, mais próximo do que eu,
Alguns são impedidos, mas esse não - esse me conhece.

Ah amante e igual perfeito,
Quis dizer que devias me descobrir por langues dissimulações,
E quando te encontrar quero te descobrir pelo igual em ti.

Oh Tu de Quem Com Frequência E em Silêncio me Aproximo

Oh tu de quem com frequência e em silêncio me aproximo para estar contigo,

Quando ando a teu lado ou sento próximo, ou permaneço na mesma sala contigo,

Pouco sabes do sutil elétrico incêndio que por tua causa se ativa dentro de mim.

Essa Sombra Minha Semelhante

Essa sombra minha semelhante que anda pra lá e pra cá buscando uma subsistência, charlando, caçoando,

Quantas vezes me encontro parado olhando-a onde ela plana,
Quantas vezes questiono e duvido se essa sou eu realmente;

Mas entre meus amantes e entoando estas canções,
Ah nunca duvido se essa sou eu realmente.

Pleno de Vida Agora

Pleno de vida agora, compacto, visível,
Eu, quarenta anos de idade no octogésimo-terceiro ano dos Estados,
A alguém um século adiante ou qualquer número de séculos adiante,
A ti ainda inato estas, buscando-te.

Quando leres estas eu que era visível me tornei invisível,
Agora és tu, compacto, visível, percebendo meus poemas, buscando-me,
Fantasiando quão feliz serias se eu pudesse estar contigo e me tornar teu camarada;

Que seja como se eu estivesse contigo.
(Não estejas certo demais, mas estou contigo agora.)

DA CANÇÃO DA ACHA-D’ARMAS A DETRITO MARINHO

Canção da Acha-d'Armas[{86}]

A "CANÇÃO DA ACHA-D'ARMAS" ("Song of the Broad-Axe") apresenta uma grande estrofe introdutória e um persistente uso de anáforas[{87}].

Este poema foi publicado em 1856 e sofreu muita revisão, mas as seis primeiras linhas permaneceram intocadas sempre. Em relação ao machado (acha-d'arma) mencionado no título, Whitman mostra sua inutilidade nas mãos de carrascos europeus, enquanto elogia seu uso nas mãos de madeireiros e lenhadores na América (esses termos eram usados para se referir à ocupação de corte de madeira antes da invenção de serras elétricas e equipamentos similares). Como resultado desse trabalho, haveria madeira para a construção de casas, mobília, etc.

A parte intermediária da seção 3 é uma auto-referência, já que o poeta trabalhou como marceneiro em sua juventude. Uma parte deste poema foi mais tarde excluída pelo bardo norte-americano. Esta seção, denominada "Sua Forma se Eleva[{88}]" .

1

Arma simétrica, exposta, pálida,
Cunha extraída das entranhas da mãe,
Corpo lenhoso e osso metálico, único membro e único lábio,
Folha gris-azulada em calor encarnado lavrada, cabo obtido de uma sementinha semeada,
Em meio e sobre a relva a repousar,
Para ser apoio e se apoiar.

Formas fortes e atributos de formas fortes, negócios viris, cenários e sons,
Longo variado encadeamento de um emblema, ruídos de música,
Dedos do organista saltando staccato sobre as teclas do grande órgão.

2

Bem-vindas são todas as terras da terra, cada uma para sua espécie,
Bem-vindas as terras de pinheiro e carvalho,
Bem-vindas as terras de limão e figo,
Bem-vindas as terras do ouro,
Bem-vindas as terras de trigo e milho, bem-vindas as da uva,
Bem-vindas as terras de açúcar e arroz,
Bem-vindas as terras de algodão, bem-vindas as da batata inglesa e batata-doce,
Bem-vindas as montanhas, várzeas, areias, florestas, pradarias,
Bem-vindas as ricas ribeiras, chapadas, aberturas,
Bem-vindas as pastagens incomensuráveis, bem-vindo o solo fértil de pomares, linho, mel, cânhamo;
Bem-vindas igualmente as outras terras mais endurecidas,

Terras tão ricas quanto terras de ouro ou trigo e terras de fruta,
Terras de minas, terras dos minérios varonis e ásperos,
Terras de carvão, cobre, chumbo, estanho, zinco,
Terras de ferro – terras da fabricação do machado.

3

A tora no monte de lenha, o machado apoiado nela,
A rústica choupana, a videira sobre a porta, o roçado para um jardim,
O respingar irregular da chuva nas folhas após a tempestade se aplacar,
A lástima e a lamúria aqui e ali, o pensamento do mar,
O pensar em navios encalhados na tempestade e quase adernados, e o corte dos mastros,
O sentimento das enormes vigas das casas antigas e dos galpões,
O impresso ou narrativa lembrada, o transporte ao acaso de homens, famílias, bens,
O desembarque, a fundação de uma nova cidade,
A viagem daqueles que buscaram uma Nova Inglaterra e a acharam, o início em qualquer lugar,
As colônias do Arkansas, Colorado, Ottawa, Willamette,
O lento progresso, o parco alimento, o machado, rifle, alforjes;
A beleza de todas as pessoas aventureiras e audazes,
A beleza dos lenhadores juvenis e adultos com suas caras claras não aparadas,
A beleza da independência, partida, ações que confiam em si,

O desdém americano por estatutos e cerimônias, a infinita impaciência da limitação,
A frouxa orientação do caráter, a alusão a tipos ao acaso, a solidificação;
O açougueiro no matadouro, os tripulantes a bordo de escunas e escaleres, o jangadeiro, o pioneiro,
Lenhadores em seu acampamento de inverno, alvorada no bosque, filetes de neve nos ramos de árvores, o estalo fortuito,
O som claro e festivo da própria voz, a canção feliz, a vida natural do bosque, o forte trabalho do dia,
O fogo flamejante à noite, o gosto suave da ceia, a conversa, a cama de ramos de cicuta e a pele de urso;

O construtor de casas a trabalho nas cidades ou em qualquer lugar,
Os encaixes, enquadramento, serra, mortagem preparatórios,
O içamento de vigas, a pressão para colocá-las no lugar, assentando-as regular,
Fixando os cravos junto às respigas nos malhetes como estavam preparados,
As batidas de macetes e martelos, as atitudes dos homens, seus membros curvados,
Se dobrando, se erguendo, montados nas vigas, cravando os pinos, se segurando em esteios e grampos,
O braço curvo sobre o frechal, o outro braço empunhando o machado,
Os soalheiros forçando as pranchas rente para pregar,
Suas posturas baixando suas armas sobre as vigas mestras,
Os ecos ressoando pelo edifício vazio;

O enorme armazém ajustado na cidade em progresso correto,
Os seis construtores, dois no meio e dois em cada ponta, cuidadosamente carregando em seus ombros uma verga pesada para travessão,
A fileira completa de pedreiros com colheres em suas mãos direitas assentando rapidamente a longa parede lateral, duzentos pés da frente ao fundo,
O flexível subir e descer de costas, o contínuo estalar das colheres batendo nos tijolos,
Os tijolos um após outro cada um assentado tão bem em seu lugar, e fixado com um golpe do cabo da colher,
As pilhas de materiais, a argamassa na trolha, e o reabastecimento regular dos carregadores;

Fazedores de longarinas no pátio, a fileira apinhada de aprendizes bem-crescidos,
O balanço de seus machados na tora esquadriada modelando-a em forma de mastro,
O vivaz crepitar curto do aço pregado enviesado no pinho,
Os cavacos cor de manteiga voando em grandes flocos e lascas,

O movimento maleável de jovens braços musculosos e quadris em trajes leves,
O construtor de cais, pontes, molhes, tabiques, boias, esteios contra o mar;

O bombeiro da cidade, o incêndio que de repente estoura na praça apertada,
As máquinas chegando, os gritos roucos, o ágil pisar e ousar,
O comando forte das trombetas de incêndio, o entrar em forma, o subir e descer dos braços forçando a água,
Os esguios, espasmódicos, jatos azul-alvos, o trazer o auxílio de ganchos e escadas e sua execução,
A quebra e corte de madeiramento conectivo, ou através dos pisos se o fogo arde debaixo deles,
A multidão assistindo com seus rostos iluminados, o clarão e as sombras densas;
O forjador no forno de sua forja e o usuário de ferro à sua procura,
O fabricante do machado grande e pequeno, e o soldador e o temperador de metal,
O selecionador soprando seu hálito no aço frio e testando o fio com seu polegar,
O que molda bem o cabo e o ajusta firmemente na cavidade;

Os cortejos sombrios dos retratos dos usuários passados também,
Os pacientes mecânicos primordiais, os arquitetos e engenheiros,
O distante edifício Assírio e edifício Mizra[{89}], Os lictores[{90}] romanos precedendo os cônsules,
O antigo guerreiro europeu com seu machado em combate,
O braço levantado, o fragor de golpes na cabeça galeada[{91}],
O uivo da morte, o corpo flácido e trôpego, o ataque de amigo e inimigo lá,
O sítio de lígios revoltados determinados à liberdade,
O apelo à rendição, o arremeter em portões de castelo, a trégua e a negociação,
O saque a uma antiga cidade em seu tempo,
O irromper de mercenários e fanáticos tumultuosa e desordenadamente,

Urro, chamas, sangue, embriaguez, demência,
Bens livremente pilhados de casas e templos, berros de mulheres agarradas por bandidos,
Arte e furto de vivandeiros{92}, homens correndo, velhos se desesperando,
O inferno da guerra, as crueldades de credos,
A lista de todas as ações resolutas e palavras justas ou injustas,
O poder da personalidade justo ou injusto.

4

Músculo e ânimo para sempre!
O que envigora a vida envigora a morte,
E os mortos avançam tanto quanto os vivos,
E o futuro não é mais incerto que o presente,
Pois a aspereza da terra e do homem inclui tanto quanto a delicadeza da terra e do homem,
E nada perdura exceto qualidades pessoais.

O que achas que perdura?
Achas que uma grande cidade perdura?
Ou um produtivo estado industrial? ou uma constituição preparada? ou os navios a vapor mais bem construídos?
Ou hotéis de granito e ferro? ou quaisquer chef-d'oeuvres{93} de engenharia, fortes, armamentos?

Fora! estes não são para ser acalentados por si mesmos,
Eles preenchem seu tempo, os dançarinos dançam, os músicos tocam para eles,
O espetáculo passa, tudo vai bem o bastante claro,
Tudo vai muito bem até uma faísca de desafio.

Uma grande cidade é aquela que tem os maiores homens e mulheres,
Se for umas choupanas rotas ainda assim é a maior cidade no mundo inteiro.

5

O lugar onde fica uma grande cidade não é o lugar de cais extensos, docas, manufaturas, depósitos de produção apenas,

Nem o lugar de incessantes saudações de recém-chegados ou de levantadores de âncora de quem parte,

Nem o lugar dos edifícios mais altos e mais caros ou de lojas vendendo mercadorias do resto da terra,

Nem o lugar das melhores bibliotecas e escolas, nem o lugar onde o dinheiro é mais abundante,

Nem o lugar da mais numerosa população.

Onde fica a cidade com a raça mais vigorosa de oradores e bardos,

Onde fica a cidade que é amada por estes, e os ama em troca e os entende,

Onde não existem monumentos a heróis exceto nas palavras e ações comuns,

Onde parcimônia está em seu lugar, e prudência está em seu lugar,

Onde os homens e mulheres consideram as leis de leve,

Onde o escravo cessa, e o senhor de escravos cessa,

Onde as massas logo se levantam contra a audácia sem fim de pessoas eleitas,

Onde homens e mulheres ferozes derramam como o mar derrama ao apito da morte suas ondas impetuosas e dilaceradas,

Onde autoridade exterior sempre entra após a precedência da autoridade interior,

Onde o cidadão é sempre o comandante e ideal, e Presidente, Prefeito, Governador e demais, são agentes remunerados,

Onde crianças são ensinadas a ser independentes, e a depender de si, Onde a equanimidade é ilustrada nos afazeres,

Onde especulações sobre a alma são estimuladas,

Onde mulheres andam em préstitos públicos nas ruas iguais aos homens,

Onde elas entram em assembleia pública e tomam assentos iguais aos homens;

Onde fica a cidade dos amigos mais fiéis,
Onde fica a cidade do asseio dos sexos,
Onde fica a cidade dos pais mais saudáveis,
Onde fica a cidade das mães fisicamente mais aptas,

Aí fica a grande cidade.

6

Como parecem pobres argumentos ante uma ação desafiante!
Como a ostentação dos materiais de cidades murcha ante o olhar de um homem ou mulher!

Tudo aguarda ou corre à revelia até que um ser forte apareça;

Um ser forte é a evidência da raça e da habilidade do universo,
Quando ele ou ela aparece os materiais são intimidados,
Cessa a disputa na alma,
Os velhos costumes e frases são confrontados, repelidos, ou armazenados.

O que é teu enriquecimento agora? o que ele pode fazer agora?
O que é tua respeitabilidade agora?
O que são tua teologia, instrução, sociedade, tradições, livros estatuto, agora?
Onde estão tuas invectivas de ser agora?
Onde estão teus sofismas sobre a alma agora?

7

Uma paisagem estéril cobre o minério, há tão bom quanto o melhor apesar da aparência agreste.

Há a mina, há os mineiros,
O forno da forja está lá, a fusão é realizada, os marteladores estão à mão com suas tenazes e martelos,
O que sempre serviu e sempre serve está à mão.

Do que isto nada serviu melhor, serviu tudo,
Serviu o grego de fala fluente e percepção aguçada, e muito antes do grego,
Serviu na construção dos edifícios que duram mais que os outros,
Serviu o hebreu, o persa, o mais antigo hindustani,
Serviu a tribo pré-histórica no Mississippi[{94}], serviu aqueles cujas relíquias permanecem na América Central,
Serviu os templos Álbicos[{95}] em bosques ou planícies, com pilares brutos e os druidas,
Serviu as fissuras artificiais, vastas, altas, silenciosas, nas colinas cobertas de neve da Escandinávia,
Serviu aqueles que em tempos imemoriais fizeram nas paredes de granito rústicos esboços do sol, lua, estrelas, navios, ondas do mar,
Serviu as rotas das irrupções dos godos, serviu as tribos pastorais e nômades,
Serviu o distante Kelt[{96}], serviu os intrépidos piratas do Báltico,
Serviu antes de qualquer um desses os homens veneráveis e inofensivos da Etiópia,
Serviu a confecção de lemes para as galés de prazer e a fabricação dessas para a guerra,
Serviu todos os grandes trabalhos em terra e todos os grandes trabalhos no mar,
Para as eras medievais e antes das eras medievais,
Serviu não só os vivos antes como agora, mas serviu os mortos.

8

Vejo o carrasco[{97}] europeu,
Ele está mascarado, trajado de vermelho, com pernas enormes e fortes braços despidos,
E se apoia num pesado machado.

(Quem tens abatido ultimamente carrasco europeu?
De quem é esse sangue sobre ti tão úmido e grudento?)

Vejo os alvos ocasos dos mártires,
Vejo dos cadafalsos os fantasmas descentes,
Fantasmas de senhores mortos, damas descoroadas, ministros impugnados, reis rejeitados,
Rivais, traidores, envenenadores, líderes desgraçados e os demais.

Vejo aqueles que em qualquer terra morreram pela boa causa,
A semente é escassa, no entanto a safra nunca se esgotará,

(Cuidai, Ah reis estrangeiros, Ah padres, a safra nunca se esgotará.)

Vejo o sangue inteiramente lavado do machado,
Tanto a lâmina quanto o cabo estão limpos,
Eles não espirram mais o sangue de nobres europeus, não mais cingem os pescoços de rainhas.

Vejo o carrasco recuar e se tornar inútil,
Vejo o ínvio e mofado cadafalso, não vejo mais nenhum machado nele,
Vejo o poderoso e simpático emblema do poder de minha própria raça, a raça mais nova, maior.

9

(América! não alardeio meu amor por ti,
Tenho o que eu tenho.)

O machado salta!

A sólida floresta dá fluidas elocuções,
Elas desabam, levantam e formam,
Cabana, barraca, plataforma, inspeção,
Mangual, arado, picareta, alavanca, pá,
Sarrafo, grade, escora, lambris, batente, ripa, painel, oitão,
Cidadela, teto, bar, academia, órgão, casa de exposição, biblioteca,
Cornija, treliça, pilastra, sacada, janela, torreão, varanda,
Enxada, ancinho, forcado, lápis, carreta, cajado, serra, plaina, malho, cunha, manilha[{98}],
Cadeira, tina, aro, mesa, postigo, ventoinha, caixilho, piso,
Caixa de costura, baú, instrumento de corda, barco, moldura, e não sei que mais,

Capitólios dos Estados, e capitólio[{99}] da nação de Estados,
Longas fileiras imponentes em avenidas, hospitais para órfãos ou para os pobres ou doentes,
Vapores de Manhattan e veleiros tomando as medidas de todos os mares.

As formas se elevam!

Formas do uso de machados de qualquer forma, e os usuários e tudo aquilo que os avizinha,
Cortadores de madeira e carregadores dela para o Penobscot ou Kennebec[{100}],
Moradores em cabanas entre as montanhas Californianas ou à beira de pequenos lagos, ou em Colúmbia,

Moradores ao sul nas margens do Gila ou Rio Grande, simpáticos ajuntamentos, os caráteres e a diversão,

Moradores à beira do São Lourenço, ou norte no Kanadá, ou junto a Yellowstone{101}, moradores nos litorais e fora dos litorais,

Pescadores de focas, baleeiros, marinheiros árticos quebrando passagens pelo gelo.

As formas se elevam!

Formas de fábricas, arsenais, fundições, mercados,
Formas dos duplos trilhos tramados das ferrovias,
Formas dos dormentes de pontes, vastas armações, barrotes, arcos,

Formas das frotas de barcaças, reboques, destreza lacustre e canalar, destreza fluvial,

Estaleiros e docas secas à beira dos mares Orientais e Ocidentais, e em muita baía e lugar retirado,

As sobrequilhas de carvalho americano, as pranchas de pinho, os mastros, as raízes de lariço como juntas,

Os próprios navios em suas rotas, os atadores de plataformas, os trabalhadores ocupados fora e dentro,

As ferramentas largadas, a grande verruma e pequena verruma, a enxó, parafuso, linha, esquadro, goiva, e plaina para nódulos.

10

As formas se elevam!

A forma medida, serrada, erguida, unida, manchada,
A forma do caixão para o morto jazer dentro em sua mortalha,
A forma conseguida em hastes, nas hastes da armação da cama, nas hastes da cama da noiva,
A forma do pequeno cocho, a forma das armações curvas em baixo, a forma do berço do bebê,
A forma das tábuas do assoalho, as tábuas do assoalho para pés de dançarinos,
A forma das tábuas do lar familiar, o lar dos simpáticos pais e filhos,
A forma do telhado do lar do rapaz e moça felizes, o telhado sobre os jovens bem-casados,
O telhado sobre a ceia jubilosamente cozida pela casta esposa, e jubilosamente comida pelo casto marido, contente depois de seu dia de trabalho.

As formas se elevam!

A forma do lugar do prisioneiro no tribunal, e dele ou dela sentado no lugar,
A forma do bar no qual se apoiam o jovem e o velho bebedor de rum,
A forma da escada envergonhada e raivosa pisada por passos furtivos,
A forma do sofá, e o casal adúltero doentio,
A forma do tabuleiro de jogo com seus ganhos e perdas diabólicos,
A forma da escada de mão para o assassino condenado e sentenciado, o assassino com rosto desfigurado e braços atados,
O xerife perto com seus delegados, a multidão silenciosa e de lábios pálidos, o balanço da corda.

As formas se elevam!

Formas de portas dando muitas saídas e entradas,
A porta passando o amigo dividido corado e com pressa,
A porta que admite boas notícias e más notícias,
A porta de onde o filho deixou o lar confiante e esbaforido,
A porta pela qual entrou de novo após longa e escandalosa ausência, adoecido, arruinado, sem inocência, sem meios.

11

Sua forma se eleva,
Ela menos guardada que nunca, porém mais guardada que nunca,
Os toscos e sujos entre os quais se move não a fazem tosca e suja,

Ela conhece os pensamentos conforme passa, nada é oculto a ela,
Ela é contudo respeitosa ou simpática para isso,
Ela é a mais amada, é sem exceção, ela não tem razão para temer e ela não teme, Juramentos, querelas, canções soluçadas, expressões obscenas, são vãs a ela quando ela passa,
Ela é calada, ela é dona de si, eles não a ofendem,
Ela os recebe como as leis da Natureza os recebem, ela é forte,
Ela também é uma lei da Natureza – não há nenhuma lei mais forte que ela.

12

As formas principais se elevam!

Formas de Democracia total, resultado de séculos,
Formas sempre projetando outras formas,
Formas de turbulentas cidades varonis,
Formas dos amigos e doadores de lares de toda a terra,
Formas fixando a terra e fixadas com toda a terra.

Canção da Exposição[{102}]

A "CANÇÃO DA EXPOSIÇÃO" ("Song of the Exposition"), como sugere o título, foi um poema apresentado na Exibição Anual (Annual Exhibition) na cidade de Nova Yorque, em 7 de setembro de 1871.

Esta canção exalta a grandiosidade dos Estados Unidos, seu poder e sua força industrial, comercial e humana. Ela unifica a antiga musa com a Musa Americana, Columbia (a personificação feminina dos E.U.A.), que é o primeiro nome da nação norte-americana e que representa a União, a Bandeira Nacional, a Nação e a Mãe de todos os seus cidadãos. É uma canção bem nacionalista, como pode ser comprovado nas duas últimas estrofes do poema. Uma curiosa coincidência é que Whitman escreveu esta composição para ser lida num sete de setembro, o dia da Independência do Brasil!

1

(Ah pouco se importa o trabalhador[{103}],
Seu trabalho o põe tão perto de Deus,
O terno Trabalhador pelo espaço e tempo.)

Afinal não criar apenas, ou fundar apenas,
Mas trazer talvez de longe o que já está fundado,
Dar-lhe nossa própria identidade, média, ilimitada, livre,
Preencher o todo o tórpido volume com fogo religioso vital,
Não repelir ou destruir tanto quanto aceitar, fundir, reabilitar,
Obedecer assim como comandar, seguir mais que liderar,
Estas também são as lições de nosso Novo Mundo;

Enquanto tão pouco o Novo afinal, quanto o Velho, Velho Mundo!

Há muito tempo a relva está medrando,
Há muito tempo a chuva está caindo,
Há tempo o globo está girando.

2

Vem Musa migra da Grécia e Jônia,
Risca por favor essas contas imensamente indevidas,
Esse assunto de Tróia e a ira de Aquiles, e as errâncias de Enéas, de Odisseu,
Coloca "Mudou-se" e “Aluga-se” nas pedras de teu Parnaso nevado,
Repete em Jerusalém, coloca alto o aviso no portal de Jaffa e no Monte Moriah,
O mesmo nos muros de teus castelos alemão, francês e espanhol, e coleções italianas,
Pois saibas que uma esfera melhor, mais recente, mais ocupada, um domínio amplo, inexperienciado te aguarda, te exige.

3

Sensível ao nosso apelo,
Ou melhor à sua inclinação longamente nutrida,
Unida a uma gravitação irresistível, natural,
Ela vem! Ouço o farfalhar de seu vestido,
Farejo o odor da fragrância deliciosa de seu hálito,
Marco seu passo divino, seus olhos curiosos girando, rolando,
Justo sobre esta cena.

A dama das damas!
Posso então crer,
Que aqueles antigos templos, clássicas esculturas, nenhum deles podia retê-la?
Nem sombras de Virgílio e Dante, nem miríade de memórias, poemas, velhas associações, magnetizá-la e apreendê-la?
Mas que ela deixou a todos – e aqui?

Sim, se vós me permitis assim dizer,
Eu, meus amigos, se vós não, posso vê-la claramente,
A mesma alma imortal da expressão da terra, da atividade, da beleza, do heroísmo,
De suas evoluções vinda aqui, findos os estratos de seus temas anteriores,
Oculta e coberta pelos de hoje, fundação dos de hoje,
Finda, morta no tempo, sua voz na fonte de Castália,

Silente a Esfinge de lábio partido no Egito, silentes todas as tumbas perturbadoras de séculos,
Findos para sempre os épicos da Ásia, os guerreiros galeados da Europa, findo o chamado primitivo das musas,
A invocação a Calíope para sempre calada , mortas Clio, Melpomene, Talia,

Findo o ritmo imponente de Una e Oriana, finda a busca ao Santo Graal,
Jerusalém um punhado de cinzas sopradas pelo vento, extinta,
As correntes de sombrias tropas noturnas de Cruzados aceleradas com a aurora,

Amadis, Tancred, totalmente liquidados,
Charlemagne, Roland, Oliver liquidados,
Palmerin, ogro, defunto, desvanecidos os torreões que Usk refletia de suas águas,
Arthur desvaneceu com todos seus cavaleiros, Merlin e Lancelot e Galahad, todos liquidados, totalmente decompostos como uma exalação;

Passado! passado! para nós, para sempre passado, esse mundo de antanho tão poderoso, agora vazio, inanimado, mundo fantasma,
Bordado, deslumbrante, mundo estrangeiro, com todas suas magníficas lendas, mitos,
Seus reis e castelos orgulhosos, seus padres e senhores bélicos e damas refinadas,
Passado à sua câmara mortuária, encerrado com coroa e armadura,
Blasonado pela página púrpura de Shakspere{104}, E endechado pela doce rima triste de Tennyson.

Digo que vejo, meus amigos, se vós não, a ilustre emigré{105}, (tendo é verdade em seus dias, embora o mesmo, mudado, viajado considerável,)
Vindo diretamente a este rendezvous{106}, clareando vigorosamente uma trilha para si, galgando pela confusão,
Por ruído de maquinaria e estridente apito a vapor imperturbada,
Nem um pouco burlada por cano de esgoto, gasômetros, fertilizantes artificiais,
Sorridente e satisfeita com intenção palpável de ficar,
Ela está aqui, instalada entre os utensílios de cozinha!

4

Mas esperai – não esqueço meus modos?
Apresentar a estranha, (a quem mais de fato vivo a cantar?) a ti Columbia{107};

Em nome da liberdade bem-vinda imortal! apertem as mãos,
E doravante irmãs queridas sejam ambas.

Não teme Oh Musa! na verdade novos modos e dias te recebem, rodeiam,
Candidamente reconheço uma raça singular, singular, de aspecto insólito,
Ainda assim a mesma velha raça humana, por dentro e por fora,
As mesmas caras e corações, os mesmos sentimentos, os mesmos anseios,
O mesmo velho amor, a mesma beleza e o mesmo hábito.

5

Não te culpamos Mundo mais velho, nem realmente nos separamos de ti,

(O filho se separaria do pai?)

Relembrando-te, tratando de teus deveres, grandezas, pelas eras passadas flexionando, construindo, Construímos os nossos hoje.

Mais pujante que as tumbas do Egito,
Mais bela que os templos da Grécia, de Roma,
Mais orgulhosa que a catedral de Milão com estátuas e cúspides,
Mais pitoresca que as torres de menagem[{108}] renanas,
Planejamos agora mesmo erguer, além de todos,
Tua grande catedral indústria sagrada, não tumba,
Uma torre de menagem vitalícia para a invenção prática.

Como numa visão consciente,
Mesmo enquanto canto a vejo se elevar, perscruto e profetizo fora e dentro,
Seu múltiplo ensemble[{109}].

Em volta de um palácio, mais altivo, mais belo, mais amplo que qualquer outro,
A maravilha moderna da terra, as sete da história superando,
Subindo alto camada sobre camada com vidro e façades[{110}] de ferro,
Alegrando o sol e céu, matizado nos matizes mais animados,
Bronze, lilás, azul esverdeado claro, marinho e carmim,
Sobre cujo telhado dourado tremulará, sob o pavilhão Liberdade,
As bandeiras dos Estados e os pendões de toda terra,
Um enxame de palácios altivos, belos, mas menores se agrupará.

Em algum lugar dentro de seus muros tudo aquilo que promove vida humana perfeita será iniciado,

Tentado, ensinado, fomentado, visivelmente exibido.

Não só todo o mundo de trabalhos, comércio, produtos,
Mas todos os operários do mundo a ser aqui representados.

Aqui seguireis a operação corrente,
Em todo estado de movimento prático, ocupado, os canais da civilização,
Materiais aqui sob vosso olho mudarão sua forma como que por mágica,
O algodão será colhido quase no próprio campo,
Será secado, limpo, descaroçado, enfardado, tecido em linha e pano à vossa frente,

Vereis mãos trabalhando em todos os velhos processos e em todos os novos,
Vereis os vários grãos e como é feita a farinha e então pão assado pelos padeiros,
Vereis os minérios crus da Califórnia e Nevada passando sem parar até se tornarem barras,
Assistireis como o gráfico compõe tipo, e aprendereis o que é um componedor,
Notareis com espanto a prensa de Hoe{111} girando seus cilindros, emitindo as folhas impressas constante e rápido,
A fotografia, cópia, relógio, alfinete, prego, serão criados diante de vós.

Em grandes calmos salões, um imponente museu vos ensinará as infinitas lições dos minerais,
Em outro, bosque, plantas, vegetação serão ilustrados – em outro, animais, vida animal e desenvolvimento.

Uma imponente casa será a casa de música,
Outras para outras artes – aprendizado, as ciências, estará tudo aqui,
Nada será descuidado, tudo será aqui honrado, assistido, exemplificado.

6

(Este, este e estes, América, serão *tuas* pirâmides e obeliscos,
Teu Farol de Alexandria, jardins da Babilônia, Teu templo em Olímpia.)

Os muitos masculinos e femininos que não trabalham,
Confrontarão aqui sempre os muitos que trabalham,
Com benefícios preciosos para ambos, glória para todos,
Para ti América e tu Musa eterna.

E aqui habitareis poderosas Matronas!

Em vosso vasto estado mais vasto que todo o antigo,
Ecoado por longos, longos séculos por vir,
A soar em canções diferentes, mais orgulhosas, com temas mais fortes,
Vida prática, pacífica, a vida das pessoas, as próprias Pessoas,
Elevadas, iluminadas, banhadas em paz – exultantes, seguras em paz.

7

Fora com temas de guerra! fora com a própria guerra!
Daqui da minha visão arrepiante pra nunca mais retornar esse espetáculo de cadáveres enegrecidos e mutilados!

Esse inferno aberto e ataque de sangue, próprio de tigres selvagens ou lobos de longas línguas, não de homens racionais,
E em seu lugar expedir campanhas da indústria,
Com teus exércitos indômitos, engenharia,
Tuas flâmulas trabalham, soltas à brisa,
Tuas cornetas soando alto e claro.

Fora com o antigo romancismo{112}!

Fora com romances, enredos e peças de cortes estrangeiras,
Fora com versos de amor adoçados com rima, as intrigas, aventuras amorosas de indolentes,
Próprios só para festins na madrugada onde dançarinos bailam ao som de música atrasada,
Os prazeres insalubres, dissipações extravagantes de poucos,
Com perfumes, calor e vinho, sob os deslumbrantes lustres.

A ti tuas reverentes irmãs sãs,
Ergo uma voz por temas muito mais soberbos para poetas e para arte,
Para exaltar o presente e o real,
Para ensinar ao homem médio a glória do seu passeio e ofício diários,
Para cantar em canções como exercício e vida química nunca devem ser zombados,
Pelo trabalho manual a todos, arar, capinar, cavar,
Plantar e cuidar a árvore, a baga, legumes, flores,
Para todo homem tratar de realmente fazer algo, para toda mulher também;

Para usar o martelo e a serra, (serrar em direção ao veio, ou cortar transversalmente,)
Cultivar um pendor por marcenaria, reboco, pintura,
Trabalhar como alfaiate, costureira, enfermeira, cavalariço, porteiro,
Inventar um pouco, algo engenhoso, para ajudar a lavar, cozinhar, limpar,
E não achar uma desgraça botar a mão na massa.

Digo que trago-te Musa hoje e aqui,
Todas as profissões, deveres de todos os tipos,
Lida, lida saudável e suor, infinda, sem pausa,
Os velhos, velhos práticos fardos, interesses, júbilos,
A família, ascendência, infância, marido e mulher,
As comodidades da casa, a casa em si e todos seus pertences,
Alimento e sua preservação, química aplicada a ele,
O que quer que forme o homem ou a mulher média, forte, completa, de sangue doce, a personalidade longeva perfeita,
E favoreça sua vida presente em saúde e felicidade, e molde sua alma, Para a eterna vida real por vir.

Com as mais recentes conexões, trabalhos, o inter-transporte do mundo,
Energia a vapor, as grandes linhas expressas, gás, petróleo,
Estes triunfos de nosso tempo, o delicado cabo do Atlântico,
A ferrovia do Pacífico, o canal de Suez, os túneis de Mont Cenis e Gothard e Hoosac, a ponte do Brooklyn,
Esta terra toda coberta com grades de ferro, com linhas de vapores tecendo todo mar,
Nossa própria orbe, eu trago o globo atual.

8

E tu América,
Tua prole pairando sempre tão alta, porém
Tu acima de todos pairando,
Com a Vitória à tua esquerda, e à tua direita a Lei;

Tu União contendo tudo, fundindo, absorvendo, tolerando tudo,
A Ti, sempre a ti, canto.

Tu, também tu, um Mundo,
Com todas tuas amplas geografias, múltiplas, diferentes, distantes,
Reunidas por ti em uma – uma linguagem orbicular comum,
Um destino indivisível comum para Todos.

E pelos encantos que concedes a teus ministros seriamente,
Aqui personifico e profiro meus temas, para fazê-los passar à tua frente.

Vê, América! (e tu, inefável convidada e irmã!)
Por ti vêm marchando tuas águas e tuas terras;

Vê! teus campos e cultivos, teus bosques e montes longínquos,
Como em procissão vindo.

Vê, o próprio mar,
E em seu ilimitado peito ondeante, os navios;

Vê, onde suas velas brancas, enfunando ao vento, pontilham o verde e azul,
Vê, os vapores indo e vindo, entrando e saindo de porto,
Vê, obscuras e ondulantes, as longas flâmulas de fumaça.

Vê, em Oregon, no norte e oeste distante,

Ou em Maine, no norte e leste distante, teus alegres lenhadores,
Brandindo seus machados o dia inteiro.

Vê, nos lagos, teus pilotos em seus lemes, teus remadores,
Como o freixo se retorce sob aqueles braços musculosos!

Lá perto da fornalha, e lá perto da bigorna,
Vê teus resolutos ferreiros meneando seus malhos,
Do alto tão firme, do alto giram e caem com tinido jovial,
Como um tumulto de risos.

Nota o espírito de invenção em todo lugar, tuas rápidas patentes,
Tuas oficinas contínuas, fundições, erguidas ou se erguendo,
Vê, das chaminés como os fogos flamantes emanam.

Nota, tuas fazendas intermináveis,
Norte, Sul,
Tuas abundantes regiões-filhas, a Leste e a Oeste,
Os produtos variados de Ohio, Pensilvânia, Missouri, Geórgia, Texas, e dos demais,

Tuas colheitas ilimitadas, relva, trigo, açúcar, óleo, milho, arroz, cânhamo, lúpulo,
Teus celeiros todos repletos, o infinito trem de carga e o volumoso armazém,
Tuas uvas que maturam em tuas videiras, as maçãs em teus pomares,
Tua madeira incalculável, carne de boi, de porco, batatas, teu carvão, teu ouro e prata,
O ferro inexaurível em tuas minas.

Tudo teu Oh sagrada União!
Navios, fazendas, lojas, celeiros, fábricas, minas,
Cidade e Estado, Norte, Sul, item e conjunto,
Dedicamos, Mãe venerável, tudo a ti!

Protetora absoluta, tu! baluarte de tudo!

Pois bem sabemos que enquanto dás a cada um e a todos, (generosa como Deus,)
Sem ti nem todos nem cada um, nem terra, lar,
Nem navio, nem mina, nem nada aqui hoje se asseguram,
Nem nenhum, nem qualquer dia se asseguram.

9

E tu, o Emblema ondulante sobre tudo!
Beleza delicada, uma palavra a ti, (pode ser salutar,)
Lembras nem sempre tens estado aqui tão confortavelmente soberana,
Em outras cenas tenho te observado bandeira,

Não tão aprumada e inteira e florescendo louçã em seda imaculada,
Mas tenho te visto estamenha{113}, em farrapos rasgada em teu mastro lascado,
Ou grudada ao peito de algum jovem porta-estandarte por mãos desesperadas,
Ferozmente disputada, por vida ou morte, longamente batalhada,
O estrondo-trovão de ‘canhões médios’, e muita imprecação e gemido e berro, e rajadas de rifle estalando abruptas,
E massas moventes como demônios selvagens se agitando, e vidas como nada arriscadas,
Por teu mero fragmento encardido de sujeira e fumaça e saturado de sangue,
Por causa disso, minha beldade, e que tu possas vagar agora segura aí em cima,
Muitos bons homens tenho visto tombar.

Agora aqui e estes e daqui em paz, tudo teu
Oh Bandeira!

E aqui e daqui por ti, Oh Musa universal! e tu por eles!
E aqui e daqui Oh União, todo trabalho e trabalhadores são teus!
Nenhum separado de ti – doravante Um só, nós e tu,
(Pois o sangue dos filhos, o que é, só o sangue materno?
E vidas e obras, o que são todas afinal, exceto as vias para fé e morte?)

Enquanto ensaiamos nossa riqueza incomensurável, é por ti,
Mãe querida,

Possuímos tudo e vários hoje indissolúveis em ti;

Não pensa que nosso canto, nosso espetáculo, meramente como produtos brutos ou lucro – é por ti, a alma em ti, elétrica, espiritual!

Nossas fazendas, invenções, colheitas, possuímos em ti! cidades e Estados em ti!

Nossa liberdade toda em ti! nossas próprias vidas em ti!

Canção da Sequoia

O poema “CANÇÃO DA SEQUOIA” (“Song of the Redwood-Tree”) é sobre as árvores gigantes da costa do Pacífico, as árvores incrivelmente altas que podem alcançar até 115,5 metros de altura e viver até 2200 anos de idade.

No poema há vozes de dríades, as ninfas vegetais e divindades que regem as árvores, e hamadríades, ninfas vegetais que vivem somente o período de vida de suas árvores. Está claro no texto que esta é sua canção de morte conforme é ouvida pelo poeta, já que os lenhadores não ouvem esse choro de morte. Exceto pelo poeta, que a escutou e a traduziu em linguagem comum. A parte em itálico é a voz da ninfa.

1

Uma canção da Califórnia,
Uma profecia e dissimulação, um pensamento tão impalpável para respirar quanto o ar,
Um coro de dríades, desfalecendo, partindo, ou hamadríades partindo,
Uma voz murmurante, decisiva, gigante, desde a terra e céu,
Voz de uma poderosa árvore moribunda na densa floresta de sequoia.

Adeus meus irmãos,
Adeus Oh terra e céu, adeus a vós águas vizinhas,
Meu tempo findou, meu prazo chegou,

Pelo litoral norte,
Um pouco afastado da praia rodeada de rochas e cavernas,
No ar salino do mar no condado de Mendocino,
Com as vagas como base e acompanhamento baixo e rouco,
Com crepitantes golpes de machados soando musicalmente acionados por braços fortes,
Fendida fundo pelas línguas afiadas dos machados, lá na floresta densa de sequoia,
Ouvi a poderosa árvore cantando seu canto de morte.

Os cortadores não ouviram, as choças e cantigas do acampamento não ecoaram,
Os carreteiros de ouvido apurado e os carregadores de corrente e macaco de rosca não ouviram,
Quando os espíritos da floresta vieram de seus refúgios de mil anos para unir-se ao refrão,
Mas em minha alma eu ouvi claramente.

Murmurando desde sua miríade de folhas,
Do seu altivo topo se erguendo a duzentos pés de altura,

De seu tronco robusto e membros, de sua casca espessa,
Aquele canto das estações e tempo, canto não só do passado mas do futuro.

Tu minha vida inarrada,
E todos vós veneráveis e inocentes júbilos,
Minha vida resistente e perene com júbilos em meio à chuva e muitos sóis de verão,
E as brancas neves e noite e os ventos bravios;

Ah os grandes júbilos ásperos pacientes, os fortes júbilos de minha alma impensados pelo homem,
(Pois saibas que carrego a alma adequada a mim, também tenho consciência, identidade,
E todas as pedras e montanhas têm, e toda a terra,)
Júbilos da vida adequados a mim e meus irmãos,
Nosso tempo, nosso prazo chegou.

Nem nos rendemos tristemente majestosos irmãos,
Nós que preenchemos grandiosamente nosso tempo;

Com o calmo contentamento da Natureza, com enorme deleite tácito,
Nós acolhemos o que forjamos no passado,
E deixamos o campo para eles.

Para eles previstos há tempos,
Para uma raça mais soberba, para eles também grandiosamente preencher seu tempo,
Por eles abdicamos, neles nós mesmos vós reis da floresta!
Neles estes céus e ares, estes picos de montanhas, Shasta, Nevadas,
Estes enormes penhascos escarpados, esta amplidão, estes vales, Yosemite distante,
Para neles ser absorvidos, assimilados.

Então a uma tensão mais elevada,
Ainda mais orgulhoso, mais extático se ergueu o canto,
Como se os herdeiros, as deidades do Oeste,

Acompanhando com língua magistral tomassem parte.

Nem pálidas dos fetiches da Ásia,
Nem vermelhas do antigo matadouro dinástico da Europa,
(Área de tramas assassinas de tronos, ainda com sobra do cheiro de guerras e patíbulos em todos os lugares,)
Mas vindas dos longos e inofensivos estertores da Natureza, construídas pacificamente daí,
Estas terras virgens, terras da costa Ocidental,
Para o novo homem culminante, pra ti, o império novo,
Tu há tempos prometido, empenhamos, dedicamos.

Vós profundas volições ocultas,
Tu masculinidade espiritual média, propósito de tudo, pairando em ti mesma, concedendo não tomando lei,
Tu divina feminidade, senhora e fonte de tudo, origem de vida e amor e o que vem de vida e amor,
Tu essência moral invisível de todos os vastos materiais da América, (era após era trabalhando na morte como na vida,)
Tu que, às vezes conhecido, com mais frequência desconhecido, realmente forma e modela o Novo Mundo, ajustando-o ao Tempo e Espaço,
Tu vontade nacional escondida estendida em teus abismos, oculta mas sempre alerta,
Vós propósitos passados e presentes tenazmente perseguidos, talvez inconscientes de vós mesmos,
Inabalados por todos os erros fugazes, perturbações da superfície;

Vós germes vitais, universais, imortais, sob todos os credos, artes, estatutos, literaturas,
Aqui construís vossos lares para sempre, estabeleçam-se aqui, estas áreas inteiras, terras da costa Ocidental,
Nos empenhamos, dedicamos a vós.

Pois vosso homem, vossa raça característica,
Aqui pode ele crescer árduo, doce, gigantesco, aqui se elevar proporcional à Natureza,

Aqui galgar os puros espaços vastos inconfinados, irreprimidos por parede ou telhado,
Aqui rir com procela ou sol, aqui júbilo, aqui pacientemente se habituar,
Aqui ouvir-se, desdobrar-se, (não ouvir fórmulas de outros,) aqui preencher seu tempo,
Propriamente cair, auxiliar, impensado por fim, Desaparecer, servir.

Assim no litoral norte,
No eco dos chamados de carreteiros e das correntes tilintantes, e a música dos machados de cortadores,
O tronco e os ramos cadentes, o estrondo, o guincho abafado, o gemido,
Tais palavras combinadas da sequoia, como de vozes extáticas, antigas e bulhentas,
As dríades seculares, invisíveis, cantando, recuando,
Deixando todos seus recessos de florestas e montanhas,
Da cordilheira de Cascade até a de Wahsatch, ou Idaho distante, ou Utah,
Às deidades do moderno doravante se rendendo,
O coro e as indicações, as perpesctivas da humanidade vindoura, as colônias, todos aspectos,
No bosque de Mendocino peguei.

2

O flamejante cortejo dourado da Califórnia,
O drama súbito e suntuoso, as terras ensolaradas e amplas,
O trecho longo e variado do estreito de Puget até o Colorado meridional,
Terras banhadas em ar mais doce, mais raro, mais saudável, vales e penhascos montanhosos,
Os campos da Natureza há muito preparados e incultos, a química cíclica, silenciosa,
As eras lentas e regulares mourejando, a superfície desocupada maturando, os ricos minérios se formando abaixo;

Por fim o Novo chegando, assumindo, tomando posse,
Uma raça pululante e atarefada colonizando e se organizando em todos os lugares,
Navios vindo de todo este redondo mundo, e saindo para o mundo inteiro,
Para a Índia e China e Austrália e as mil ilhas paradisíacas do Pacífico,
Cidades populosas, as últimas invenções, os vapores nos rios, as ferrovias, com muita fazenda florescente, com maquinaria,
E lã e trigo e a uva, e escavações de ouro amarelo.

3

Mas mais em ti que estas, terras da costa Ocidental,
(Estas só os meios, os implementos, o terreno fixo,)
Vejo em ti, certo por vir, a promessa de milhares de anos, até agora adiada,
Prometida para ser cumprida, nossa espécie comum, a raça.

A nova sociedade por fim, proporcional à Natureza,
Em teus homens, mais que em teus picos de montanha ou árvores robustas imperiais,
Na mulher mais, muito mais, que todo teu ouro ou videiras, ou mesmo o ar vital.

Recém vindo, a um novo mundo de fato, porém há muito preparado,
Vejo o gênio do moderno, filho do real e ideal,
Desbravando o território para a ampla humanidade, a verdadeira América, herdeira de tão grandioso passado,
Para construir um futuro mais grandioso.

Uma Canção para Profissões

“UMA CANÇÃO PARA PROFISSÕES” (“A Song for Occupations”) é um grande pronunciamento de Whitman em relação ao trabalho, igualdade e política, já que equaliza toda a sociedade, ao afirmar que ninguém está acima ou abaixo de qualquer outra pessoa. Além do mais, ele canta neste poema que tudo decorre do povo: a política, a religião, a democracia, as leis, a Constituição. E que tudo deve ser feito para o povo e não o contrário, como se pensa e ainda se pratica no Brasil até hoje, um país que sempre mantém extremos privilégios advindos de verbas públicas para as classes abastadas.

Este poema focaliza estes temas, com mais ênfase no conteúdo do que na forma. Esta é a homenagem do bardo norte-americano a todos os trabalhadores, seus camaradas. Afinal, Whitman era filho de um fazendeiro que virou operário, e também começou a trabalhar cedo: aos 11 anos de idade já estava trabalhando como auxiliar de escritório e logo depois como aprendiz em uma gráfica, onde aprendeu a arte da tipografia, que o levou aos jornais e ao jornalismo. Mas esta já é uma outra história, mais longa e complexa, que pode ser apreciada no texto de apresentação do poeta e sua obra.

1

Uma canção para profissões!
No labor de máquinas e negócios e na lida dos campos encontro os desenvolvimentos,
E encontro os eternos sentidos.

Trabalhadores e Trabalhadoras!
Fossem todas as instruções práticas e ornamentais bem mostradas por mim, o que isso significaria?
Fosse eu o diretor da escola, o proprietário caridoso, o estadista sábio, o que isso significaria?
Fosse eu o chefe vos empregando e pagando, isso vos satisfaria?

O douto, virtuoso, benevolente, e os termos habituais,
Um homem como eu e nunca os termos habituais.

Nem criado nem senhor sou,
Tomo na mesma hora um grande valor e um pequeno, terei o meu próprio quem quer que me desfrute,
Estarei quite contigo e estarás quite comigo.

Se te postas a trabalho numa loja eu me posto tão próximo quanto o mais próximo na mesma loja,
Se concedes presentes a teu irmão ou amigo mais querido eu exijo o mesmo que teu irmão ou amigo mais querido,
Se teu amante, marido, esposa, é bem-vindo de dia ou de noite, devo ser pessoalmente tão bem recebido quanto,
Se tornas-te degradado, criminoso, doente, então eu me torno igual pelo teu bem,
Se relembras tuas ações tolas e ilegais, pensas que não posso me lembrar de minhas ações tolas e ilegais?

Se farreias à mesa eu farreio no lado oposto da mesa,

Se encontras algum estranho nas ruas e o ou a ama, ora eu frequentemente encontro estranhos na rua e os amo.

Ora o que tens pensado de ti mesmo?
É tu então que te achaste menos?
É tu que achaste o Presidente maior que tu mesmo?
Ou os ricos mais prósperos que tu mesmo? ou os educados mais sábios que tu mesmo?

(Porque és graxento ou tens espinhas, ou estiveste uma vez bêbado, ou foste um ladrão,
Ou que estás doente, ou reumático, ou uma prostituta,
Ou de frivolidade ou impotência, ou que não és um erudito e nunca viste teu nome impresso,
Tu consentes que sejas menos imortal?

2

Almas de homens e mulheres! não é vós que chamo não vistas, inauditas, intocáveis e insensíveis,
Não é sobre vós que discuto os prós e os contras, e resolvo se estais vivas ou não,
Eu reconheço publicamente quem vós sois, se ninguém mais reconhece.

Adulto, meio-adulto e bebê, deste país e de todo país, dentro ou fora de casa, um tal qual o outro, eu vejo,
E tudo o mais atrás ou através deles.

A esposa, e ela não é nem um tiquinho menos que o marido,
A filha, e ela é tão boa quanto o filho,
A mãe, e ela é tudinho tanto quanto o pai.

Prole de ignorantes e pobres, rapazes como aprendizes em negócios,
Jovens trabalhado em fazendas e velhos trabalhando em fazendas,
Marinheiros, comerciantes, navios costeiros, imigrantes,
Todos estes eu vejo, mas mais perto e mais longe o mesmo eu vejo,
Nenhum me escapará e nenhum desejará me escapar.

Eu trago o que tu muito precisas porém sempre tens,
Não dinheiro, casos, vestimenta, refeição, erudição, mas tão bom quanto,
Não envio agente ou médium, não ofereço representante de valor, mas ofereço o valor em si.

Há algo que vem pra gente agora e perpetuamente,
Não é o que é impresso, pregado, discutido, isso elude discussão e impresso,
Não é pra ser posto num livro, não está neste livro,
É para ti quem tu sejas, não está mais distante de ti que tua audição e visão estão de ti,

É aludido pelos mais próximos, mais comuns, mais prontos, é sempre provocado por eles.

Podes ler em muitos idiomas, porém não ler nada sobre isso,

Podes ler a mensagem do Presidente e não ler nada sobre isto nela,

Nada nos relatórios da secretaria de Estado ou secretaria do Tesouro, ou nos jornais diários ou semanários,

Ou no censo ou restituições da receita, preços atuais, ou qualquer cômputo de ação.

3

O sol e estrelas que flutuam ao ar livre,
A terra maçaniforme e nós sobre ela, seguramente o empuxo deles é algo grandioso,
Eu não sei o que é exceto que é grandioso, e que é felicidade,
E que o nosso conteúdo incluso aqui não é uma especulação ou bon-mot[{114}] ou reconnoissance[{115}],
E não é algo que por sorte pode se tornar algo bom pra nós, e sem sorte deve ser um fracasso pra nós,
E não é algo que pode ainda ser escamoteado em uma certa contingência.

A luz e a sombra, o sentido curioso de corpo e identidade, a gula que com perfeita complacência devora todas as coisas,
O infinito orgulho e dilatação do homem, júbilos e mágoas indizíveis,
A maravilha que todo mundo vê em todo mundo que ele vê, e as maravilhas que preenchem cada minuto do tempo pra sempre,
Por que as computaste, camerado[{116}]?
As computaste para teu negócio ou lavoura? ou para os lucros de tua loja?
Ou para te alçares a uma posição? ou preencher o lazer de um cavalheiro, ou o lazer de uma dama?

Computaste que a paisagem tomou matéria e forma para que pudesse ser pintada em um quadro?
Ou homens e mulheres para que pudessem ser descritos, e canções cantadas?
Ou a atração da gravidade e as grandes leis e combinações harmoniosas e os fluidos do ar, como tópicos para os savans[{117}]?
Ou a terra marrom e o mar azul para mapas e diagramas?
Ou as estrelas pra ser postas em constelações e chamadas por nomes elegantes?

Ou que o crescimento de sementes é para gráficos agrícolas, ou a agricultura em si?

Velhas instituições, estas artes, bibliotecas, lendas, coleções, e a prática repassada em manufaturas, as estimaremos tão alto?
Estimaremos nosso dinheiro e negócio alto? não tenho nenhuma objeção,
Eu os estimo tão alto quanto o mais alto – assim uma criança nascida de uma mulher e homem eu estimo além de toda estimativa.

Achamos nossa União grandiosa e nossa Constituição grandiosa,
Não digo que elas não são grandiosas e boas, pois são,
Estou hoje tão apaixonado por elas quanto tu,
Então estou apaixonado por Ti, e por todos meus companheiros sobre a terra.

Consideramos bíblias{118} e religiões divinas – não digo que elas não são divinas,
Digo que elas brotaram de ti, e ainda podem brotar de ti,
Não são elas que dão a vida, é tu que dás a vida,
Folhas não são mais vertidas das árvores, ou árvores da terra, do que são vertidas de ti.

4

A soma de toda reverência conhecida eu acrescento a ti quem sejas,
O Presidente está lá na Casa Branca por ti, não és tu que está lá por ele,
Os Secretários agem em suas repartições por ti, não tu aqui por eles,
O Congresso se reúne a cada doze meses por ti,
Leis, tribunais, a formação de Estados, as cartas das cidades, o ir e vir do comércio e correspondências, são tudo por ti.

Escutai bem meus queridos eruditos,
Doutrinas, políticas e civilização exsurgem de vós,
Escultura e monumentos e qualquer coisa inscrita em qualquer lugar são talhados em vós,
O âmago de histórias e estatísticas tão remotas quanto os registros alcançam está em vós nesta hora, e mitos e contos igualmente,
Se vós não estivésseis respirando e caminhando aqui, onde eles todos estariam?
Os poemas mais renomados seriam cinzas, discursos e peças seriam vácuos.

Toda arquitetura é o que vós fazeis a ela quando a considerais,
(Pensastes que estava na pedra branca ou cinza? ou nas linhas dos arcos e cornijas?)

Toda música é o que desperta de vós quando sois lembrados pelos instrumentos,
Não são os violinos e as cornetas, não é o oboé nem os rufantes tambores,
Nem a partitura do barítono cantando sua doce romanza{119},
Nem a do estribilho dos homens, nem a do estribilho das mulheres,
Está mais próximo e mais distante que eles.

5

O todo voltará então?
Cada um pode ver sinais do melhor por um olhar no espelho? não há nada maior ou mais?
Tudo senta aí contigo, com a mística alma invisível?

Estranho e difícil esse paradoxo verdadeiro eu dou,
Objetos maciços e a alma invisível são unos.

Construção de casa, medição, serrar as tábuas,
Malhação de ferro, vidraria, fabrico de pregos, tanoaria, telhamento de zinco, ripagem,
Marcenaria de navio, construção de cais, cura{120} de peixe, lajeamento de calçadas por lajeadores,
A bomba, o bate-estacas, o grande guindaste, o forno de carvão e forno de tijolo,
Minas de carvão e tudo que há lá embaixo, as lanternas na escuridão, ecos, canções,
Quantas meditações, quantos vastos pensamentos nativos repassando em rostos tisnados,
Fundição, fogos de forjas nas montanhas ou em ribeiras, homens ao redor examinando a fusão com enormes alçapremas,
Montes de minério, a devida combinação de minério, calcário, carvão,

O alto-forno e o forno de pudlar{121}, o monte circular no fundo da fusão por fim, o laminador,
As espessas barras de ferro-gusa, os fortes limpi-formes trilhos para ferrovias,
Fábrica de óleos, fábrica de seda, fábrica de alvaiade{122}, o engenho de açúcar, serras a vapor, os grandes moinhos e fábricas,
Trabalho de cantaria, guarnições bem-feitas para fachadas ou janela ou linteis de porta, o malho, a talhadeira denteada, a placa para proteger o

polegar,
O ferro de calafetagem, a caldeira de cimento fervente para a abóbada, e o fogo sob a caldeira,
O fardo de algodão, o gancho do estivador, a serra e cavalete do serrador, o molde do moldador,
A faca de trabalho do açougueiro, o serrote de gelo, e todo o trabalho com gelo,
O trabalho e ferramentas do armador, abordador{123}, veleiro, fabricante de blocos,
Mercadorias de guta-percha{124}, papel machê, insígnias, escovas, fabricação de escovas, implementos de vidraceiro,
O folheado{125} e o caço{126}, os ornamentos do confeiteiro, o decanter e as retortas, o tesourão e o ferro de engomar,
A sovela e a alça de joelho, a medida de quartilho e quarto, o balcão e tamborete,
A caneta de pena ou metal, a fabricação de todos os tipos de ferramentas afiadas,

A cervejaria, a preparação, o malte, os barris, tudo que é feito por cervejeiros, vinicultores, vinagreiros,
Vestuário de couro, fabricação de carruagem, fabricação de caldeira, trançador de corda, destilação, pintura de placas, calcinação, colheita de algodão, galvanoplastia, eletrotipia, estereotipia,
Máquinas de aduela, aplainadoras, segadoras, arados, debulhadoras, carros a vapor,
O carro do motorneiro, o ônibus, a pesada carreta,
Pirotecnia, disparando fogos de artifício coloridos à noite, figuras fantasiosas e jorros;

Carne de boi na banca do açougueiro, o matadouro do açougueiro, o açougueiro em seu traje de abate,
As pocilgas de porcos vivos, o martelo de abate, o gancho para suíno, a tina de escaldar, destripamento, o cutelo de açougueiro,
A marreta do empacotador, e o profuso trabalho invernal de empacotar carne de porco,
Fábrica de farinha, moagem de trigo, centeio, milho, arroz, os barris e os barris de meio e quarto, as barcaças carregadas, as altas pilhas em cais e

desembarcadouros,
Os homens e o trabalho dos homens em balsas, ferrovias, navios costeiros, barcos de pesca, canais;

A rotina horária de tua própria vida ou de qualquer homem, a loja, quintal, depósito, ou fábrica,
Estes espetáculos todos perto de ti dia e noite – trabalhador! quem tu sejas, tua vida diária!

Nisso e neles o grosso do mais pesado – nisso e neles muito mais que calculaste, (e muito menos também,)
Neles realidades para ti e mim, neles poemas para ti e mim,
Neles, não tu mesmo – tu e tua alma incluem todas as coisas, a despeito de avaliação,
Neles o desenvolvimento bom – neles todos temas, dicas, possibilidades.

Eu não afirmo que o que vês além é fútil, não te aconselho a parar,
Eu não digo que orientações que achavas ótimas não são ótimas,
Mas digo que nenhuma leva a algo maior que estas.

6

Buscarás a grande distância? seguramente voltas por fim,
Em coisas mais conhecidas a ti encontrando o melhor, ou tão bom quanto o melhor,
Em gente muito próxima a ti encontrando o mais doce, mais forte, mais amoroso,
Felicidade, conhecimento, não em outro lugar, mas neste lugar, não numa outra hora, mas nesta hora,
Homem no primeiro que vês ou tocas, sempre em amigo, irmão, o vizinho mais próximo – a mulher em mãe, irmã, esposa,
Os gostos populares e empregos tomam precedência em poemas ou em qualquer lugar,
Vós trabalhadoras e trabalhadores destes Estados tendo sua própria divina e forte vida,
E tudo o mais dando lugar a homens e mulheres como vós.

Quando o salmo cantar em vez do cantor,
Quando a prédica proclamar em vez do pastor,
Quando o púlpito descer e se for em vez do entalhador que esculpiu a escrivaninha de apoio,
Quando posso tocar o corpo de livros noite e dia e quando eles tocarem meu corpo de volta de novo,
Quando um curso universitário convencer como uma mulher e filho sonolentos convencem,
Quando o ouro novo no cofre sorrir como a filha do guarda-noturno,
Quando títulos de propriedade vaguearem em cadeiras defronte e forem meus amáveis companheiros,

Eu pretendo estender-lhes minha mão, e fazer grande alarde deles como faço de homens e mulheres como vós.

Uma Canção da Terra Girante

O poema “UMA CANÇÃO DA TERRA GIRANTE” (“A Song of the Rolling Earth”, 1856) trata da natureza, da terra, do Verbo, conforme está na Bíblia, por exemplo, no Evangelho de João, 1:1, O Verbo Feito Carne: “No início era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” O Verbo feito Carne é o Verbo que cria, o Verbo que se torna matéria sólida. Isto é o que Whitman canta neste poema, que as palavras reais são os corpos e as almas da humanidade, como podemos ver já na primeira seção desta canção.

1

Uma canção da terra girante, e de palavras concordantes,
Pensaste que aquelas fossem as palavras, aquelas linhas verticais? aquelas curvas, ângulos, pontos?
Não, essas não são as palavras, as palavras substanciais estão no chão e mar,
Estão no ar, estão em ti.

Pensaste que essas fossem as palavras, esses deliciosos sons das bocas de seus amigos?
Não, as palavras reais são mais deliciosas que eles.

Corpos humanos são palavras, miríades de palavras,
(Nos melhores poemas reaparece o corpo, de homem ou de mulher, bem-torneado, natural, alegre,
Toda parte capaz, ativa, receptiva, sem vergonha ou a necessidade de vergonha.)

Ar, solo, água, fogo – essas são palavras,
Eu mesmo sou uma palavra com elas – minhas qualidades interpenetram com as delas – meu nome é nada pra elas,
Embora fosse dito nos três mil idiomas, o que o ar, a terra, a água, o fogo, saberiam do meu nome?

Uma presença saudável, um gesto amável ou imperativo, são palavras, provérbios, significados,
Os encantos que acompanham as meras expressões de alguns homens e mulheres, são também provérbios e significados.

O artesanato das almas é feito pelas palavras inaudíveis da terra,
Os mestres conhecem as palavras da terra e as usam mais que palavras audíveis.

Melhoria é uma das palavras da terra,
A terra não se atrasa nem se apressa,
Tem todos os atributos, crescimentos, efeitos, latentes em si mesma desde o princípio[{127}],
Não é só meio linda, defeitos e excrescências mostram tanto quanto perfeições.

A terra não retém; é generosa o bastante,
As verdades da terra aguardam continuamente, também não são tão ocultas,
São tranquilas, sutis, intransmissíveis por impressão,
São imbuídas de todas as coisas que se transmitem de boa vontade,
Transmitindo um sentimento e convite, eu emito e emito,
Não falo, porém se não me ouves que proveito tenho pra ti?
Suportar, melhorar, faltando estes que proveito tenho?

(Accouche! accouchez[{128}]!
Estragarás teu próprio fruto em ti aí?
Te agacharás e sufocarás aí?)

A terra não discute,
Não é patética, não tem preparativos,
Não brada, se apressa, persuade, ameaça, promete,
Não faz discriminação, não tem falhas concebíveis,
Nada fecha, nada recusa, não exclui nada,
De todos os poderes, objetos, estados, ela informa, não exclui nenhum.

A terra não se exibe nem recusa se exibir, frui calma abaixo,
Abaixo os sons ostensivos, o coro augusto de heróis, a lamúria de escravos,
Persuasões de amantes, maldições, arquejos dos moribundos, risada de jovens, sotaques de vendedores,
Abaixo estas palavras fruitivas que nunca falham.

A seus filhos as palavras da grande mãe muda eloquente nunca falham,
As verdadeiras palavras não falham, pois movimento não falha e reflexo não falha,

Também o dia e a noite não falham e a viagem que buscamos não falha.

Das irmãs intermináveis,
Dos cotillons[{129}] incessantes de irmãs,
Das irmãs centrípetas e centrífugas, das irmãs mais velhas e mais jovens,
A linda irmã que conhecemos continua a dançar com as demais.

Com suas amplas costas voltadas a todo observador,
Com as fascinações da juventude e as equivalentes fascinações da idade,
Senta ela a quem também amo como os demais, senta serena,
Segurando em sua mão o que tem o caráter de um espelho, enquanto seus olhos se afastam dele,
Relanceiam quando ela senta, convidando a ninguém, negando a ninguém,
Segurando um espelho dia e noite incansavelmente diante do próprio rosto.

Vistas de perto ou vistas à distância,
Pontualmente as vinte e quatro aparecem em público todo dia,
Pontualmente se aproximam e passam com seus companheiros ou um companheiro,
Não olhando de semblantes próprios, mas dos semblantes daqueles que estão com elas,

Dos semblantes de crianças ou mulheres ou do semblante masculino,
Dos semblantes abertos de animais ou de coisas inanimadas,
Da paisagem ou águas ou da aparição primorosa do céu,
De nossos semblantes, meu e vosso, fielmente os devolvendo,
Todo dia em público aparecendo sem falta, mas nunca duas vezes com os mesmos companheiros.

Abraçando o homem, abraçando tudo, avançam os trezentos e sessenta e cinco irresistivelmente ao redor do sol;

Abraçando tudo, acalmando, apoiando, seguem perto trezentos e sessenta e cinco ramificações dos primeiros, certas e necessárias como eles.

Rolando regularmente, nada temendo,
Luz do sol, tormenta, frio, calor, sempre suportando, passando, carregando,
A realização e determinação da alma ainda herdando,
O fluido vácuo em volta e à frente ainda entrando e dividindo,
Nenhum estorvo retardando, nenhuma âncora ancorando, em nenhuma rocha se chocando,
Rápida, alegre, contente, consolada, nada perdendo,
De tudo capaz e pronta a qualquer hora a dar exata conta,
A nave divina singra o mar divino.

2

Quem sejas! movimento e reflexo são especialmente para ti,
A nave divina singra o mar divino para ti.

Quem sejas! tu és ele ou ela para quem a terra é sólida e líquida,
Tu és ele ou ela para quem o sol e a lua pendem no céu,
Para ninguém mais que tu são o presente e o passado,
Para ninguém mais que tu é a imortalidade.

Cada homem para si e cada mulher para si, é a palavra do passado e presente, e a verdadeira palavra da imortalidade;

Ninguém pode adquirir para um outro – ninguém,
Ninguém pode crescer para um outro – ninguém.

A canção é para o cantor, e volta quase tudo para ele,
O ensino é para o professor, e volta quase tudo para ele,
O assassinato é para o assassino, e volta quase tudo para ele,
O roubo é para o ladrão, e volta quase tudo para ele,
O amor é para o amante, e volta quase tudo para ele,
O dom é para o doador, e volta quase tudo para ele – não pode falhar,

O discurso é para o orador, a encenação é para o ator e atriz não para a plateia,
E nenhum homem entende qualquer grandeza ou bondade exceto sua própria ou a indicação de sua própria.

3

Juro que a terra será certamente completa a ele ou ela que for completo,
A terra permanece recortada e quebrada apenas a ele ou ela que permanecer recortado e quebrado.

Juro que não há nenhuma grandeza ou poder que não emulem os da terra,
Não pode haver nenhuma teoria de importância a menos que ela corrobore a teoria da terra,
Nenhuma política, canção, religião, comportamento, ou outra coisa, é de importância, a menos que se compare com a amplitude da terra,
A menos que encare a exatidão, vitalidade, imparcialidade, retidão da terra.

Juro que começo a ver o amor com mais doces espasmos que aquele que corresponde amor,
É aquele que se contém, que nunca convida e nunca recusa.

Juro que começo a ver pouco ou nada em palavras audíveis,
Tudo se funde para a apresentação dos significados não ditos da terra,
Em direção àquele que canta as canções do corpo e das verdades da terra,
Em direção àquele que faz os dicionários de palavras que a impressão não pode tocar.

Juro que vejo o que é melhor do que contar o melhor,
É sempre manter o melhor inaudito.

Quando empreendo contar o melhor descubro que não posso,
Minha língua é ineficaz em suas bases,
Minha respiração não será obediente a seus órgãos,
Eu me torno um homem mudo.

O melhor da terra não pode ser contado de qualquer forma, tudo ou qualquer coisa é melhor,

Não é o que antecipaste, é mais barato, mais fácil, mais próximo,

As coisas não são dispensadas dos lugares que tinham antes,

A terra é tão positiva e direta quanto era antes,

Fatos, religiões, melhorias, política, negócios, são tão reais quanto antes,

Mas a alma também é real, ela também é positiva e direta,

Nenhum raciocínio, nenhuma prova a estabeleceu,

Crescimento inegável a estabeleceu.

4

Estes para ecoar os tons das almas e as frases das almas,
(Se eles não ecoassem as frases das almas o que seriam eles então?
Se eles não tivessem referência a ti em especial o que seriam eles então?)

Juro que nunca doravante terei algo a ver com a fé que conta o melhor,
Terei a ver só com aquela fé que deixa o melhor inaudito.

Falai, falantes! cantai, cantores!
Sondai! moldai! empilhai as palavras da terra!
Trabalhai, era após era, nada será perdido,
Pode ter que esperar muito, mas entrará certamente em uso,
Quando os materiais estiverem todos preparados e prontos, os arquitetos aparecerão.

Juro que os arquitetos aparecerão sem falta,
Vos juro que eles vos entenderão e justificarão,
O maior entre eles será aquele que vos conhece melhor, e inclui tudo e é fiel a tudo,
Ele e os demais não vos esquecerão, eles perceberão que vós não sois um tiquinho menos que eles,
Vós sereis plenamente glorificados neles.

Juventude, Dia, Velhice, Noite[{130}]

Este poema, "JUVENTUDE, DIA, VELHICE E NOITE" ("Youth, Day, Old Age and Night"), tem somente quatro versos. Ele foi o que restou do poema "Grandes São Os Mitos" ("Great Are The Myth"), da edição original de 1855, e que foi excluído de Folhas de Relva em 1881. Embora curto, é um belo poema que soa muito bem em português com sua graciosa e pacífica aceitação da velhice.

Juventude, vasta, vigorosa, amorosa – juventude cheia de graça, força, fascinação,

Sabes que a Velhice pode vir depois de ti com a mesma graça, força, fascinação?

Dia maduro e esplêndido – dia do imenso sol, ação, ambição, riso,
A Noite sucede com milhões de sóis e sono e revigorante escuridão.

Aves de Arribação[{131}]

A seção AVES DE ARRIBAÇÃO (Birds of Passage) é um livro, que foi publicado em 1881, embora seja feito de poemas que já tivessem aparecido previamente em outros conjuntos de poemas. Como o título indica, estes poemas são sobre movimento, mudança, expansão, futuro, evolução e a busca por identidade.

Cito aqui dois poemas importantes neste grupo: "Canção do Universal" ("Song of the Universal"), em que o poeta canta o que ele considera ser universal, isto é, apenas o que é bom; e "Pioneiros! Oh Pioneiros!" ("Pioneers! O Pioneers!"), no qual Whitman descreve a vontade de viajar para o oeste e a conquista de novas terras com a coragem e determinação de criar uma nova nação, mesmo ao custo das vidas dos pioneiros.

Quanto ao aspecto poético, conferir a cadência regular desses versos, pouco usual em Folhas de Relva, que aparece em raros momentos também em "Ídolos", do livro Inscrições e em "Oh Capitão! Meu Capitão!", de Memórias do Presidente Lincoln.

Canção do Universal

1

Vem disse a Musa,
Canta-me uma canção que poeta algum cantou ainda,
Canta-me o universal.

Nesta extensa terra nossa,
Entre a imensurável grosseria e a escória,
Inclusa e salva dentro de seu coração central,
Aninha-se a semente perfeição.

Por toda vida uma parte ou mais ou menos,
Ninguém nascido mas ela está nascida, oculta ou descoberta a semente está esperando.

2

Vê! arguta ciência altaneira,
Como de altos picos examinando o moderno,
Emitindo ordens absolutas sucessivas.

Porém de novo, vê! a alma, acima de toda ciência,
Por ela a história se reuniu como palhas pelo globo,
Por ela as miríades de estrelas todas rolam pelo céu.

Em rotas espirais por longos desvios,
(Como um navio que muda muito a rota no mar,)
Por ela o parcial ao permanente fluindo,
Por ela o real para o ideal tende.

Por ela a evolução mística,
Não somente o correto justificado, o que chamamos mal também justificado.

De suas máscaras, não importando nada,
Do enorme tronco inflamado, do ofício e malícia e lágrimas,
A emergir saúde e júbilo, júbilo universal.

Da massa, do mórbido e do raso,
Da maioria ruim, as variadas fraudes incontáveis de homens e estados,
Elétrico, porém anti-séptico, rachando, inundando tudo,
Só o bem é universal.

3

Sobre a vegetação da montanha doença e mágoa,
Um pássaro livre está sempre pairando, pairando,
Alto no ar mais puro, mais feliz.

Da nuvem mais sombria da imperfeição,
Dardeja sempre um raio de luz perfeita,
Um clarão da glória celeste.

Para a discórdia da moda, do costume,
Para a balbúrdia de Babel, as orgias ensurdecedoras,
Abrandando cada calmaria uma tensão é ouvida, recém ouvida,
De alguma praia distante o coro final soando.

Oh os olhos abençoados, os corações felizes,
Que veem, que conhecem o fio guia tão bem,
Pelo poderoso labirinto.

4

E tu América,
Para a culminação do esquema, seu pensamento e sua realidade,
Para estes (não para ti mesma) chegaste.

Tu também rodeias tudo,
Abraçando carregando recebendo tudo, tu também por amplas e novas trilhas,
Para o ideal tendes.

As fés medidas de outras terras, os esplendores do passado,
Não são pra ti, mas teus próprios esplendores,
Fés deíficas e amplitudes, absorvendo, compreendendo tudo,
Tudo aceitável a tudo.

Tudo, tudo pela imortalidade,
O amor como a luz silenciosamente cobrindo tudo,
A melhoria da natureza abençoando tudo,
As flores, frutos de eras, pomares divinos e certos,
Formas, objetos, crescimentos, humanidades, amadurecendo para imagens espirituais.

Dá-me Oh Deus cantar esse pensamento,
Dá-me, dá àquele ou àquela que amo esta fé inextinguível,
Em Teu conjunto, o que mais for retido não reténs de nós,
Crença em Teu plano incluído no Tempo e Espaço,
Saúde, paz, salvação universal.

É um sonho?
Não mas a falta dele o sonho,
E fracassando o saber e a riqueza da vida um sonho,
E todo o mundo um sonho.

Pioneiros! Oh Pioneiros!

Vinde meus filhos trigueiros,
Segui bem em ordem, aprontai vossas armas,
Tendes vossas pistolas?
Vossos afiados machados?
Pioneiros! Oh pioneiros!

Não podemos tardar aqui,
Devemos marchar meus amados, aguentar o rojão do perigo,
Nós as rijas raças jovens, tudo o mais de nós depende,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Oh vós moços, Ocidentais moços,
Tão impacientes, combatentes, cheios de másculo orgulho e amizade,
Claro vos vejo Ocidentais moços, perambulando com os primeiros;
Pioneiros! Oh pioneiros!

Cessaram as raças mais velhas?
Elas se curvam e findam a lição, exaustas lá além dos mares?
Nós pegamos a eterna tarefa, e o fardo e a lição,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Todo o passado deixamos pra trás,
Emergimos num mundo mais novo e pujante, variado mundo,
Novo e forte o mundo que apreendemos, mundo de labor e da marcha,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Lançamos desprendimentos regulares,
Pelas orlas, pelos passos, íngremes montanhas acima,
Vencendo, retendo, ousando, se arriscando por vias desconhecidas,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Nós cortando selvas primevas,

Nós represando os rios, furando e perfurando fundo as minas,
Nós mapeando a ampla superfície, nós levantando o solo virgem,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Somos homens do Colorado,
Dos picos gigantescos, das grandes sierras e dos altos planaltos,
Da mina e da ravina, viemos da trilha de caça,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Do Nebraska, do Arkansas,
Somos raça central interior, do Missouri, intervenada com o sangue continental,
Apertando as mãos de todos camaradas, todos Sulistas, todos Nortistas,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Oh raça irresistente irrequieta!
Oh raça amada em tudo! Oh meu peito padece de meigo amor por tudo!
Oh lamento e no entanto exulto, estou enlevado de amor por tudo,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Erguei a magnífica mãe senhora,
Agitando alto a fina senhora, sobre tudo a estrelada senhora, (curvai vossas cabeças todos,)
Erguei a dentada e bélica senhora, severa, insensível, armada senhora,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Vede meus filhos, resolutos filhos,
Aos enxames na retaguarda nunca devemos sucumbir ou ceder,
Eras atrás em milhões espectrais torvos lá atrás de nós impelindo,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Sem parar as compactas tropas,
Com acessões[{132}] sempre à espera, com os locais dos mortos preenchidos logo,
Por batalha, por derrota, se movendo ainda e nunca parando,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Oh morrer prosseguindo!
Há alguns de nós pra pender e morrer? a hora chegou?
Então na marcha nós os mais aptos morremos, logo e certo o hiato é preenchido,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Todos os pulsos do mundo,
Se alinhando batem por nós, com a batida do movimento Ocidental,
Mantendo-se único ou junto, movendo firme à frente, tudo por nós,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Os desfiles envolvidos e variados da vida,
Todas as formas e mostras, todos os operários em seu trabalho,
Todos os marítimos e os terrestres, todos os senhores com seus escravos,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Todos os amantes calados infelizes,
Todos os prisioneiros nas prisões, todos os justos e os iníquos,
Todos os alegres, todos os aflitos, todos os viventes, todos os morrentes,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Eu também com minha alma e corpo,
Nós, um trio curioso, colhendo, vagando em nosso caminho,
Pelas praias entre as sombras, com as aparições pressionando,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Vê, o dardejante orbe rolante!
Vê, os orbes irmãos em volta, todos os sóis e planetas agrupantes,
Todos os dias deslumbrantes, todas as noites místicas com sonhos,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Estes são nossos, estão conosco,
Todos para o trabalho primordial necessário, enquanto os seguidores em embrião aguardam atrás,

Nós conduzindo o préstito de hoje, nós abrindo a rota de viagem,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Oh vós filhas do Oeste!
Oh vós filhas jovens e mais velhas! oh vós mães e vós esposas!
Nunca deveis estar divididas, em nossas tropas moveis unidas,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Latentes menestréis nos prados!
(Bardos amortalhados de outras terras, podeis repousar, fizestes vosso trabalho,)
Breve vos ouço vindo gorjeando, breve subis e vagueais entre nós,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Não para doces delícias,
Nem almofada e chinelo, nem o tranquilo e o atento,
Nem bens seguros e insípidos, não pra nós a dócil posse,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Os vorazes festeiros festejam?
Os corpulentos adormecidos dormem? eles tem portas trancadas e aferrolhadas?
Sejam ainda nossos o rígido regime e o cobertor no chão,
Pioneiros! Oh pioneiros!

A noite caiu?
A estrada tem sido assim árdua? paramos desanimados cochilando no caminho?
Porém vos concedo uma breve hora em vossas trilhas a deter-vos desatentos,
Pioneiros! Oh pioneiros!

Até que com som de clarim,
Longe, remoto o toque da aurora – ouvi! quão alto e claro o ouço rolar,
Rápido! ao comando do exército! – rápido! ocupai vossas posições,
Pioneiros! Oh pioneiros!

A Ti

Quem quer que tu sejas, temo que estejas passando em passagens de sonhos,
Temo que estas supostas realidades se derreterão sob teus pés e mãos,
Mesmo agora teus traços, júbilos, fala, casa, comércio, modos, problemas, tolices, traje, crimes, dissipam-se pra longe de ti,
Tua verdadeira alma e corpo aparecem à minha frente,
Eles se destacam dos afazeres, do comércio, lojas, trabalho, fazendas, roupas, da casa, comprar, vender, comer, beber, sofrer, morrer.

Quem quer que tu sejas, agora coloco minha mão sobre ti, que tu sejas meu poema,
Sussurro com meus lábios junto a teu ouvido,
Tenho amado muitas mulheres e homens, mas não amo ninguém melhor que tu.

Oh tenho sido dilatório e tolo,
Eu devia ter aberto meu caminho direto a ti há muito tempo,
Eu não devia ter tagarelado nada exceto a ti, eu não devia ter cantado nada exceto a ti.

Deixarei tudo e virei fazer teus hinos,
Ninguém te entendeu, mas eu te entendo,
Ninguém fez justiça a ti, não fizeste justiça a ti mesmo,
Ninguém te achou senão imperfeito, só eu não acho imperfeição em ti,
Ninguém deixaria de te subordinar, só eu sou aquele que nunca consentirá em te subordinar,
Só eu sou aquele que não coloca sobre ti nenhum mestre, dono, melhor, Deus, além do que espera intrinsecamente em ti mesmo.

Pintores têm pintado seus grupos fervilhantes e a figura central de tudo,
Da cabeça da figura central se espalha um nimbo de luz dourada,

Mas eu pinto miríades de cabeças, mas não pinto nenhuma cabeça sem seu nimbo de luz dourada,
Da minha mão do cérebro de todo homem e mulher ela emana, fulgurantemente fluindo infinita.

Oh eu poderia cantar tais grandezas e glórias sobre ti!
Não tens sabido o que tu és, tens cochilado sobre ti mesmo toda tua vida,
Tuas pálpebras têm ficado como que fechadas a maior parte do tempo,
O que tens feito já retorna em zombarias,

(Tua parcimônia, conhecimento, orações, se não retornam em zombarias, qual é seu retorno?)

As zombarias não são tu,
Sob elas e dentro delas vejo que tu espreitas,
Eu te busco onde ninguém mais te buscou,
Silêncio, a escrivaninha, a expressão frívola, a noite, a rotina costumeira,
Se estas coisas te ocultam de outros ou de ti mesmo, elas não te ocultam de mim,
O rosto barbeado, o olho instável, a compleição impura, se estas coisas impedem outros elas não me impedem,
O traje atrevido, a atitude disforme, embriaguez, gula[{133}], morte prematura, tudo isso eu separo.

Não há nenhum dote em homem ou mulher que não esteja talhado em ti,
Não há nenhuma virtude, nenhuma beleza em homem ou mulher, que não esteja em ti,
Nenhuma garra, nenhuma resistência em outros, que não esteja em ti,
Nenhum prazer aguardando outros, que não haja um prazer igual à tua espera.

Quanto a mim, não dou nada a ninguém que eu não dê igual cuidadosamente a ti,
Não canto as canções da glória de ninguém, nem de Deus, antes que eu cante as canções da tua glória.

Quem quer que tu sejas! reivindica o que te pertence sob qualquer risco!
Estes espetáculos do Leste e Oeste são maçantes comparados a ti,
Estes prados imensos, estes rios intermináveis, tu és imenso e interminável como eles,
Estas fúrias, elementos, tempestades, movimentos da Natureza, angústias de dissolução aparente, tu és aquele ou aquela que é mestre ou mestra deles,
Mestre ou mestra por si mesmos da Natureza, elementos, dor, paixão, dissolução.

Os grilhões caem de teus tornozelos, tu encontras uma suficiência infalível,
Velho ou jovem, macho ou fêmea, rude, baixo, rejeitado pelos demais, o que tu fores se proclama,
Através de nascimento, vida, morte, enterro, os meios são fornecidos, nada é restrito,
Através de raivas, perdas, ambição, ignorância, enfado, o que tu fores avança com cuidado.

França[{134}]

O 18º Ano destes Estados
Um grande ano e lugar,
Um áspero brado nativo discordante soando mais alto, pra tocar o coração da mãe ainda mais próximo que qualquer outro.

Caminhei nas praias de meu mar Oriental,
Ouvi sobre as ondas a pequena voz,
Vi a divina infante onde ela acordou lamentando tristemente, entre o rugido do canhão, das maldições, gritos, estrondo de edifícios desmoronando,
Não estava tão enjoado do sangue escorrendo nas sarjetas, nem dos cadáveres individuais, nem daqueles empilhados, nem daqueles carregados nas carretas[{135}],
Não estava tão desesperado com as matanças da morte – não estava tão chocado com as repetidas fuzilarias das armas.

Pálido, silencioso, severo, o que eu poderia dizer a essa represália longamente acumulada?
Poderia eu desejar a humanidade diferente?
Poderia eu desejar as pessoas feitas de madeira e pedra?
Ou que não há justiça no destino ou tempo?

Oh Liberdade! Oh minha parceira!
Aqui também a flama, a metralha e o machado, de reserva, pra sacá-los se necessário,
Aqui também, embora longamente reprimidos, nunca podem ser destruídos,
Aqui também poderiam se erguer por fim assassinos e extáticos,
Aqui também cobrando as contas completas da vingança.

Daqui assino esta saudação estrangeira,
E não nego aquele terrível nascimento vermelho e batismo,

Mas lembro a pequena voz que ouvi se lamentando, e espero com perfeita confiança, não importa quanto tempo,
E doravante triste e convincente mantenho a causa legada, como a todas as terras,
E envio estas palavras a Paris com meu amor,
E imagino que os chansonniers{136} de lá as entenderão,
Pois imagino que há música latente ainda na França, torrentes dela,

Oh já ouço o alvoroço dos instrumentos, eles logo afogarão tudo o que os interromperia,
Oh acho que o vento leste traz uma marcha triunfal e livre,
Ela chega aqui, ela me enche de jubilosa loucura,
Correrei para transpô-la em palavras, para justificá-la,
Ainda cantarei uma canção pra ti ma femme{137}.

Eu Mesmo e Minha

Eu mesmo e minha ginástica sempre,
Suportar o frio ou calor, fazer boa mira com uma arma, pilotar um barco, adestrar cavalos, gerar filhos soberbos,
Falar pronta e claramente, sentir-se em casa entre pessoas comuns,
E nos mantermos firmes em posições terríveis em terra e mar.

Não para um bordador,
(Sempre haverá bastantes bordadores, os recebo também,)
Mas para a fibra das coisas e para homens e mulheres inerentes.

Não esculpir ornamentos,
Mas esculpir com golpe livre as cabeças e membros de profusos
Deuses supremos, que os Estados possam percebê-los andando e falando.

Deixa-me fazer o que eu quero,
Deixa outros promulgarem as leis, não darei a mínima às leis,
Deixa outros elogiarem homens eminentes e susterem a paz, eu susterei agitação e conflito,
Não elogio nenhum homem eminente, reprovo em sua cara aquele que foi considerado mais digno.

(Quem és tu? e de que és secretamente culpado toda tua vida?
Te desviarás toda tua vida? mourejarás e charlarás toda tua vida?
E quem és tu, tagarelando por hábito, anos, páginas, línguas, reminiscências, Inadvertido hoje que tu não saibas falar uma única palavra corretamente?)

Deixa outros terminarem espécimes, eu nunca termino espécimes,
Eu os inicio por leis inexauríveis como a Natureza faz, recentes e modernos continuamente.

Nada dou como deveres,
O que outros dão como deveres eu dou como impulsos vivos,
(Darei a ação do coração como um dever?)

Deixa outros se desfazerem de perguntas, eu não me desfaço de nada, eu levanto perguntas irrespondíveis,
Quem são aqueles que vejo e toco, e que tal eles?
Que tal estes meus semelhantes que me puxam assim tão perto com ternas direções e dissimulações?

Eu clamo ao mundo para desconfiar dos relatos de meus amigos, mas escutar a meus inimigos, como eu mesmo faço,
Te incumbo para sempre rejeita aqueles que me exporiam, pois não posso me expor,
Incumbo que não haja nenhuma teoria ou escola fundada em mim,
Te incumbo de deixar tudo livre, como eu deixei tudo livre.

Depois de mim, perspectiva!
Oh vejo que a vida não é curta, mas incomensuravelmente longa,
Doravante trilho o mundo casto, moderado, um madrugador, um lavrador regular,
Cada hora o sêmen de séculos e ainda de séculos.

Devo persistir nestas lições contínuas do ar, água, terra,
Percebo que não tenho tempo a perder.

Ano de Meteoros

(1859-60)
Ano de meteoros! ano taciturno!
Eu juntaria em palavras retrospectivas algumas de tuas ações e sinais,
Eu cantaria tua disputa para a 19º Presidentiad[{138}],
Eu cantaria como um velho, alto, de cabelo branco, subiu o patíbulo na Virgínia[{139}],

(Eu estava perto, em silêncio fiquei com os dentes cerrados, assisti,
Eu fiquei muito perto de ti meu velho quando sereno e indiferente, mas trêmulo com a idade e com teus ferimentos não curados subiste ao patíbulo;)

Eu cantaria em minha copiosa canção teus dados demográficos dos Estados,
As tabelas de população e produtos, eu cantaria teus navios e suas cargas,
Os soberbos navios pretos de Manhattan chegando, alguns repletos de imigrantes, alguns do istmo com cargas de ouro,
Canções disso eu cantaria, a tudo aquilo que pra cá vem boas-vindas eu daria,
E tu eu cantaria, justo rapaz! boas-vindas a ti de mim, jovem príncipe da Inglaterra[{140}]!

(Lembras tu engrossando as multidões de Manhattan quando passaste com teu cortejo de nobres?
Ali nas multidões estive e te escolhi com apego;)

Nem me esqueço de cantar a maravilha, o navio quando ele deslizou em minha baía,
Bem-feito e imponente o Grande Oriental[{141}] deslizou na minha baía, ele tinha 600 pés de comprimento,
Seu rápido movimento rodeado de miríades de pequenas embarcações não esqueço eu de cantar;
Nem o cometa que apareceu do norte sem ser anunciado cintilando no céu,

Nem a estranha e enorme procissão de meteoros deslumbrante e clara cadente sobre nossas cabeças,

(Um momento, um longo momento ela flutuou suas bolas de luz espectral sobre nossas cabeças,
Então partiu, lançada na noite, e se foi;)

Tais coisas, e intermitentes como elas, eu canto – com fulgores delas fulguraria e enfeitaria eu estes cantos,
Teus cantos, Oh ano todo matizado de mal e bem – ano de presságios!
Ano de cometas e meteoros transitórios e estranhos – vê! mesmo aqui um igualmente transitório e estranho!
Conforme esvoaço por ti apressadamente, para logo cair e partir, o que é este canto,
O que sou eu mesmo a não ser um de teus meteoros?

Com Antecedentes

1

Com antecedentes,
Com meus pais e mães e as acumulações de eras passadas,
Com tudo que, não tivesse assim sido, eu não estaria agora aqui, como estou, Com Egito, Índia, Fenícia, Grécia e Roma,
Com o Celta, o Escandinavo, o Albião[{142}] e o Saxão,
Com antigas ousadias marítimas, leis, artesanato, guerras e jornadas,
Com o poeta, o escaldo[{143}], a saga, o mito e o oráculo,
Com a venda de escravos, com entusiastas, com o trovador, o cruzado e o monge,
Com aqueles velhos continentes de onde viemos a este novo continente,
Com os reinos e reis desvanecentes por lá,
Com as religiões e padres desvanecentes,
Com as pequenas praias as quais relembramos desde nossas próprias grandes e presentes praias,
Com anos incontáveis se puxando à frente e chegamos a estes anos,

Eu e tu chegamos – a América chegou e fazendo este ano,
Este ano! se enviando à frente anos incontáveis por vir.

2

Oh mas não são os anos – sou eu, és Tu,
Tocamos todas as leis e computamos todos antecedentes,
Somos o escaldo, o oráculo, o monge e o cavaleiro, facilmente os incluímos e mais,
Nos postamos em meio ao tempo sem princípio nem fim, nos postamos entre mal e bem,
Tudo balança ao nosso redor, há tanta escuridão quanto luz,
O próprio sol balança a si e a seu sistema de planetas ao nosso redor,
Seu sol, e seu de novo, tudo balança ao nosso redor.

Quanto a mim, (dilacerado, tempestuoso, entre estes dias veementes,)
Tenho a ideia de tudo, e sou tudo e creio em tudo,
Creio que o materialismo seja verdadeiro e o espiritualismo seja verdadeiro, não rejeito parte alguma.

(Esqueci de alguma parte? alguma coisa no passado?
Vem a mim quem for e o que for, até que eu lhes dê reconhecimento.)

Respeito a Assíria, China, Teutônia{144} e os Hebreus,
Adoto cada teoria, mito, deus e semi-deus,
Vejo que os velhos relatos, bíblias, genealogias, são verdadeiros, sem exceção,
Afirmo que todos dias passados foram o que deviam ter sido,

E que não podiam de forma alguma ter sido melhor do que foram,
E que o dia de hoje é o que deve ser, e que a América é,
E que o dia de hoje e a América não poderiam de forma alguma ser melhor do que são.

3

Em nome destes Estados e em teu e meu nome, o Passado,
E em nome destes Estados e em teu e meu nome, o tempo Presente.
Sei que o passado foi grande e o futuro será grande,
E sei que ambos curiosamente conjugam no tempo presente,

(Pelo bem daquele que tipifico, pelo bem do homem comum médio, teu bem se tu fores ele,)

E que onde estou ou tu estás no dia presente, há o centro de todos os dias, todas as raças,

E há o significado a nós de tudo que sempre veio de raças e dias, ou sempre virá.

Um Desfile na Broadway

O poema “UM DESFILE NA BROADWAY” (“A Broadway Pageant”) foi escrito para celebrar o cortejo da embaixada do Japão que marchou pela Broadway em 1860, e para cantar a liberdade e democracia na América.

Este poema apresenta versos especialmente longos que pulsam como o longo e livre rufar de tambores numa parada, misturando-se ao bater dos pés na rua e às vozes da multidão numa grande cidade.

1

Sobre o mar Ocidental vindo pra cá do Niphon[{145}],
Corteses, os morenos emissários de duplo gládio,
Recostando-se em suas caleças abertas, sem chapéu, impassíveis,
Andam hoje por Manhattan.

Libertad[{146}]! Eu não sei se outros vêem o que vejo,
No préstito junto com o nobres do Niphon, os mensageiros,
Cobrindo a retaguarda, pairando acima, em volta, ou marchando na tropa,
Mas te cantarei uma canção do que vejo Libertad.

Quando a multitudinária[{147}] Manhattan descerrada desce para suas calçadas,
Quando as armas de estrondeante estampido me despertam com o orgulhoso rugido que amo,
Quando as armas de bocas arredondadas cospem suas salvas, em meio à fumaça e cheiro que amo,
Quando as armas de fogo reluzentes me alertaram totalmente, e nuvens do céu dosselam minha cidade com uma tênue névoa delicada,
Quando os incontáveis troncos retos magníficos, as florestas no cais, se adensam de cores,
Quando todo navio ricamente trajado carrega sua bandeira no topo,
Quando pendões avançam e grinaldas de rua pendem das janelas,
Quando a Broadway está inteiramente sucumbida a pedestres e espectadores, quando a massa é a mais densa,
Quando as fachadas das casas estão fervilhando de pessoas, quando olhos fitam fixos dezenas de milhares de cada vez,
Quando os convidados das ilhas avançam, quando o desfile progride visível,
Quando a convocação é feita, quando a resposta que esperou milhares de anos responde,

Eu também me erguendo, respondendo, desço à calçada, fundo-me com a multidão, e fito com eles.

2

Manhattan de rosto soberbo!
Camaradas Americanos[{148}]! a nós, então por fim o Oriente vem.

A nós, minha cidade,
Onde nossas altíssimas belezas de ferro e mármore se alinham em lados opostos, para andar nesse entre-espaço,
Hoje nossos Antípodas vêm.

A Originadora vem,
O ninho de idiomas, o testador[{149}] de poemas, a raça do tempo antigo,
Corada de sangue, pensativa, extasiada com devaneios, quente de paixão,
Ardente de perfume, com amplas e fluidas vestimentas,
Com rosto bronzeado, com alma intensa e olhos cintilantes,
A raça de Brahma vem.

Vê meu cantabile[{150}]! estes e mais estão reluzindo a nós do préstito,
Conforme ele se move mudando, um caleidoscópio divino se move mudando à nossa frente.

Pois não só os emissários nem o bronzeado japonês de sua ilha,
Flexível e silente o Hindu aparece, o próprio continente Asiático aparece, o passado, os mortos,
A sombria manhã-noite de maravilha e fábula inescrutável,
Os mistérios encobertos, as antigas e desconhecidas abelhas domésticas,
O norte, o sufocante sul, a Assíria oriental, os Hebreus, os antigos dos antigos,
Vastas cidades devastadas, o planante presente, todos esses e mais estão no desfile-préstito.

A geografia, o mundo, está nele,

O Grande Mar, uma quantidade de ilhas, Polinésia, o litoral além,
O litoral que doravante estás encarando – tu Libertad! de tuas douradas praias Ocidentais,
Os países lá com suas populações, os milhões en-masse{151} estão curiosamente aqui,
Os mercados infestados, os templos com ídolos alinhados nas laterais ou ao fundo; bonzo, brâmane e lama{152}, Mandarim, fazendeiro, comerciante, mecânico e pescador,
A cantora e a dançarina, as pessoas extáticas, os imperadores isolados,
O próprio Confúcio, os grandes poetas e heróis, os guerreiros, as castas, todos,
Se arregimentando, se aglomerando de todas as direções, das montanhas de Altay,
Do Tibet, dos quatro sinuosos e grandifluentes{153} rios da China,
Das penínsulas sulinas e das ilhas semi-continentais, da Malásia,
Esses e tudo que pertence a eles palpáveis exibem-se a mim, e são agarrados por mim,
E sou agarrado por eles e simpaticamente segurado por eles,
Até como aqui eu os cante a todos, Libertad! por eles e por ti.

Pois eu também levantando minha voz me uno à tropa deste préstito,
Sou o cantor, canto alto por sobre o préstito,
Canto o mundo em meu mar Ocidental,
Canto as copiosas ilhas além, abundantes como estrelas no céu,
Canto o novo império mais grandioso que qualquer outro antes, isso vem a mim como numa visão,
Canto a América a mestra, canto uma supremacia maior,
Canto mil cidades florescentes projetadas ainda no tempo nesses grupos de ilhas marinhas,

Meus veleiros e vapores entremeando os arquipélagos,
Minha bandeira nacional tremulando ao vento,
Abertura de comércio, o sono de eras tendo feito seu trabalho, raças renascidas, reanimadas,
Vidas, trabalhos retomados – não conheço o objeto – mas o antigo, o Asiático renovado como deve ser,
Começando neste dia rodeado pelo mundo.

3

E tu Libertad do mundo!
Tu te sentarás no meio bem-aprumada milhares e milhares de anos,
Como hoje de um lado os nobres da Ásia vêm a ti,
Como amanhã de outro lado a rainha da Inglaterra envia seu filho {154} primogênito a ti.

O sinal está se invertendo, o orbe está circundado,
O anel está circulado, a viagem está finda,
A tampa da caixa está apenas perceptivelmente aberta, não obstante o perfume jorra copiosamente da caixa inteira.

Jovem Libertad! com a venerável Ásia, a mãe de todos,
Seja respeitosa com ela agora e sempre quente Libertad, pois és tudo,
Inclina teu pescoço orgulhoso à longínqua mãe agora enviando mensagens cruzando os arquipélagos pra ti,
Inclina teu pescoço orgulhoso esta vez, jovem Libertad.

Estavam os filhos errando a oeste por tanto tempo? tão ampla a caminhada?
Estavam as sombrias eras precedentes emergindo a oeste do Paraíso por tanto tempo?
Estavam os séculos firmemente se movendo por aí, todo esse tempo desconhecido, por ti, por razões?

Eles estão justificados, estão realizados, eles serão agora virados para o outro lado também, pra viajar em tua direção dali,
Eles também marcharão agora obedientemente para o leste por ti Libertad.

Detrito Marinho

Embora o conjunto de poemas DETRITO-MARINHO (“Sea-Drift”) englobe peças maravilhosas como “Do Berço Infindamente Embalando” (“Out of the Cradle Endlessly Rocking”) e “Ao Vazar com o Oceano da Vida” (“As I Ebb’d with the Ocean of Life”), há outras belas composições neste livro também, como “Lágrimas” (“Tears”) e “Ao Alcatraz” (“To the Man-of-War-Bird”). Estas duas últimas são expressões extremamente densas do poeta, ou seja, atípicas do bardo norte-americano, que prefere em geral versos longos e mais livres.

A primeira, “Lágrimas”, ecoa a ansiedade e solidão do poeta à noite. Ela é semelhante em tom e ritmo a “Gotas Vertentes” (“Trickle Drops”), de “Cálamo”. Dois mestres da poesia brasileira me inspiraram na tradução destes poemas: (João da) Cruz e Souza (1861-1898) e Augusto (de Carvalho Rodrigues) dos Anjos (1884-1914). A inspiração veio de seu ritmo marcado, que ficou em minha memória depois de repetidas leituras, bem como sua capacidade de criar uma rede sonora em seus versos. A tradução, ou recriação, do outro poema mencionado, “Ao Alcatraz”, se impôs pelo seu ritmo forte e marcado, uma mescla de decassílabos e alexandrinos.

Do Berço Infindamente Embalando

Do berço infindamente embalando,
Da garganta do tordo, o vaivém musical,
Da meia-noite do Nono mês,
Sobre as areias estéreis e os campos além, onde a criança deixando sua cama vagou sozinha, cabeça nua, descalça,
Descendo da uma auréola chuvosa,
Subindo do jogo místico das sombras trançando e torcendo como se estivessem vivas,

Dos canteiros de sarças e amoras-pretas,
Das memórias do pássaro que recitou para mim,
De tuas memórias triste irmão, das ascensões e quedas espasmódicas que ouvi,
De sob essa meia-lua amarela tardi-elevada e inchada como se de lágrimas,
Daquelas notas iniciais de anseio e amor lá na neblina,
Das milhares de reações de meu coração incessante,
Da miríade de palavras daí-despertadas,
Da palavra mais forte e deliciosa que qualquer outra,

Como as que agora começam a cena revisitando,
Como um bando, gorjeando, subindo, ou sobre a cabeça passando,
Nascido aqui, antes que tudo me escape, na pressa,
Um homem, porém por estas lágrimas um garotinho de novo,
Me atirando na areia, confrontando as ondas,
Eu, cantador de dores e gozos, unidor deste mundo e do outro,
Aceitando sugestões, mas velozmente saltando além delas, Uma reminiscência canto.

Uma vez Paumanok,
Quando o aroma do lilás estava no ar e a relva de maio brotava,
Praia acima em algumas sarças,

Dois hóspedes emplumados do Alabama, dois juntos,

E seu ninho, e quatro verdes claros ovos com pintas castanhas,
E todo dia o macho de um lado pro outro pronto,
E todo dia a fêmea agachada em seu ninho, silente, com olhos brilhantes,
E todo dia eu, curioso menino, nunca muito perto, nunca os perturbando,
Prudentemente perscrutando, absorvendo, traduzindo.

Brilha! brilha! brilha!
Emite teu calor, grande sol!
Enquanto nos aquecemos, nós dois juntos.

Dois juntos!
Ventos sopram pro sul, ou ventos sopram pro norte,
Branco vem o dia, ou negra vem a noite, Lar, ou rios e montanhas de casa,
Cantando todo o tempo, não cuidando o tempo,
Enquanto nós dois ficamos juntos.

Até que de repente,
Talvez morta, sem seu par saber,
Uma manhã a fêmea não se agachou no ninho,
Nem retornou aquela tarde, nem na próxima,
Nem nunca mais apareceu.

E desde então todo o verão no som do mar,
E à noite sob a lua cheia em calmaria,
Sobre o rouco ondular do mar,
Ou adejando de sarça em sarça de dia,
Vi, ouvi em intervalos o que restou, o macho,
O hóspede solitário do Alabama.

Soprai! soprai! soprai!
Bufai virações pela praia de Paumanok;
Espero e espero até que soprais meu par para mim.

Sim, quando as estrelas cintilaram,
Toda a noite na ponta de uma estaca musgo-enfeitada,
Baixo quase em meio aos tapas das ondas,
Sentou o cantor solitário maravilhoso provocando pranto.

Ele apelou a seu par,
Emitiu mensagens que só eu entre os homens conheço.

Sim meu irmão, sei,
Os demais talvez não, mas eu guardei toda nota como um tesouro,
Pois mais de uma vez deslizando na penumbra para a praia,
Silente, evitando o luar, mesclando-me com as sombras,
Recordando agora as obscuras formas, os ecos, os sons e as cenas de acordo com seus tipos,
Os braços brancos na arrebentação incansavelmente agitando,
Eu, descalço, uma criança, o vento soprando meu cabelo,
Escutei longamente.

Escutei para guardar, para cantar, agora traduzindo as notas,
Seguindo-te meu irmão.

Conforta! conforta! conforta!
Próxima à onda conforta a onda de trás,
E de novo uma outra atrás abraçando e envolvendo, todas próximas,
Mas meu amor não me conforta, não a mim.

Baixa pende a lua, subiu tarde, Está se atrasando –
Ah acho que está prenhe de amor, de amor.

Ah furiosamente o mar avança sobre a terra, Com amor, com amor.

Ah noite! não vejo meu amor se agitando nas vagas?
O que é aquela coisinha preta que vejo lá na brancura?

Alto! alto! alto!

Alto te exorto, meu amor!
Alto e claro lanço minha voz sobre as ondas,
Certamente deves saber quem está aqui, está aqui,
Deves saber quem sou, meu amor.

Lua rasante!
Que mancha fosca é essa em teu amarelo castanho?
Ah é a forma, a forma do meu par!
Ah lua não a afasta mais de mim.

Terra! terra! terra!
Para qualquer lado que viro, ah acho que podias me dar meu par de novo se pudesses,
Pois estou quase certo que a vejo na penumbra em qualquer direção que olho.

Ah ascendentes estrelas!
Talvez a que quero tanto ascenderá, ascenderá com algumas de vós.

Ah garganta! ah trêmula garganta!
Soa mais clara pela atmosfera!
Perfura as selvas, a terra,
Em algum lugar captando deve estar aquela que quero.

Agitai cânticos!
Solitários aqui, os cânticos noturnos!
Cânticos de amor desolado! cânticos de morte!
Cânticos sob essa lenta, pálida, lua minguante!
Ah sob essa lua onde ela pende quase dentro do mar!
Ah cânticos imprudentes e desesperados.

Mas suave! descendei!
Suave! deixai-me somente murmurar,
E aguarda um momento rouqui-ruidoso mar,
Pois algures creio que ouvi meu par me respondendo,
Tão tênue, devo serenar, serenar para escutar,

Mas não de todo sereno, senão ela talvez não venha imediatamente para mim.

Para cá meu amor!
Aqui estou! aqui!
Com esta longa nota me anuncio a ti,
Este amável chamado é para ti meu amor, para ti.

Não cai em engodos alhures,
Esse é o assovio do vento, não é minha voz,
Esse é o agitar, o agitar da espuma,
Essas são sombras de folhas.

Ah trevas! Ah em vão!
Ah estou muito doente e dolorido.

Ah halo castanho no céu perto da lua, descaindo sobre o mar!
Ah turbulento reflexo no mar!
Ah garganta! Ah palpitante coração!
E eu cantando inutilmente, inutilmente toda a noite.

Ah passado! Ah vida feliz! Ah canções de júbilo!
No ar, nas árvores, nos campos,
Amada! amada! amada! amada! amada!
Mas meu par não mais, não mais comigo!
Nós dois juntos não mais.

A ária declina,
Tudo o mais prossegue, as estrelas brilham,
Os ventos sopram, as notas do pássaro contínuas ecoam,
Com gemidos zangados a velha mãe furiosa geme incessantemente,
Nas areias da praia de Paumanok cinzenta e farfalhando,

A pálida meia-lua ampliada, arqueando, descaindo, a face do mar quase tocando,
O menino extático, com os pés descalços as ondas, com seu cabelo a atmosfera afagando,

O amor no coração longamente contido, agora solto, agora afinal tumultuosamente explodindo,
O sentido da ária, os ouvidos, a alma, velozmente assentando,
As estranhas lágrimas escorrendo pelas bochechas,
O colóquio ali, o trio, cada um emitindo,
O murmúrio, a velha mãe selvagem chorando incessantemente,
Às perguntas da alma do menino sombriamente se ajustando, algum segredo afogado silvando, Ao bardo iniciante.

Demônio ou pássaro! (disse a alma do menino),
É mesmo para teu par que cantas? ou é realmente para mim?
Pois eu, que era uma criança, com o uso de minha língua adormecido, agora te ouvi,
Agora num instante já sei para que sirvo, acordo,
E já mil cantores, mil canções, mais claras, altas e contritas que a tua,
Mil ecos chilreados iniciaram vida dentro de mim, para jamais morrer.

Ah cantor solitário, cantando sozinho, me projetando,
Ah solitário eu escutando, nunca mais cessarei de perpetuar-te,
Nunca mais escaparei, nunca mais as reverberações,
Nunca mais os choros de amor insatisfeitos estejam ausentes de mim,
Nunca de novo me deixa ser a criança pacífica que eu era antes daquilo lá na noite,
Junto ao mar sob a pálida e arqueante lua,
O mensageiro lá despertado, o fogo, o doce inferno dentro,
A carência desconhecida, meu destino.

Ah me dá o sinal! (ele se oculta na noite por aqui,)
Ah se devo ter tanto, deixa-me ter mais!

Uma palavra então, (pois a conquistarei,)
A palavra final, superior a todas,
Sutil, erguida – o que é? – ouço;
A estais sussurrando, e estivestes todo o tempo, ondas do mar?

Ela vem de vossas orlas líquidas e areias úmidas?

Em respondendo, o mar,
Sem se atrasar, sem se apressar,
Sussurrou-me noite adentro, e bem francamente antes da aurora,
Balbuciou-me a baixa e deliciosa palavra morte,
E de novo morte, morte, morte, morte,
Silvando melodioso, nem como o pássaro nem como meu desperto coração de criança,
Mas se acercando em segredo roçando meus pés,
Subindo daí firmemente aos meus ouvidos e suavemente me banhando todo,
Morte, morte, morte, morte, morte.

Que não esqueço,
Mas mesclo a canção de meu sombrio demônio e irmão,
Que ele cantou para mim ao luar na praia cinza de Paumanok,
Com as mil canções respondentes ao acaso,
Minhas próprias canções acordadas naquela hora,
E com elas a chave, a palavra saída das ondas,
A palavra da mais doce canção e de todas as canções,
Aquela forte e deliciosa palavra que, arrastando-se aos meus pés,

(Ou como uma megera embalando o berço, enrolada em vestes suaves, dobrando-se de lado,)

O mar murmurou-me.

Ao Vazar com o Oceano da Vida

1

Ao vazar com o oceano da vida,
Ao passar nas praias que conheço,
Ao andar onde as ondulações continuamente te banham Paumanok,

Onde elas rugem roucas e sibilantes,
Onde a velha mãe feroz infindavelmente chora por seus náufragos,

Eu cismando tarde no dia de outono, fitando ao sul,
Seguro por este eu elétrico fora do orgulho do qual emito poemas,
Fui agarrado pelo espírito que trilha nas linhas no chão, A orla, o sedimento que representa toda a água e toda a terra do globo.

Fascinados, meus olhos retornando do sul, baixaram, para seguir essas delgadas paveias[{155}],
Farelo, palha, estilhas de madeira, ervas daninhas e o glúten marinho,
Espuma, partículas de pedras brilhantes, folhas de alface-do-mar[{156}], deixadas pela maré,
Milhas caminhando, o som de ondas arrebentando do outro lado de mim,
Paumanok sem demora ao pensar o antigo pensamento das aparências,
Estas apresentaste a mim tu ilha pisciforme,
Ao passar nas praias que conheço,
Ao andar com esse eu elétrico buscando tipos.

2

Ao ir para as praias que não conheço,
Ao ouvir a nênia, as vozes de homens e mulheres naufragados,
Ao inalar as brisas impalpáveis que vêm sobre mim,
Quando o oceano tão misterioso rola na minha direção cada vez mais próximo,
Eu também significo apenas no máximo um pequeno detrito arrastado,
Alguns bancos de areia e folhas mortas para juntar,
Juntar e me fundir como parte dos bancos de areia e detrito.

Oh baldado, batido, dobrado à própria terra,
Oprimido comigo mesmo porque ousei abrir minha boca,
Consciente agora que entre toda essa tagarelice cujos ecos repercutem em mim eu não tive uma única vez a menor ideia de quem ou o que sou,
Mas que diante de todos meus poemas arrogantes o Eu real se posta ainda intocado, inarrado, totalmente inalcançado,
Retirado pra longe, zombando de mim com falsos sinais congratulatórios e mesuras,
Com estrépitos de risada irônica distante a toda palavra que tenho escrito,
Apontando em silêncio estas canções e depois a areia abaixo.

Percebo que não entendi realmente nada, nem um único objeto e que nenhum homem jamais consegue,
A natureza aqui à vista do mar tirando vantagem de mim para me dardejar e me picar,
Porque eu ousei abrir minha boca para cantar seja o que for.

3

Vós ambos oceanos, me aproximo de vós,
Murmuramos reprovadoramente iguais areias rolantes e detrito, sem saber porque,
Estes pequenos farrapos representando de fato a vós, a mim e a tudo.

Tu friável praia com trilhas de entulhos,
Tu ilha pisciforme, pego o que está no chão,
O que é teu é meu, meu pai{157}.

Eu também Paumanok,
Eu também borbulhei, flutuei a imensurável massa flutuante, e fui lançado em tuas praias,
Eu também sou só uma trilha de detritos e entulhos,
Eu também deixo pequenos destroços sobre ti, tu ilha pisciforme.

Eu me lanço em teu peito meu pai,
Eu me agarro a ti para que não possas me soltar,
Eu te seguro tão firme até que me respondas algo.

Beija-me meu pai,
Toque-me com teus lábios como eu toco aqueles que amo,
Insufla em mim enquanto te abraço apertado o segredo do murmúrio que invejo.

4

Vaza, oceano da vida, (a maré voltará,)
Não cessa teu lamento tu velha mãe feroz,
Infindavelmente chora por teus náufragos, mas não teme, não me nega,
Não farfalha tão rouca e raivosa contra meus pés quando te toco ou recolho de ti.

Eu tenciono ternamente por ti e tudo,
Eu recolho para mim e este fantasma que olha aonde nos dirigimos e segue a mim e aos meus[{158}].

Eu e os meus, paveias soltas, pequenos cadáveres,
Escuma, branco níveo e bolhas,

(Vê, de meus lábios mortos a lama exsuda por fim,
Vê, as cores prismáticas faiscando e rolando,)

Tufos de palha, bancos de areia, fragmentos,
Boiados até aqui de muitas disposições, uma contradizendo a outra,
Da tempestade, da longa calmaria, da escuridão, da vaga,
Cismando, ponderando, um hausto, uma lágrima salgada, um salpico de líquido ou solo,
Subindo o mesmo as insondáveis contrações fermentadas e lançadas,
Uma flor flácida ou duas, laceradas, o mesmo sobre ondas flutuando, levadas ao acaso,

O mesmo para nós essa nênia soluçante da Natureza,
O mesmo de onde vimos esse clangor dos clarins das nuvens,
Nós, caprichosos, trazidos para cá não sabemos de onde, esparramados diante de ti,
Tu aí em cima caminhando ou sentado,
Quem quer que sejas, nós também jazemos em detritos a teus pés.

Lágrimas

Lágrimas! lágrimas! lágrimas!
Na noite, em solidão, lágrimas,
Na alva praia pingando, pingando, absorvida pela areia,
Lágrimas, nem uma estrela brilhando, tudo sombrio e solitário,
Úmidas lágrimas dos olhos de uma cabeça encoberta;

Oh quem é aquele fantasma? aquela forma na sombra, com lágrimas?
Que massa disforme é aquela, curvada, agachada lá na areia?

Lágrimas vertentes, soluçantes lágrimas, angústias, engasgadas com brados selvagens;

Oh tormenta, encarnada, se erguendo, disparando em passos rápidos pela praia!
Oh tormenta noturna selvagem e sinistra, com vento – Oh vazante e desesperado!

Oh sombra tão sóbria e digna de dia, com sereno semblante e regulado ritmo,
Mas ausente à noite quando voas, ninguém olhando –
Oh aí então o alastrado oceano,
De lágrimas! lágrimas! lágrimas!

Ao Alcatraz[{159}]

Tu que dormiste toda a noite na tormenta,
Acordando renovado em espantosas penas,

(Rompeste a brava tormenta? e acima subiste,
E dormiste no céu, teu servo que criou-te,)

Agora um ponto azul, no céu longe planando,
Quanto à luz que emerge aqui no convés, te assisto,

(Eu mesmo um grão, um ponto na vagante vastidão do mundo.)

Longe, distante no mar,
Depois que os ferozes detritos da noite juncaram a praia com destroços,
Com o dia re-aparecendo agora tão feliz e sereno, A rósea e elástica aurora, o sol flamejante,
A límpida expansão do ar cerúleo,
Tu também re-apareceste.

Tu nascido pra contrapor o vendaval, (tu és só asas,)
Pra enfrentar céu e terra e mar e furacão,
Tu navio do ar que nunca enrolas tuas velas,
Dias, até mesmo semanas sem cansaço e adiante, por espaços, reinos girando,
No ocaso que olhas o Senegal, de manhã a América,
Que brincas em meio ao clarão do raio e nuvem tempestuosa,
Neles, em tuas experiências, tiveste tu minha alma,
Que júbilos! que júbilos foram teus!

A Bordo ao Leme de um Navio

A bordo ao leme de um navio,
Um jovem timoneiro pilotando com cuidado.

Pela névoa num litoral tocando tristemente,
Um sino oceânico –
Oh um sino de advertência, balançado pelas ondas.

Oh dás bom aviso de fato, tu sino pelos recifes tocando,
Tocando, tocando, pra advertir o navio de seu local de desastre.

Pois alerta Oh timoneiro, notas a alta admonição,
A proa vira, o navio carregado girando acelera sob suas velas cinzentas,
O belo e nobre navio com toda sua preciosa riqueza acelera alegremente e a salvo.

Mas Oh o navio, o navio imortal!
Oh navio a bordo do navio!
Navio do corpo, navio da alma, navegando, navegando, navegando.

Na Praia à Noite

Na praia à noite,
Está uma criança com seu pai,
Observando o leste, o céu outonal.

Escuridão acima,
Enquanto nuvens vorazes, nuvens funerais, em negras massas se espalhando,
Baixam soturnas e rápidas em diagonal céu abaixo,
Em meio a um claro cinturão transparente de éter ainda remanescente no leste,
Ascende grande e calmo o astro-mor Júpiter,
E bem pertinho, só um pouquinho acima,
Nadam as delicadas irmãs as Plêiades{160}.

Da praia a criança que segura a mão de seu pai,
Essas nuvens funerais que baixam vitoriosas a devorar tudo em breve,
Observando, silenciosamente chora.

Não chores, criança,
Não chores, minha amada,
Com estes beijos deixe-me remover tuas lágrimas,
As nuvens vorazes não serão mais vitoriosas,
Elas não mais possuirão o céu, elas devoram as estrelas apenas em aparência,
Júpiter emergirá, sejas paciente, observa de novo uma outra noite, as Plêiades emergirão,
Elas são imortais, todas essas estrelas prateadas e douradas brilharão de novo,
As grandes estrelas e as pequenas brilharão de novo, elas resistem,
Os vastos sóis imortais e as melancólicas luas super-resistentes brilharão novamente.

Então criança querida lamentas só por Júpiter?
Consideras somente o enterro das estrelas?

Algo há,
(Com meus lábios te acalmando, acrescentando sussurro,
Dou-te a primeira sugestão, o problema e a dissimulação,)

Algo há mais imortal até que as estrelas,
(Muitos os enterros, muitos os dias e noites, falecendo,)

Algo que resistirá mais até que Júpiter lustroso,
Mais que sol ou qualquer satélite giratório,
Ou as radiantes irmãs as Plêiades.

O Mundo Sob o Mar

O mundo sob o mar,
Florestas no fundo do mar, os galhos e folhas,
Alface-do-mar, vastos liquens, flores e sementes estranhas, a espessa alga marinha, aberturas e a turfa rosa,
Cores diferentes, cinza claro e verde, púrpura, branco e ouro, o jogo de luz na água,
Mudos nadadores lá entre as pedras, coral, glúten, relva, juncos e o alimento dos nadadores,
Lerdas existências pascendo suspensas, ou vagarosamente rastejando rente ao fundo,

O cachalote à superfície soprando ar e esguichos, ou saracoteando com os lobos de sua cauda,
O tubarão de olhos plúmbeos, a morsa, a tartaruga, a peluda foca leopardo e a arraia-lixa,

Paixões lá, guerras, perseguições, tribos, visões nas profundidades desses oceanos, respirando esse ar de espesso hausto, como tantos fazem,
A mudança de lá para a visão aqui e ao ar sutil respirado por seres como nós que percorrem esta esfera,
A mudança adiante das nossas para aquela de seres que percorrem outras esferas.

Na Praia Sozinho à Noite

Na praia sozinho à noite,
Quando a velha mãe oscila pra lá e pra cá entoando sua rouca canção,
Quando assisto às cintilantes estrelas brilhando, cogito um pensamento da clave dos universos e do futuro.

Uma vasta similitude entrelaça tudo,

Todas as esferas, maduras, imaturas, pequenas, grandes, sóis, luas, planetas,
Todas as distâncias por mais extensas que sejam,
Todas as distâncias de tempo, todas formas inanimadas,
Todas as almas, todos corpos vivos embora sejam sempre tão diferentes, ou em mundos diferentes,
Todos processos gasosos, aquosos, vegetais, minerais, os peixes, as feras,
Todas as nações, cores, barbarismos, civilizações, línguas,
Todas as identidades que existiram ou podem existir neste globo, ou qualquer globo,
Todas as vidas e mortes, tudo do passado, presente, futuro,

Esta vasta similitude os alcança, e sempre os tem alcançado,
E os alcançará sempre e compactamente os manterá e incluirá.

Canção para Todos Mares, Todos Navios

1

Hoje um breve rude recitativo,

De navios navegando nos mares, cada um com sua bandeira especial ou sinal,
De heróis inominados nos navios – de ondas se espalhando e espalhando tão longe quanto o olho possa alcançar,
De arrojado jato e dos ventos sibilando e soprando,

E destes um canto para os marujos de todas as nações,
Intermitente, como uma vaga.

De capitães de navio[{161}] jovens ou velhos e dos imediatos e de todos intrépidos marujos,
Dos poucos, muito seletos, taciturnos, a quem o destino nunca pode surpreender nem a morte esmorecer,
Selecionados parcamente sem ruído por ti velho oceano, escolhidos por ti,
Tu mar que selecionas e separas a raça a tempo, e unes nações,
Amamentados por ti, velha enfermeira rouca, incorporando a ti, Indomáveis, indomados iguais a ti.

(Sempre os heróis na água ou na terra, aparecendo sozinhos ou em duplas,
Sempre a cepa conservada e nunca perdida, embora rara, o suficiente para semente conservada.)

2

Tremula,
Oh mar tuas bandeiras separadas de nações!
Tremula visíveis como sempre os vários sinais de navios!

Mas reserva especialmente para ti mesmo e para a alma do homem uma bandeira acima das demais,
Um sinal espiritual tecido para todas as nações, emblema do homem altivo sobre a morte,
Símbolo de todos os bravos capitães e todos os intrépidos marujos e imediatos,
E todos que foram derrotados cumprindo seu dever,
Rememorativo deles, trançado de todos os intrépidos capitães jovens ou velhos,
Um pendão universal, sutilmente ondulando todo tempo, sobre todos bravos marujos,

Todos os mares, todos os navios.

Patrulhando Barnegat[{162}]

Bravia, bravia a tormenta e o mar alto correndo,
Constante o bramido da ventania, com incessante murmúrio à meia-voz,
Brados de risada demoníaca intermitentemente perfurando e repicando,
Ondas, ar, meia-noite, sua trindade mais selvagem açoitando,
Lá fora nas sombras cristas branco-leitosas disparando,

Em lama praiana e jorros arenosos de neve feroz inclinando,
Onde pelo escuro o vento de morte levantino se opondo,
Por cortante remoinho e esguicho atento e firme avançando,

(Aquilo ao longe! é um naufrágio? está cintilando o sinal vermelho?)

Lama e areia da praia incansável até a luz do dia seguindo,
Constantemente, lentamente, por rouco bramido nunca remindo,
Na orla da meia-noite pelas cristas branco-leitosas disparando,
Um grupo de formas sombrias, esquisitas, lutando, confrontando a noite,
Essa selvagem trindade cautelosamente observando.

Atrás do Navio Marítimo

Atrás do navio marítimo, atrás dos ventos sibilantes,
Atrás das velas branco-cinza tesas em suas vergas e cordas,
Abaixo, uma miríade miríade{163} de ondas se apressando, erguendo seus pescoços,
Propendendo em fluxo incessante a esteira do navio,

Ondas do oceano borbulhando e gorgolhando, jubilosamente espreitando,
Ondas, ondulantes ondas, líquidas, desiguais, rivais, ondas,

Em direção à corrente turbilhonante, ridentes e flutuantes, com curvas,
Onde a grande nave velejando e virando de bordo deslocou a superfície,
Ondas maiores e menores na amplitude do oceano ansiosamente fluindo,
As águas do navio marítimo depois que ele passa, flamejantes e brincalhonas sob o sol,
Um cortejo heterogêneo com muito salpico de espuma e muitos fragmentos,
Seguindo o imponente e rápido navio, nas águas seguindo.

SEIS POEMAS

Salut au Monde!

Este poema, “Salut au Monde!”, ou “Saudação ao Mundo!”, aparece precocemente na vida poética de Whitman, em 1856. Ele equilibra, desde o início, seu nacionalismo efusivo e mostra que ele tinha também uma visão global do mundo, com grande consideração com outros países, povos e culturas. De certo modo, este poema está conectado a “Passagem Para a Índia”, que o expande e busca pela transcendência dos materiais, incitando a alma a viajar para mais do que a Índia nos “mares de Deus” em direção à dimensão espiritual. Em termos de construção poética, “Salut au Monde!” apresenta o uso de anáforas, que é a repetição de uma palavra ou frase no início dos versos e um catálogo de formações geográficas.

1

Oh segura minha mão Walt Whitman!
Que prodígios planantes! que cenários e sons!

Que infindos elos unidos, cada qual ligado ao seguinte,
Cada qual bastando a todos, todos compartindo a terra com todos.

O que se expande em ti Walt Whitman?
Que ondas e solos exsudam?
Que climas? que pessoas e cidades se aproximam?
Quem são esses infantes, alguns brincando, outros dormitando?
Quem são as moças? as mulheres casadas?
Quem são os grupos de velhos vagando abraçados?
Que rios são estes? que florestas e frutos são estes?
Qual o nome das montanhas que se erguem tão altas nas névoas?
Que miríades de moradias repletas de moradores?

2

Em mim a latitude se expande, a longitude se alonga,
Ásia, África, Europa, a leste – a América é preparada a oeste,
Cintando o bojo da terra enreda o tórrido equador,

Curiosamente norte e sul invertem as pontas dos eixos,
Dentro de mim o dia mais longo, o sol gira em círculos oblíquos, ele não se põe há meses,
Estendido no tempo certo dentro de mim o sol da meia noite só se levanta acima do horizonte e afunda de novo,
Em mim zonas, mares, cataratas, florestas, vulcões, grupos,
Malásia, Polinésia, e as grandes ilhas antilhanas.

3

O que ouves Walt Whitman?

Ouço o operário cantando e a esposa do fazendeiro cantando,
Ouço ao longe os sons de crianças e de animais de manhã cedo,
Ouço gritos rivais de Australianos perseguindo cavalos selvagens,
Ouço a dança espanhola{164} com castanholas à sombra do castanheiro, à rabeca e ao violão,
Ouço ecos contínuos do Tâmisa,
Ouço ferozes canções francesas de liberdade,
Ouço do remador italiano o recitativo musical de velhos poemas,
Ouço os gafanhotos na Síria quando atacam grão e grama com saraivadas de nuvens terríveis,
Ouço o refrão Cóptico{165} ao poente, caindo melancolicamente no seio da mãe negra vasta e venerável o Nilo,
Ouço o chilro do almocreve mexicano, e os guisos da mula,
Ouço o almuadem árabe chamando do topo da mesquita,
Ouço os padres cristãos nos altares das igrejas, ouço susceptíveis baixo e soprano,
Ouço o brado do Cossaco e a voz do marujo fazendo-se ao mar em Okotsk{166},
Ouço o arquejar do comboio{167} quando os escravos avançam, quando as roucas{168} turmas passam em duplas e trios, acorrentados por cadeias e grilhões,
Ouço o hebreu lendo seus relatos e salmos,
Ouço os mitos ritmados dos gregos, e as sólidas fábulas dos romanos,
Ouço a estória da vida divina e da morte sangrenta do belo Deus o Cristo,
Ouço o hindu ensinando a seu pupilo predileto os amores, as guerras, os provérbios, transmitidos a salvo até hoje de poetas que escreveram três mil anos atrás.

4

O que vês Walt Whitman?
Quem são os que tu saúdas, e que um a um te saúdam?

Vejo uma magna maravilha redonda rolando pelo espaço,
Vejo fazendas diminutas, aldeias, ruínas, campos-santos, cadeias, fábricas, palácios, choupanas, cabanas de bárbaros, tendas de nômades sobre a superfície,
Vejo a parte sombreada de um lado onde os adormecidos dormem e a parte ensolarada no outro lado,
Vejo a mudança curiosa e rápida de luz e sombra,
Vejo terras distantes, tão reais e próximas de seus habitantes quanto minha terra é para mim.

Vejo águas profusas,
Vejo picos de montanhas, vejo as serras dos Andes onde se alinham,
Vejo claramente os Himalaias, Chian Sahas, Altays, Ghauts,
Vejo os pináculos gigantes de Elbruz, Kazbek, Bazardjusi,
Vejo os Alpes da Estíria e os Alpes de Karnac,
Vejo os Pirineus, Bálcãs, Cárpatos, e ao norte os campos de Dofra, e ao mar o monte Hecla,
Vejo o Vesúvio e o Etna, as montanhas da Lua, e as montanhas vermelhas de Madagascar,
Vejo os desertos líbio, árabe e asiático,
Vejo imensos e medonhos icebergs Árticos e Antárticos,
Vejo os oceanos superiores e inferiores, o Atlântico e o Pacífico, o mar do México, o mar do Brasil e o mar do Peru,

As águas do Indostão, o Mar da China, e o golfo da Guiné,
As águas do Japão, a bela baía de Nagasaki abrigada em suas montanhas,
A extensão dos litorais báltico, cáspio, bósnio, britânico e a baía de Biscaia,

O ensolarado Mediterrâneo e de uma a outra de suas ilhas,
O mar Branco, e o mar ao redor da Groenlândia.

Contemplo os marinheiros do mundo,
Alguns em tormentas, alguns à noite de guarda na gávea,
Alguns desamparadamente à deriva, alguns com doenças contagiosas.

Contemplo a vela e os navios-a-vapor do mundo, alguns em frotas no porto, alguns em viagens,
Alguns dobram o Cabo das Tormentas, alguns Cabo Verde, outros os cabos Guardafui, Bon, ou Bajadore,
Outros o pontal de Dondra, outros cruzam o estreito de Sunda, outros cabo Lopatka, outros o estreito de Behring,
Outros o cabo Horn, outros navegam o golfo do México ou em Cuba ou Haiti, outros a baía de Hudson ou a baía de Baffin,
Outros cruzam o estreito de Dover, outros penetram o Wash, outros o estuário de Solway, outros circundam Cabo Claro, outros o Finisterra,
Outros atravessam o Zuyder Zee ou o Scheld,
Outros em idas e vindas em Gibraltar ou em Dardanelos,
Outros asperamente abrem caminho pelas geleiras geladas do norte,
Outros descem ou sobem o Obi ou o Lena,
Outros o Níger ou o Congo, outros o Indo, o Buranpooter e o Camboja,
Outros esperam fumegando prontos para partir nos portos da Austrália,

Esperam em Liverpool, Glasgow, Dublin, Marselha, Lisboa, Nápoles,
Hamburgo, Bremen, Bordéus, Haia, Copenhague,
Esperam em Valparaíso, Rio de Janeiro, Panamá.

5

Vejo os trilhos das ferrovias da terra,
Vejo-os na Grã-Bretanha, os vejo na Europa,
Vejo-os na Ásia e na África.

Vejo os telégrafos elétricos da terra,
Vejo os filamentos de notícias das guerras, mortes, perdas, ganhos, paixões da minha raça.

Vejo os longos riscos de rios da terra,
Vejo o Amazonas e o Paraguai,
Vejo os quatro grandes rios da China, o Amour[{169}], o Rio Amarelo, o Yangtse e o Pérola,
Vejo onde o Sena corre, e onde o Danúbio, o Loire, o Ródano e o Guadalquivir correm,
Vejo as espirais do Volga, do Dnieper, do Oder,
Vejo o toscano descendo o Arno, e o veneziano ao longo do Pó,
Vejo o marujo grego zarpando da baía de Egina.

6

Vejo o sítio do velho império da Assíria, e o da Pérsia, e o da Índia,
Vejo a queda do Ganges sobre a alta orla de Saukara{170}.
Vejo o lugar do desígnio da Deidade encarnada por avatares em formas humanas,
Vejo os locais das sucessões de padres na terra, oráculos, imoladores, brâmanes, sabianos{171}, lamas{172}, monges, muftis{173}, exortadores,
Vejo onde druidas andaram pelos bosques de Mona, vejo o visgo e a verbena,
Vejo os templos das mortes dos corpos dos Deuses, vejo os velhos significantes.

Vejo Cristo comendo o pão de sua última ceia no meio de moços e velhos,
Vejo onde o jovem forte e divino Hércules labutou leal e longamente e depois morreu,
Vejo o local da rica vida inocente e da sina infeliz do belo filho noturno, o membrado Baco,
Vejo Kneph{174}, em flor, trajado de azul, com a coroa de penas na cabeça,
Vejo Hermes, insuspeito, moribundo, bem-amado, dizendo ao povo

Não choreis por mim,
Este não é meu verdadeiro país, tenho vivido banido de meu verdadeiro país, agora volto pra lá,
Retorno à esfera celestial onde cada um vai por sua vez.

7

Vejo os campos de batalha da terra, a grama cresce neles e florações e milho,
Vejo as trilhas de expedições antigas e modernas.

Vejo as construções anônimas, mensagens veneráveis dos eventos desconhecidos, heróis, relatos da terra.

Vejo os locais das sagas,
Vejo pinheiros e coníferas lacerados por rajadas boreais,
Vejo penedos e penhascos de granito, vejo verdes prados e lagos,
Vejo monumentos funerários de guerreiros escandinavos,
Vejo-os erguidos com pedras na orla de oceanos inquietos, que os espíritos dos homens mortos quando se entediaram com seus calmos túmulos possam subir pelos morros e fitar os vagalhões encrespados, e ser refrescados por tormentas, imensidade, liberdade, ação.

Vejo as estepes da Ásia,
Vejo os túmulos da Mongólia, vejo as tendas de Kalmucks e Baskirs,
Vejo as tribos nômades com rebanhos de bois e vacas,
Vejo as chapadas entalhadas de ravinas, vejo as selvas e os desertos,
Vejo o camelo, o corcel selvagem, a betarda, a rabigorda ovelha, o antílope e o lobo entocado.

Vejo os planaltos da Abissínia,
Vejo rebanhos de cabras se alimentando e vejo a figueira, o tamarindo, a datileira[{175}],
E campos de trigo da Abissínia e locais de verdor e ouro.

Vejo o vaquero[{176}] brasileiro, Vejo o boliviano subindo o monte Sorata,
Vejo o Wacho[{177}] cruzando as planícies, vejo o cavaleiro incomparável com seu laço em seu braço,

Vejo nos pampas a caça ao gado selvagem por causa do couro.

8 {178}

Vejo as regiões de neve e gelo,
Vejo o perspicaz Samoiede e o finlandês,
Vejo o perseguidor de focas em seu barco suspendendo seu arpão,
Vejo o siberiano em seu trenó ligeiro de tração canina,
Vejo os caçadores de boto, vejo os baleeiros do Pacífico sul e do Atlântico norte,
Vejo os penhascos, geleiras, torrentes, vales, da Suíça – noto os longos invernos e o isolamento.

Vejo as cidades da terra e me faço ao acaso uma parte delas,
Sou um verdadeiro parisiense,
Sou um habitante de Viena, São Petersburgo, Berlim, Constantinopla,
Sou de Adelaide, Sidney, Melbourne,
Sou de Londres, Manchester, Bristol, Edimburgo, Limerick,
Sou de Madri, Cádiz, Barcelona, Oporto, Lyons, Bruxelas, Berna, Frankfurt, Stuttgart, Turim, Florença,
Pertenço a Moscou, Cracóvia, Varsóvia, ou ao norte em Cristiânia ou Estocolmo, ou no Irkutsk siberiano, ou em alguma rua da Islândia,
Desço sobre todas essas cidades, e ascendo delas de novo.

10

Vejo vapores exalando de países inexplorados,
Vejo os tipos selvagens, o arco e a flecha, a tala envenenada, o fetiche e a obi[{179}].

Vejo cidades africanas e asiáticas,
Vejo Argel, Trípoli, Derne, Mogadore, Timbuktu, Monróvia,
Vejo os enxames de Pequim, Cantão, Benares, Delhi, Calcutá, Tóquio,
Vejo o Krumano[{180}] em sua cabana, e o daomeano e o axanti em suas cabanas,
Vejo o turco fumando ópio em Aleppo,
Vejo as multidões pitorescas nas feiras de Khiva e nas de Herat,
Vejo Teerâ, vejo Muscat e Medina e as areias interferentes, vejo as caravanas labutando,
Vejo o Egito e os egípcios, vejo as pirâmides e os obeliscos,

Contemplo histórias esculpidas, registros de reis conquistadores, dinastias, talhadas em lajes de arenitos, ou em blocos de granito,
Vejo em Memphis sarcófagos com múmias embalsamadas, enfaixadas com linho, jazendo lá muitos séculos,
Contemplo o tebano caído, os grandes olhos arredondados, o pescoço pendente para o lado, as mãos dobradas sobre o peito.

Vejo todos os criados da terra, laborando,
Vejo todos os prisioneiros nas prisões,
Vejo os corpos humanos defectivos da terra,
Os cegos, os surdo-mudos, idiotas, corcundas, lunáticos,
Os piratas, ladrões, traidores, assassinos, escravizadores da terra,
Os infantes indefesos, e os velhos e as velhas indefesos.

Vejo macho e fêmea em todos os lugares,
Vejo a serena irmandade de filósofos,

Vejo a construtividade de minha raça,
Vejo os resultados da perseverança e diligência de minha raça,
Vejo graus, cores, barbarismos{181}, civilizações, ando entre eles, mesclo-me

11

Tu quem quer que sejas!
Tu filha ou filho da Inglaterra!
Tu das poderosas tribos e impérios Eslavos! tu Russo na Rússia!
Tu divino-animado Africano, preto, de escura descendência, grande, de fina cabeça, de nobre forma, soberbamente destinado, de igual para igual comigo!
Tu Norueguês! Sueco! Dinamarquês! Islandês! tu Prussiano!
Tu Espanhol da Espanha! tu Português!
Tu Francesa ou Francês da França!
Tu Belga! tu amante da liberdade dos Países Baixos! (tu semeias de onde eu mesmo descendo[{182}];)
Tu robusto Austríaco! tu Lombardo! Huno! Boêmio! fazendeiro da Estíria!
Tu vizinho do Danúbio!
Tu operário do Reno, do Elba, ou do Weser! Tu operária também!
Tu Sardenho! tu Bávaro! Suábio! Saxão! Valaquiano! Búlgaro!
Tu Romano! Napolitano! tu Grego!
Tu ágil matador na arena de Sevilha!
Tu montanhista vivendo ilegalmente no Taurus ou no Cáucaso!
Tu Bokh[{183}] observando bando equino tuas éguas e garanhões pastando!
Tu persa de belo corpo a toda velocidade na sela atirando flechas no alvo!
Tu Chinês ou Chinesa da China! tu Tártaro da Tartária!
Vós mulheres da terra subordinadas às vossas tarefas!
Tu judeu vagando em tua velhice correndo risco para se postar uma vez no solo Sírio!
Vós demais judeus aguardando em todas as terras por vosso Messias!
Tu pensativo armênio ponderando à beira de algum curso do Eufrates!
Tu espiando entre as ruínas de Nínive! tu galgando monte Ararat!
Tu peregrino de pés doloridos dando boas-vindas à centelha distante dos minaretes de Meca!
Vós xeques pelo estreito de Suez a Bab-el-mandeb governando vossas famílias e tribos!

Tu cultivador de oliveiras cuidando teus frutos nos campos de Nazaré, Damasco, ou lago Tiberíade{184}!

Tu mercador tibetano no amplo interior ou pechinchando nas lojas de Lassa!

Vós japoneses homem ou mulher! tu vivente em Madagascar, Ceilão, Sumatra, Bornéu!

Todos vós habitantes dos continentes da Ásia, África, Europa, Austrália, indiferente de lugar!

Todos vós nas ilhas inumeráveis dos arquipélagos do mar!

E vós dos séculos adiante quando me ouvis!

E vós cada um e em todo lugar a quem não especifico, mas incluo do mesmo modo!

Saúde! boa vontade a vós todos, enviados por mim e pela América!

Cada um de nós inevitável,
Cada um de nós ilimitado – cada um de nós com seu direito sobre a terra,
A cada um de nós concedidos os teores eternos da terra,
Cada um de nós aqui tão divinamente quanto qualquer um aqui.

12

Tu Hotentote com estalante palato! vós hordas carapinhadas!
Vós pessoas possuídas pingando gotas de suor ou gotas de sangue!
Vós formas humanas com os insondáveis sempre comoventes semblantes de brutos!
Tu pobre koboo[{185}] que o mais mesquinho entre os demais despreza por tua linguagem lampejante e espiritualidade!
Tu diminuído Kamtschatkan, Groenlandês, Lapão!
Tu negro Austral, nu, rubro, enfarruscado, com lábio protuberante, rastejante, buscando tua comida!
Tu Caffre[{186}], Berbere[{187}], Sudanês!

Tu beduíno inculto, magro, áspero,
Vós enxames de pragas em Madras, Nanquim, Cabul, Cairo!
Tu ignorante nômade da Amazônia! tu Patagônio! tu Fijiano!
Não prefiro outros mais que vós,
Não digo uma palavra contra vós, aí onde estais,
(Avançareis na hora certa para o meu lado.)

13

Meu espírito circulou toda a terra em compaixão e determinação,
Tenho procurado por iguais e amantes e os encontrei prontos para mim em todas as terras,
Acho que uma divina afinidade me equiparou a eles.

Vós vapores, acho que me elevei convosco, me afastei para distantes continentes, e me prostrei por lá, por alguma razão,
Acho que soprei convosco, ventos;

Vós águas toquei toda praia convosco,
Tenho corrido por onde corre qualquer rio ou estreito do globo,
Assumi minha posição nas bases das penínsulas e nas rochas encravadas no alto, pra gritar de lá:
Salut au monde!

Cidades que a luz ou o calor penetram, penetro-as eu mesmo,
Ilhas todas às quais voam aves, voo eu mesmo.

A vós todos, em nome da América,
Ergo alta a mão vertical, faço o sinal,
Pra ficar para sempre à vista,
Por todos os lugares e lares de homens.

Canção da Estrada Aberta

O tema principal de "CANÇÃO DA ESTRADA ABERTA" é o convite à viagem. Whitman sempre gostou de estar ao ar livre, em contato direto com a natureza. Neste poema, ele consegue combinar seu amor pela natureza com seu desejo de vastidão e a busca pelo desconhecido; especialmente a busca pelos grandes camaradas, os "grandes Companheiros, e pertencer a eles".

Mas há também o simbolismo da estrada, pois ela representa as estradas do universo que são percorridas pelas almas. E tudo que é experienciado nas estradas da terra está designado para o progresso das almas, o que inclui religião. Por esta razão, a seção 11 do poema, por exemplo, soa como um discurso bíblico, ou melhor, crístico, exortando as pessoas a dar o que recebem. E a última seção do poema é a parte onde o poeta oferece sua mão, seu amor e o convite ao leitor para viajar com ele.

1

A pé e tranquilo me entrego à estrada aberta,
Saudável, livre, o mundo à minha frente,
A longa trilha de terra à minha frente levando aonde eu escolher.

Doravante não peço boa-sorte, eu sou a boa-sorte,
Doravante não mais pranteio, não mais adio, nada necessito,
Acabaram-se as queixas internas, bibliotecas, críticas quérulas,
Forte e contente percorro a estrada aberta.

A terra, isso é o bastante,
Não quero as constelações mais próximas,
Sei que estão muito bem onde estão,
Sei que elas bastam àqueles que lhes pertencem.

(Ainda aqui carrego meus velhos fardos deliciosos,
Os carrego, homens e mulheres, os carrego comigo aonde quer que vá,
Juro que é impossível me livrar deles,
Sou preenchido por eles e os preencherei em troca.)

2

Tu, estrada que adentro e observo, creio que não és tudo que há aqui,
Creio que há também muita coisa não vista aqui.

Eis a profunda lição da recepção, nem preferência nem negação,
O preto com sua carapinha, o réu, o enfermo, o analfabeto, não são negados;
O nascimento, a pressa pelo médico, o roçagar do mendigo, o cambalear do bêbado, o risonho grupo de mecânicos,
O jovem evadido, o coche do rico, o janota, o casal em fuga,
O comerciante madrugador, o carro fúnebre, o transporte de mobília para a cidade, o retorno da cidade,

Eles passam, eu também passo, qualquer coisa passa, nenhum pode ser interditado,
Todos são aceitos, todos serão caros a mim.

3

Tu, ar que me serve com fôlego pra falar!
Vós, objetos que chamam meus sentidos da difusão e lhes dão forma!
Tu, luz que me envolve e a tudo em borrifos equáveis delicados!
Vós, trilhas gastas nos valos irregulares às margens da estrada!
Creio que estais latentes de existências não vistas, sois tão caras a mim.

Vós, calçadas pavimentadas das cidades! Vós, fortes guias nas beiradas!
Vós, barcas! vós, tábuas e esteios de cais! vós, laterais de madeira! vós, navios distantes!
Vós, fileiras de casas! vós, fachadas cheias de janelas! vós, telhados!
Vós, pórticos e entradas! vós, cumeeiras e anteparos de ferro!
Vós, janelas cujas estruturas transparentes poderiam expor tanto!
Vós, portas e degraus ascendentes! vós, arcos!
Vós, pedras cinzentas de passeios intermináveis! vós, cruzamentos calcados!

De tudo o que vos tem tocado, creio que tendes partilhado convosco mesmos e agora partilharíeis o mesmo secretamente comigo,
De vivos e mortos tendes povoado vossas superfícies impassíveis, e os espíritos daí seriam manifestos e amistosos comigo.

4

A terra se expandindo à direita e à esquerda,
O retrato vivo, toda parte em sua melhor luz,
A música decrescendo onde é necessário, e parando onde não é querida,
A alegre voz da via pública, o sentimento festivo e novo da estrada.

Oh rodovia que trafego, dizes a mim *Não me deixa*?
Dizes *não te arrisca – se me deixares estás perdido*?
Dizes *já estou preparada, sou bem-batida e inegada, adere a mim*?

Oh via pública, respondo que não tenho medo de deixar-te, porém te amo,
Expressas-me melhor que eu mesmo,
Serás para mim mais que meu poema.

Acho que as ações heroicas foram todas concebidas ao ar livre, e todos os poemas livres também,
Acho que eu poderia parar aqui e fazer milagres,
Acho que o que encontrar na estrada eu apreciarei e quem me vir me apreciará,
Acho que quem eu vir deve estar feliz.

5

A partir de agora me ordeno liberado de limites e linhas imaginárias,
Indo aonde eu queira, meu próprio mestre total e absoluto,
Ouvindo outros, considerando bem o que dizem,
Parando, buscando, recebendo, contemplando,
Gentilmente, mas com vontade inegável, me despindo das amarras que me reteriam.

Inalo grandes porções de espaço,
O leste e o oeste são meus, e o norte e o sul são meus.

Sou maior, melhor do que eu pensava,
Não sabia que eu tinha tanta bondade.

Tudo parece belo para mim,
Posso repetir a homens e mulheres
Fizestes tal bem a mim que eu faria o mesmo a vós,
Alistarei para mim e vós ao prosseguir,
Me espalharei entre homens e mulheres ao prosseguir,
Lançarei um novo deleite e rudeza entre eles,
Quem me negar não me perturbará,
Quem me aceitar ele ou ela será abençoado e me abençoará.

6

Agora se mil homens perfeitos tivessem que aparecer isso não me assombraria,
Agora se mil belas formas de mulheres aparecessem isso não me espantaria.

Agora vejo o segredo de fabricação das melhores pessoas,
É crescer ao ar livre e comer e dormir com a terra.

Aqui uma grande ação pessoal tem espaço,
(Tal ação se agarra aos corações da raça inteira de homens,
Sua efusão de força e vontade esmaga a lei e escarnece de toda autoridade e todo argumento contra ela.)

Eis o teste de sabedoria,
Sabedoria não é finalmente testada em escolas,
Sabedoria não pode ser passada de um que a tem a outro que não a tem,
Sabedoria é da alma, não é suscetível de prova, é sua própria prova,
Se aplica a todas as fases{188} e objetos e qualidades e está contente,
É a certeza da realidade e imortalidade das coisas, e a excelência das coisas;

Algo há na flutuação da visão de coisas que a provoca desde a alma.

Agora reexamino filosofias e religiões,
Elas podem se revelar bem em salas de conferência, contudo não revelar nada sob as amplas nuvens e junto a paisagem e fluidas correntes.

Eis realização,
Eis um homem adicionado{189} – ele realiza aqui o que ele tem nele,
O passado, o futuro, majestade, amor – se estiverem vazios de ti, estás vazio deles.

Só o núcleo de todo objeto nutre;
Onde está aquele que rasga as cascas para ti e mim?
Onde está aquele que desfaz estratagemas e envolve por ti e por mim?

Eis adesividade, ela não é previamente modulada, ela é pertinente;

Sabes o que significa quando passas a ser amado por estranhos?
Conheces a conversa daqueles olhos girantes?

7

Eis o eflúvio[{190}] da alma,
O eflúvio da alma vem de dentro por portões copados, sempre questões provocantes,
Por que há esses anseios?
Por que há esses pensamentos na escuridão?
Por que há homens e mulheres que enquanto estão junto a mim a luz do sol expande meu sangue?
Por que quando me deixam minhas flâmulas de júbilo afundam chatas e frouxas?
Por que há árvores sob as quais nunca ando que grandes e melodiosos pensamentos descem sobre mim?

(Acho que eles se penduram lá inverno e verão nessas árvores e sempre deixam cair seus frutos quando passo;)

O que é que me faz intercambiar tão subitamente com estranhos?
Considerando um condutor quando viajo no assento ao seu lado?
Considerando algum pescador puxando sua rede pela praia quando passo e paro?
O que me acontece de ser livre com a boa vontade de uma mulher e homem? o que acontece com eles de ser livre com a minha?

8

O eflúvio da alma é felicidade, eis felicidade,
Acho que ela permeia o ar livre, aguardando o tempo todo,
Agora flui sobre nós, somos justamente impregnados.

Aqui se eleva o fluido e aderente caráter,
O fluido e aderente caráter é o frescor e doçura de homem e mulher,

(As ervas matinais brotam não mais frescas e mais doces todo dia de suas raízes, do que ele brota fresco e doce continuamente de si mesmo.)

Para o fluido e aderente caráter exsuda o suor do amor de jovens e velhos,
Dele cai destilado o encanto que desdenha beleza e aquisições,
Para ele levanta a dor saudosa arrepiante de contato.

9

Allons[{191}]! quem sejas vem viajar comigo!
Viajando comigo encontras o que nunca cansa.

A terra nunca cansa,
A terra em princípio é rude, silenciosa, incompreensível, a Natureza em princípio é rude e incompreensível,
Não desanima, continua, há coisas divinas bem encobertas,
Te juro há coisas divinas mais belas que as palavras podem descrever.

Allons! não devemos parar aqui,
Por mais doces que sejam estas reservas armazenadas, por mais conveniente que seja esta moradia não podemos permanecer aqui,
Por mais abrigado que seja este porto e calmas estas águas não devemos ancorar aqui,
Por mais bem vinda que seja a hospitalidade que nos rodeia nos permitimos recebê-la só por um momento.

10

Allons! os estímulos serão maiores,
Navegaremos mares virgens e selvagens,
Iremos aonde ventos sopram, ondas quebram, e o veleiro ianque acelera a todo pano.

Allons! com poder, liberdade, a terra, os elementos,
Saúde, desafio, júbilo, auto-estima, curiosidade;
Allons! de todas as formules{192}!
De vossas formules,
Oh padres cegos como morcegos e materialistas.

O cadáver velho bloqueia a passagem – o enterro não pode mais esperar.

Allons! porém te cuida!
Quem viaja comigo precisa do melhor sangue, tendões, resistência,
Ninguém pode fazer este teste até que ele ou ela traga coragem e saúde,
Não vem aqui se já exauriste o melhor de ti,
Só podem vir quem vêm em corpos doces e determinados,
Nenhum enfermo, nenhum bebedor de rum ou infecção venérea é permitido aqui.

(Eu e os meus não convencemos por argumentos, símiles, rimas,
Convencemos por nossa presença.)

11

Ouve! serei honesto contigo,
Não ofereço os velhos prêmios finos, mas ofereço novos prêmios toscos,
Estes são os dias que devem te acontecer:

Não acumularás o que se chama riquezas,
Espalharás com mão pródiga tudo aquilo que ganhares ou alcançares,
Mal chegas à cidade a qual foste destinado, mal te acomodas satisfatoriamente e já és chamado por um irresistível apelo a partir,
Receberás sorrisos irônicos e escárnios dos que permanecem para trás,
Responderás aos acenos de amor que recebes somente com ardentes beijos de despedida,
Não permitirás a retenção dos que esticam suas mãos estendidas em tua direção.

12

Allons! em busca dos grandes Companheiros, e pertencer a eles!
Eles também estão na estrada – são os homens velozes e majestosos – são as maiores mulheres,
Apreciadores de calmarias de mares e tempestades de mares,
Marinheiros de muitos navios, caminhantes de muitas milhas de terra,
Habituès[{193}] de muitos países distantes, habituès de habitações distantes,
Adeptos de homens e mulheres, observadores de cidades, labutadores solitários,
Ponderadores e contempladores de tufos, flores, conchas da costa,
Dançarinos em danças de casamento, beijadores de noivas, suaves ajudantes de crianças, portadores de crianças,
Soldados de revoltas, circunstantes embasbacados com sepulturas, baixadores de caixões,

Viajantes em estações consecutivas, durante anos, os anos curiosos cada um emergindo do que o precedeu,
Viajantes com companheiros, a saber suas próprias distintas fases,
Ultrapassadores dos latentes dias irrealizados da infância,
Viajantes joviais com sua própria juventude, viajantes com sua virilidade barbuda e bem cristalizada,
Viajantes com sua feminidade, ampla, incomparável, contente,
Viajantes com sua própria sublime velhice de virilidade ou feminidade,

Velhice, calma, expandida, ampla com a amplitude altiva do universo,
Velhice, fluindo livre com a deliciosa liberdade próxima da morte.

13

Allons! ao que é sem fim como foi sem início,
Passar muita coisa, pisadas de dias, restos de noites,
Fundir tudo na viagem a que eles tendem, e aos dias e noites a que eles tendem,
De novo os fundir no começo de viagens superiores,
Ver nada em lugar nenhum que tu não possas alcançar e ultrapassar,
Conceber nenhum tempo, mesmo distante, que tu não possas alcançar e ultrapassar,
Examinar nenhuma estrada que não se espicha e espera por ti, por longa que seja porém espicha e espera por ti,

Não ver nenhum ser, nem o de Deus nem outro qualquer, que também não vás lá,
Não ver nenhuma posse que tu não possas possuí-la, desfrutando tudo sem trabalho ou compra, abstraindo o banquete contudo não abstraindo uma partícula dele,

Pegar o melhor da fazenda do fazendeiro e da elegante quinta do rico e das castas bênçãos do casal bem-casado e das frutas de pomares e flores de jardins,
Levar para teu uso fora das compactas cidades quando as atravessas,
Carregar prédios e ruas contigo depois aonde fores,
Colher as mentes dos homens de seus cérebros conforme os encontras, colher o amor de seus corações,
Levar teus amantes na estrada contigo, por tudo que os deixas para trás,
Conhecer o universo em si como uma estrada, como muitas estradas, como estradas para almas viajantes.

Tudo se separa para o progresso das almas,
Toda religião, todas as coisas sólidas, artes, governos – tudo que foi ou é aparente neste globo ou qualquer globo, descende em nichos e cantos ante a

procissão de almas pelas grandes estradas do universo.

Do progresso das almas de homens e mulheres pelas grandes estradas do universo, todo outro progresso é o emblema e sustento necessário.

Para sempre vivos, sempre adiante,
Imponentes, solenes, tristes, retirados, confusos, furiosos, turbulentos, frágeis, insatisfeitos,
Desesperados, orgulhosos, afetuosos, doentes, aceitos por homens, rejeitados por homens,
Eles vão! eles vão! eu sei que eles vão, mas não sei aonde vão,
Mas sei que vão em busca do melhor – de algo ótimo.
Quem sejas, vem! ou homem ou mulher vem!

Não deves ficar dormindo e se distraindo aí na casa, embora a tenhas construído, ou embora tenha sido construída para ti.

Sai desse confinamento obscuro!
Sai de trás da tela!
É inútil protestar, sei de tudo e o exponho.

Vê através de ti tão ruim quanto os demais,
Pelo riso, dança, refeição, cear, das pessoas,
Dentro de trajes e ornamentos, dentro desses rostos lavados e aparados,
Vê um secreto e silencioso asco e desespero.

Nenhum marido, nenhuma esposa, nenhum amigo, confiado para ouvir a confissão,
Um outro eu, uma cópia de cada um, vai se esquivando e escondendo,
Informe e sem palavras pelas ruas das cidades, polido e brando nos salões,
Nos vagões de ferrovias, em barcos a vapor, na reunião pública,
Domicílio de casas de homens e mulheres, à mesa, no quarto, em todo lugar,
Bem vestido, semblante sorridente, forma aprumada, morte sob o esterno, inferno sob o crânio,

Sob casimira e luvas, sob fitas e flores artificiais,
Respeitando os costumes, não falando uma sílaba de si mesmo,
Falando de qualquer coisa mas nunca de si mesmo.

14

Allons! por contendas e guerras!
A meta fixada não pode ser revogada.

As contendas passadas prosperaram?
O que prosperou? tu? tua nação?
A Natureza?

Agora me entende bem – é provido na essência das coisas que de qualquer fruição de sucesso, não importa qual, virá algo para tornar uma contenda maior necessária.

Meu apelo é o apelo de batalha, nutro rebelião ativa,
Quem for comigo deve ir bem armado,
Quem for comigo vai com frequência com alimento escasso, pobreza, inimigos zangados, deserções.

15

Allons! a estrada está à nossa frente!
É segura – a experimentei – meus próprios pés a experimentaram bem – não te deténs!

Que o papel permaneça no atril não escrito, e o livro na estante não aberto!
Que as ferramentas permaneçam na oficina! que o dinheiro permaneça não ganho!
Deixa a escola em seu lugar! desconsidere o rogo do professor!
Que o pastor pregue em seu púlpito! que o advogado pleiteie no tribunal, e o juiz exponha a lei.

Camarada, te dou minha mão!
Te dou meu amor que vale mais que dinheiro,
Eu me dou a ti sem sermão ou lei;

Tu te darás a mim? virás viajar comigo?
Seremos leais enquanto vivermos?

Travessia da Barca do Brooklyn

“Travessia da Barca do Brooklyn” é uma das seis ELEGIAS contidas em Folhas de Relva, na opinião de Harold Bloom, como explico na seção 2.4 de minha tese[{194}].

As outras cinco elegias são: “OS ADORMECIDOS” (“The Sleepers”), “CANÇÃO DE MIM MESMO” (“Song of Myself”), “AO VAZAR COM O OCEANO DA VIDA” (“As I Ebb’d with the Ocean of Life”), “DO BERÇO INFINDAMENTE EMBALANDO” (“Out of the Cradle Endlessly Rocking”) e “DA ÚLTIMA VEZ QUE LILASES FLORIRAM NO PÁTIO” (“When Lilacs Last in the Dooryard Bloom’d”).

Embora, tecnicamente falando, apenas “DA ÚLTIMA...” seja realmente uma elegia. Além do mais, há outros grandes poemas, longos poemas, em Folhas de Relva também, como “PARTINDO DE PAUMANOK”, “SALUT AU MONDE!” e “PASSAGEM PARA A ÍNDIA”.

Mas, falando de “Travessia da Barca do Brooklyn”, este poema retrata a travessia do poeta de Manhattan para o Brooklyn no final de um dia de trabalho. Transcendentalmente, ele descreve a travessia de qualquer pessoa, não apenas de um lado para o outro, mas também uma travessia de tempo e espaço, do material ao imaterial em direção à eternidade. O poeta fala com o rio, mostrando também o movimento da água e das ondas e o ir e vir da maré.

1

Maré montante sob mim! te vejo cara a cara!
Nuvens do oeste – sol elevado de meia-hora – também te vejo cara a cara.

Grupos de homens e mulheres vestidos em trajes comuns, sois muito singulares pra mim!

Nas barcas as centenas e centenas que cruzam, voltando ao lar, são mais singulares a mim do que supões,
E tu que cruzarás de praia a praia no futuro és mais pra mim e mais em minhas meditações que poderias supor.

2

Meu sustento impalpável proveniente de todas as coisas em todas as horas do dia,
O esquema simples, compacto, bem-unido, eu mesmo desintegrado, todos desintegrados porém partes do esquema,
As similitudes do passado e as do futuro,
As glórias atadas como contas em minhas menores visões e audições, na calçada na rua e na passagem sobre o rio,
A corrente impelindo tão veloz e nadando comigo bem longe,
Os outros que me seguirão, os laços entre eu e eles,
A certeza de outros, a vida, amor, visão, audição de outros.

Outros adentrarão os portões da barca e cruzarão de praia a praia,
Outros assistirão o correr da maré montante,
Outros verão o embarque de Manhattan norte e oeste, e as elevações do Brooklyn a sul e leste,
Outros verão as ilhas grandes e pequenas;

Daqui a cinquenta anos, outros as verão conforme cruzam, o sol elevado meia hora,
Daqui a cem anos, ou sempre daqui a muitas centenas de anos, outros as verão,
Apreciarão o pôr do sol, o influxo da maré montante, o refluxo ao mar da maré vazante.

3

É em vão, tempo e lugar – distância é em vão,
Estou convosco, vós homens e mulheres de uma geração, ou sempre daqui a muitas gerações,

Justo como sentis quando olhais o rio e céu, assim senti,
Justo como qualquer um de vós é parte de uma multidão viva, eu fui um na multidão,
Justo como sois refrescados pelo júbilo do rio e o fluxo brilhante, fui refrescado,
Justo como vos postais e apoiais na grade, porém apressais com a veloz corrente, me postei porém fui apressado,
Justo como olhais os inúmeros mastros de navios e os taludos tubos de vapores, olhei.

Também muitas e muitas vezes cruzei o rio no passado,
Assisti as gaivotas de Dezembro, as vi alto no ar flutuando com asas imóveis, oscilando seus corpos,
Vi como o amarelo cintilante avivava partes de seus corpos e deixava o resto em forte sombra, Vi os círculos lenti-girantes e o empuxo gradual para o sul,
Vi o reflexo do céu de verão na água,
Meus olhos foram ofuscados pelo rasto difuso de raios,
Olhei os finos fachos centrífugos de luz ao redor da forma de minha cabeça na água ensolarada,
Olhei a neblina nas colinas ao sul e sudoeste,
Olhei o vapor quando voou em velos tintos de violeta,
Olhei a baía abaixo para observar os navios chegando,
Vi sua aproximação, vi a bordo os que estavam perto de mim,
Vi as velas brancas de escunas e chalupas, vi os navios ancorados,

Os marinheiros trabalhando no cordame ou fora montados nas vergas,

Os mastros rotundos, o balanço dos cascos, as delgadas serpeantes flâmulas,

Os pequenos e grandes vapores em movimento, os pilotos em suas casas do leme,

Os sulcos brancos deixados pela passagem, o rápido giro trêmulo das rodas,

As bandeiras de todas as nações, seu baixar ao poente,

As ondas orladas de conchas ao crepúsculo, as xícaras cheias, as galhofeiras vagas e a cintilação,

A distante extensão que fica cada vez mais fosca, as paredes cinzentas dos armazéns de granito nas docas,

No rio o grupo sombrio, o grande rebocador a vapor flanqueado de perto pelas barcaças, o barco de feno, a chata atrasada,

Na praia próxima os fogos das chaminés de fundição queimando altos e fulgurantes dentro da noite,

.Arrojando sua oscilação de preto contrastado com a agreste luz vermelha e amarela sobre os topos das casas, e embaixo nas fendas das ruas.

4

Estes e tudo o mais eram para mim o mesmo que são pra ti,
Bem amei essas cidades, bem amei o rio imponente e rápido,
Os homens e mulheres que vi estavam todos perto de mim,
Outros igualmente – outros que me relembram porque os aguardei,

(O tempo virá, embora eu pare aqui este dia e esta noite.)

5

O que há então entre nós?
O que é a contagem de vintenas ou centenas de anos entre nós?

O que for, é em vão – distância é em vão e lugar é em vão,
Também vivi, o Brooklyn de amplas colinas era meu,
Também percorri as ruas da ilha de Manhattan, e me banhei nas águas ao seu redor,
Também senti os questionamentos abruptos curiosos revolver dentro de mim,
De dia entre grupos de pessoas às vezes eles me acometiam,
A caminho de casa tarde da noite ou deitado em minha cama eles me acometiam,
Eu também tinha sido golpeado pela flutuação sempre contida em solução,
Também tinha recebido identidade pelo meu corpo,
Que eu era eu sabia que eu era de meu corpo e o que devia ser eu sabia que eu devia ser de meu corpo.

6

Não é só sobre ti que caem as negras névoas,
O escuro também jogou suas névoas sobre mim,
O melhor que eu tinha feito pareceu-me inexpressivo e suspeito,
Meus grandes pensamentos como os supus, não eram na realidade insuficientes?

Nem é só tu que sabes o que é ser mau,
Sou quem soube o que era ser mau,
Também cerzi o velho nó da contrariedade,
Tagarelei, ruborizei, ressenti, menti, roubei, relutei,
Tive perfídia, cólera, lascívia, desejos ardentes que não ousei revelar,
Fui cabeçudo, vão, mesquinho, raso, astuto, covarde, malévolo,
O lobo, a cobra, o porco, não querendo em mim,
O olhar trapaceiro, a palavra frívola, o desejo adúltero, não querendo,
Recusas, ódios, adiamentos, maldade, preguiça, nenhum desses querendo,

Fui uno com os demais, os dias e acasos do resto,
Fui chamado por meu nome mais íntimo por vozes claras e altas de jovens conforme me viam se aproximando ou passando,
Senti seus braços em meu pescoço quando estava de pé, ou o apoio negligente de seus corpos contra mim quando sentava,
Vi muitos que amei na rua ou barca ou assembleia pública, porém nunca lhes disse uma palavra,
Vivi a mesma vida com os demais, o mesmo velho riso, roer, dormir,
Fiz o papel que ainda relembra o ator ou atriz,

O mesmo velho papel, o papel que é o que o tornamos, tão grande quanto gostarmos,
Ou tão pequeno quanto gostarmos, ou tanto grande quanto pequeno.

7

Mais íntimo porém te abordo,
O pensamento que tens de mim agora, tive o mesmo de ti – armazenei com antecedência,
Considerei-te longa e seriamente antes de nasceres.

Quem devia saber o que chegaria pra mim?
Quem sabe estou desfrutando disto?
Quem sabe, por toda a distância, que estou quase te olhando agora, por tudo que não possas me ver?

8

Ah, o que pode ser mais imponente e admirável para mim do que Manhattan debruada de mastros?

Rio e poente e ondas orladas de conchas da maré montante?

As gaivotas oscilando seus corpos, o barco de feno no crepúsculo e a chata{195} atrasada?

Que deuses podem exceder estes que me seguram pela mão e com vozes que amo me chamam pronta e ruidosamente pelo meu nome mais íntimo quando me aproximo?

O que é mais sutil que isto que me ata à mulher ou homem que me olha na cara?

Que me funde agora em ti, e derrama meu sentido em ti?

Entendemos então, não?

O que prometi sem mencionar, não aceitaste?

O que o estudo não pôde ensinar – o que a pregação não podia realizar está realizado, não está?

9

Flui, rio! flui com a maré montante, e vaza com a vazante!
Galhofai, ondas encrespadas e orladas de conchas!
Magníficas nuvens do poente! encharcai-me com vosso esplendor, ou os homens e mulheres gerações adiante!
Cruzai de costa a costa, multidões inumeráveis de passageiros!
Erguei-vos, altos mastros de Mannahatta! erguei-vos, belas colinas do Brooklyn!
Pulsa, cérebro confuso e curioso! lança perguntas e respostas!
Suspende aqui e em todo lugar, flutuação eterna de solução!
Fitai, olhos ternos e sedentos, na casa ou rua ou assembleia pública!
Soai, vozes de jovens! ruidosa e musicalmente chamai-me por meu nome mais íntimo!
Vive, velha vida! faze o papel que relembra o ator ou atriz!
Faze o antigo papel, o papel que é grande ou pequeno de acordo com a pessoa que faz!
Considera, tu que me perscrutas, se não posso de modo desconhecido estar te olhando;

Sê firme, grade sobre o rio, para apoiar aqueles que se encostam ociosamente, porém se apressam com a rápida corrente;

Voai, pássaros marinhos! voai lateralmente, ou circundai em grandes círculos alto no ar;

Recebe o céu de verão, tu água, e fielmente o mantém até que todos os olhos abatidos tenham tempo de tomá-lo de ti!
Divergi, finos fachos de luz, da forma de minha cabeça, ou de qualquer cabeça, na água ensolarada!
Vinde, navios da baía baixa! Passai pra cima e pra baixo, escunas, chalupas, chatas de velas brancas!
Tremulai, bandeiras de todas as nações! sejai devidamente baixadas ao poente!

Queimai alto vossos fogos, chaminés de fundição! lançai sombras pretas ao anoitecer! lançai luz vermelha e amarela sobre os topos das casas!

Aparências, agora ou doravante, indicai o que sois,
Tu necessária película, continua a envolver a alma,
Sobre meu corpo para mim, e teu corpo para ti, que pairem nossos mais divinos aromas,
Vicejai, cidades – trazei vosso frete, vossos espetáculos, rios amplos e suficientes,
Expande, ser que nenhum outro seja talvez mais espiritual,
Mantei vossos lugares, objetos que nenhum outro seja mais duradouro.

Aguardastes, sempre aguardais, belos bobos pastores,
Vos recebemos com senso livre por fim, e somos doravante insaciáveis,
Nem vós mais podereis nos frustrar, ou refrear-vos de nós,
Vos usamos e não vos rejeitamos – vos plantamos permanentemente em nós,
Não vos sondamos – vos amamos – também há perfeição em vós,
Forneceis vossas partes em direção à eternidade,
Grandes ou pequenas, forneceis vossas partes em direção à alma.

Canção do Respondente

Temos aqui o poema "CANÇÃO DO RESPONDENTE" ("Song of the Answerer") ou o "Poema do Poeta" ("Poem of the Poet"), como indica seu título original, nomeando o poeta como o respondente, aquele que traz as respostas. Mais uma vez, Whitman está emitindo sua mensagem de morte, fé e vida eterna, que mostra o caminho para transcender nossa vida física neste planeta. O ritmo deste poema é um exemplo da fluida percussão de Whitman, ou seja, de seu ritmo livre e abrangente, mesmo para descrever cenas diárias.

Este poema também mostra a simplicidade do poeta, pela qual ele poderia ser tomado como qualquer pessoa, como ele mesmo gostava de se referir a si mesmo: "um homem grosso", que preferia a companhia de pessoas simples e trabalhadores, do que o convívio nos nobres salões, onde ele certamente não se sentiria à vontade, por ser ele mesmo de origem humilde, nascido numa família de fazendeiros e operários.

1

Agora ouve minha romanza[{196}] matinal, exponho os sinais do Respondente,
Ás cidades e fazendas canto conforme se esparramam ao sol à minha frente.

Um jovem vem a mim trazendo uma mensagem de seu irmão,
Como o jovem saberá o se e quando do irmão?
Dize-lhe para enviar-me os sinais.

E me posto cara a cara com o jovem, e tomo sua mão direita em minha mão esquerda e sua mão esquerda em minha direita,
E respondo por seu irmão e por homens, e respondo por ele que responde por tudo e envio estes sinais.

Aquele que todos aguardam, aquele a quem todos se rendem, sua palavra é decisiva e final,
O aceitam, nele se banham, nele se percebem como na luz,
O imergem[{197}] e ele os imerge.

Belas mulheres, as nações mais altivas, leis, a paisagem, pessoas, animais,
A terra profunda e seus atributos e o inquieto oceano,
(Assim exponho minha romanza matinal,)

Todos os deleites e propriedades e dinheiro, e o que o dinheiro comprará,
As melhores fazendas, outros labutando e plantando e ele inevitavelmente colhe,
As cidades mais nobres e caras, outros classificando e construindo e ele reside lá,
Nada para ninguém exceto o que é pra ele, próximo e distante são pra ele, os navios ao largo,
Os espetáculos perpétuos e marchas na terra são para ele se forem para qualquer um.

Ele põe as coisas em suas atitudes,
Ele põe o hoje ao largo de si mesmo com plasticidade e amor,
Ele põe suas próprias horas, reminiscências, pais, irmãos e irmãs, associações, emprego, política, de forma que o resto nunca se envergonhe posteriormente, nem assuma que os comanda.

Ele é o Respondente,
O que pode ser respondido ele responde, e o que não pode ser respondido ele mostra como não pode ser respondido.

Um homem é um chamamento e um desafio,
(É vão se ocultar – ouves esse desdém e riso? ouves os ecos irônicos?)

Livros, amizades, filósofos, padres, ação, prazer, orgulho, batem pra cima e pra baixo buscando dar satisfação,
Ele indica a satisfação, e os indica quem bate pra cima e pra baixo também.

Qual seja o sexo, a estação ou lugar, ele pode ir nova, gentil e seguramente de dia ou de noite,
Ele tem a chave mestra dos corações, para ele a reação do mover de mãos nas maçanetas.

Seu acolhimento é universal, o fluxo da beleza não é mais acolhedor ou universal que ele,
A pessoa que ele favorece de dia ou com quem dorme à noite é abençoada.

Toda existência tem seu dialeto, toda coisa tem um dialeto e língua,
Ele concerta todas as línguas em sua própria e a outorga aos homens, e qualquer homem traduz, e qualquer homem também se traduz,
Uma parte não se contrapõe a outra parte, ele é o unidor, ele vê como se unem.

Ele diz indiferentemente e igual *Como estás amigo?* ao Presidente em sua recepção,
E diz *Bom dia meu irmão,* ao Cudge{198} que capina no canavial,

E ambos o entendem e sabem que seu discurso é correto.

Ele caminha com perfeita facilidade no capitólio,
Ele caminha pelo Congresso, e um Representante diz a outro,
Eis nosso igual manifesto e novo.

Assim os mecânicos o tomam por mecânico,
E os soldados o supõem um soldado, e os marujos que ele serviu no mar,
E os autores o tomam por autor, e os artistas por artista,
E os operários percebem que ele poderia trabalhar com eles e os amar,
Não importa o trabalho, ele é aquele que o segue ou seguiu,
Não importa a nação, ele poderia achar seus irmãos e irmãs nela.

Os Ingleses creem que ele descende de sua cepa,
Um Judeu aos Judeus ele parece, um Russo ao Russos, comum e próximo, afastado de ninguém.

Quem ele olha no café de viajantes o solicita,
O Italiano ou Francês tem certeza, o Alemão tem certeza, o Espanhol tem certeza, e o Cubano da ilha tem certeza,
O engenheiro, o taifeiro nos grandes lagos, ou no Mississippi ou São Lourenço ou Sacramento, ou Hudson ou estreito de Paumanok, o solicita.

O cavalheiro de sangue perfeito reconhece seu sangue perfeito,
O insultador, a prostituta, o raivoso, o mendigo, se veem em seus modos, ele estranhamente os transmuta,
Eles não são mais vis, eles mal se sabem tão maduros.

2

As indicações e tabulações do tempo,
Sanidade perfeita mostra o mestre entre filósofos,
O tempo, sempre sem quebra, se indica em partes,
O que sempre indica o poeta é a multidão da companhia agradável de cantores, e suas palavras,
As palavras dos cantores são as horas ou minutos da luz ou escuro, mas as palavras do fabricante de poemas são a luz e o escuro geral,
O fabricante de poemas assenta justiça, realidade, imortalidade,
Sua perspicácia e potência cingem coisas e a raça humana,
Ele é a glória e o extrato até agora de coisas e da raça humana.

Os cantores não procriam, só o Poeta procria,
Os cantores são bem recebidos, compreendidos, aparecem frequentemente, mas raro tem sido o dia, também o local, do nascimento do fabricante de poemas, o Respondente,
(Nem todo século nem cada cinco séculos contêm tal dia, por todos os seus nomes.)

Os cantores de horas sucessivas de séculos podem ter nomes ostensivos, mas o nome de cada um deles é um dos cantores,
O nome de cada um é, cantor de olho, cantor de ouvido, cantor de cabeça, cantor do doce, cantor da noite, cantor de salão, cantor de amor, cantor do estranho, ou outra coisa.

Todo este tempo e a toda hora aguardam as palavras de verdadeiros poemas,
As palavras de verdadeiros poemas não meramente agradam,
Os verdadeiros poetas não são seguidores da beleza mas os mestres augustos da beleza;

A grandeza de filhos é o verter da grandeza de mães e pais,

As palavras de verdadeiros poemas são o penacho e aplauso final da ciência.

Instinto divino, amplitude de visão, a lei da razão, saúde, rudeza de corpo, retidão,
Júbilo, bronzeado, suavidade do ar, essas são algumas das palavras de poemas.

O marinheiro e viajante subjazem aos fabricantes de poemas, o Respondente,
O construtor, geômetra, químico, anatomista, frenologista, artista, todos estes subjazem ao fabricante de poemas, o Respondente.

As palavras dos verdadeiros poemas te dão mais que poemas,
Elas te permitem formar por ti mesmo poemas, religiões, política, guerra, paz, comportamento, histórias, ensaios, vida diária e tudo o mais,
Elas equilibram graduações, cores, raças, credos e os sexos,
Elas não buscam beleza, elas são buscadas,
Sempre as tocando ou próxima delas segue a beleza, saudosa, ansiosa, cega de paixão.

Elas preparam para a morte, porém não são o fim, mas bem o início,
Elas não trazem ninguém ao seu término ou para estar contente e pleno,
Quem elas levam elas levam ao espaço para ver o nascimento de estrelas, aprender um dos sentidos,
Lançar-se com fé absoluta, circular pelos anéis incessantes e nunca ficar imóvel de novo.

Nossa Antiga Feuillage[{199}]

“NOSSA ANTIGA FEUILLAGE (FOLHAGEM)” (“Our Old Feuillage”), publicado em 1860, mas provavelmente escrito em 1856, foi composto por Whitman para ser o “Poema Nacional” (“National Poem”), conforme ele mesmo declarou (WHITMAN, 2002, p.145). Este poema é um catálogo de cenas, lugares, pessoas e atmosferas de toda parte dos Estados Unidos, uma coleção, um buquê da folhagem americana, que deveria ser reunida para formar uma identidade nacional única, como ele canta no final do poema.

O poema de fato parece uma densa floresta de palavras, sons, significados, todos crescendo densamente juntos: são mais de quatro páginas, sem subdivisões, e versos que são mais longos do que é usual em sua poesia, que já tem versos longos (brancos ou livres). A maioria dos versos neste poema tem duas, e muitos deles três, quatro e até cinco linhas. Mas isso também é uma característica de Whitman, o fato de trazer a natureza para dentro de sua poesia: além de ter crescido ao ar livre, ele gostava de caminhar em meio à natureza, ouvindo os animais e aves, principalmente o canto dos pássaros, como ele retrata em muitos poemas.

Sempre nossa antiga feuillage!

Sempre a verde península da Flórida – sempre o delta inestimável de Louisiana – sempre os algodoais do Alabama e Texas,
Sempre as colinas e vales dourados da Califórnia, e as montanhas prateadas do Novo México – sempre Cuba de amenas aragens,
Sempre o vasto declive drenado pelo mar do Sul, inseparável dos declives drenados pelos mares Orientais e Ocidentais,

A área no octogésimo terceiro ano destes Estados, os três milhões e meio de milhas quadradas,
As dezoito mil milhas de costa marítima e a enseada no continente, as trinta mil milhas de navegação fluvial,
Os sete milhões de famílias distintas e o mesmo número de moradias – sempre estas, e mais, se ramificando em inúmeros ramos, Sempre a extensão e diversidade – sempre o continente da Democracia;

Sempre as pradarias, pastos, florestas, vastas cidades, viajantes, Kanadá, as neves;
Sempre estas terras compactas atadas nos quadris com o cinto retesando os enormes lagos ovais;
Sempre o Oeste com fortes nativos, a densidade crescente lá, os habitantes, simpáticos, ameaçadores, irônicos, desdenhando invasores;

Todas vistas, Sul, Norte, Leste – todas ações, promiscuamente feitas o tempo todo,
Todos caráteres, movimentos, crescimentos, alguns notados, miríades despercebidos,
Pelas ruas de Mannahatta eu caminhando, estas coisas colhendo,
Em rios interiores à noite no clarão de nós de pinho, barcos a vapor carregando,
Luz solar de dia no vale do Susquehanna, e nos vales do Potomac e Rappahannock, e nos vales do Roanoke e Delaware,
Nas selvas nortistas feras de rapina assombrando os montes Adirondacks, ou bordejando as águas do Saginaw para beber,
Numa erma angra um merganso perdido do bando, sentado na água balançando silenciosamente,

Em galpões de fazendeiros bois no estábulo, seu trabalho de colheita feito, descansam de pé, estão cansados demais,

Longe no gelo ártico a morsa jaz sonolenta enquanto seus filhotes brincam,
O falcão navegando onde homens ainda não navegaram, o mar polar mais distante, ondulado, cristalino, aberto, além das banquisas,
Branco turbilhão se erguendo onde o navio se arroja na tempestade,
Em terra sólida o que é feito em cidades quando os sinos batem meia-noite juntos,
Em bosques primitivos os sons soando lá também, o uivo do lobo, o grito da pantera, e o rouco berro do alce,
No inverno embaixo do duro gelo azul do lago Moosehead, no verão visível nas águas claras, a grande truta nadando,
Em latitudes mais baixas no ar mais quente nas Carolinas o grande gavião preto flutuando lentamente bem além das copas das árvores,

Abaixo, o cedro vermelho festonado de tylandria{200}, os pinheiros e ciprestes crescendo da areia branca que se espraia distante e plana,
Barcos toscos descendo o grande Pedee{201}, trepadeiras, parasitas com flores coloridas e bagas envolvendo árvores enormes,
A cortina ondulante no carvalho americano pendendo longa e baixa, silentemente ondulada pelo vento,
O acampamento de carreteiros da Geórgia logo após o poente, as fogueiras da ceia e o cozer e comer de brancos e negros{202},
Trinta ou quarenta grandes carretas, as mulas, gado, cavalos, comendo em cochos,
As sombras, lampejos, acima sob as folhas dos velhos plátanos, as chamas com a fumaça preta do pinheiro{203} se anelando e subindo;

Pescadores sulistas pescando, os estreitos e angras do litoral da Carolina do Norte,
A pesca de sável{204} e a pesca de arenque, as grandes redes de arrasto, os sarilhos na praia movidos a cavalos, as clareiras, cura, e fábricas de enlatados;

No seio da floresta em bosques de pinheiro terebintina[{205}] pingando das incisões nas árvores, há os trabalhos com terebintina,

Há negros saudáveis trabalhando, o chão em todas as direções é coberto de palha de pinheiro;

No Tennessee e Kentucky escravos ocupados com carvoaria, na forja, junto às chamas da fornalha ou na descasca do milho,

Em Virgínia, o filho do colono retornando após longa ausência, alegremente recebido e beijado pela idosa enfermeira mulata,

Em rios barqueiros seguramente atracados ao anoitecer em seus barcos sob o abrigo de altas margens,

Alguns dos mais jovens dançam ao som do banjo ou violino, outros sentam na amurada fumando e conversando;

De tardinha o tordo-dos-remédios, o imitador americano, cantando no Grande Pântano Sombrio[{206}],

Há as águas esverdeadas, o odor resinoso, o musgo fértil, o cipreste e o zimbro;

Ao norte, jovens de Mannahatta, a guarnição retornando ao lar à noite de uma excursão, as bocas dos mosquetes todas têm feixes de flores presenteados por mulheres;

Crianças brincando, ou no colo do pai um menininho caído no sono, (como movem seus lábios! como sorri em seu sono!)

O batedor cavalgando nas planícies a oeste do Mississippi, ele sobe um cômoro e varre o espaço com a vista;

Vida na Califórnia, o mineiro, barbudo, trajado em seu traje rude, a leal amizade da Califórnia, o doce ar, os túmulos que um passante encontra solitário bem ao lado da trilha;

Lá no Texas o algodoal, as cabanas dos negros, condutores conduzindo mulas ou bois à frente de rudes carroças, fardos de algodão empilhados em margens e cais;

Circundando tudo, dardejando extensamente, a Alma Americana, com hemisférios iguais, um Amor, outro Expansão ou Orgulho;

No passado o acordo de paz com os Iroqueses os aborígines, o calumet[{207}], o cachimbo da boa-vontade, arbitramento e endosso,
O cacique soprando a fumaça primeiro para o sol e então para a terra,
O drama da dança do escalpo encenada com rostos pintados e exclamações guturais,
A partida do grupo de guerra, a marcha longa e furtiva,
A fila indiana, as machadinhas oscilantes, a surpresa e matança de inimigos;
Todos os atos, cenas, modos, pessoas, atitudes destes Estados, reminiscências, instituições,
Todos estes Estados compactos, toda milha quadrada destes Estados sem excetuar uma partícula;

Eu satisfeito, vagueando em veredas e campos do interior, campos de Paumanok,
Observando o voo espiral de duas pequenas borboletas amarelas se embaralhando, ascendendo alto no ar,
A andorinha dardejante, a destruidora de insetos, o viajante de outono em direção ao sul mas retornando ao norte no início da primavera,
O jovem campeador ao fim do dia tocando o rebanho de vacas e gritando com elas quando retardam para pastar à beira da estrada,
O cais da cidade, Boston, Filadélfia, Baltimore, Charleston, Nova Orleans, São Francisco,
Os navios de partida quando os marinheiros viram o cabrestante;

Noite – eu em meu quarto – o sol poente,
O sol poente de verão brilhando em minha janela aberta, mostrando o enxame de moscas, suspenso, se equilibrando no ar no centro do quarto,
Dardejando obliquamente, acima e abaixo, lançando sombras rápidas em manchas na parede oposta onde o brilho está;

A matrona americana atlética falando em público para multidões de ouvintes,
Machos, fêmeas, imigrantes, combinações, a copiosidade, a individualidade dos Estados, cada um por si mesmo – os enriquecedores,

Fábricas, maquinaria, as forças mecânicas, o sarilho, alavanca, polia, todas certezas,

A certeza de espaço, aumento, liberdade, futuridade,

No espaço as Espórades{208}, as ilhas espalhadas, as estrelas – na firme terra, as terras, minhas terras,

Oh terras! todas tão queridas pra mim – o que vós sois, (o que for,) eu expressando isso ao acaso nestas canções, torna-se uma parte disso, o que for,

Para o sul, eu guinchando, com asas lenti-adejantes, com as miríades de gaivotas invernando no litoral da Flórida,

Diferentemente lá entre as margens do Arkansaw, do Rio Grande, do Nueces, do Brazos, do Tombigbee, do Rio Vermelho, do Saskatchawan ou do Osage,

Eu com as águas primaveris rindo e saltando e correndo,

Para o norte, nas areias, em alguma rasa baía de Paumanok, eu com grupos de alvas garças patinhando no molhado em busca de minhocas e plantas aquáticas,

Recuando, triunfalmente trinando, o tirano, de perfurar o corvo com seu bico, por diversão – e eu triunfalmente trinando,

O bando migrante de gansos selvagens pousando no outono para se refrescar, o grosso do bando se alimenta, as sentinelas fora se deslocam vigiando com cabeças eretas, e são de vez em quando rendidas por outras sentinelas – e eu me alimentando e alternando com os demais,

Em florestas Kanadianas o alce, grande como um boi, acuado por caçadores, se erguendo desesperadamente nas patas traseiras, e lançando-se com as patas dianteiras, os cascos afiados como facas – e eu, lançando-me aos caçadores, acuado e desesperado,

Em Mannahatta, ruas, molhes, remessa, armazéns, e os incontáveis trabalhadores trabalhando nas lojas, E eu também de Mannahatta, cantando isso – e não menos em mim que o todo de Mannahatta em si,

Cantando a canção Destas, minhas sempre-unidas terras – meu corpo não mais inevitavelmente unido, parte a parte, e feito de mil contribuições diversas uma identidade, não mais que minhas terras estão inevitavelmente unidas e feitas UMA IDENTIDADE;

Natividades, climas, a relva das grandes Planícies pastoris,
Cidades, labutas, morte, animais, produtos, guerra, bem e mal – estes eu,
Estes conferindo, em todos seus particulares, a antiga feuillage a mim e à América,
Como posso fazer menos que passar a evidência{209} da união deles, para conferir o mesmo a ti?
Quem sejas! que fazer exceto oferecer-te divinas folhas, que sejas também preferível{210} como eu?
Que fazer exceto aqui cantando, convidar-te a recolher buquês da feuillage incomparável destes Estados?

Uma Canção de Júbilos

“UMA CANÇÃO DE JÚBILOS” (“A Song of Joys”) expressa o sentimento romântico da saudade de casa, o lugar onde o poeta nasceu, mas também a solidariedade transcendental que deve ser parte da alma humana, que nos leva a fazer nossa parte do trabalho em busca do bem comum. O poeta está tão feliz que ele é capaz de encarar qualquer coisa, até mesmo tortura ou morte. Numa parte do poema está expresso o que um soldado ou um samurai tem que confrontar, isto é, entregar de bom grado sua vida pela sua causa, que também é parte do heroísmo romântico.

Embora Whitman não gostasse do Romantismo ou dos poetas românticos, com seu sentimentalismo exacerbado, ele admirava alguns aspectos desse movimento, especialmente a música desse período, e compartilhava do sentimento romântico de ver na música a forma de arte mais elevada. Aliás, o próprio Whitman declarou que se não fosse pela ópera, música e canto, ele não teria escrito Folhas de Relva.

Oh criar a canção mais jubilosa!
Cheia de música – cheia de masculinidade, feminidade, infância!
Cheia de ocupações comuns – cheia de cereais e árvores.

Oh pelas vozes de animais – Oh pela presteza e proporção dos peixes!
Oh pelo verter de gotas de chuva em uma canção!
Oh pela luz do sol e impulso de ondas em uma canção!

Oh o júbilo de meu espírito – ele está desenjaulado – ele dispara feito raio!
Não é o bastante ter este globo ou um certo tempo,
Terei milhares de globos e todo tempo.

Oh os júbilos do engenheiro! andar numa locomotiva!
Ouvir o silvo do vapor, o guincho alegre, o apito a vapor, a hílare locomotiva!
Impulsionar sem resistência e acelerar na distância.

Oh o alegre passeio nos campos e encostas!
As folhas e flores das ervas daninhas mais comuns, a quietude fresca úmida dos bosques,
O agudo aroma da terra na aurora, e por toda a manhã.

Oh o júbilo do cavaleiro e amazona!
A sela, o galope, a pressão no assento, o fresco jorrar nas orelhas e cabelos.

Oh o júbilo do bombeiro!
Ouço o alarme no meio da madrugada,
Ouço sinos, gritos! Passo a multidão, corro!
A visão das chamas me enlouquece de prazer.

Oh o júbilo do vigoroso lutador, altaneiro na arena em condição perfeita, consciente do poder, sedento por conhecer seu oponente.

Oh o júbilo dessa vasta solidariedade essencial que só a alma humana é capaz de gerar e emitir em fluxos estáveis e ilimitados.

Oh o júbilo da mãe!
A vigilância, a resistência, o amor precioso, a angústia, a vida pacientemente concedida,

Oh o júbilo do aumento, crescimento, recuperação,
O júbilo de acalmar e pacificar, o júbilo de concórdia e harmonia.

Oh voltar ao lugar onde nasci,
Ouvir os pássaros cantar uma vez mais,
Vaguear pela casa e galpão e pelos campos uma vez mais,
E no pomar e pelas velhas veredas uma vez mais.

Oh ter sido criado em baías, lagunas, riachos, ou no litoral,
Continuar e ser empregado lá toda a minha vida,
O cheiro salobro e úmido, a praia, as algas salgadas expostas na maré baixa,
O trabalho de pescadores, o trabalho do pescador de enguia e do marisqueiro;

Venho com meu ancinho e pá, venho com meu arpão,
A maré está baixa?
Eu me junto ao grupo de catadores de marisco nos baixios,
Rio e trabalho com eles, gracejo no meu trabalho como um jovem brioso;

No inverno pego minha cesta e arpão de enguia e viajo a pé no gelo – tenho um machadinho para fazer buracos no gelo,
Vede me bem-trajado indo jovialmente ou retornando à tarde, meu bando de rudes rapazes me acompanhando,
Meu bando de rapazes meio-maduros e maduros, que não adora estar com ninguém mais tão bem quanto adora estar comigo,
De dia trabalhar comigo, e de noite dormir comigo.

Uma outra vez em tempo quente num barco, erguer os cestos de lagosta onde estão afundados com pedras pesadas, (conheço as boias,)
Oh a doçura da manhã do Quinto mês sobre a água quando remo logo antes da aurora para as boias,

Puxo os cestos de vime para cima obliquamente, as lagostas verde-escuras estão desesperadas com suas garras quando as tiro, insiro cavilhas de madeira nas juntas de suas quelas,

Vou a todos os lugares um após o outro, e aí remo de volta à praia,

Lá num enorme caldeirão de água fervente as lagostas serão fervidas até sua cor se tornar escarlate.

Uma outra vez pegando cavalinha,

Vorazes, loucas pelo anzol, perto da superfície, parecem preencher a água por milhas;

Uma outra vez pescando serranídeos na baía de Chesapeake, eu parte da tripulação bronze-faceada;

Uma outra vez rastreando enchova em Paumanok, me posto com o corpo preparado,

Meu pé esquerdo está na amurada, meu braço direito lança ao longe os rolos de corda leve,

À vista a meu redor as rápidas guinadas e arranques de cinquenta esquifes, meus companheiros.

Oh navegando nos rios,

A viagem descendo o São Lourenço, a paisagem soberba, os vapores,

Os navios navegando, as Mil Ilhas, a jangada de madeira ocasional e os jangadeiros com longos remos,

As pequenas cabanas nas jangadas, e a névoa de fumaça quando preparam ceia à noite.

(Oh algo pernicioso e terrível!

Algo distante de uma vida débil e devota!

Algo não provado! algo num transe!

Algo escapado da ancoragem e seguindo livre.)

Oh trabalhar em minas, ou forjando ferro,

Fundição fundindo, a própria fundição, o telhado alto e rude, o espaço amplo e sombreado,

A fornalha, o líquido quente despejado e escorrendo.

Oh retomar o júbilo do soldado!

Sentir a presença de um valente oficial comandante – sentir sua solidariedade!
Ver sua calma – ser aquecido nos raios de seu sorriso!
Ir pra batalha – ouvir as cornetas tocar e os tambores rufar!
Ouvir o estrondo da artilharia – ver o brilho das baionetas e os canos dos mosquetes ao sol!
Ver homens tombar e morrer e não reclamar!
Provar o gosto selvagem de sangue – ser tão satânico!
Se regozijar sobre as feridas e mortes do inimigo.

Oh o júbilo do baleeiro! Oh navego minha velha viagem de novo!
Sinto o movimento do navio sob mim, sinto as brisas Atlânticas me bafejando,
Ouço de novo o grito vindo do topo do mastro,
L á – ela sopra!

De novo pulo o cordame para olhar com os demais – descemos, ansiosos com a agitação,
Salto no barco baixado, remamos rumo à nossa presa aonde ele jaz,
Nos aproximamos furtivos e silenciosos, vejo a massa montanhosa, letárgica, exposta ao sol,
Vejo o arpoador se erguendo, vejo a arma partir de seu braço vigoroso;

Oh veloz de novo distante no oceano a baleia ferida, serenando, correndo a barlavento, me reboca,
De novo o vejo subir pra respirar, remamos perto de novo,
Vejo uma lança enfiada em seu flanco, pressionada fundo, girada na ferida,
De novo nos retiramos, o vejo serenar de novo, a vida o está deixando rápido,
Quando sobe ele esguicha sangue, o vejo nadar em círculos cada vez mais estreitos, cortando a água veloz – o vejo morrer,
Ele dá um salto convulsivo no centro do círculo, e então fica prostrado e imóvel na espuma sangrenta{211}.

Oh minha velha virilidade, meu mais nobre júbilo!
Meus filhos e netos, meu cabelo branco e barba,

Minha grandeza, calma, majestade, na longa extensão de minha vida.

Oh júbilo maduro da feminidade! Oh felicidade afinal!
Tenho mais de oitenta anos de idade, sou a mais venerável mãe,
Como é clara minha mente – como todas as pessoas se achegam a mim!
Que atrações são estas além das anteriores? o que floresce mais que a flor da juventude?
Que beleza é esta que desce sobre mim e se eleva de mim?

Oh o júbilo do orador!
Inflar o tórax, rolar o trovão da voz das costelas e garganta,
Fazer o povo se enfurecer, lamentar, odiar, desejar, contigo,
Conduzir a América – dominar a América com uma grande língua.

Ah o júbilo de minha alma pairada sobre si mesma, recebendo identidade através de materiais e os amando, observando caracteres e os absorvendo,
Minha alma vibrou de volta a mim deles, da visão, audição, tato, razão, articulação, comparação, memória, e assim por diante,
A vida real de meus sentidos e corpo transcendendo meus sentidos e corpo,
Meu corpo cansado dos materiais, minha visão cansada dos meus olhos físicos,
Provado a mim hoje além de sofismas que não são meus olhos físicos que finalmente veem,
Nem meu corpo físico que finalmente ama, anda, ri, grita, abraça, procria.

Ah o júbilo do fazendeiro!
O júbilo do Ohioano, Illinoisiano, Wisconsinês, Kanadiano, Iowano, Kansiano, Missouriano, Oregonês!

Se levantar ao raiar do dia e agilmente ir trabalhar,
Arar terra no outono para culturas semeadas no inverno,
Arar terra na primavera para o milho,
Arrumar pomares, enxertar as árvores, colher maçãs no outono.

Ah banhar-se na piscina, ou num bom lugar na praia,

Aspergir água! caminhar com água pelos tornozelos, ou correr nu pela praia.

Ah perceber o espaço!
Ah a plenitude de tudo, que não há limites,
Emergir e ser do céu, do sol e lua e nuvens voadoras, ser um com eles.

Ah o júbilo de um si mesmo viril!
Ser servil a ninguém, submeter-se a ninguém, a nenhum tirano conhecido ou desconhecido,
Caminhar com postura ereta, um passo flexível e elástico,
Olhar com mirada calma ou com olho cintilante,
Falar com uma voz plena e sonora saindo de um amplo tórax,
Confrontar com tua personalidade todas as outras personalidades da terra.

Conhece tu o júbilo excelente da juventude?
Júbilo dos queridos companheiros e da palavra feliz e rosto risonho?
Júbilo do dia festivo radiante, júbilo dos jogos de grande fôlego?
Júbilo de doce música, júbilo do salão iluminado e dos dançarinos?
Júbilo da refeição completa, da boa farra e bebida?

Porém Ah minha alma suprema!
Conhece tu o júbilo do pensamento contemplativo?
Júbilo do coração livre e isolado, do coração terno e sombrio?
Júbilo da caminhada solitária, do espírito reverente mas orgulhoso, do sofrimento e da porfia?
As dores agonísticas, os êxtases, júbilo das solenes reflexões dia ou noite?
Júbilo do pensamento da Morte, as grandes esferas Tempo e Espaço?
Júbilo profético dos melhores e mais elevados ideais de amor, da divina esposa, do doce, eterno, perfeito camarada?
Júbilo todo teu imortal, júbilo digno de ti Oh alma.

Ah enquanto vivo pra ser o regente da vida, não um escravo,
Encontrar a vida como um conquistador poderoso,
Nem fumos, nem enfado, nem mais queixas ou críticas desdenhosas,
A estas leis orgulhosas do ar, da água e do chão, revelando minha alma interior inexpugnável, E nada exterior jamais me comandará.

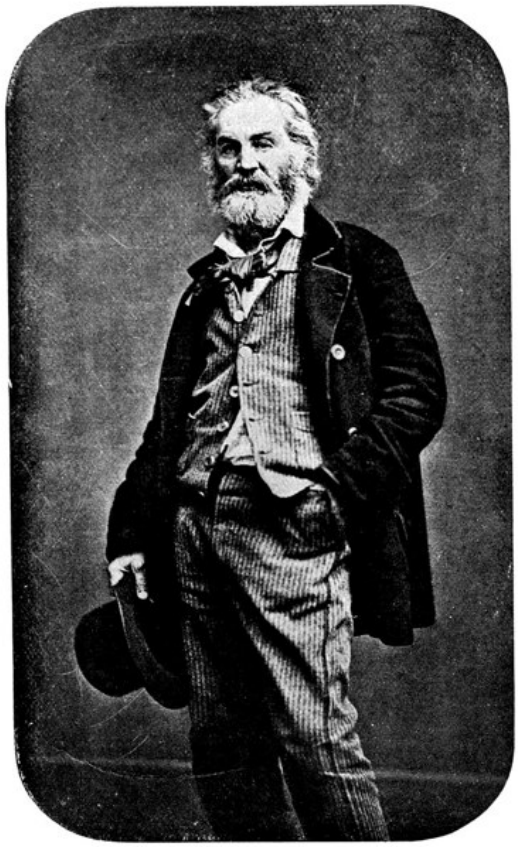
Pois não só o júbilo da vida canto, repetindo – o júbilo da morte!
Ah o belo toque da Morte, acalmando e entorpecendo alguns momentos, por razões,
Eu mesmo liberando meu corpo excrementoso para ser queimado, ou cedido ao pó, ou enterrado, Meu corpo real deixado sem dúvida a mim para outras esferas,
Meu corpo vazio nada mais para mim, voltando às purificações, futuros ofícios, usos eternos da terra.

Ah atrair por mais do que atração!
Como é não sei – porém vê! o algo que não obedece nada mais,
É ofensivo, nunca defensivo – porém como puxa magnético.

Ah enfrentar grandes desavenças, encontrar inimigos indômitos!
Estar inteiramente sozinho com eles, descobrir o quanto podemos suportar!
Olhar contenda, tortura, prisão, opróbrio popular, cara a cara!
Escalar o cadafalso, avançar para os canos das armas com perfeito desinteresse!
Ser de fato um Deus!

Ah navegar para o mar em um navio!
Deixar esta intolerável terra estável,
Deixar a mesmice cansativa das ruas, das calçadas e das casas,
Deixar-te Oh terra sólida imóvel, e entrar num navio,
Para navegar e navegar e navegar!

Ah ter a vida doravante um poema de novo júbilo!
Dançar, bater palmas, exultar, gritar, saltar, pular, rolar, flutuar!
Ser um marinheiro do mundo rumo a todos os portos,
Um navio em si, (vede de fato estas velas que iço ao sol e ar,)
Um veloz e volumoso navio cheio de palavras ricas, cheio de júbilo.



Walt Whitman

{1} John Burroughs (1837-1921) conheceu Whitman em Washington em 1864; Whitman o ajudou a se tornar escritor e em troca Burroughs ajudou a melhorar a habilidade do poeta na observação precisa da natureza. *Notas sobre Walt Whitman* está disponível em The Walt Whitman Archive:

{2} (Esta poema foi incluído como epígrafe de *Folhas de Relva* a partir da edição de 1876.)

{3} Do francês: Em Massa, em grupo, em conjunto, juntos.

{4} Grafia correta original: “Alleghenies”, que são as montanhas mais antigas dos Estados Unidos. A grafia com “a” é invenção do Whitman, bem como da palavra “habitan”, provavelmente derivada de “habitant” (habitante da Louisiana ou um canadense de linhagem francesa), ou de “inhabitant” (habitante).

{5} Veja adiante o poema “A Uma Certa Cantatrice”, que contém a ideia da “Velha Causa”, que é o “progresso e a liberdade da raça”.

{6} Eidólon(s): simulacro, fantasma, imagem, espectro, aparição, uma imagem do ideal, modelo. Do grego eidlon, de eidos, *forma*. A palavra ídolo (imagem usada para adoração, um deus falso) tem a mesma origem.

{7} Do francês, exaltado.

{8} Também no sentido de inovadores, fundadores. Notar que este poema e o anterior tratam do mesmo tema, ou seja, o poeta se inclui entre os iniciadores de movimento.

{9} Whitman gostava de escrever palavras com *k* (kosmos, etc).

{10} Cantatriz, cantora, cantora profissional, cantora de ópera. Neste caso, Whitman se refere a Marietta Alboni, mencionada na introdução a este capítulo.

{11} Esta palavra aponta para uma sabedoria de ver a relação entre as formas e o fundo espiritual que as gera; vem de “savant”, do francês, sábio.

{12} No original, “moonsails” (“velas lunares”), termo que possui três sinônimos em inglês: “moonraker” (“explorador da lua”), “hopesail” (“vela da esperança”) e “hope-in-heaven” (“esperança no céu”). Estas velas, que são extremamente raras, são colocadas bem no topo do mastaréu do sobrejoanete, acima das velas de cutelo, em navios velozes, como era o caso dos veleiros. Até o momento não encontramos uma tradução apropriada para o termo.

{13} Este poema foi originalmente publicado em *Drum-Taps* (livro de poemas escritos durante a Guerra de Secessão).

{14} “Paumanok” é uma mutação de uma palavra indígena/aborígine (“Paumanake” ou “Paumanack”) para “Long Island” (“Ilha Comprida”).

{15} Nome original da ilha, por causa dos Índios Manahata que lá residiam.

{16} Esta palavra se encontra nesta forma no original; ela faz parte dos empréstimos que Whitman fez ao espanhol.

{17} Do espanhol, liberdade, livre arbítrio, independência, autonomia.

{18} No original, Whitman usa o termo “philosophs”, uma variação do francês “philosophe”, que designa os eruditos do Iluminismo Francês do século XVIII. Ele também costumava emprestar palavras do francês.

{19} Na verdade, a palavra correta é “finale,” que é a seção final de uma composição musical.

{20} Ele se refere à bandeira americana, que representa a união de todos os estados.

{21} Do latim, todos, ou o todo.

{22} No original, Whitman usa uma forma antiga desta palavra em inglês, “camerado”, que não é nem a do francês “camarade”, nem do espanhol, “camarada”.

{23} Aqui estão três temas centrais em *Folhas de Relva*, conforme assinalamos na nota ao título deste poema.

{24} No original, em francês, que significa mistura, miscelânea, que ele descreve neste trecho.

{25} Do francês, “minha mulher”.

{26} Tijolo cru, ou seja, bloco de argila, que pode ser feito misturado com palha, secado ao sol.

{27} Columbia (ou Colúmbia) e Colorado são rios; Chesapeake é o maior estuário dos Estados Unidos; Delaware é rio e baía; Ontário, Erie, Huron, Michigan são referidos aqui como lagos; e as “Antigas Treze” são as treze colônias originais dos Estados Unidos, que se rebelaram contra o Império Britânico e proclamaram sua independência em 4 de julho de 1776; Massachusetts, Vermont e Connecticut fizeram parte dessa rebelião.

{28} Estado do Granito é New Hampshire; o Estado de Narragansett Bay é Nova Inglaterra; e o Estado do Império é o Estado de Nova York.

{29} Estas palavras italianas são utilizadas em música para indicar o modo de execução da peça.

{30} Tribo indígena, cujo nome foi utilizado para nomear o Estado do Kansas. Há também um rio com esse nome em Kansas.

{31} Grafia que Whitman utilizou para se referir a Atlântida.

{32} No original, “camerado close.” Cordial e afetuoso são sinônimos de íntimo; preferi cordial pela aliteração com camarada.

{33} Conferir a edição bilíngue da Iluminuras da Primeira Edição de *Folhas de Relva*, 2005, pp.44--131, em tradução de Rodrigo Garcia Lopes. E a versão final no original em: Walt Whitman, *Leaves of Grass and other writings*, New York, W.W. Norton & Company, Inc., 2002, pp. 26-78.

{34} Harold Bloom, *Modern Critical Views: Walt Whitman.* New York: Chelsea House Publishers, 1985, pp. 1-9.

{35} Harold Bloom, *Modern Critical Views: Walt Whitman.* New York: Chelsea House Publishers, 1985, pp. 1-3.

{36} O dicionário *Novo Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Ed. Nova Fronteira, 2003, na p. 1207, indica: tb. chamada “Levístico, [...] Gênero de plantas herbáceas européias da família das umbelíferas, dotadas de flores amarelas, de uso medicinal, e frutos tb. us. medicinalmente [...] cultivada pelo rizoma edule, us. como hortaliça, pelos talos e folhagem, us. como condimento, e pelos capítulos florais, com que se fabrica óleo aromático us. tb. em perfumaria.”

{37} Nas primeiras quatro edições em inglês havia uma vírgula aqui, que não foi mantida nas seguintes. Mantivemos a dubiedade do original.

{38} *Worm fence snake fence zigzag fence* é uma cerca em ziguezague, serpeante – daí o *worm*, ou seja, vermiforme, de maneira tortuosa -, feita de madeira (abundante na época), pelos pioneiros ou fazendeiros americanos e que ocupava muito espaço na terra no século dezenove nos EUA. Com o tempo foi abandonada em prol das cercas de arame farpado.

{39} No original, *shuffle*: literalmente dançar arrastando os pés (forma de dança popular).

{40} No original, *breakdown*: uma dança agitada e ruidosa, uma farra (diversão popular).

{41} Da semana, ou seja, Domingo. Costume quacre (em inglês, *quaker*, um membro da Sociedade Religiosa (Cristã) dos Amigos, fundada por George Fox em 1660; eles mesmos não se chamavam assim, mas devido ao conselho de “tremer” -- *tremble, quake* --, ao ouvir a palavra do Senhor, passaram a ser chamados de “quakers”, ou “tremedores”) de se referir ao domingo.

{42} *Jour printer: jour* é uma redução de *journeyman*, que é a categoria de alguém que está entre o aprendiz e o mestre, ou seja, é um artífice, alguém que está capacitado para exercer um ofício.

{43} Em inglês, *Wolverine*, apelido de quem é natural do estado de Michigan.

{44} Costume quacre de se referir a julho.

{45} *Coon-seeker* pode ser Caçador *Buscador de guaxinim* quati, mas nesse caso significa Caçador de Negro (no Brasil, Capitão-do-mato), pois *coon* informalmente tb. significa negro (lembrando que na época da publicação do poema, 1855, ainda havia escravidão no Sul dos EUA, onde se localiza os Estados de Tennessee e Arkansas).

{46} Rios do sul dos E.U.A.

{47} Whitman gostava de escrever palavras com *k* em vez de *c*, como nesta e em *kosmos*.

{48} Whitman usou a grafia *carlacue*, o que tornou a busca por este termo extremamente difícil, pois as grafias mais comuns são *curlicue* e *curlycue*, palavra que significa arabesco ou floreio que se faz num desenho.

{49} *Burnt stick* ou *charcoal stick*, um bastãozinho feito de madeira queimada para desenho, ou seja, carvão para desenho.

{50} *kosmos*: grafado com *k* no original, que lembra a grafia da palavra em grego *kósmos*

{51} *rank*: como adjetivo, esta palavra tem variados significados, proporcionando um trabalho árduo para o tradutor; ela vai do sentido positivo ao negativo: exuberante, viçoso, profuso, espesso, cerrado, extremamente fértil, consumado, completo, total, extremo, grosseiro, desagradável, indecoroso, indecente, repelente, chocante, repulsivo, malcheiroso, rançoso. Como Whitman tem uma relação tranqüila com a morte, como ele mesmo afirma várias vezes, achei por bem colocar um termo que não depreciasse nem a cópula nem a morte, já que se uma não é mais do que a outra, elas se equivalem, ou seja, uma é tão profusa, ou fértil, ou extrema, quanto a outra. De qualquer modo, fica ao leitor a possibilidade de uma interpretação pessoal, dada a lista de termos acima.

{52} bravura: (mús.) peça ou passagem floreada e de grande dificuldade.

{53} Voltas da corda em volta do pescoço.

{54} Amêijoa: designação comum aos moluscos bivalves, tipo mexilhão.

{55} Que é criador de tudo, que produz tudo.

{56} De todos os tipos.

{57} Dança indígena.

{58} Do italiano, ambulância.

{59} Domingo.

{60} Do francês, alunos ou discípulos.

{61} Imagens da morte, onde os suportes são apoios onde ficam macas nas quais os mortos são colocados e as moedas nos olhos são usadas para mantê-los fechados até o funeral, combinando com a gula.

{62} Crença religiosa de origem Africana (vodu), praticada no Caribe e América, que utiliza bruxaria; a palavra designa também um objeto usado nesta religião.

{63} No original, está *llama*, mas por motivos óbvios, é um erro de grafia e não se trata do animal, e sim do sacerdote tibetano.

{64} De novo, pelo contexto, trata-se de *Shastras*, escritura sagrada do Hinduísmo, e não Shasta, que designa um membro do povo índio do norte da Califórnia e sul do Oregon.

{65} Templos construídos sobre pirâmides no antigo México.

{66} "Koboo" se refere a um nativo de Palembang, na costa leste de Sumatra, na Indonésia.

{67} Reza a lenda popular que os sauróides carregavam os ovos na boca.

{68} Parteira, comadre, obstetra.

{69} Observe-se a referência à genitália feminina.

{70} “Deliriate” é invenção do próprio poeta; significa o processo de realizar um estado temporário de excitação mental e sexual. Algo como entrar num frenesi sexual.

{71} Deus grego de cerimônias de casamento, que vem do grego Hymenaios / Hymenaeus; do grego *hymen* vem o nome da membrana que cobre parcialmente a entrada da vagina de moças virgens. Embora haja uma relação praticamente direta entre os dois significados, não há relação etimológica na origen dos nomes.

{72} Do grego *kalamos*, pelo latim *calamu*: cana, caniço, junco, colmo. Bot.: caule das gramíneas e de outras plantas; pedaço de cana ou caniço talhado em ponta, usado no passado como instrumento de escrita em pergaminho. Também flauta de cana, flauta de pan. Ou seja, o cálamo é um multi-símbolo na poesia de WW, representando a natureza, a escrita, a música, além de *calumet*, que também vem de cálamo, que é o cachimbo da paz usado pelos índios norte-americanos, que obviamente significa a união entre os povos.

{73} No ensaio “Origins of Attempted Secession” (“Origens da Tentativa de Secessão”, incluído em *Specimen Days and Collect*, 1882), o poeta fornece uma descrição de suas atividades políticas como “observador próximo” e “eleitor” por um período de vinte anos (1840-1860).

{74} Henry Seidel Canby, *Walt Whitman, An American*: A study in biography, New York, Literary Classics, Inc., 1943, pp. 72-88.

{75} Gay Wilson Allen, *The Solitary Singer*: a critical biography of Walt Whitman, New York, The Macmillan Company, 1955, p. 198.

{76} O interesse de Whitman em Frenologia, a ciência da mente que afirma que as faculdades mentais são indicadas pela conformação do crânio e assim podem ser analisadas e melhoradas, o fez visitar o consultório dos irmãos Fowler para um exame. Ed Folsom e Kenneth M. Price dão um relato dessa visita em sua biografia de Whitman na sua página de internete “The Walt Whitman Archive”: “Em 16 de julho, 1849, o editor, guru da saúde e reformador social Lorenzo Fowler confirmou o senso crescente de Whitman de capacidade pessoal quando sua análise frenológica da cabeça do poeta levou a uma descrição elogiosa – e de algum modo bem precisa – de seu caráter. Além de favorecer a confiança de Whitman, a leitura das “protuberâncias” em seu crânio lhe deu vocabulário chave (como “amatividade” e “adesividade”, termos frenológicos que descrevem afeições entre e dentre os sexos) para *Folhas de Relva*. A associação de Whitman com Lorenzo Fowler e seu irmão Orson se comprovaria de contínua importância até bem dentro da década de 1850. Os irmãos Fowler distribuíram a primeira edição de *Folhas de Relva*, publicaram a segunda anonimamente e providenciaram espaço na revista de sua firma para uma das auto-críticas de Whitman.” A biografia acima citada está disponível em: <http://www.whitmanarchive.org/biography/biographymainindex.html>.

{77} Henry S. Canby, *Walt Whitman, An American*: A study in biography, New York, Literary Classics, Inc., 1943, p. 79.

{78} Henry S. Canby, *Walt Whitman, An American*: A study in biography, New York, Literary Classics, Inc., 1943, p. 78-9.

{79} *Ibid.*, pp. 131-2.

{80} *Ibid.*, p. 82.

{81} Cf. Harold Bloom, *The Western Canon*, The Books and Schools of the Ages, New York, Riverhead Books, 1995, p. 259, em que Bloom cita as palavras de Whitman a Emerson, nas quais o poeta se refere a seu mentor como um “homem justo”, “amoroso, includente”, que são, na opinião de Bloom, exatamente as características que ligam os dois escritores-poetas.

{82} Setembro de 1859.

{83} No original, em francês, que significa “minha mulher”.

{84} Os símbolos mencionados mais abaixo no poema.

{85} Termo tirado da Frenologia (teoria desenvolvida por Franz Joseph Gall por volta de 1800, e muito popular no século XIX), hoje considerada uma pseudo-ciência, que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas se baseando na conformação do crânio; a adesividade indicava que a pessoa estava inclinada a amizades com pessoas do mesmo sexo.

{86} Machado de lenhador, ou grande machado muito utilizado no século 19 antes da invenção de instrumentos mais eficientes para lavrar madeira.

{87} conferir a seção 3.5 da tese: <http://allaboutwaltwhitman.blogspot.com.br/2009/11/35-part-1.html>

{88} "His Shape Arises"), é citada na seção 2.5.2 da tese: <http://allaboutwaltwhitman.blogspot.com.br/2009/10/252-two-other-elements-in-myth-water.html>

{89} Egípcio; Mizraim é o nome bíblico do Egito.

{90} Variação: litor; oficial que, na Roma antiga, acompanhava os magistrados com um molho de varas e uma machadinha para as execuções da justiça. Este feixe de varas com machado (em it., *fascio*; em lat. *fasces*), representando o poder de punição das autoridades, se transformou no símbolo do fascismo (1922-1943; sistema político nacionalista, imperialista e antidemocrático, liderado por Benito Mussolini, 1883-1945, na Itália).

{91} "Helmeted head", ou seja, cabeça protegida por capacete ou elmo, que era um tipo de capacete que protegia a cabeça nas armaduras antigas; outro nome pra elmo é "gálea", daí, galeado(a).

{92} Vendedores e prostitutas que seguem unidades militares em campanha.

{93} Do francês, obras primas.

{94} No original, "Served the mound-raiser on the Mississippi"; esta tribo pré-histórica, que construiu aterros, túmulos e cômoros no vale do Mississippi é geralmente conhecida como "mound-builder".

{95} Ou "templos ingleses"; o termo vem de Albion, antigo nome da Inglaterra.

{96} Variante de (*Celt*) Celta.

{97} No sentido de decapitador.

{98} Alça ou manivela de prelo manual.

{99} Note-se a inversão da letra inicial desta palavra no poema: a sede do Congresso em Washington, D.C. é com maiúscula: Capitólio; e as sedes das assembleias legislativas estaduais, com minúscula: capitólios.

{100} Nota-se pelo próprio contexto que são rios; no caso, rios localizados no estado do Maine e que deságuam no Oceano Atlântico.

{101} Rio, lago e parque (o Parque Nacional de Yellowstone foi criado em 1872, e é o primeiro parque nacional dos Estados Unidos da América; ele se localiza em Wyoming, Montana e Idaho).

{102} Esta canção foi feita a convite do Instituto Americano, para a abertura da sua quadragésima Exibição Anual em Nova York, a 7 de setembro de 1871.

{103} "Laborer" é trabalhador braçal, que utiliza as mãos no trabalho, como os boias-frias. "Worker" pode ser um trabalhador de escritório ou industrial, ou simplesmente um membro da classe operária.

{104} Maneira que Whitman tinha de escrever o nome de Shakespeare.

{105} Emigrante; aquele/a que vem de outro país; tb refugiado ou exilado político.

{106} Rendez-vous; encontro ou local de encontro.

{107} Personificação feminina dos Estados Unidos, a partir do nome de Cristóvão Colombo; foi o primeiro nome popular e poético dos Estados Unidos. Esta é a origem do nome do Distrito de Colúmbia, onde fica a capital federal, Washington.

{108} Torre principal dentro de um castelo medieval.

{109} Do francês, conjunto.

{110} Do francês, fachadas, frentes.

{111} Richard March Hoe (1812-1886), que nasceu em Nova York, foi um inventor Americano que desenhou uma máquina impressora aperfeiçoada, a prensa rotativa, em 1846. Esta prensa estava em exibição nessa exposição.

{112} No original, “romance”, que significa aventuras amorosas e contos medievais com intrigas. Ou seja, o espírito romântico ou as aventuras românticas. Em português, as palavras “romance” e “novel”, que aparece no verso seguinte, são traduzidos pela mesma palavra, romance. Romantismo em inglês é “Romanticism”. Para diferenciar, utilizei o termo “romancismo”.

{113} Tecido comum de lã; fazenda para confeccionar bandeiras.

{114} Dito espirituoso, gracioso; chiste, facécia, piada, pilhéria, gracejo.

{115} Reconhecimento, exame.

{116} Forma antiga da palavra “camarada”, em inglês.

{117} Esta é a grafia de WW para a palavra francesa “savants”: sábios, eruditos, filósofos.

{118} Livros em geral considerados muito importantes.

{119} Balada ou ária.

{120} No sentido de preservação, por secagem, sal ou defumação.

{121} Em metalurgia: processo de descarburização (diminuir o teor de carbono) do ferro mediante a ação de escória ou de óxidos; pudlagem, pudlação.

{122} Em química: pigmento branco, seja de carbonato básico de chumbo (de composição variável), seja de óxido de zinco.

{123} Aquele que lança arpéu ou croque numa abordagem a outro barco.

{124} Resina produzida por essa árvore, de coloração cinzenta, utilizada em goma de mascar e antigamente para fazer moldagem dentária, isolamento de condutores de eletricidade e bolas de golfe. Foi substituída pela resina sintética.

{125} Lâmina de madeira para revestimentos.

{126} Caldeira para derreter cola em banho-maria.

{127} Referência bíblica, que no princípio era o Verbo (Logos; em inglês, “Word”), e o Verbo se fez carne, isto é, matéria.

{128} A forma correta é “Accouchée! accouchez!”, ou seja, “Grávida! dê à luz!”.

{129} Cotilhão, cotilhões: é uma antiga dança de muitos pares, entremeada de várias músicas e distribuição de brindes, que era utilizada para terminar um baile. Whitman se refere aqui a estrelas e planetas, incluindo-se aí a Terra.

{130} Este poema é o que restou na edição final de *Folhas de Relva* do poema “Great Are the Myths”, da edição original de 1855 (“Grandes São os Mitos” foi excluído na edição de 1881).

{131} O título também poderia ser “Pássaros Migratórios”. A expressão também indica pessoas nômades ou que se mudam com frequência.

{132} Ato ou efeito de aceder; consentimento.

{133} Em inglês, “greed”, que também pode ser cobiça, ganância. Pela proximidade com embriaguez, deixei gula.

{134} Whitman comemora com este poema o ano de 1794 da Revolução Francesa (1789-1799). Como esta Revolução se inspirou na Independência dos Estados Unidos, o ano de 1794 indica o 18º ano da Independência Americana (1776).

{135} No original, “tumbrils”, isto é, carretas ou carroças que levavam os presos à guilhotina na Rev. Francesa.

{136} Em inglês, seria “song writer”, isto é, alguém que escreve as canções e compõe a música para elas, um compositor-letrista.

{137} “Minha mulher”; em inglês seria “my woman”. Whitman se refere à Democracia, como no poema “Para Ti, Oh Democracia”, do livro “Cálamo”

{138} Disputa eleitoral de 1860, entre Lincoln e Douglas.

{139} O abolicionista John Brown, enforcado em 1859, por alta traição (ou seja, tentativa de iniciar uma rebelião de escravos).

{140} O Príncipe de Gales, Edward, que visitou Nova York em 1860.

{141} Famoso navio a vapor, o maior da época (lançado em 1858), cujo nome em inglês é *Great Eastern*, devido ao nome da empresa que o adquiriu e terminou sua construção, *a Great Eastern Ship Company*. Especificamente, o navio tinha o comprimento de 692 pés, isto é, 211 metros. Alguns dados curiosos sobre este navio: era feito de ferro, com duplo fundo (duplo casco), o que evitou um naufrágio quando bateu numa rocha perto de Long Island em 1862, que abriu um rombo em seu casco externo (o mesmo tipo de acidente que fez o *Titanic* afundar; naturalmente, este bateu num iceberg); e quando ele foi vendido como ferro velho, em 1889-90, o Liverpool F.C., que estava procurando um mastro para sua bandeira, comprou o mastaréu da gávea para colocar em seu estádio, o Anfield, construído em 1884, local em que se encontra até hoje.

{142} Isto é, habitante de Álbion, antigo nome da Inglaterra ou Reino Unido.

{143} Bardo escandinavo.

{144} Alemanha; nome derivado dos Teutões, povos germânicos que viveram no centro e norte da Europa.

{145} A grafia correta em inglês é “Nippon”, o nome japonês para o país; em português temos Nipão e Japão.

{146} Espanhol para liberdade; Whitman usava esta palavra para personificar a liberdade.

{147} Literalmente, teria que ser: “Manhattan de um milhão de pés”.

{148} Está “Americanos” no original.

{149} A pessoa que lega algo a alguém, deixa como herança (“bequeather”).

{150} Do italiano, cantabile, que é um adjetivo, utilizado aqui como substantivo, para significar uma canção melodiosa.

{151} Do francês, “em massa”.

{152} Na ordem apresentada no poema: bonzo é um monge budista do Japão; brâmane, entre os hindus, é um membro da mais alta das quatro castas, votado ao sacerdócio e ao estudo e ensino dos Vedas; lama: sacerdote budista entre os tibetanos (WW grafa “llama”, em vez de “lama”, erro cometido também em “Canção de Mim Mesmo”, na seção 43).

{153} ‘Far-flowing”, à semelhança de grandiloquente em português, criei o “grandifluente”.

{154} Visita referida no poema “Ano de Meteoros”.

{155} Também chamadas de gavelas, são feixes, molhos, braçadas de vegetação.

{156} Um tipo de alga marinha verde.

{157} A ilha, a terra, é referida como o pai, e o oceano, o líquido, como a mãe.

{158} “Meus” se refere a “meus parentes, minha família”.

{159} É uma ave pelicaniforme (chamada em português também por fragata, albatroz, joão-grande ou tesourão) das costas atlântica e pacífica da América tropical e subtropical. Este poema foi inspirado

pelo *O Pássaro*, de Jules Michelet. Charles Baudelaire escreveu um poema chamado *O Albatroz*.

{160} Grupo de sete estrelas (sete-estrelo) que faz parte da constelação de Touro. Na mitologia grega, elas são as sete filhas de Atlas que foram metamorfoseadas em estrelas.

{161} Geralmente, navios mercantes.

{162} O Distrito de Barnegat se localiza no Condado de Ocean, New Jersey, Estados Unidos. Nele que está situada a Baía de Barnegat, que dá origem ao nome do distrito (Barnegat Bay). É um lugar que Whitman visitava quando morou em Camden, New Jersey.

{163} Esta palavra está repetida no original, para ênfase.

{164} A formulação do verso em inglês: “I hear the Spanish dance with castanets”, devido à estrutura do inglês, pode ser interpretado de duas maneiras. Pode ser tanto “Ouço a dança espanhola com castanholas” quanto “Ouço os espanhóis dançar com castanholas”. Ao imaginar a cena, me senti ouvindo o som de um grupo de pessoas dançando, mais do que dançarinos individuais, daí minha preferência pela primeira versão.

{165} A linguagem litúrgica da Igreja Cóptica do Egito e da Etiópia, escrita em alfabeto grego.

{166} Colônia e porto russos na costa do Pacífico.

{167} “Comboio de escravos”; uso apenas “comboio” pra não repetir a palavra “escravo”.

{168} O original, “husky”, significa, no contexto, “de garganta seca”, “rouco” e “robusto”. A escolha foi baseada na harmonia sonora com outras palavras do verso.

{169} Grafia usada por Whitman para o nome do rio asiático “Amur”.

{170} Provável grafia whitmaniana para “Sankara”/”Shankara”, ou “Shiva”, de onde o Ganges brota.

{171} Embora a palavra seja parecida com Sabeus, eles não o são. Não encontramos o termo em Português, por isso escolhemos sabiano(s); no original em inglês, “sabians”, para indicar este povo pré-maometano.

{172} No original “llamas”, que é o animal llama ou alpaca, mas pelo contexto o sentido é de lama, um mestre budista tibetano.

{173} Guia ou líder espiritual do Islamismo.

{174} Um deus que tem cabeça de carneiro e corpo de homem, na mitologia Egípcia.

{175} Também conhecida por tamareira ou o fruto, a tâmara.

{176} “Vaquero” (deixei como está no original, em espanhol); em português, vaqueiro ou boiadeiro.

{177} Membro de uma tribo indígena do Texas que habitava as planícies.

{178} Da seção 8 se vai para a 10; seção 9 não existe na versão final de *Folhas de Relva*, pois Whitman excluiu a antiga seção 8 e a seção 9 se transformou em seção 8, sendo o número 9 eliminado da sequencia. Algumas edições, como a da Signet Classic (2000), dividem a seção 8 em duas partes, inserindo um 9 antes do verso “Vejo as cidades da terra [...]”.

{179} Grafia alternativa de “Obeah”, termo usado para se referir a magia ou práticas religiosas de origem africana, como vodu, santeria, *etc*. No Brasil, “obi” é um termo vulgar para se referir ao gênero Cola, um tipo de árvore de origem também africana.

{180} Elemento pertencente a uma tribo da Libéria, África Ocidental.

{181} Barbárie; o erro linguístico (de pronúncia, grafia, etc) tb é chamado de barbarismo; mantive barbarismo por causa do duplo sentido.

{182} A mãe de Whitman, Louisa Van Velsor, era de ascendência holandesa.

{183} Refere-se a Bokhara ou habitante desse lugar, que é uma cidade no Uzbekistão a oeste de Samarqand. É uma das mais antigas cidades da Ásia.

{184} Também chamado de “Mar da Galiléia”.

{185} Kubu, tribo de Sumatra.

{186} *Caffer, kafir, kaffir*; indivíduo de raça sul-africana; um termo ofensivo para Negros Africanos.

{187} Um membro de um povo da África do Norte, de origem Muçulmana, que vive em tribos nômades ou estabelecidas do Marrocos ao Egito.

{188} No original, “stages”, que também significa “palcos”. Isto sugere que a flutuação também se refere ao fluxo de coisas num palco, visão mostrada pelas luzes baixas dele, que provoca reações nas pessoas, em suas almas.

{189} Whitman usa o termo “tallied” (do verbo “to tally”) aqui no sentido de adicionado, mas em outras passagens ele é usado como estimado, avaliado ou computado. Quanto à outra palavra, “realiza”, que indica “realização” e “realizar”, estas também já possuem em português o outro significado que têm em inglês, de “percepção” e “perceber”.

{190} Outra opção, mais poética, seria: “Eis o aroma da alma”; preferimos a outra, mais filosófica. Mas deixamos o registro, para quem preferir esta.

{191} Do francês, “vamos”.

{192} Também do francês, “fórmulas”.

{193} Também do francês, “frequentadores habituais”.

{194} (Leaves of Grass: secondary sources: <http://allaboutwaltwhitman.blogspot.com.br/2009/04/harold-bloom.html>)

{195} Lanchão ou barcaça; embarcação larga e pouco profunda, feita de madeira e resistente, para o transporte de mercadorias.

{196} Do italiano, balada ou ária.

{197} “Immerse”: imergir, submergir; batizar por imersão.

{198} Nome africano para alguém do sexo masculino nascido numa segunda-feira.

{199} Do francês, folhagem, ou seja, conjunto de folhas das árvores (inglês: “foliage”), que também é uma metáfora para a obra do poeta, *Folhas de Relva*.

{200} A grafia correta em inglês é: “tillandsia”, que é uma bromelídia, ou musgo espanhol; em português, tilândsia. Preferi manter a grafia original no texto, pois é a grafia peculiar de Whitman para a palavra que causa o estranhamento.

{201} Certamente o “Pee Dee River”, um rio na Carolina do Sul.

{202} No original, “negroes”.

{203} “Pitch Pine” (Pinus rígida) é o pinheiro que produz pez, piche, breu.

{204} Do gênero Alosa, da mesma família do arenque.

{205} É o nome comum das resinas extraídas de coníferas.

{206} No original, “Dismal Swamp”, região pantanosa (“swamp” = pântano, brejo, charco; “dismal” = sombrio, lúgubre) dos estados da Carolina do Norte e Virgínia.

{207} Do latim tardio, “calamellus”, diminutivo do latim calamus, “reed” (em inglês), do grego “kalamos”, a mesma palavra para caniço, cálamo, cana, flauta, que é o título de um dos livros de *Folhas de Relva*, “Cálamo”. Neste contexto, é o cachimbo da paz, fumado pelos índios em cerimônias ou eventos especiais.

{208} Esta palavra vem do adjetivo grego “sporas”, que significa espalhado, que é usado para designar um grupo de ilhas gregas, as Espórades Setentrionais, assim como é usado no poema para falar das estrelas espalhadas no céu.

{209} No original, “clew”, ou seja, novelo, evidência, pista, dica, indicação.

{210} No original, “eligible”, quer dizer, “elegível”, aceitável, apropriado, apto, qualificado, habilitado, ou seja, que pode ser escolhido. Algo como escolhível ou preferível.

{211} Não há erro de pronomes aqui; a variação existe no original, em que uma baleia fêmea é avistada, mas, quando se chega perto, é um macho, por isso o *ela* passa a ser *ele*, o macho da baleia.